

BELAS ÁRVORES PEDRA VERDE

Laura Cavalcante



BELAS ÁRVORES

PEDRA VERDE



JOSÉ MELO

Governador do Amazonas

ROBÉRIO BRAGA

Secretário de Estado de Cultura

ELIZABETH CANTANHEDE

MIMOSA PAIVA

Secretaria-Executiva

ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Diretor do Departamento de Literatura

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546

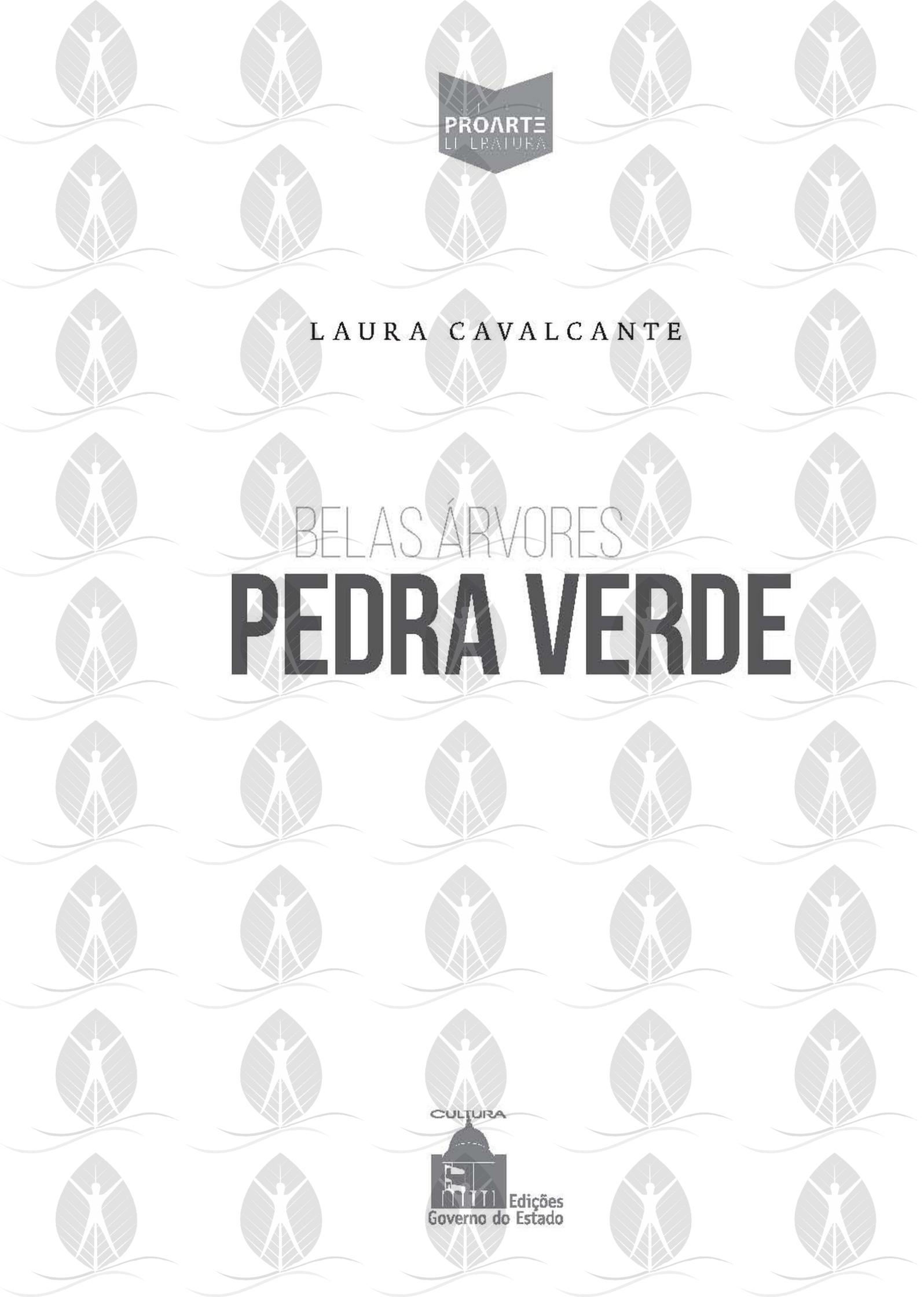
69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br

www.culturaamazonas.am.gov.br



PROARTE
LETRATURA

LAURA CAVALCANTE

BELAS ÁRVORES
PEDRA VERDE

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2014

EDITOR **ANTÔNIO AUSIER RAMOS**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **JEORDANE OLIVEIRA DE ANDRADE**

CAPA **ÂNGELO LOPES**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **ANDRÉ MARTINS**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA **GRÁFICA ZILÓ LTDA.**

REVISÃO **SERGIO LUIZ PEREIRA**

NORMALIZAÇÃO **EDIANA PALMA**

C376b Cavalcante, Laura.

Belas árvores: pedra verde / Laura Cavalcante.
– Manaus: Governo do Estado do Amazonas –
Secretaria de Estado de Cultura, 2014.

266p. ; 15x21cm – (Coleção PROARTE Literatura).

ISBN 978-85-65409-50-6

1. Literatura juvenil. 2. Amazônia. 3. Fantasia.
I. Título. II. Série.

CDD 028.5

CDU 087.5(811.3)

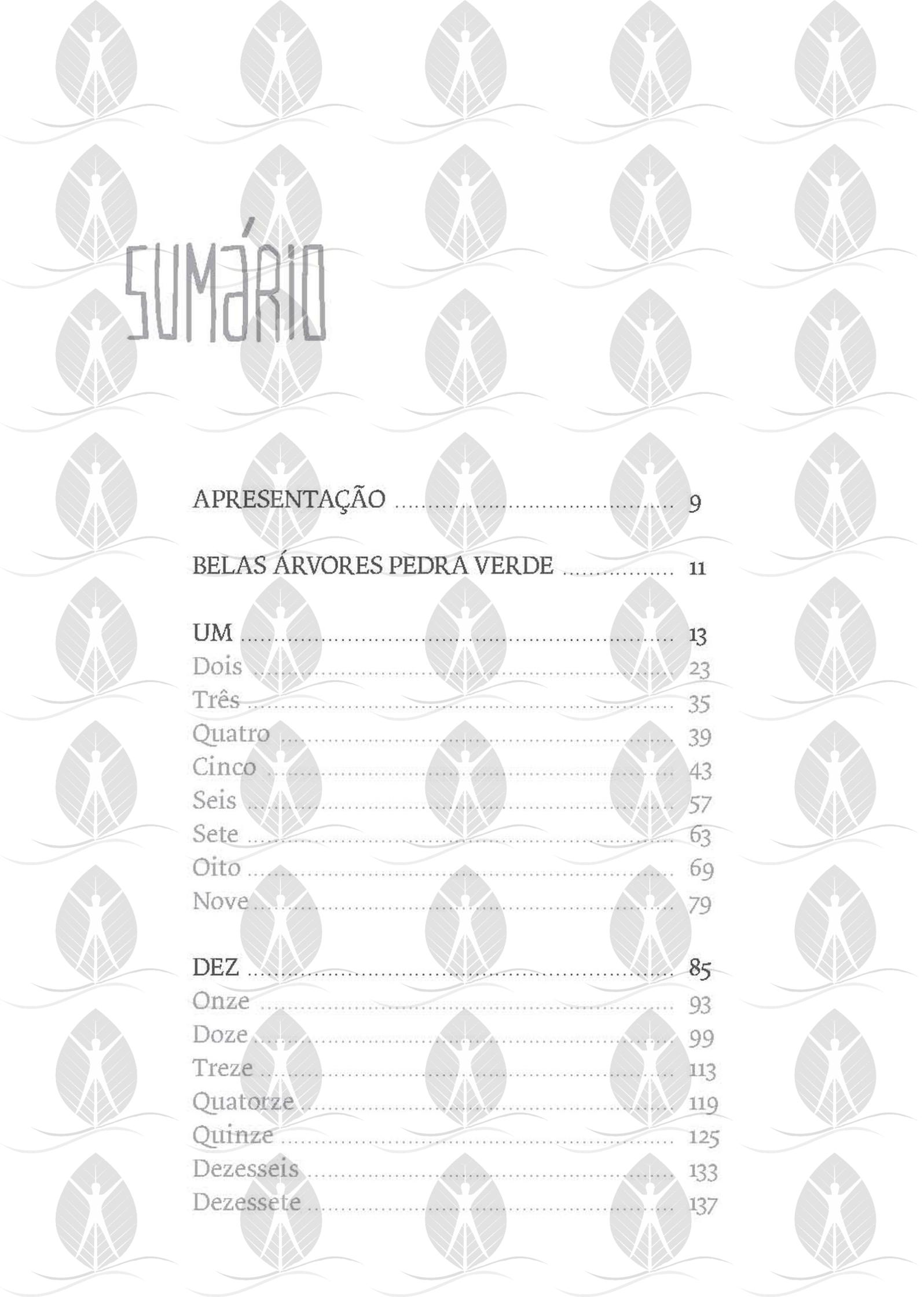
2014

EDITORA ZILÓ

Rua Ilídio Lopes, 82 - Japiim, AM, 69078-530

Tel.: [92] 2126-2300

WWW.GRAFICAZILO.COM.BR



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
BELAS ÁRVORES PEDRA VERDE	11
UM	13
Dois	23
Três	35
Quatro	39
Cinco	43
Seis	57
Sete	63
Oito	69
Nove	79
DEZ	85
Onze	93
Doze	99
Treze	113
Quatorze	119
Quinze	125
Dezesseis	133
Dezessete	137



Dezoito 145

Dezenove 155

VINTE 161

Vinte e Um 181

Vinte e Dois 185

Vinte e Três 189

Vinte e Quatro 195

Vinte e Cinco 199

Vinte e Seis 207

Vinte e Sete 209

Vinte e Oito 213

Vinte e Nove 217

TRINTA 219

Trinta e Um 227

Trinta e Dois 243

Trinta e Três 249

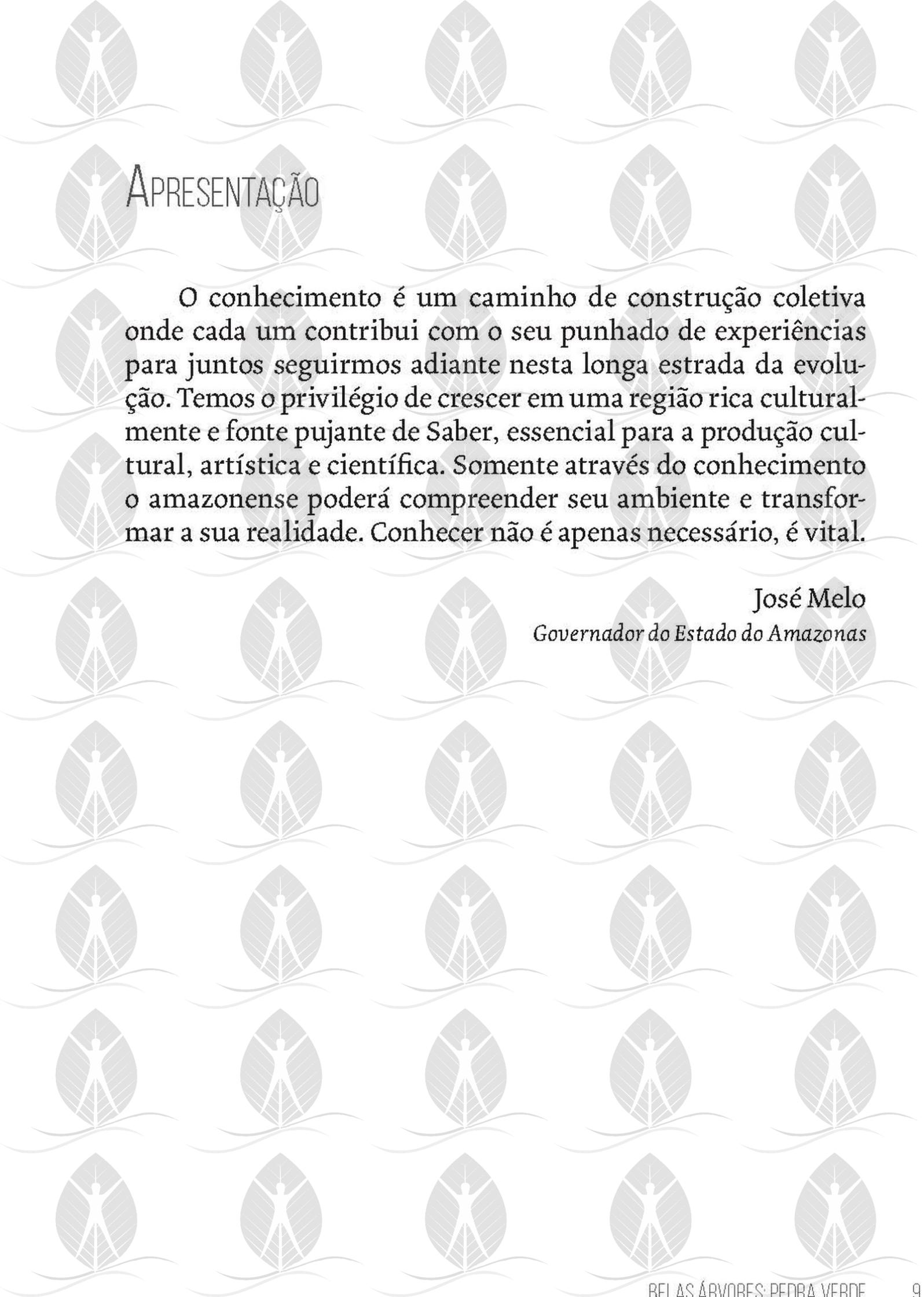
Trinta e Quatro 259





Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo e, esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Fernando Pessoa



APRESENTAÇÃO

O conhecimento é um caminho de construção coletiva onde cada um contribui com o seu punhado de experiências para juntos seguirmos adiante nesta longa estrada da evolução. Temos o privilégio de crescer em uma região rica culturalmente e fonte pujante de Saber, essencial para a produção cultural, artística e científica. Somente através do conhecimento o amazonense poderá compreender seu ambiente e transformar a sua realidade. Conhecer não é apenas necessário, é vital.

José Melo
Governador do Estado do Amazonas



BELAS ÁRVORES

PEDRA VERDE

UM

*Vozes que ecoam
na vastidão amazônica,
cantos tristes do uirapuru
sob um céu
nem sempre lindo.*

Antônio Picanço Fonseca

Dois anos e meio havia se passado desde que eu descobrira ser uma dríade, que minha mãe ninfa morrera, desde que Bruno declarara seu amor por mim e que eu vivia na maior floresta tropical do mundo.

A luz ainda meio acinzentada entrou pela fresta dos meus olhos como lanternas a vasculhar minha alma. Estava amanhecendo na mata, eu acordava.

Através da cortina de plantas, que separava minha caverna do mundo lá fora, eu via parte da floresta. Da minha floresta.

O orvalho enfeitava as folhas, como minúsculos enfeites natalinos... Aliás, era dezembro, mas nem sinal do inverno. Os dias continuavam quentes e as chuvas rápidas de verão salpicavam as copas, no lugar do que deveriam ser densas precipitações que duram muitas horas. Os rios e igarapés já deviam estar caudalosos, mas continuavam ralos à espera de mais águas.

Pássaros cantavam como de costume. Naquele momento, era uma miscelânea de cantos ainda noturnos com cantos já matinais.

Estou, aos poucos, acostumando-me a esta vida mais que bucólica. Vida natural, selvagem. É claro que tem alguns desconfortos que só a vida domesticada pode poupar-nos. Contudo, estou feliz, acho.

Tudo aqui é mais vivo e brota naturalmente, chega a ser uma rotina. Apesar disso, de modo algum é entediante, pois a incrível infinidade de coisas que aparecem todos os dias renovam o ambiente, como se Deus tivesse acabado de criá-lo. É como catar os resquícios de uma tempestade na praia: nunca se sabe o que vamos encontrar.

Entretanto, o ambiente mudava. Eu percebia isso claramente no olhar preocupado e vigilante das outras dríades, no desaparecimento de espécies de animais, no demasiado ou no escasso volume da água... A sombra dos homens já atingia esta parte agreste e virgem da floresta. Será que a causa disso é apenas humana?

O verão era mais duradouro, o inverno mais intenso. O rio atingia recordes de enchentes e, contraditoriamente, recordes de vazante. Neste inverno, as chuvas começaram tardiamente, as águas ainda estão baixas. O calor sufocante ainda prevalece na maior parte do dia.

Nesta manhã, acordei não pelo canto dos pássaros, mas pela voz de uma dríade que me chamava da entrada da caverna.

Era Aniba. Sua árvore era um pau-rosa.

Levantei-me lentamente. Meu novo amigo, Travesso, o macaco-de-cheiro, já estava acordado e subia no meu colo, tentando despertar-me. Ouvi a voz de Aniba chamando-me mais uma vez:

– Acorde, Anita. Rápido, acorde.

– O que foi, Aniba?

– Sor, acorde, rápido! Eu vi alguns homens, enquanto caminhava, esta manhã.

O quê? perguntei-me, rapidamente mais acordada pela informação.

Saí da caverna. As dríades, por algum motivo que até hoje não descobri, falam latim. Estou aprendendo aos poucos essa língua para comunicar-me com elas.

– Eles estão caminhando pela floresta.

– Estamos sendo atacadas?

– Não. Eles só estão andando, como se estivessem procurando algo. Na verdade, eu ouvi a conversa deles. Um deles é aquele senhor, o Francisco, que os trouxe para convencê-los de que nós existimos. O outro é o proprietário do terreno, que não acredita, mas... Veio conferir. Além disso... No outro clã de dríades mais próximo, governado por outra rainha, muitas árvores pegaram fogo. A líder, aliás, correu grande risco... A área dela está sendo muito devastada e a falta de sombra aumenta o calor do solo e a umidade diminui... As folhas secas pegaram fogo.

– *Intelligo...*

Refleti algum tempo, sobre o que deveria fazer.

– Aniba, a Sama já sabe?

– Não, és a primeira a saber. Eu estava aqui por perto, então achei que deveria lhe informar. Eu não gosto muito dela, não...

Aniba olhou ao redor, certificando-se de que mais ninguém ouvia sua confissão. As árvores ouvem o que o vento traz para elas com muita facilidade.

– Por que, Aniba? Sama é a pessoa mais amável e sábia que conheço! Os homens estão por perto?

– Sim, ao norte. Menos de dez minutos.

– Achas que devemos ajudá-las? As outras dríades?

– Se pudermos...

– *Éuge...*

Passei as mãos pelos cabelos, arrumando-os atrás da orelha. Travesso subiu em meus ombros. Desde que ele perdera sua mãe, cuja árvore fora derrubada, e eu o havia encontrado, éramos inseparáveis.

– Então, reúna todas as dríades do clã na bifurcação do fio d'água. Falarei com elas sobre isso, mas antes... Verificarei esta história de *homens* na minha floresta.

Afastei-me da caverna e fui ver minha árvore, que ficava perto. Ela havia crescido um pouco, tinha novos galhos... Alguns espinhos pequenos ao longo do seu tronco cinza-esverdeado...

Uma samaúma. A extensão do meu ser.

– Oi, tudo bem? perguntei, tocando seu tronco.

Travesso escalou-a um pouco e depois retornou aos meus calcanhares. Fomos atrás dos humanos. Não foi difícil. Já havia me adaptado tão bem à mata, após passar mais de dois anos com as dríades. Eu aprendi muito... Latim e botânica, por exemplo!

Já usava aquele vestido de casca de árvore e folhas. Andava descalça.

Aprendi a sobreviver na floresta, a tirar o que preciso dela de modo sustentável. Estou gostando desta vida, deste contato direto com a natureza, da vida encantada das dríades, do convívio natural com os animais, das manhãs orvalhadas, do céu estrelado... Contudo tenho saudades, muitas saudades da minha antiga vida.

Tenho saudade de todos os aspectos da vida urbana, até dos mais desconfortáveis, como da buzina dos carros. Tenho saudade das comidas... E, sobretudo, da companhia humana.

Sinto tanta falta do meu pai e do Bruno!

Nos primeiros meses, eles vinham visitar-me regularmente, principalmente quando Bruno estava de férias. Eles me traziam notícias do mundo lá fora.

Aos poucos, a frequência de visitas diminuiu. Somente meu pai vinha. Bruno não podia por causa das suas ocupações escolares e pela ignorância dos seus pais a respeito da minha existência. Então, ele mandava cartas e nos comunicávamos assim.

Todos no mundo lá fora pensam que estou morta. Bruno e Lucas foram “salvos”, mas eu não fui “encontrada” após o acidente na estrada a caminho de Boa Vista.

Era uma situação engraçada, mas um tanto desagradável imaginar que todos pensam que você não mais existe. Como meus amigos haviam reagido?

Bruno disse que prepararam uma cerimônia no colégio em minha homenagem.

“Uma aluna exemplar, cuja memória deve ser lembrada... Seu talento refletido nas inúmeras conquistas ganhadas ao longo de sua curta vida confirma a grande atleta que foi...”.

Bruno contou-me que ele ficou cutucando Lucas o tempo todo, para que parasse de rir. Ambos sabem que estou viva. Também contou que minha melhor amiga, Camila, o havia procurado, a fim de esclarecer sobre a minha morte repentina e misteriosa.

Mas Bruno, a meu pedido, por causa do conselho de Sama, não o fez. Sama disse que quanto menos pessoas soubessem que sou uma dríade, melhor.

Faz três semanas que não vejo Bruno e duas que não recebo uma carta dele.

Esta ausência frequentemente me sufoca, quando me lembro de seu sorriso e de seus meigos olhos castanhos. Então, sinto uma espécie de temor relutante ao perceber o nível de dependência emocional que tenho dele, como se ele também fosse uma parte de mim.

Ouvi os homens que já estavam por perto.

É estranho, agora me sinto diferente. Eu consigo ver pegadas na mata, andar silenciosamente, ouvir os sons mais discretos... Estou adorando isso.

Segui na direção do som e me escondi detrás de uma árvore de tronco grosso e cheio de sulcos, onde eu podia observá-los, sem que fosse vista.

Por um momento, pensei em aparecer para eles. Contar-lhes a verdade, pedir para irem embora... Por que não? Acabaria logo com todos os nossos problemas. Esta ideia foi crescendo e tornando-se uma vontade mais forte e uma decisão aparentemente perfeita.

Forte o suficiente para dar início ao ato de dar o primeiro passo.

Todavia, algo tocou meus ombros tão inesperadamente que soltei um grito contido, pois a coisa tapou minha boca.

– Tu ouviu, patrão? Ouviu esse grito?

– Não, não ouvi nada.

Uma mão forte cobria minha boca e a outra tentava me puxar para longe dali. Era Sama, e tinha uma expressão irritada.

– Para, menina, para. Não fale nada. – sussurrou ao meu ouvido.

– Huummma...

Ela sabia falar em português comigo. Consegui desvencilhar-me de suas mãos, com a ajuda de Travesso. Mas meus resmungos guturais soaram altos demais. Eles ouviram.

– Ouviu isso, *sinhô*? perguntou Francisco.

– Agora, ouvi! Quem está aí? indagou o proprietário, ao que parecia.

– Num tô dizendo? Essa floresta tem espírito!

Permanecemos caladas. Até perceber que um deles estava vindo em nossa direção, em direção à árvore de onde viera o som. Dei um passo à frente com a intenção de vê-los, de falar com eles e pedir-lhes para irem embora...

Mas, Sama novamente me agarrou, tampando minha boca. No instante seguinte, o homem apareceu detrás da árvore. Ele dera uma volta inteira nos procurando. Achei estranho ele não enxergar uma senhora de uns sessenta anos segurar uma jovem, bem mais nova que ela, que tentava se desvencilhar, mas não conseguia, pois a senhora tinha uma superforça.

Ele não viu nada disso. Nem que eu tentava desesperadamente tirar a mão de Sama da minha boca, e que um macaquinho também estava pendurado nos cabelos de Sama e que eu lhe fazia sinais para que me notasse.

Foi quando percebi que Sama nos deixara invisíveis.

Ele devia ser com certeza o tal “proprietário” do terreno. Tinha cabelos curtos e grisalhos, barba bem aparada e olhos claros. Usava uma calça jeans, tênis e camisa polo. Tinha um relógio grande e prateado.

Parecia ir a uma festa, a não ser pelo tênis. Lembrava também um vaqueiro, ou um sertanejo, pois usava um chapéu.

Ele estava tão perto que podia tocar seu rosto.

Tentei decifrar sua expressão, procurando os adjetivos negativos que as demais dríades sempre o atribuem, mas não identifiquei nada disso. Muito pelo contrário: tinha um olhar jovial, aventureiro, sonhador.

– Estranho... Mas não tem nada aqui, Chico. Deve ter sido um animal.

– Nenhum bicho faz um som desses. É os espíritos que falei *pro* senhor!

– Não, não existe isso, Chico.

– Como não? Claro que *ixiste!*

O homem de chapéu suspirou. Não conseguiria convencer o outro. Não conseguiria contaminar um típico amazônico, cujo imaginário era impregnado de lendas, com seu ceticismo de “gente estudada”.

– *Quê* que faço, então? *Os homem num* querem trabalhar aqui, não... – continuou Francisco.

Ele pensou e pensou, limpando uma área de alguns centímetros quadrados das folhas caídas e úmidas, deixando à mostra o barro alaranjado.

– Vou trazer alguém pra benzer aqui... Aí vocês vão poder limpar o terreno pra começar a construção.

Quando partiram, avançando floresta adentro, a pergunta “construção de quê?” ainda ressoava em minha boca. Sama finalmente soltou suas mãos e eu pude olhá-la direito.

Mandei Travesso soltar os cabelos dela. Ele voltou para meu calcanhar, em seguida.

Sama estava ofegante. Talvez por causa da idade, que não a deixava fazer esforço por muito tempo. Não, o mais provável é que fosse raiva. Sama estava visivelmente zangada comigo. Mesmo assim, demonstrava uma zanga contida, algo inerente à personalidade de Sama.

Ela era sempre assim. Sama trata todas as dríades como se fossem suas filhas.

– O que pensas que estás fazendo?

– Por uns instantes pensei em falar com eles. Estavam tão perto...

– Anita! Pensei que fosses mais inteligente! Confias demais nas pessoas. Sempre espera o melhor delas. Acho isso bonito, mas às vezes é inútil!

– Mas, e se eles...

– Eles não iam fazer isso, Anita! Não conheces tua própria espécie? Os humanos são traiçoeiros, tu quase nos levaste para morte!

Falando isso, deu as costas para mim e começou a andar. Por que Sama havia agido assim? Havia eu feito algo muito errado?!

– Os humanos não são todos assim, Sama. Não os generalize. Podes te surpreender com a capacidade deles.

– Sei. Eu já vi do que eles são capazes! disse Sama, sem olhar para trás.

Eu não concordava muito com o pensamento de Sama, mas a compreendia e aceitava. Sama era uma dríade de mais de quinhentos anos, sua árvore era uma castanheira centenária. Ela já viu muitas dríades e árvores morrerem. E às vezes, pelo jeito como falava, poderíamos jurar que havia uma mágoa em

seu coração possivelmente provocada por uma paixão perdida, quando jovem.

Sama já sumira. As dríades podem camuflar-se perfeitamente na mata e são rápidas, fortes e resistentes. Cada dríade tem um dom. Eu ainda não sei o meu. O dom de Sama é ler os pensamentos e sentimentos das pessoas.

Ela parece uma psicóloga rechonchuda, de pele avermelhada. Desde que minha mãe morrera, naquele fatídico dia, em que tudo que podia acontecer à minha vida aconteceu, ela cuidava de mim. Era como minha tutora.

Retornando para reencontrar as dríades no local combinado, passei perto da cerca à minha esquerda. Há dois meses delimitaram o terreno com estacas de madeira e arame farpado, abrindo trilhas e derrubando pequenas árvores e arbustos.

As dríades ficaram muito assustadas com isso, choraram de medo. E até pensaram em se organizar para derrubá-las. Para elas era como se estivessem presas. Sentiam-se encurraladas, pois a cerca era como grades de uma prisão ao ar livre.

Gostamos de liberdade, apesar de estarmos fincadas neste território, assim como nossas árvores estão.

Não me senti tão assustada quanto elas, na verdade, se fiquei assustada foi por causa da preocupação delas, não pelo problema em si. Eu ainda não havia percebido o perigo que aquilo representava para uma dríade.

Meu modo de pensar ainda era “muito humano”. Todavia, naquele momento, sozinha na mata e vendo aquele arame medonho, também me senti ameaçada.

Tentei tirar esta ideia da cabeça, como se tira o excesso de massa de uma forma.

DOIS

*Canto triste
do sagrado uirapuru
tentando mostrar
o que realmente acontece
no coração da Amazônia.*

Antônio Picanço Fonseca

As dríades já estavam reunidas como pedi. O local onde havia alguns meses corria um fio de água, dividido em dois para alimentar outros igarapés, agora estava seco. Por algum motivo, a água que vinha de um lago próximo não estava chegando ali e o único vestígio de que houvera água naquele lugar era um solo úmido com areia e pedras.

Sob a sombra de dezenas de árvores, como se também fossem ouvir a conversa das dríades ou as protegessem do mundo, elas se sentavam no solo, entre raízes de árvores e em troncos caídos.

Sentadas reunidas, formando uma meia-lua, olhando para mim, forneciam uma cena impressionante e exótica no meio da mata.

Eram aproximadamente vinte dríades. Mulheres altas, de olhos verdes inconstantes, muito belas, cobertas de cascas de árvores, folhas e flores, graciosas e selvagens, e ao mesmo tempo muito diferentes entre si.

Algumas tinham pele morena, outras branca, outras negra, parda, vermelha. Seus cabelos variavam desde o louro até

tonalidades escuras de verde e roxo, podendo ser extremamente lisos, ou cacheados, ou ondulados, ou... Era uma infinidade de formas.

Mas todas tinham semelhanças com sua árvore. Se a árvore era alta, sua dríade era mais alta. Se a árvore tinha um grosso diâmetro, sua dríade era um pouco mais rechonchuda. A cor dos cabelos tinha a ver com a cor das folhas...

Tinham um quê de selvageria e beleza que eram dificilmente confundidas com humanas.

Além disso, eram criaturas muito inconstantes e belicosas.

– Soube esta manhã, através de Aniba, que um clã de dríades vizinho estava em perigo, ameaçado pelo calor e pelo fogo. E como sou nova aqui, pouco sei dos clãs espalhados por esta imensa mata. Não sei se há alianças ou rixas entre nós. Gostaria que vocês me contassem um pouco sobre isso... Vocês aceitariam oferecer ajuda às outras dríades?

A primeira a se pronunciar fora Euterpe, uma dríade de pele negro-arroxeadada, cabelos cacheados, olhos de um verde-escuro, e vestido de palha. Sua árvore era um açazeiro.

– Sor, cheguei a conhecer a rainha deste clã. Ela é nova comparada a sua mãe, que tinha mais de quatrocentos anos. É um terreno alto, próximo às montanhas e de enormes cachoeiras. Suas árvores são baixas, mas antiquíssimas...

Ouvimos um farfalhar. Meu pai surgiu na mata, em seguida.

Desta vez, dei um grito de alegria e pulei em seu pescoço. Ele não reclamou, apesar do meu peso e tamanho não serem os mesmos de quando tinha oito anos. Instantaneamente fiquei muito feliz com meu pai ali, mas logo que me desvencilhei dele, olhei ao redor, pensando em Bruno. Minha alegria fugiu novamente.

– E Bruno?

– Ele não pôde vir, filha, desculpe-me. Mas mandou uma carta.

Peguei a carta, ansiosíssima. Era, como sempre, apenas uma folha de caderno arrancada (reciclada, por minha causa), sem desenhos ou bordas, dobrada em quatro partes.

Dois japiins começaram a dialogar na copa das árvores.

Desdobrei, desajeitada, as partes e comecei a ler aquela letra inclinada e meio garranchosa dele. Meu coração batia muito rápido e então, ao terminar, comecei a chorar.

Levantei os olhos e todos olhavam para mim: meu pai preocupado; Indaiá curiosa, por saber o que era; e Sama tentava me “ler” como se eu também fosse uma carta.

Não quis continuar ali. Quando dei por mim, já estava correndo para longe, com lágrimas nos olhos, aguando as plantas por onde eu passava. Fui para minha árvore. Ninguém foi atrás de mim, a pedido de Sama, por mais que meu pai quisesse saber o que houve. Quando sentei aos pés de mim mesma, abri novamente a carta.

E suspirei longamente, juntando coragem para relê-la. A carta era letal, maltratava-me, cada palavra doía. Mas eu precisava ter certeza do que eu havia lido:

Nita, me desculpe, por não ter ido visitá-la nos últimos dias. Estou com saudades... Está difícil, entenda... É o último ano na escola, depois já vou para a faculdade, meus pais me cobram isso, não estou podendo sair de casa... Queira desculpar-me, por não estar aí com você neste momento, principalmente por lhe falar isso...

Anita, entenda, eu conheço você desde... A Idade da Pedra, quando éramos quase bebês! Você é a pessoa mais importante que eu tenho, e eu a amo profundamente, como... Uma irmã. Você é parte da minha família.

Não sei como dizer isso, nunca fui bom com palavras escritas. Queria estar ao seu lado, olhando nos seus olhos, para

lhe dizer isso, que eu não sei como dizer e nem sei como tive coragem de escrever...

Estive pensando nas últimas semanas sobre nós, sobre os tempos em que passei com você aí na floresta... Eu já estava pensando nisso, quando estava com você na última vez aí, ainda neste mês, acho. Eu descobri... Eu descobri uma coisa que eu juro que eu não sabia, pois se eu soubesse não teria feito nada disso, para não fazê-la sofrer porque eu a amo.

Mas, às vezes as pessoas confundem grande amizade com amor, amor com paixão... É justamente por sentir um grande amor por você que eu me confundi... Eu pensei estar apaixonado por você...

O que estou dizendo?! Eu sou apaixonado por você! Eu a amo como nunca amei outra pessoa na vida! Você tem todo o direito de ter raiva de mim, de me xingar, de me bater, pois eu também fiz isso comigo quando descobri... Que amo você como uma grande amiga... Contudo, espere, Anita.

Eu posso estar sendo precipitado, posso estar enganado, eu só... Estou muito confuso com tudo isso, com nossa relação, com você aí e eu aqui!

Esta distância entorpece meus sentidos, e sem saber o que exatamente sinto por você, não sei nem quem eu sou! Sei que neste momento deve estar chorando desesperada, perto de sua árvore... Eu conheço você. Perdoe-me.

Perdoe-me pelo que fiz, ou que não fiz... Eu peço um tempo. Eu não sei o que sinto... Tudo dentro de mim está uma reviravolta. Como já disse estou numa balança, na qual de um lado eu sou um louco apaixonado por ti, que casaria contigo! Do outro lado sou eu, seu melhor amigo, seu irmão que sempre a protegeria, e que a ama para o resto da vida! Estou oscilando entre esses dois lados da balança, e que neste momento, no momento em que escrevi esta carta, eu sou seu melhor amigo.

Pode ser que este momento passe, ou não. Esta carta não é uma coisa definitiva, só peço que me espere, pois assim que

puder eu vou aí conversar com você pessoalmente, e assim espero esclarecer nossos sentimentos.

Sei que a carta é confusa, que eu não estou falando coisa com coisa, mas de uma coisa tenha certeza, e que você pode confirmar lendo a carta: eu a amo. Não importa de que jeito, mas eu a amo, e seremos sempre grandes amigos, pois você é muito importante para mim.

Quando estou longe de você, eu não sou eu. Não me concentro, não sou feliz, não vivo plenamente.

Assim como sua árvore é parte de você, você é parte minha, que nunca será trocada, substituída, ou esquecida. Eu não posso me esquecer da pessoa que me faz feliz e completo, que me faz ser quem eu sou.

Perdoe-me, mais uma vez. Espero, o mais rápido possível, esclarecer tudo isso, assim que eu puder estar com você, semana que vem.

Se é que posso pedir algo a você, além do perdão, peço tempo. Para mim, para nós dois.

De Bruno,

Para a outra parte de Bruno: Anita.

Fiquei dez minutos olhando para a carta sem mover um músculo. Apenas as lágrimas se moviam. Levantei-me e comecei a andar. Logo, parei. A dor havia se tornado física.

Encostei-me na árvore e pus a mão na barriga, curvando-me pela dor que sentia. No coração e na cabeça.

O que exatamente Bruno quis dizer com aquilo? Ele estava terminando comigo? Queria dar um tempo? Queria apenas ser meu amigo, agora, nada mais? Queria que eu fosse irmã dele? O que fora esta carta?!

Era como se a carta fosse uma bomba que explodira tudo ao meu redor, mas eu me via confusa, pois não morrera. Não sei como fui capaz de não morrer.

Passei dez minutos sentada, chorando pelo ocorrido, ao pé da sumaúma. Várias folhas começaram a cair, sem que hou-

vesse a menor brisa, minha íris estava verde-amarelada. Fiquei naquele estado até que ela apareceu.

Indaiá apareceu caminhando lentamente em minha direção, com um sorriso cínico, malicioso e feliz.

– *O quê aconteceu?* – perguntou ela, em latim, com uma piedade fingida.

Ela teve coragem de perguntar isso?! Por um instante tive vontade de dar um soco nela, mas a tristeza era tão grande que me prendia ao chão.

– *Vá embora – balbuciei.*

– *O que ele escreveu na carta?*

– *Não é da sua conta.*

– *Todos estão preocupados, vim ver se você estava bem...*

– *Não finja! Sei o que você quer.*

– *Eu quero saber se você está bem. Vocês brigaram?*

– *Sai daqui!*

– *Ele, com certeza, escreveu alguma coisa que você não gostou, não foi?*

– *Cale a boca! Deixe-me em paz.*

Minha paciência estava acabando, já estava no “galho mais alto”.

– *Deixe-me adivinhar... Ele quer separar-se de você, é? Ele não a ama mais?*

– *Agora, chega!*

Quando vi já estava no pescoço de Indaiá. Ela ainda ria de mim, o que me deixou extremamente furiosa. Então, como se não fosse eu, empurrei-a. Eu pensei ter dado apenas um empurrãozinho, mas Indaiá “voou” uns dois metros. Juro que não quis fazer aquilo! Eu estava adquirindo aquela força de dríade.

Senti-me culpada por ter feito aquilo, pensei em perguntar se ela estava bem. Mas Indaiá levantou-se como se estivesse apenas com uma dor nas costas e com o cabelo assanhado. Eu não a havia machucado, ela estava bem, e por mais que eu não quisesse sentir aquilo, eu havia gostado da minha força.

– Você vai ver só! Coitada, não se contenta de tê-lo perdido! Indaiá foi para cima de mim, com unhas, dentes e plantas.

– Eu não o perdi!

E revidei. Qualquer um já deve ter visto um briga de mulher antes. A diferença desta é que éramos duas vezes mais fortes que uma mulher e tínhamos plantas ao nosso favor. Quer dizer, só Indaiá. Eu ainda não sabia controlar esses vegetais, então, enquanto Indaiá fazia cipós enroscarem em todo o meu corpo, o máximo que consegui fazer foram arbustos que não chegavam aos joelhos de Indaiá. Mas havia o Travesso que sabia como ninguém puxar um cabelo, ou atingir um olho aberto.

A briga teria continuado se meu pai não tivesse chegado e me afastado dela e outra dríade tivesse puxado Indaiá. Sama ficou entre nós duas. Ora olhando para mim, ora para Indaiá.

Felizmente, Sama pareceu saber o que havia acontecido. Era incrível este seu sexto sentido. Então, ela disse para a outra dríade, Aurélia, levar Indaiá dali. As outras dríades que vieram para ver o espetáculo também foram. Ficaram apenas eu, Sama e papai.

– Danilo, você se importa se eu conversar um pouco com sua filha?

– Não, Sama. – Depois falou comigo. – Você está bem, Nita?

– Estou, pai.

Embora estivesse com dor de cabeça e com vários arranhões.

– Tens certeza de que não quer falar com o papai primeiro?

Eu sempre converso com meu pai, sobre Bruno principalmente, entendo que seja difícil para ele que eu esteja crescendo... Não queria magoá-lo, mas naquele momento eu realmente queria falar com Sama. Achei que só ela poderia me ajudar. Expliquei a situação a ele.

– Tudo bem, filha. Não fico magoado, não se preocupe.

Papai sorriu e beijou minha testa, encorajando-me. Depois, saiu.

– Anita... Preciso pedir-te desculpas pelo modo como agi hoje... Entenda, eu não poderia deixá-la revelar o segredo...

– Tudo bem, Sama.

– Foi tão ruim assim o que ele escreveu?

Como resposta eu peguei a carta, que estava amassada e suja, pois havia caído no chão durante a luta e li em voz alta, já que Sama, assim como as outras dríades, não sabia ler. Ao terminar, ela olhou para mim e perguntou:

– Ficaste triste com o que ele disse?

– Sim, Sama.

Falei sinceramente. Sama era aquele tipo de pessoa de quem não conseguíamos esconder nada. Acabamos contando tudo sobre a nossa vida.

– Muito. – completei.

– Bem, pelo o que leio aqui, e que vejo nele... Eu não duvido que ele te ame. Por outro lado, eu também percebi nele, na última vez que o vi, uma insegurança emocional, que pode ser explicada com isto.

– Mas eu não entendi a carta. O que ele quis dizer?

– Bem, ele tentou falar-lhe que estava se sentindo confuso com o que sentia por ti.

– Isso eu já percebi.

– Acho que ele está pedindo uma folga como namorada, como os jovens de hoje dizem, para que ele coloque seu coração no lugar. Se ele fez isso é porque não quer te magoar, Nita. Quer prepará-la, desde cedo, para o que pode ou não vir. Ele não está rompendo o relacionamento contigo. Sabe, é tão difícil ler adolescentes! São tantos sentimentos ao mesmo tempo!

– Eu não!

– Não? Não te preocupes, Anita. Tudo vai se resolver. Se aceita o meu conselho, sugiro que seja paciente. Que também analise seus sentimentos por ele...

– Eu o amo. Eu tenho certeza disso.

– Sim. Enquanto tu és esta pessoa, tu o amas. Mas quando mudamos o que somos, não nos satisfazemos mais com as mesmas pessoas...

Sama falou isso, distraída, olhando para um fungo no chão, como se lembrasse de algo. Eu não queria encarar Bruno. Não estava pronta para repensar em nossa vida. Não queria.

– Ele vem aqui semana que vem... Ele vem conversar sobre isso. Não sei se estarei preparada.

– Semana que vem? – perguntou Sama, como se não tivesse lido a carta e pensasse em outra coisa. Como alguém que confere a agenda antes de marcar outro evento.

– É. Por quê?

Sama ajeitou-se onde estava sentada e olhou para mim. Parecia avaliar minha capacidade de receber uma notícia, não muito bem-vinda.

– Anita... Até onde irias para salvar a floresta?

Aquilo me surpreendeu. Parecia que Sama iria me pedir uma coisa extraordinária. Hesitei um pouco em responder. Por mais que eu quisesse fazê-lo não sabia se seria capaz.

– Até onde eu encontrasse... A resposta para os problemas.

– O mundo natural está sendo atacado... Os humanos exigem o que a Natureza já não é capaz de suprir. Poucas são as esperanças de voltar a ser o que era antes. Mas há esperanças... Ainda. Ah, Anita, não podes saber, como era no passado! Ninguém nos atacava, as dríades corriam pela mata, conversavam com os índios e havia muitas náíades... Até *eles* chegarem. O maldito dia em que chegaram...

Sama estava tão estranha, ultimamente. Sofria mais devaneios, falava consigo mesma... Mesmo sendo muito boa comigo e com outras dríades, eu percebia que Sama tinha um ódio profundo dos humanos.

– Se eles não tivessem chegado naquele dia, Sama, eu não estaria aqui. E você não teria conhecido minha mãe, sua melhor amiga.

– Tens razão, desculpe-me. Esqueci-me de que já foste humana.

– Eu sou. Sou dríade e sou humana, Sama.

A dríade permaneceu em silêncio.

– Lembra que sua mãe tinha o dom da profecia? Não é comum ninfas terem este dom...

Sim, eu lembrava. Ela chegou a prever a morte dela. Pena que só percebi isso depois que ela faleceu. Também me lembrei de uma ninfa, com este dom, que salvara Páris na história de Iliada...

– Ela, certa vez, teve um sonho. Ela previu o que você poderá ser para a floresta. Serás... Ela disse-me o que tu virás a ser.

– O que vou me tornar?

– Não posso dizer. Mas posso dizer que... Para salvar a mata destes ataques, deves buscar uma pedra.

– Uma pedra? Como assim? Uma rocha, uma pedra preciosa?

– É uma pedra comum, dizem que é verde. Chama-se Jás-pis. Se existir realmente, ou se puder salvar a floresta, é uma das únicas alternativas a tudo isso.

– Se existir?

– Sim, não temos certeza... São velhas histórias distorcidas, lendas, nem todas são verdadeiras ou como contam. – Onde a encontro?

– Nos Tepuis. Próximo ao Monte Roraima... Mas não tenho certeza disso.

– Como? Isso é absurdo! Eu devo ir atrás de uma pedra milagrosa, que talvez nem exista, que não se sabe onde está, nem como é?!

– No momento é a única pista que temos. Tu deves ir para o norte...

Levantei-me, andei de lado para o outro. Sentei-me, levantei-me. Tentava encontrar alguma lógica, alguma pista

de como isso seria possível. Eu estava cética em relação à existência da pedra.

E misteriosamente, inexplicavelmente, crescia em mim uma vontade insana por respostas, riscos e aventuras. Havia também a imagem de Bruno preenchendo todas as lacunas e brechas de meu pensamento.

– Como, exatamente, ela poderá salvar a floresta?

– Isso, eu não sei exatamente, Anita. Parece que ela pode revivar as árvores, trazer de volta a fertilidade e diversidade dos lugares, mas não tenho certeza... A pessoa saberá quando a encontrar. Sua mãe não me explicou mais coisas da profecia. Só sei que tens que ir até o Monte Roraima... Eles limparão o terreno, Anita. Em breve. Sabes disso. Não podemos mais negar e fingir que não vemos.

Sama tinha razão. Eu sentia isso, sabia disso e as dríades também. Mas não era dito. Sentia seus olhares sobre mim. Elas confiavam em mim e isso era terrível. Não sabia se conseguia. Parecia ser o fim das dríades, das florestas, dos humanos, de tudo. Era amedrontador.

– Se eu fosse procurar esta pedra... Quando eu partiria?

– O mais rápido possível. Semana que vem.

Silêncio. Durante alguns segundos ficamos em silêncio.

Até eu quebrá-lo.

– Então, eu vou.

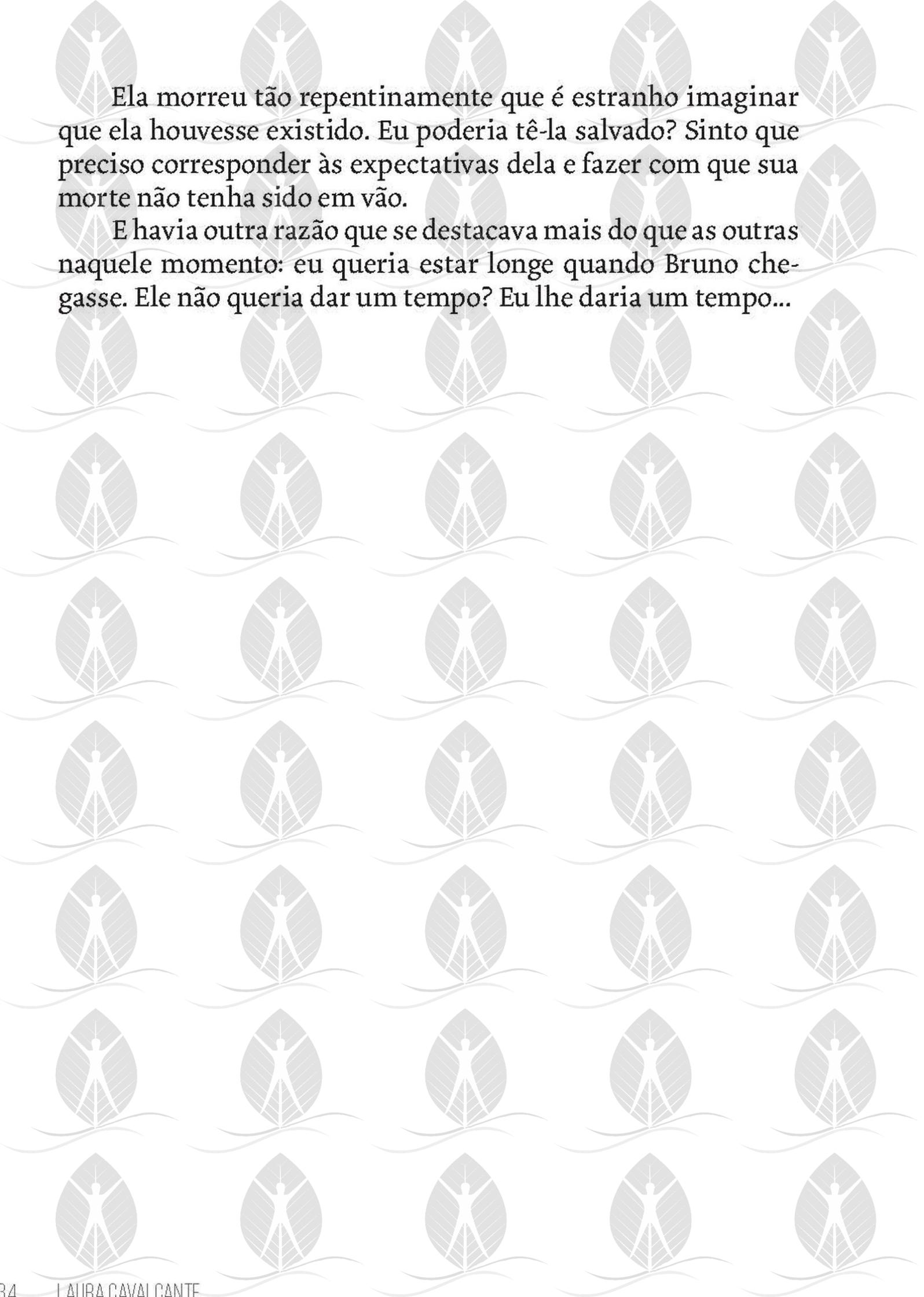
– Vais? perguntou Sama surpresa. Ela não acreditava que eu tivesse concordado tão depressa.

– Vou, se você concordar, claro.

– Eu não esperava que fosse ser tão... Fácil convencê-la. Sabes o que estás prestes a enfrentar?

– Não, mas quero saber.

Havia outros motivos, além desta estranha e repentina vontade de encontrar esta pedra. Primeiro porque, segundo Sama, era o que minha mãe imaginava que eu fizesse.



Ela morreu tão repentinamente que é estranho imaginar que ela houvesse existido. Eu poderia tê-la salvado? Sinto que preciso corresponder às expectativas dela e fazer com que sua morte não tenha sido em vão.

E havia outra razão que se destacava mais do que as outras naquele momento: eu queria estar longe quando Bruno chegasse. Ele não queria dar um tempo? Eu lhe daria um tempo...

TRÊS

*Quando o mistério é muito impressionante,
a gente não ousa desobedecer.*

Antoine de Saint-Exupéry

Papai não se conformava. Não queria que eu partisse. Nunca o vi tão nervoso.

– Sama, como pôde deixá-la ir? É muito perigoso, ela é muito nova!

– Pai, eu vou. Eu já disse que posso ir.

– Não, você não pode! Por que não outra pessoa, por que tem que ser ela?

– Ela é a única dríade que pode viver longe de sua árvore, porque é metade humana.

– Por que uma dríade, por que não outra criatura, um humano?

– Se alguém for embarcar nessa jornada, tem que ser Anita. Só pode ser ela. Danilo, a profecia!

– Dane-se a profecia! Myrcia nunca me contou sobre essa Pedra Verde, nem sobre Anita ter que ir buscá-la!

Ele estava muito abalado. Papai estava sentado em um tronco caído, em frente à grande castanheira, a árvore de Sama.

Sentei ao seu lado e toquei sua cabeça, penteando seus cabelos negros, já grisalhos. Eu era mais alta que ele. Abracei seus ombros e disse-lhe:

– Sei que você quer me proteger, pai. Mas, assim como minha mãe, eu preciso pensar no melhor para a floresta. Estou

crescendo, pai. Eu precisarei tomar minhas próprias decisões. É claro que eu ainda respeitarei as suas, mas... Como poderei me tornar responsável, se não tenho a oportunidade? Eu sinto que devo fazer isso. É o que eu quero e o que posso fazer por elas. Mamãe previu que eu faria isso. Por favor, me dê seu consentimento e sua bênção para eu ir.

Papai suspirou antes de olhar para mim. Seus olhos cor de mel eram lindos, por mais que os meus olhos mudassem de cor, eles nunca ficavam como os de meu pai.

Na verdade, antes de conhecer minha mãe, cheguei a pensar que era filha adotiva, pois não tenho nenhuma semelhança com ele. Sou a cópia da minha mãe. Eu queria ter alguma coisa que me assemelha-se a ele.

– Eu deixo você ir, filha. Tens minha bênção.

– Obrigada, pai.

Abracei-o e beijei seu rosto.

– Com uma condição: que alguém a acompanhe.

– Mas, quem, pai? As dríades não podem ir.

– Danilo, só ela poderá ir. Mas eu prometo que Anita sempre terá ajuda, onde quer que esteja...

– De quem? – perguntei. Mas Sama não respondeu. Apenas sorria como se tramasse algo.

Às vezes cansa ser amiga de uma pessoa misteriosa e sábia. Nunca entendemos o que falam.

– Posso ir mesmo assim, pai? Eu tenho Travesso para me acompanhar. – brinquei.

– Não. Não.

– Pai... Por favor!

– Não, já disse que não. Você não vai!

Naquele dia, não se falou mais no assunto. Papai passou a noite conosco e, como de costume, todas as dríades num raio de 10 quilômetros se reuniram. Era o máximo que conseguia ficar longe de suas árvores.

Era uma lua cheia tão clara que nem foi preciso acender a fogueira. Na verdade, as dríades não gostam de fogo, elas só o fariam por causa da presença humana do meu pai.

Uma luz acinzentada abençoava a pequena clareira onde nos encontrávamos e os espaços não escondidos pela penumbra das árvores. O céu estrelado aumentava a claridade.

Dríades penteavam o cabelo, reciprocamente, fazendo tranças, prendendo-as com ramos e enfeitando com flores. Sorrisinhos contagiavam o ar. Um aroma floral e uma música rústica e suave emanavam do local.

Era uma noite muito tranquila, mas entre nós havia certa tensão no ar.

Indaiá não estava no grupo. Ela não se enturmava com o resto. Meu pai também se sentia deslocado lá – era o único homem em meio a tantas... Dríades. Logo, perguntei se ele não gostaria de passear comigo. Afastamo-nos do grupo.

Caminhamos pela mata escura iluminando o local com vaga-lumes que ficavam em nossos braços ou voando ao nosso redor. Papai iniciou a conversa dizendo que Sama havia lhe contado sobre o diálogo que teve comigo.

– Você melhorou?

– Melhorei... Quem piorou a situação foi Indaiá.

– Também não confio nela. Ela não vai com a sua cara e todos percebem isso.

– Ela gosta do Bruno.

– E você sente ciúmes?

– Claro, pai! Claro que sinto ciúmes! Aquela ali é capaz de fazer qualquer coisa para afastar o Bruno de mim!

– Além dela, tem alguma coisa que atrapalha a relação de vocês?

– Ah! A distância, né? – falei sorrindo apesar de ser triste lembrar os quilômetros que me separavam dele.

Papai ficou em silêncio e eu soube que ele havia pensado em algo que não quis me contar.

– No que está pensando? perguntei.

– Estou pensando que não era apenas a distância que me afastou de sua mãe. Era toda a realidade que nos cercava. Os diferentes mundos em que vivíamos... Ela uma dríade e eu um... humano. Tínhamos modos diferentes de interpretar a vida... E põe diferentes nisso! Sua mãe nasceu no século 16! Ao mesmo tempo, eram estas diferenças que nos uniam. O que faltava em um o outro tinha...

Sem perceber, meu pai tinha nos levado até a sumauíma queimada que outrora fora de minha mãe. Havia um buraco no dossel florestal, no lugar do que deveria ser a magnífica copa da centenária árvore.

– Eu vou de qualquer jeito, pai. Preciso ir. Não sei por quê. Pareceu rude que eu contrariasse sua decisão assim, mas ele saberia mais cedo ou mais tarde que eu partirei amanhã.

– Sendo assim, que posso fazer, senão concordar? – ele deu-me um sorriso triste. – Como ir contra você, Anita?

Nós rimos e eu o abracei. Olhei para a linda noite sobre nós e tentei compreender os mistérios do amor. Não consegui.

QUATRO

*Abro o armário e vejo
nos sapatos meus caminhos.
Qual virá comigo?*

Anibal Beça

Eu não sabia que as dríades tinham tantos equipamentos tecnológicos.

Primeiro Sama dera-me uma bússola. Não uma daquelas bonitinhas com números, lupa e estampas do Exército. Era uma pedra, literalmente. Era um cristal transparente como água, que meu pai, por entender de coisas da natureza mais do que uma dríade como eu, identificou como um quartzo hialino.

Era oval e tinha uns sete centímetros de diâmetro. O seu interior era oco. Possuía uma bolsa de ar preenchida com água. E boiando neste líquido havia um pedaço de tecido vegetal, como uma amostra de um ramo que oscilava realmente como o ponteiro de uma bússola.

– Como isso indica o caminho?

– O que está aí dentro é um pedaço do que se encontra no coração da árvore que originou tudo. Isto a guiará, já que esta madeira anseia mais do que tudo voltar para sua árvore.

– Então, o único caminho que ela mostra... É o caminho para o Monte?

– É.

– Hum. Parece fácil.

– Não é.

Segundo algumas dríades, em uma só noite, confeccionaram uma mochila, roupas, sandálias, providenciaram mantimentos e até uma espécie de saco de dormir.

A mochila era de fibras naturais trançadas e enfeitadas com sementes coloridas. Nela couberam roupas, como um casaco de um tipo de algodão natural (era rosado e tinha impurezas).

É muito quente aqui no norte, mas as dríades insistiram que eu levasse, pois eu não sabia até onde iria e no Monte tem muita neblina e frio.

Levei também minha roupa que eu usara no dia do acidente, caso tenha que passar por agrupamentos humanos: era um short jeans e uma regata branca, que haviam sido lavadas depois de estarem muito sujos. Na mochila coubera o saco de dormir, feito com o mesmo material do casaco e utensílios como cuias e pequenos jarros de barro.

A lateral da mochila funcionava como aljava e estava carregada de flechas, cujo final, ao invés de penas, possuía verdes folhas. O arco era pequeno e gracioso, na madeira clara havia flores e folhas talhadas, que nem marfim.

Era um característico arco de dríade, diferente de um arco indígena.

Houve uma festa de despedida. Todas tentaram ser alegres, mas não conseguiam esconder seu medo e preocupação. Elas dependiam do meu sucesso nesta viagem e eu sabia que a maioria ainda não confiava na minha capacidade, assim como confiaram em minha mãe.

Foi combinado que a segurança no clã seria reforçada após minha saída e que uma equipe seria preparada para ser enviada a outro clã, caso este precisasse. Mas as dríades, que pela posição das árvores mais próximas do outro clã, poderiam ir, eram poucas. No máximo cinco. Logo, achei minha decisão inútil e diplomática, sem possíveis resultados efetivos.

Eu sempre me sentia uma péssima líder, na verdade.

As gêmeas-dríades, cujas árvores nasceram grudadas, eram as melhores na flauta. Embora fizessem esforço para tocar músicas alegres, frequentemente deixavam escapar notas melancólicas.

Todas conversavam baixo. As conversas não passavam de sussurros mais altos.

Eu passara a noite inteira ao lado do meu pai, que não largava minha mão, como se eu fosse uma criancinha.

Não podia culpá-lo, eu poderia não voltar.

Parti pela manhã, ainda escutando o grito dos guaribas.

Comecei a hesitar sobre minha escolha, mas algo me impediu: não queria parecer covarde. Já havia me decidido. Não voltaria atrás.

Tentei ser o mais breve possível nas despedidas.

As dríades estavam todas lá, ao pé da minha árvore. Inclusive Indaiá, que tinha um sorriso discreto.

– Até mais... Até mais...

Despedi-me de cada uma individualmente, dando abraços, apertos de mão e beijos no rosto, dizendo seus nomes.

– Até mais, Aniba, Mauritia, Elaeis... Não chore Inamuí! Obrigada pelo arco, Içana! Tchau, Khaya, Aurelia, Euterpe...

Eu não queria dizer adeus.

– Até mais, Indaiá. – disse-lhe quando passei por ela e estendi-lhe a mão.

– Adeus, Anita. – disse ela enfatizando o “adeus”.

As despedidas mais dolorosas foram de Sama, papai e minha árvore. Eu estava pensando o tempo todo em Bruno, que não estava ali.

Entretanto, fora minha a decisão, não?

No fundo eu planejei fazê-lo notar minha ausência, mas isto doía mais em mim do que nele, que ainda não sabia. Será que era certo isto que eu estava fazendo? Algo dentro de mim, muito discreto, dizia-me que eu estava equivocada.

Mas por que esta vontade inédita e incontrolável de provar que sou capaz?

Abracei minha árvore longamente e chorei.

Aquela ressonância entre nós estava mais forte hoje e eu sentia alguma vibração no interior da árvore, assim como sentia meu coração bater.

– Cuidem dela. – exclamei para todos ali. – Tchau, Sama...

– Até mais, querida. Cuide-se...

– Está bem.

– Pai...

– Filha... – papai me abraçou tão apertado, que eu tive medo e comecei a chorar. – Tome cuidado, por favor. Se eu pudesse eu ia com você.

– Pai, o senhor está me assustando com tudo isso...

– Desculpe.

– Eu vou voltar...

– Eu sei.

– Eu prometo.

– E você sempre cumpre o que promete. Acredito em você.

Então parti com essas palavras do meu pai, que serviram como um cajado que me apoiava durante a viagem.

CINCO

*Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece
como eu mergulhei. Não se preocupe em entender,
viver ultrapassa qualquer entendimento.*

Clarice Lispector

Após caminhar dois dias inteiros, vendo apenas árvores e mais árvores infinitamente, e suando como se botasse para fora todo o líquido do meu corpo, no dia seguinte cheguei à margem de um rio.

Pelo menos, pensava eu ser um rio, mas ao contorná-lo percebi que, na verdade, era um lago. Foi quando a ficha caiu, e eu soube do que se tratava, pois já o havia visto antes: era o lago de Balbina.

Sua água negra e tranquila, agitada apenas pelos peixes; as árvores ao redor balançadas pela úmida brisa; o silencioso e ritmado som do vento; a negligente caminhada das nuvens gordas e cinzas; os troncos de árvores solitários visitados ocasionalmente pelas garças; tudo isso misturados a uma aparente solidão, era relaxante.

Relaxante, até demais, chegando a ser deprimente.

Ao longe, enxerguei parte da construção da Hidrelétrica de Balbina, que fora um dos maiores desastres já ocorridos na Amazônia.

Procurei um lugar desprovido de árvores ciliares e sentei-me no chão, onde momentos antes pousara uma garça. Relaxei

os pés na água morna para que o dor da caminhada passasse – apesar de temer aparecer um jacaré, uma cobra, ou piranhas, nesta água turva, onde não se via nada.

Porém, nada aconteceu e continuei a lavar-me sentada na rocha, sem ousar entrar na água. Notei que Travesso havia sumido, mas logo reapareceu trazendo algumas frutas para nós, como sempre fazia. Ele me poupava da real solidão, apesar de não falar.

De repente, observei de relance, pois olhava para Travesso, uma grande sombra rosa-avermelhada se movendo na água. Não me movi, pois podia muito bem ser apenas um grande tucunaré ou um pirarucu, todavia, fiquei mais alerta.

A sombra aparecia e desaparecia e tinha movimentos graciosos como de... Boto? Não, não pode ser.

Até que... Uma criatura emergiu subitamente da água para as pedras, na nossa direção. Foi tão repentino, que nem vi o que era – nem o Travesso que subiu na árvore mais próxima – porque corri automaticamente em direção às árvores, pensando ser um jacaré.

Ao passar da borda ciliar – que não era muito longe – diminuí a velocidade e olhei para trás. O quê?! Parei de correr.

Voltei aos poucos, devagar, pisando firme no chão, como se certificando da realidade. Meu coração estava na boca, minhas pernas tremiam do susto.

Travesso ainda estava agarrado à árvore, lá no alto, tremendo. À margem do lago, sentada na pedra onde eu estava, havia uma mulher rindo de mim. Quer dizer, tinha corpo de mulher, o que não quer dizer que fosse.

Também não era uma indígena, com certeza. Aquela cena era surreal e constrangedora, não só porque a “mulher” ria da minha reação, mas porque ela estava nua. Desviei o olhar assustada e ela tentou parar de rir. Quando conseguiu, disse:

– Desculpe ter assustado você. Tenho certeza de que não é humana... O que você é?

Mal tive tempo de responder ela continuou:

– Deixe-me adivinhar... Uma dríade? Estou certa?

Apenas balancei a cabeça confirmando, por ainda estar assustada. A voz dela era suave, hipnotizante, ritmada. Sua beleza também não estava abaixo disso.

Tenho certeza de que qualquer homem que a visse se apaixonaria por ela. Até que eu juntei as peças e soube quem ela era.

Percebendo que eu estava constrangida, ela voltou para a água, deixando apenas seu busto à mostra.

– Desculpe. Costumo me vestir ao aparecer para os outros. Estava passeando com meus peixinhos quando te vi do outro lado do lago... Eu sou...

– Iara. – falamos ao mesmo tempo.

– Isso mesmo. Tu és esperta, gostei de ti.

Observei Iara. Somente seu busto nu emergia fora da água, suas pernas ficavam escondidas, revolvendo a água... Tinha uma pele morena meio avermelhada – como de índio – e longos cabelos negros molhados, que flutuavam na água ao seu redor como algas.

Eu já ouvira falar a respeito de sua beleza nas lendas, mas realmente fiquei admirada quando a vi pela primeira vez. É aquele tipo de pessoa perfeita que você encontra por aí e que não consegue parar de olhar, pois não acredita que tal beleza seja possível. Assim como sua pele, Iara tinha leves traços indígenas, um corpo perfeito de nadadora, cabelos lisos preto-azulados e o mais impressionante: os olhos. Tinha olhos negros tão lindos... E perigosos.

Quando os vi pela primeira vez, lembrou-me de um texto que lera há algum tempo, um texto de Machado de Assis. Era um trecho em que descrevia os olhos de Capitu e pela descrição perfeita, nunca mais o esqueci. Agora, olhando para Iara, vi que o texto podia ser muito bem sobre ela, cuja semelhança com a descrição é incrível:

Trazia não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como uma vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca... A onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me.

Notava-se que ela era aquele tipo de pessoa alegre que adora conversar. Ria-se de tudo e passou a tarde a me fazer companhia, além de Travesso – que permanecera receoso com sua presença.

Contou-me suas histórias sobre proteger os animais aquáticos, seus amores, seus homens enfeitiçados, sua amizade com algumas dríades. Eu quase não falava. Não era muito de conversar, mas não reclamei do tagarelar de Iara, que era reconfortante depois de passar horas na floresta sem falar com ninguém. Era como encontrar civilização.

A noite chegava e ela disse que poderia fazer-me companhia durante a noite e me proteger dos animais e outras “criaturas horrendas como o homem”. Eu queria fazer uma fogueira, hoje o céu não teria lua. Peguei em minha mochila as duas pedras que Sama me dera que serviam para produzir fogo. Mas estava difícil arranjar um lugar que não estivesse molhado e úmido.

– Você poderia me ajudar, Iara? Não estou conseguindo fazer o fogo.

– Adoraria, querida, mas não sei tratar de fogo como sei tratar de assuntos aquáticos.

– Ah, claro!

Demorou, mas consegui fazer a fogueira em um lugar confortável para passarmos a noite. Iara cedeu-nos um tucunaré para o jantar e eu trouxe algumas ervas para temperá-lo. Ela preparou o peixe para mim e quando a escuridão realmente chegou e o céu foi salpicado por estrelas, já estávamos jantando. Iara havia saído da água, mas estava vestida com...

Algo como... Vestido de escamas peroladas? Era muito bonito – mas tinha cheiro de peixe.

Iara mantinha certa distância do fogo, dizendo:

– Água e fogo não combinam.

Quando o tempo avançou trinta minutos, ela comentou:

– Tu quase não falaste sobre ti. Nem sei teu nome. Como te chamas?

– Anita.

Iara, que estava deitada, levantou-se tão rapidamente e fez um “o” com a boca tão grande, que pensei ter sido picada por algo. Mais tarde descobri que ela é assim dramática mesmo.

– Tu és filha da Myrcia? Tu és a nova rainha dríade?

– Sou.

– Eu já lhe dei um peixe, lembra?

– Sim... Agora lembro. Havia sido justamente um tucunaré! Que coincidência.

– Coincidência nada! Por estas paragens a maioria das águas tem muitos tucunarés.

Ambas rimos. Estava gostando da companhia de Iara, mas em breve eu deveria partir.

– As dríades nunca me contaram direito tua história... De sua mãe eu conheço, mas como tu vieste parar aqui?

– Bem, é uma longa história...

– Adoro!

Contei tudo, desde o início. Expliquei sobre como fui criada por meu pai, sem conhecer minha mãe; como era minha vida em Manaus, como me tornei amiga de Bruno; como por ser nadadora, vim parar aqui e sofri um acidente de carro na estrada; por que me perdi na mata, como conheci Myrcia e descobri que era minha mãe e eu era uma ninfa; como ela morreu logo em seguida; como Bruno e eu declaramos nosso amor e tivemos de nos separar...

Eu fiquei muito triste em relembrar tudo isso. Era ainda recente, doía muito. Ao falar sobre o Bruno senti uma saudade

maior ainda dele... Comecei a chorar. E “autor sem lágrimas, leitor sem lágrimas”. Lara também chorou, quando falei sobre Bruno, parecia que estava assistindo a um filme romântico.

– Oh, não!... Que lindo! Que fofo! Ah, ele disse isso? Vocês se beijaram? Por que você não ficou com ele?

Quando terminei de contar, apesar de triste, eu estava me sentindo muito melhor. Ainda não havia conversado sobre isso com ninguém, e repassar a história com minhas próprias palavras, com meu próprio ponto de vista, em voz alta, foi como uma terapia. Aquilo que estava entalado na minha garganta havia sido vomitado, e agora eu me sentia mais leve.

Pensei em dizer “obrigada” para Lara, por ela ter me ouvido e ter me feito companhia. Logo em seguida, sentindo-me mais leve e confortável, como quem chora a noite toda, eu dormi. Dormi como há muito não dormia, pois, até então, apenas cochilava, precisando ficar alerta para qualquer coisa.

Todavia, com Lara ao meu lado, eu me sentia muito mais segura e pude me desligar de qualquer estímulo exterior e descansar todas as áreas do meu cérebro.

Bem, quase isso. Tive um pesadelo.

Havia uma grande árvore queimando. A floresta queimava e eu estava lá no meio. Eu o chamava...

– Bruno! Bruno!

Ele estava na floresta, mas não para me salvar. Em suas mãos havia uma tocha que chamuscava tudo pela frente. E ele tinha prazer em fazer aquilo, pois o sangue em suas veias ardia mais que o fogo em suas mãos.

Ele continuou a atear fogo em tudo pela frente embora soubesse que eu estava por perto. Mas não me via. Quando enfim me avistou em meio às chamas, eu disse seu nome mais uma vez, agora em forma de pergunta, como se não tivesse certeza de que fosse meu melhor amigo:

– Bruno...?

Só então ele pareceu ter notado o que segurava em suas mãos e ficou perplexo de tal maneira que seu rosto mudou. Até que, atrás de mim, surgiu outra figura que tentava me arrastar para longe dele, tentava me salvar do perigo que Bruno oferecia. Eu não conseguia ver o rosto desta figura.

Por algum motivo seu sangue ferveu novamente e correu atrás de nós dois.

Em meio à confusão da floresta queimando surgiu um barulho rouco, como um soco na madeira... Foi preenchendo o ambiente e tornou-se tão forte que sacudia as árvores derrubando-as no chão.

O calor queimava meus braços e ardia meus olhos; meu nariz era sufocado pela fumaça...

Abri os olhos e vi o vulto de Iara ao meu lado, olhando para mim.

– Estás bem?

Não conseguia responder. Tentei respirar e não conseguia. Até que aos poucos pude desvencilhar-me totalmente das garras do sonho.

Sentei-me. A luz da fogueira estava bem fraca. A posição das estrelas havia mudado. Era uma noite sem lua. O vulto de Iara perguntou novamente se eu estava bem.

– Tive um pesadelo. – respondi. – Horrível.

– Um pesadelo?

– Pareceu tão real. Eu... Minha árvore... Estava queimando.

– Deve ter sido porque tu lembraste a história... Não vou mais perguntar o que aconteceu, vê-se que é um trauma para ti.

– Não, não foi sua culpa. E só que...

– Tente voltar a dormir. Você tem que ir embora amanhã, não é?

– É...

Como? Espere aí... Como ela sabe que eu vou ter que partir amanhã?

Vasculhei minha memória tentando me lembrar de ter dito algo sobre isso, mas não lembrei.

– Como... Você...? – quis perguntar, mas estava cansada demais para pensar sobre isso. Eu poderia muito bem ter falado e esquecido: percebi que minha memória não anda muito boa desde que me separei da minha árvore.

Ela também podia ler mentes como algumas ninfas, ler nossos sentimentos... Depois de tudo o que vi e aconteceu comigo, tudo é possível.

– Você sabe adormecer as pessoas? Não consigo dormir.

– Por que achas que posso fazer isso? Nunca tive um filho, não sou mãe... Não sei colocar crianças para dormir...

– Você enfeitiça pessoas... Deve ter alguma ideia sobre psicologia...

– Psico... O quê?

– É um estudo sobre a mente... Ah, esquece.

– Posso te relaxar com minha voz. Assim tu estarás bem-disposta amanhã para seguir sua caminhada. Tu precisas encontrá-la...

– O quê... – Aquilo era muito estranho. O que ela sabia sobre a minha busca? E será que ela sabia onde encontrá-la?

Iara começou a cantar e não resisti. Aos poucos fui relaxando, ficando zozna... As pálpebras pesadas... Aquela sua voz suave... Chiante... Parecia uma bossa-nova... Era... Era...

A luz já incomodava meus olhos. Através do vermelho das minhas pálpebras, fechadas e iluminadas pelo sol eu soube que já era dia, e me levantei com a visão, aos poucos, adaptando-se à claridade que fora roubada pela noite.

Vi um céu sem nuvens, coisa excepcional no norte amazônico. A fogueira estava apagada e Iara já boiava na água.

– Não consigo ficar longe da água muito tempo. Explicou-se.

– Bom dia, Travesso. – ele pulou no meu ombro como de costume.

Era um belo dia. Ensolarado e sem nuvens. Água tranquila e limpa; árvores balançando ao vento ao redor do lago; garças reluzindo o branco; Iara nadando; Travesso pulando alegre.

Era um dia estranhamente belo e alegre.

– O que foi? perguntou ela.

– Nada... Só olhando a paisagem.

– Está melhor?

– Huum. – Aquele sonho não me saía da cabeça. Principalmente a imagem de Bruno...

– Estás com fome?

– Um pouco.

– Travesso pegou algumas frutas para ti.

– Obrigada, Travesso. – ele sabia quais frutas eu podia comer e quais eu gostava.

Comecei a comê-las enquanto pensava sobre os acontecimentos de ontem. Iara sabia por que eu estava viajando? Será que sabia onde eu podia encontrá-la?

– Você sabe?

– Sei o quê? – retrucou Iara, enquanto brincava com um peixe beijudo.

– Que estou viajando, que tenho que partir?

– Bem, é óbvio que não vais passar o resto da vida aqui. Se você parou aqui é porque estava de passagem, não é?

Bem, aquilo respondeu a minha pergunta, mas...

– Você sabe onde posso encontrá-la?

Iara parou de brincar com o peixe, suspirou e observou uma garça levantar voo. Pensei que ela estava se preparando para revelar-me algo, quando disse:

– Encontrar o quê?

Fiquei decepcionada, mas não tanto. Naquele momento, algo me disse que ela sabia do que se tratava. Por que dificultava as coisas?

– Sama enviou-me em uma missão. Tenho que encontrar... Uma pedra especial, chamada Jáspis, que pode salvar a flores-

ta. Não sei como, nem onde vou encontrá-la. A única pista que ela me deu foi que eu deveria seguir para o Monte Roraima, com uma primitiva bússola, feita de uma bolsa de água presa num quartzo hialino com um pedaço de palmito boiando! Andei somente com Travesso, durante dois dias e duas noites até chegar neste lago e deparar-me com uma *lenda*, que eu sei que sabe do que estou falando, mas por algum motivo esconde isso de mim! Estou desesperada, não sei para onde ir, não conseguirei encontrar esta tal pedra! Acho que ela nem existe!

Despejei tudo de uma vez. Minha cabeça doía, eu quis chorar. Não havia percebido quanto estava desesperada com a situação. Talvez fosse a carta de Bruno ou a distância da minha árvore e do território que eu conhecia ou a grande responsabilidade que eu sentia pela segurança das dríades...

Iara ficou calada, me fitando, com uma expressão de compaixão e pena. Até que falou, séria:

– Siga na mesma direção, com o mesmo passo dos dias anteriores. No terceiro dia encontrará ajuda. Mas, cuidado! Esta área já é habitada. Tem muitas trilhas turísticas, cachoeiras, sítios e... A hidrelétrica. Sabe se esconder dos humanos?

Eu sabia do que ela estava falando. Era ficar invisível para os humanos e outros que não quero que me vejam. Toda dríade tem que aprender isso, mas eu ainda não conseguia fazê-lo.

– Ainda não. Sama começou a me ensinar, mas ainda não consigo.

– Acho que posso ensiná-la. Quer dizer, posso tornar-me água, não árvores, mas acho que é o mesmo princípio. Espere um minuto!

Iara mergulhou novamente e depois de um tempo emergiu enrolada em algas e folhas molhadas. Ficou ao meu lado e começou a olhar para as árvores, para a água, para toda a paisagem, distraída, como se verificando por onde começar. Disse:

– Veja, a ideia principal é ser a natureza no sentido mais literal da palavra, entendes? Tu precisas ser a água, as árvores.

Para isso, tu deves sentir o que é a natureza, entendê-la, mergulhar nela... Veja suas árvores, por exemplo, observe o balançar das folhas, o ritmo delas... Observe este ritmo, tente entrar nesta sintonia. Imagine o mesmo som do vento nos seus cabelos, a mesma terra sob seus pés, imagine os insetos e animazinhos subindo no seu tronco, as aves pousando nos galhos. Observe o entorno, imagine-se como sendo algum elemento deste ambiente e libere sua mente... Não se apegue à preocupação, ideias, sentimentos passados, ou perspectivas, apenas no que sente no momento. Só existe este momento.

– Tá.

Tentei fazer o que ela disse. Procurei afastar todas as preocupações da minha mente, coisas *simples* como salvar a floresta amazônica... Ou poder morrer nesta jornada perigosa. E o meu sonho, o sonho em que Bruno queria me matar?!

Afastei aquilo da cabeça, como se passasse uma borracha, mas em dois segundos voltou. Tentei novamente e tive um pouco mais de êxito. Insisti três vezes, mas me lembrava dele. Até mesmo quando não estava pensando em nada, surgia um pensamento em minha cabeça de que eu havia conseguido não pensar em nada, e tudo aquilo voltava outra vez.

– Não consigo!

– Deve ser difícil longe de sua árvore, mas com um pouco de prática se consegue... Toque numa árvore! Talvez sirva...

Aproximei-me da árvore mais próxima: um buriti. Aquilo não foi muito agradável. Era a árvore de Indaiá. Tentei outra, mas onde estávamos, às margens do lago, só havia buritis. Há outras espécies de árvores à medida que adentramos na mata, mas Iara não pode ir muito longe.

– Não consigo no buriti... É *familiar* demais.

– Sua árvore é samaúma, não é? Que tal... Água!

– Como?

– Água! Sua árvore é samaúma, tem tudo a ver com água! Ou nunca achou estranho nadar tão bem? Achas que todas as dríades sabem nadar?

Fiquei em silêncio refletindo suas palavras. Samaúma é uma árvore de várzea. É também chamada de “barriguda” porque pode acumular água no seu interior... Não é que tudo se encaixava?

– Você já boiou num igarapé a favor da correnteza?

– Já! Adoro fazer isso!

– Então, imagine isso. Toque na água e imagine seu corpo tão leve quanto uma folha, levado pelas mãos da água, o vento batendo no rosto, as árvores ao redor, o som da correnteza...

Iara foi descrevendo esta situação com aquela sua voz de modo tão relaxante que não foi difícil se *desligar do mundo*. Senti a água gelada na minha mão, meus pés na rocha escorregadia, o sol batendo em mim, as formigas ao meu redor, a voz de Iara em meus ouvidos... Até que... Eu era aquilo.

Um minuto antes eu olhava para minhas mãos, e agora não as via mais, tentei olhar para o resto do corpo, Iara soltou uma exclamação, e eu me distrai. Voltei ao normal.

– Tu conseguiste! – gritou Iara.

– Eu consegui!

– Bem, mais ou menos, só precisas de mais prática. Como se sentiu?

– Invisível! Era como uma camuflagem, uma roupa que eu vestia... Como se apenas minha mente estivesse ali...

– Adoro! Tente de novo.

Aos poucos, melhorei. Concentrei-me mais rápido, e fiquei invisível por mais tempo. Cada vez ficava mais fácil. Ficamos trinta minutos praticando. Nos outros trinta, Iara preparou-me para partir. Ela consertou minha sandália de tiras e ficou linda! Ela a revestiu com um couro, que a deixou mais confortável e enfeitou com algumas escamas. Coisa de ninfa da água!

Iara mergulhou várias vezes e sempre trazia consigo mais alguma coisa para me dar. Eu insistia de que não precisava, já era muito, não queria abusar... Que não ia para um desfile de moda ou algo assim! Ela me trazia coisas tão lindas, pulseiras, brincos de pedras e escamas de peixes, uma mochila, roupas...

– Iara, não poderei levar tudo isso, é muita coisa e não preciso. Muito obrigada, mesmo. Sei que quer ajudar, mas já fez o bastante.

– Use esta roupa. Manterá você longe dos animais, disfarça o cheiro humano.

– Obrigada, Iara.

– E esta pulseira... Com ela tu sempre terás água por perto.

– Obrigada.

– E este colar...

Que colar! Era um simples fio de fibra natural com uma pérola. A maior e mais bonita pérola que eu já vira. Devia ter uns dois centímetros de diâmetro e era negra. Negra e brilhante, como os olhos de Iara.

– Irá proteger-lhe. Através dele eu sempre saberei o que está acontecendo contigo. E caso precise de ajuda em assuntos aquáticos... Estarei a seu dispor.

– Obrigada, Iara. Muito mesmo.

– Até mais, Anita, filha da Grande Samaúma. Boa sorte.

Splash! Do nada. Odeio quando alguém que está falando comigo desaparece de repente! Iara desapareceu na água assim que falou a última palavra como se estivesse apressada.

Olhei ao redor, procurando por algum sinal dela... E assustei-me novamente com um boto-tucuxi, na minha frente, pulando e mergulhando como um golfinho.

SEIS

*Em vão com o mundo da floresta privas!...
Todas as hermenêuticas sondagens,
Ante o hieróglifo e o enigma das folhagens,
São absolutamente negativas!*

*Araucárias, traçando arcos de ogivas,
Bracejamentos de álamos selvagens,
Como um convite para estranhas viagens,
Tornam todas as almas pensativas!*

Augusto dos Anjos

Caminhei o dia inteiro sem encontrar nada diferente.
Apenas árvores e mais árvores e ramais do lago.

As árvores altas forneciam uma boa sombra, as espécies vegetais eram incontáveis. Os animais, embora escondidos, eram tantos que eu sentia a presença invisível deles. Grande parte desta vida não era vista, porque se encontrava na copa das árvores, como os pássaros e macacos que cantavam.

Sem contar nos milhares de insetos que eu via pelo caminho. A mata era algo tão cheio de vida que até o suor que de mim saía parecia complexo e profundo, fazendo-me querer suar mais e mais como se... Purificasse-me. Era o suor do trabalho da caminhada.

No segundo dia tive uma surpresa. Estava eu andando com Travesso em uma mata de árvores novas, pouco densa,

quando ouvi estalos de galhos por perto. O barulho continuava e parecia estar cada vez mais perto. E então, parou.

E de um arbusto ao meu lado surgiu, lentamente, uma onça. Ela encarou-me com os dentes à mostra e os olhos felinos. Pronta para atacar.

Meu coração disparou. Travesso escondeu-se atrás do meu pescoço.

Imóvel, eu fitava aquela criatura feroz, sem saída.

Entretanto, havia algo mais em seu olhar: uma expressão triste e suplicante.

O temor abandonou-me aos poucos e comecei a admirar a cor amarela de sua íris. Mas a onça devia estar realmente cansada porque escondeu seus dentes e deitou-se no chão como um grande gato.

Esta atitude me deixou mais segura e confiante. Ousei dar um passo. Ela não se moveu. Estava a um metro de mim. Olhava para o nada, com os olhos tristes, a língua sedenta de fora.

Aquilo podia ser um truque do animal para apanhar suas presas, mas eu queria me aproximar da onça. Que outra oportunidade eu teria de ficar frente a frente com um animal feroz? E eu não sou exatamente humana. Sou uma dríade e elas vivem com a maioria dos animais, por que este me faria algum mal? Eu tinha a sensação de que a onça queria me dizer algo, ou precisava de algo.

Estou ficando louca. Juro que quase podia ouvir uma voz na minha cabeça pedindo ajuda. Dei mais um passo e depois mais outro e outro e ela não se moveu. Era um jogo arriscado.

Agora eu quase podia tocá-la.

Quando sentei no solo úmido orgânico, a onça produziu um som abatido, como um gato dengoso e mostrou suas patas dianteiras, como mãos erguidas a mim.

Notei que o membro esquerdo possuía sangue, um ferimento recente. Ela o lambeu e soltou novamente aquele som dolorido.

– Você está machucada? Por isso está chorando? Acho que posso fazer algo por você... Fique aí, eu já volto.

A criatura pareceu entender o que eu pedi.

Conheci algumas plantas medicinais com as dríades mais velhas, que curavam ferimentos rapidamente. Levantei e busquei algumas dessas plantas nos arredores. Encontrei uma delas facilmente, pois era um cipó fácil de encontrar.

Encontrei mais uma, todavia, não encontrava duas espécies cruciais para este tratamento. Não nasciam nesta área. E agora?

Certas dríades conseguiam fazer as plantas aparecerem do nada, só pensando nelas. Será que eu conseguiria?

Pensei nas plantas e nada. Eu não ia conseguir. Tentei novamente. Desta vez toquei o solo e pensei na forma exata dos vegetais.

E então aconteceu! Eu conseguira! No solo, onde eu havia tocado, nasciam duas espécies de plantas, exatamente as que eu queria. Cresciam tão rápido que já tinham dez centímetros, depois vinte, depois duas moitas.

Peguei, apressada, um ramo de cada uma, pensando que a onça poderia estar sofrendo com a demora e voltei correndo. O felino permanecia imóvel, como uma esfinge.

Tirei da minha mochila uma vasilha de barro fino que usava em minhas refeições. Retirei as folhas dos galhos e amassei o pedaço de cipó, misturando-os na vasilha, numa pasta verde homogênea, com uma pedra.

Com certo cuidado, precaução e medo – não é aconselhável cuidar de uma onça com dor, mesmo que ela esteja de bom humor – eu passei esta mistura em cima do corte dela, cobrindo completamente. Depois peguei uma folha grande o bastante para enrolar na perna, como uma gaze improvisada e amarrei com um cipó fino. A onça reclamou quando apertei, mas não fez nada além de soltar um leve rugido.

– Pronto! Você vai melhorar rapidinho, não vai infeccionar e não vai sentir dor.

A onça levantou vacilando um pouco, como que experimentando a nova perna curada e lambeu minhas mãos, como um cachorrinho. Olhou novamente os meus olhos, agora com uma nova expressão, e foi embora, camuflando-se na mata.

Não percebi que passei muito tempo cuidando dela. A luminosidade na mata já era baixa, devia ser umas cinco da tarde. Ou seja, a minha viagem ia atrasar. Não podia continuar a caminhada porque em breve ficaria escuro como breu. Eu tinha que preparar meu lugar de descanso ali mesmo.

Encontrei uma pequena clareira, cobri o chão com uma camada de grandes folhas de palmeira caídas e armei uma barraca com galhos e folhas de palmeira, pois ia chover e dormi ali, enrolada no cobertor das dríades, ao pé da fogueira que eu sempre fazia porque eu sentia medo do escuro da mata.

O céu salpicado de estrelas possuía uma Lua sorridente, que me fez levantar o ânimo, até ser escondida por grossas nuvens.

Foi difícil dormir num chão molhado, com pingos e ventos ameaçando derrubar meu abrigo a qualquer hora. Travesso dormia em minha barriga, como um bebê e nem se incomodou com a chuva. A temperatura diminuiu, eu sentia frio.

Não foi só por causa do clima que não adormeci. Tive outro sonho.

Era uma tarde recém-molhada pela chuva. Bruno estava na floresta. Era tudo muito real, como se eu também estivesse ali. Sentia o aroma de terra molhada.

Um capitão-da-mata cantou. Bruno conversava com ela: Indaiá.

– Como ela foi embora?! Para onde?

– Partiu em busca de algo que pode salvar a floresta, uma missão perigosíssima. Estou muito preocupada, e se ela não voltar?

Ela estava falando em português? Mas, como? Ela não sabia falar nossa língua!

– Não, não é possível! Como deixaram isso acontecer?!

– Sabes como ela é teimosa. As dríades concordaram que era quase um... Suicídio, mas... Sama concordou, e até o pai dela!

Bruno estava muito perturbado, com a aparência horrível, cansada, suja... Parecia ter fugido de casa. Ele chutou um tronco seco e caiu no chão chorando.

Indaiá ajoelhou ao seu lado.

– Sabemos que as chances nessa busca são... Mínimas... Mas devemos ser otimistas! Vamos, Bruno. Tenho certeza de que ela ainda pode voltar!

E abraçou Bruno, fingindo-se também preocupada.

Acordei com vontade de esganá-la novamente.

Naquela noite, não voltei a dormir. Aquilo, com certeza, havia sido um sonho, todavia... Era tão... Tão real! Senti o chão sob meus pés, o cheiro de terra molhada, as cores eram tão vivas, o ambiente continha todos os detalhes!

Esperei a aurora com os olhos abertos para o breu.

SETE

*Eles não têm pouso
Nem porto
Alimentam-se um instante em cada par de mãos
E partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
No maravilhoso espanto de saberes
Que o alimento deles já estava em ti...*

Mário Quintana

Há coisa melhor do que um igarapé gelado para banhar-se?

A madrugada é fria quando acordamos, mas mesmo assim adquiri o hábito de mergulhar nas águas geladas às seis ou sete da manhã.

Eu recolhera minhas coisas assim que apareceram os primeiros raios de sol e na paisagem acinzentada e orvalhada eu caminhei até encontrar esta magnífica cachoeira.

Rochas escorregadias, água cor de ferrugem caindo em cascatas, borbulhando como chá dentro de um bule. Fria, entretanto.

Desci o pequeno e íngreme vale, segurando nas raízes rentes ao solo, depusitei minha mochila na margem e mergulhei meu pé na água.

Eu não sei nadar... Eu te ensino.

A imagem do sorriso de Bruno invadiu todos os poros do meu rosto, como se a brisa a trouxesse. Houve um aperto repentino no meu coração. Continuei adentrando na água.

Eu te amo, Anita.

Os pés vasculhavam o fundo arenoso e pedregoso do igarapé, desviando-se de buracos traiçoeiros.

Sempre vou te amar.

Mergulhei a cabeça na correnteza. Nenhum sinal da floresta lá fora. Meus olhos abertos identificavam pouca coisa na água turva: eu podia ver minhas sandálias presenteadas por Iara. As escamas de peixes brilhavam refletindo a luz do dia.

...Assim que eu puder estar com você, semana que vem.

Levantei repentinamente, já faltando o fôlego. Não adiantava... Nem aquela água poderia lavar Bruno dos meus pensamentos. A ausência dele era como este mergulho: sufocante.

Preciso retornar. Tudo isso pode não passar de um engano. Posso ter interpretado errado. Preciso encontrá-lo, falar com ele e tudo vai ficar bem novamente.

A água parece estar limpando meu raciocínio. Agora vejo mais claramente.

Empurro a água para trás de mim, tentando atingir a margem. Um vento gelado me atinge, quando me encontro sentada em uma das rochas.

Sim, você lá e eu aqui... Juntos, embora separados...

– Juntos, embora separados... – eu disse em voz baixa involuntariamente.

Minhas sandálias molhadas grudavam nas folhas e na areia, por onde eu passava, ao retornar para casa.

De repente senti que havia humanos na floresta. Um grupo deles, próximo... Bem próximo. Fiquei invisível e fui até onde eles estavam. Ouvia-se muitos cantos de pássaros.

Havia... Algo parecido com redes de pesca e muitas gaiolas e pássaros cor de laranja – e outras cores também – que gritavam presos nas redes, nas gaiolas ou nas mãos dos homens.

– Abre essa gaiola, aí... Essa aí!

– Tá cheia.

– *Inda* cabe, sim.

O homem que falava segurava um pássaro em cada mão e o outro que respondia, abria uma gaiola média, tomando cuidado para os que já estavam dentro não saíssem.

Eram, em sua maioria, galos-da-serra: uma espécie exótica da região, cujo macho era laranja-avermelhado, de cauda marrom e algumas penas brancas, e tinha uma crista arredondada na cabeça, em forma de meia-lua, que lembra um pedaço de tangerina.

Comecei a ficar incomodada com a situação, e me perguntei o que eles fariam com os pássaros. E eles continuaram a conversar, respondendo a minha pergunta mental:

– Como é que a gente vai mandar eles pra lá? Já tem a grana?

– Já tá tudo ajeitado no esquema. Eles pagam um dinheiro pai-d'égua.

Eu tinha que fazer alguma coisa. Iam vender aquelas aves a presos altíssimos, talvez até para terras estrangeiras, presas em gaiolas, para as pessoas ficarem admirando. Era... Biopirataria?

Havia três homens ao todo. Um deles vigiava as gaiolas com os pássaros já capturados. Os outros dois desenrolavam os presos nas armadilhas. Como distraí-los? Eu precisava fazer algo para ter tempo de abrir as gaiolas. Muito embora eu esteja invisível... É perigoso.

Comecei a mexer em um arbusto a minha frente, agitando suas folhas com força, mas eu estava com medo. E se eu não me mantivesse o tempo todo invisível? Ainda acostumava-me com esta capacidade. Para garantir, assim que o agitei, afastei-me de imediato, ainda tendo-os sob minha vista.

Os três pararam o que estavam fazendo e olharam para o arbusto. Um deles pegou um facão e o outro um pedaço de madeira.

– *Quê será que é?* – perguntou o mais magro deles.

– *Espia!* Acho que tem alguma coisa ali.

Dois deles se aproximaram do arbusto. Eu, atrás deles e do lado oposto, aproximei-me de uma árvore e segurando um pedaço de madeira, bati no tronco, produzindo um som.

Eles se viraram novamente para onde eu estava, mas não me viam. Seus olhares arregalados e assustados me faziam querer rir.

– Alguém bateu no tronco com aquele pau. Eu vi de esgue-lha quando tava virando a cabeça! Eu vi o pau se mexendo so-zinho e batendo na árvore!

– *Dexa de mentira, homem!*

– *É verdade! Eu vi!*

Senti que pousou sobre eles um momento de mistério, su-perstição e medo. O imaginário popular era cheio de criativi-dade e eu soube, naquele momento, que cada um deles estava vasculhando nas suas memórias uma explicação sobrenatu-ral, que lhe foi contada ainda quando crianças.

Escondendo-me detrás da árvore, vi um ouriço de casta-nheira no chão e, pegando-o, joguei a bola de madeira na dire-ção deles, não para acertar, apenas para assustar.

O mais magro deles conseguiu se desviar no último ins-tante e, assustado, começou a se afastar. Os outros dois tam-bém se afastavam dos locais de agitação “sobrenatural”, passo a passo. Avancei para as gaiolas.

Os pássaros piavam e voavam de um lado ao outro, tentan-do sair.

– *Bora-embora...*

– Não, espera.

Soltei o trinco que fechava a grade e abri a porta.

Uma chuva de pássaros precipitou-se para fora, como o jato de uma mangueira. Era uma chuva multicolorida, mas o alaranjado dominava e após libertos, as aves voaram para o alto.

Nos instantes seguintes, eles sumiram. Mesclaram-se tão bem ao verde das árvores, que se não fossem seus cantos, eu duvidaria de suas existências.

Os homens correram com mais de mil após a revolta dos bichos, que milagrosamente, se soltaram da gaiola.

Mas este ato de liberdade aprisionou meu coração.

Foi por isso: pela liberdade destes pássaros, pela longa vida das árvores, e pela pureza dos igarapés que eu aceitei ser dríade. A onça precisou de mim...

Era isto que eu ia salvar se encontrasse Jáspis.

Como pude pensar em voltar para Bruno, quando tudo isto está acontecendo na minha floresta?

Culpa. Arrependimento. Orgulho de mim por ter salvo os animais. Tristeza e inconformidade por nunca conseguir ficar com Bruno. Raiva por ele ter escrito aquelas coisas confusas... Raiva da vida.

Os pássaros se calaram. E eu soube o que estava prestes a acontecer. O som invadiu meu crânio, derreteu minhas vísceras, atingiu minha alma.

Somente estas notas musicais, belas e tristes, eram suficientes para expressar a tristeza dos amantes separados em todas as línguas: o canto do uirapuru.

Apenas peço que me perdoe algum dia...

Eu já a perdoei, Anita.

– Me desculpe, Bruno.

Girei os calcanhares e cobri os ouvidos ao seguir em frente. Não queria ouvir o canto. Havia lágrimas caindo na terra preta.

OITO

*Quem de três milênios,
Não é capaz de se dar conta
Vive na ignorância, na sombra,
À mercê dos dias, do tempo.*

Goethe

Era o terceiro dia e encontrei uma caverna. Nesta região há muitas cavernas, que sempre aparecem em panfletos turísticos. Contudo, percebia-se que essa não era visitada por turistas, parecia até ser um local desconhecido.

Era uma grande rocha escavada, como se algum rio tivesse passado por ali. Colunas deformadas e finas seguravam o teto. O chão de rocha possui um pequeno fio de água que saía de dentro da escuridão.

A entrada tinha três metros de altura, mas via-se que a caverna se estreitava à medida que avançávamos. Em frente a ela, um arrepio percorreu meu corpo, e uma vontade imensa de entrar ali tomou conta de mim.

Era o terceiro dia... Neste dia eu encontraria alguma ajuda, alguma informação a mais que ajudará na minha busca. E se essa ajuda estiver aí dentro?

Uma forte intuição dizia-me que ali eu poderia encontrar algo útil. Mas com certeza havia morcegos. Eu não gostava de morcegos: lembranças infantis... De quando visitei uma destas cavernas de Presidente Figueiredo com meu pai e um de-

les caiu bem em cima de mim. Lembro-me do breu e do cheiro horrível de dejetos de morcego.

Esta pelo visto tinha o mesmo “aroma”. Meus pés deram os primeiros passos em direção à escuridão, como se eu não os controlasse. Entrei na caverna à espera de que algo acontecesse, além de quase desmaiar com o odor dos mamíferos voadores.

Eu sentia suas cabeças penduradas no teto, seus barulhinhos na escuridão. Após três metros pouca luz restava, de modo que meus instintos me guiavam. As paredes eram úmidas e água gotejava do teto (pelo menos, eu esperava desesperadamente que fosse água). O chão molhava minhas sandálias e, ocasionalmente, um anfíbio esquisito pulava quando eu passava.

Eu ouvia meus batimentos cardíacos.

Depois de ter caminhado uns cinco metros, vi luz descendo do teto. Era um buraco na rocha, que saía para a floresta acima, de onde gotejava água, como uma torneira. A luz que entrava era pouca e direcionada, iluminando a poça de água cristalina que se formava no chão, com areia branca no fundo.

– *Etês-vous, Vésper?*

Meu coração deu um salto mortal, ao ouvir aquela voz desesperada e rouca, perguntando... em francês?!

À minha direita havia uma jovem agachada, encostada na parede, como se estivesse com medo da luz. Pela sua pele pálida via-se que aquela caverna já era sua morada há muito tempo. Vestia-se com trapos que já não podiam ser identificados de que material eram feitos ou se era um vestido ou não.

– *Vous n’etês pas Vésper...*

Não soube o que pensar... O que estaria ela falando mesmo? Tudo o que respondi, brilhantemente, foi:

– Eu... Eu não falo francês.

– Ah... É claro! – respondeu ela em um perfeito português e continuou agachada sem se importar em receber bem as visitas.

– O que você é? – perguntei.

– *Sum nihil... Nihil...*

Como falou em latim, eu entendi o que dissera. “Sou um nada...”. Seu tom irônico a fez parecer chateada, como se estivesse impaciente com alguma coisa, e não prestasse atenção com quem estava falando, além de ser depressivo.

O tempo todo desviava seus olhos da luz como se esta a machucasse. Foi então que reparei seus verdes olhos... Olhavam para o nada, não se fixavam em uma coisa, o que me fez iniciar a investigação da possibilidade de ela ser cega.

– Qual seu nome?

– Não tenho nome, nunca mais terei.

– Como assim?

Esperei dez segundos até que ela respondesse:

– Estou esperando, Vésper... – e voltou a vasculhar a escuridão com os olhos vazios e desesperados.

A jovem era bonita, até perfeita demais, o que a deixava com uma aparência élfica estranha, que somados aos assustadores olhos faziam desta cena uma coisa aterradora. Tinha cabelos negros já grisalhos, que não combinavam nada com sua jovem aparência, presos em uma confusa trança (eu pensei que pudesse não ser por causa da idade, talvez fosse falta de melanina ou da luz).

Ela tinha talvez a minha idade, dezesseis anos, mas possuía aquele traço etéreo como se sua vida já estivesse estendida por centenas de anos.

– Você é uma ninfa? – perguntei, puxando a conversa e sentando-me a sua frente. Ela me seguiu com os olhos, mas não “olhava” exatamente para mim: através de outros sentidos ela percebia minha presença.

– *Si... Yo soy una ninfa...*

– O que fazes na caverna?

– *I was runnnig away...*

– Por que você fala em várias línguas?

– È il mio regalo... E La mia maledizione. – a ninfa continuava a encarar o nada, respondendo automaticamente.

– Podes falar só em português, por favor?

– Non per molto tempo...

Fiquei em silêncio. Seria difícil falar com uma pessoa que a qualquer momento passa a falar em japonês, coreano, alemão...

– O que você sabe sobre Jáspis?

No momento em que eu pronunciei a palavra, houve nela uma mudança brusca. Sua cabeça, que estava encostada na parede, ergueu-se e encarou a luz pela primeira vez, depois ficou girando e olhando em volta, procurando alguma coisa.

– Quien dijo Jáspis?

– Eu.

Ela me fitou. Seus olhos haviam voltado ao normal, ela não parecia mais uma cega, apenas uma pessoa desesperada, que lembra um fato horrível e tenta me avisar:

– Achtung... Não procure, lungo! La pietra... A pedra verde... Jáspis... Mujhē patā hai yaha kyā hai, mujhē patā hai! Eu sei o que é... Eu sei!

A ninfa se levantou meio cambaleante e começou a andar de um lado ao outro na caverna. Estava difícil entendê-la, em uma mesma frase falava muitos idiomas, eu só entendia pedaços...

– Onde ela está? perguntei. Também me levantei.

– Eu... Eu não lembro... Espere, eu sei! Fica...

Neste instante, ela vacilou. Pensei que ela fosse desmaiar, corri para socorrê-la.

– Sente-se aqui. Você deve estar fraca.

– Gruta profunda... Queda-d'água... Neblina... Montanha atravessada pelo sol...

– Onde exatamente?

A jovem vacilou novamente como se lembrar-se de tudo isso lhe fosse extremamente exaustivo. Tive pena de “explorá-la” desta maneira, mas eu precisava dessas informações.

- Uma montanha, labirinto profundo...
- Há quanto tempo você está na caverna?
- *Moito tempo.*
- Você conhece o local? Você conhece Jáspis?

A ninfa não falou. Simplesmente balançou a cabeça confirmando, de modo tão melancólico, quase chorando, arrependida de tê-la encontrado, talvez. Em seguida, assustada, disse:

- *Don't go!* Não vá... Você vai se perder! Nada é o que parece!
- Se... Se perder? Ninfa, eu já estou perdida. Não sei onde estou, nem para onde vou.
- *Ne...* Você vai perder você.

Estava ficando cada vez mais difícil falar com ela deste jeito. Poucas frases eu entendia. E... Como me perder de mim mesma?

- *Zjin gave...* Seu dom... – ela continuou, com dificuldade, como se ela estivesse lutando consigo mesma para falar em português. – Descubra-o... Deixe seus amigos por perto. Nada é o que parece!

Novamente esse “nada é o que parece”. O que ela queria dizer? Era evidente que talvez ela não batesse bem da cabeça... Será que eu podia confiar nas coisas que ela dizia? Será que ela havia encontrado a tal pedra? Mas, então, o que a havia deixado neste estado? Então, ela disse:

- Minha árvore... Eu a deixei.
- Sua árvore? Você é uma dríade?!
- Não mais... Não mais...

Dizendo isso, seus olhos voltaram àquele primeiro estado e ela voltou a se refugiar nas sombras, encostada na parede, falando da tal “Vésper”.

- Quem é Vésper?

Ela não respondeu. Parecia nem me notar mais. Tentei mais algumas vezes reiniciar a conversar, fiz diversas perguntas sobre sua história, sobre a localização de Jáspis, sobre sua árvore... Ela nada dizia, nem olhava para mim, eu não existia para ela. Contudo, continuei fitando-a ao seu lado, até que da entrada da caverna, ouvi passos.

– Bom dia, Re... – a voz masculina vacilou ao perceber minha presença.

Com a pouca luz do buraco eu via a forma indistinta de um homem baixinho se aproximando. Apontando uma flecha para mim. Levantei-me rapidamente, indefesa. Minha mochila e meu arco jaziam no chão, longe de mim. A luz me iluminava e ele podia facilmente me acertar.

– Afaste-se dela! falou a voz masculina agressivamente.

– Não atire! falei.

E das sombras apareceu um homem muito estranho.

Era baixo, mas parrudo. Tinha pele morena, como de índio e cabelos vermelhos lisos e despenteados na altura dos ombros. Além de ser esquisito em si, o que vestia era mais inusitado ainda: tinha o peito nu e usava calças que lembravam bombachas gaúchas e no cinto tinha diversos penduricalhos (folhas secas, flores, raízes, tubérculos, ossos e outros objetos).

Nas costas possuía um cesto de palha, de onde retirava de um compartimento as flechas com penas vermelhas e no outro um quati me espiava.

Ele ficou durante algum tempo imóvel e depois se aproximou, sendo também banhado pela mesma luz que me iluminava, ficando a menos de cinquenta centímetros da minha face. Reparei seus olhos... Olhos amarelos.

– Dríade... Que fazes aqui? perguntou ele.

Sua voz era feroz e meio travessa, como uma criança que esconde alguma travessura. Via-se que ele não era humano e que conhecia dríades. Não respondi a sua pergunta. Em vez disso, retribuí-lhe com outra:

– Quem é você?

Como resposta ele se aproximou mais ainda e eu, assustada, dei um passo para trás. A criatura ficou totalmente iluminada pela luz, e então reparei seus pés: eram virados. Diante de tal imagem, não consegui conter o riso.

– Você... Você é o... Não pode ser!

Ele também riu. Tinha dentes brancos e um sorriso cínico e desdenhoso.

– É... A maioria fica impressionada comigo. Mas, ainda não respondeu a minha pergunta. O que faz nesta caverna? Por que estava falando com a *Regina*?

– *Regina*? É o nome dela... Ou...

– *Ea est reginae*. Ela é uma rainha das dríades. Como você. Ouvi falar de você. É Anita, não é?

– Sim, sou Anita. Mas, como ela... – fiquei surpresa e confusa ao receber esta notícia. Então, além de dríade, ela também era uma rainha? Sua árvore também era uma samaúma? Mas o que havia acontecido no passado para deixá-la deste jeito?

– O que você perguntou a ela?

– Perguntei quem era ela... Perguntei sobre... Jas...

Antes que eu terminasse de falar ele tapou minha boca com sua mão, tão repentinamente que não pude detê-lo. Ele ficou nervoso, olhando para ela, verificando se ela tinha ouvido ou não.

– Não fale mais esta palavra na frente dela! – retirando sua mão. Ela tinha cheiro de terra molhada e capim. – O que ela respondeu?

– Não muita coisa... Não entendi o que falava, ela falava em várias línguas... Disse que era seu dom e sua maldição... Ela já tinha visto Jáspis, mas deve ter acontecido alguma coisa para... Você também sabe sobre Jáspis?!

– Não, não sei... Quero saber o que é também. De vez em quando ela solta alguns comentários sobre isso, mas nunca explica direito... Entendi que é uma pedra verde que ela pro-

curava e encontrou, mas... Nunca fala o resto. Faz mais de cem anos que eu visito esta caverna e cuido dela... Também tento descobrir o que aconteceu... Por que você também procura Jás-pis? O que é isso?

Não sabia se eu deveria responder. Por algum motivo, eu sentia que não devia confiar nele. Disse:

– Também não sei ao certo, por isso Sama me enviou nesta busca.

– Sei... Ele continuou me encarando, e percebi que sabia que eu escondia algo. Seu olhar era intimidador, não suportava encará-lo. Ele definitivamente não me passava confiança.

Curupira – pelo menos o nome pelo qual eu o conhecia – pôs sua mochila no chão. O quati saiu e veio cheirar meus pés. Em seguida tirou algumas frutas, água em um estranho cantil e panos. Foi até “Regina” e começou a limpar seu rosto e braços, delicadamente. Regina parecia conhecê-lo, mas apenas sorriu ao vê-lo e retribuiu o “bom dia” de Curupira em uma língua indígena. Fora isso, não disse mais nada, continuou olhando para o nada. Por mais que eu tentasse evitar, eu sentia muita pena dela.

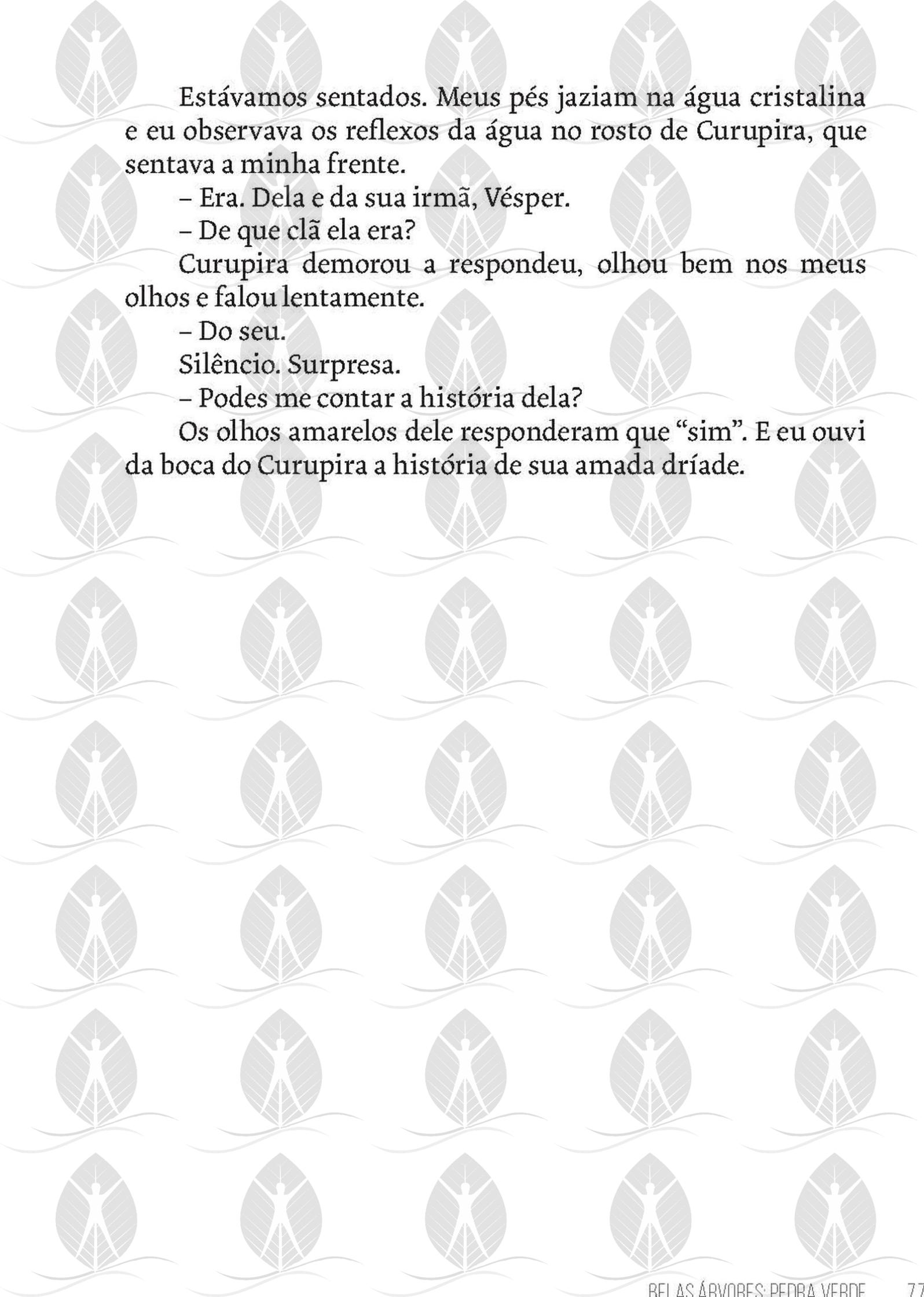
Ele tinha tanto cuidado com ela... Penteou seus cabelos, limpou seu rosto, lhe deu algumas frutas na boca, refez seu penteado... Olhava para ela com tanto... Afeto. Então, tudo ficou claro. Era evidente que gostava dela.

– Então... Há quanto tempo você a conhece?

– Há muito tempo... Ela não era assim. Esta busca por Jás-pis arruinou a vida dela.

Em outros tempos eu teria achado aquilo estranho, pois ambos aparentavam ter no máximo trinta anos, mas já adquiri experiência o suficiente para saber que dríades e outras criaturas do tipo não envelhecem como os humanos.

– A árvore dela era uma samaúma?



Estávamos sentados. Meus pés jaziam na água cristalina e eu observava os reflexos da água no rosto de Curupira, que sentava a minha frente.

– Era. Dela e da sua irmã, Vésper.

– De que clã ela era?

Curupira demorou a responder, olhou bem nos meus olhos e falou lentamente.

– Do seu.

Silêncio. Surpresa.

– Podes me contar a história dela?

Os olhos amarelos dele responderam que “sim”. E eu ouvi da boca do Curupira a história de sua amada dríade.

NOVE

*E faltavam-me, enfim, o Tempo e o Mundo.
Que segredo tão árduo e tão profundo:
Nascer pera viver, e pera a vida
Faltar-me quanto o mundo tem pera ela!
E não poder perdê-la,
Estando tantas vezes já perdida!*

Luís de Camões

Começou a chover forte no final da história e não tive opção: dormi na caverna com o Curupira e a dríade. Antes de adormecer, repassei a história da jovem estranha que dormia ao meu lado.

Projetei as cenas como imaginei que aconteceram.

Vi duas árvores germinando bem próximas, quase grudadas, as raízes se entrelaçando sob o solo: duas dríades de samaúma crescendo, uma chamada Merídiés e outra Vésper.

Há lacunas nesta trama que não consigo entender. Quando exatamente Merídiés e Vésper foram rainhas? Antes da minha mãe? As duas eram?

E a pergunta que não quer calar: por que Merídiés cavou a terra ao redor das raízes de sua árvore, arrancou-a, colocou-a nos ombros e seguiu viagem em busca de Jáspis?

Merídiés era jovem, sua árvore era pequena. Ela carregava a árvore nos ombros por dias e a enterrava novamente até recuperar-se. Depois a removia de novo e seguia viagem. É cla-

ro que não foi muito longe. E é claro que houve sequelas. Como a loucura, por exemplo.

Vésper tentou convencer a irmã do contrário. Não conseguindo, decidiu acompanhar a irmã na busca por Jáspis. Também arrancou a árvore e partiu.

Ela acompanhou a irmã, Merídiés, até certo ponto. Considerou loucura continuar sofrendo daquele jeito por algo que ela nem sabia exatamente o que era. Separou-se da irmã, mas não voltou ao clã de origem. Desde então, as duas nunca mais se viram. Não se sabe o paradeiro de Vésper.

Merídiés prosseguiu até o dia em que perdeu sua árvore. Literalmente.

Tendo que atravessar uma corredeira muito forte, quase se afogou, a árvore fugiu de seus ombros e foi descendo rio abaixo... Posso sentir o desespero dela. É como sua alma sendo levada pela correnteza.

É claro que ela foi atrás... Com certeza. Imagino-a nadando desesperadamente, tentando alcançar aquele vegetal que é sua vida.

Ela não o encontrou. O rio era longo, sinuoso, veloz. Deitou-se na margem esperando a morte chegar. Naturalmente, era isso que iria lhe acontecer com a morte de sua árvore. Era só uma questão de tempo, esperar o momento em que a árvore murchasse e o fio de sua vida fosse cortado.

Curupira a encontrou ali, pálida, tremendo de frio, tendo delírios.

A distância da árvore pode deixar uma dríade louca.

O dom de Merídiés tornou-se sua maldição: não conseguia mais falar em uma única língua. Esquecera quem era. Havia apenas um nome em sua mente: Vésper.

Demorou para o Curupira reconquistar a confiança dela. Ele a carregou nos braços até um local seguro e esperaram juntos seu fim.

Mas o fim não veio. Passou-se um ano, três anos, cinco anos. Chegaram à conclusão de que a árvore devia estar viva em algum lugar.

Curupira tentou convencê-la a procurá-la. Mas Merídiés recusou-se. Disse que já não era digna da árvore depois do que tentara fazer.

As próximas centenas de anos, ela passou dentro de cavernas. Curupira a visitava quando podia, ele tinha que viajar pelo Brasil, protegendo a natureza, o que significava anos sem vê-la. Quando a caverna corria o perigo de ser frequentada por humanos, ele a tirava de lá e encontrava outro esconderijo.

E assim foi até encontrar este aqui em que estamos. Às vezes a antiga parte dela se manifesta e ela relembra seu passado. Na maior parte do tempo – décadas e décadas – fica daquele jeito inicial em que a encontrei.

O que é Jáspis?! Por que Merídiés preferiu sacrificar sua árvore por essa “pedra”? Naquela época a floresta já precisava ser salva? Várias perguntas estão surgindo, estou confusa, é melhor eu não mais procurar Jáspis. É melhor...

O que é Jáspis? O que é Jáspis...

Pensar já era muito cansativo. Estendi a manta vegetal feita pelas dríades no chão da caverna e dormi instantaneamente.

Novamente sonhei. Se é que tudo isso era um sonho. Era como se eu fosse a árvore. Certo, eu já sabia que eu era uma árvore, mas desta vez, no meu sonho eu via a mata ao redor da minha árvore – como se eu estivesse em cima dela olhando para baixo e vendo tudo o que acontecia.

Era noite, mas não estava tão escuro, pois eu podia enxergar muitas coisas. Contudo, nada ocorria. A floresta estava estranhamente quieta. As árvores ao redor mal balançavam e ocasionalmente um animal pequeno aparecia no meu campo de visão, caçando algum alimento. Senti que se passaram horas naquela situação e fiquei cansada, pois embora dormisse, no sonho eu não fechei os olhos.

Até que, já no amanhecer, ouvi passos. Sama e meu pai surgiram conversando, vindo em direção a mim. Cochichavam e ambos tinham expressões preocupadas.

– Estou me sentindo culpada, Danilo. Não devia ter falado sobre Jáspis para ela.

Ele não disse nada. Sama continuou:

– Quando pensei em dizer a ela, eu... Pensei que ela não fosse aceitar, mas eu a subestimei. Sabe... Com tudo o que aconteceu ela estava muito confusa. Confusa no sentido de esquecer o porquê de tudo isso. Ela estava insegura e fazia tudo com o intuito de querer provar que era capaz, provar para os outros que ela conseguia, que... Mas, no fundo, era para ela mesma que ela queria provar. Ela não acredita nela mesma, no seu potencial, na amizade dos seus amigos... Isso pode estragar toda sua missão.

Os dois ficaram em silêncio, e Sama endireitou-se sentindo algo de estranho no ar.

– O que foi? – perguntou meu pai.

– Estranho... Sinto que Anita está aqui.

– É claro que ela está aqui... – falou meu pai, referindo-se à árvore.

– Não... É diferente. Eu sinto... – continuou ela aproximando-se da minha madeira. Eu a via tão nitidamente, em três dimensões, eu a sentia. Meus olhos encontravam os dela, mas os dela não encontravam os meus.

– Onde ela está agora, Sama?

– Segundo minha informante, Iara, Anita ainda não está muito longe. Está próxima à Hidrelétrica de Balbina.

– *Vésper! Vésper!*

Sai deste sonho e retornei à caverna. Merídiés novamente chorava suplicando por sua irmã. Curupira suspirou e não deu muita importância: já estava acostumado com essas crises. Eu não. Compadeci-me de seu estado e aproximei-me dela, tentando ajudá-la de algum modo.

– Onde está sua irmã? – perguntei. – Será que posso encontrá-la?

Merídies fitou-me com seus olhos fixos e sem vida.

– Não sei onde está. Está *pierto, pierto...* Mas não consigo...
Tocar.

– Se eu puder, eu a procurarei. E falarei de você, falarei de você a ela.

– Diga a ela... Diga a ela que me perdoe. Eu sinto muito.

E falando isso, voltou àquele estado primeiro, em que se esquecia do mundo e de si mesma. Curupira vendo que ela demoraria a retomar a consciência carregou-a, encostando-a na parede do jeito que ela costumava ficar. Virando-se para mim, disse:

– Já amanheceu e a chuva já passou.

– Estás me expulsando?

– Não, só estou lhe avisando que já podes partir.

Talvez nem fosse essa a intenção do Curupira, mas saiu um pouco grosseiro. Ele em si era rude, mas inusitadamente delicado com Merídies.

– Tá...

Recolhi minhas coisas. Antes de ir, ia despedir-me de Merídies, pensando em prometer encontrar a irmã para ela... Mal abri a boca, Curupira soltou:

– Não... Não prometa nada a ela. Não a encha de expectativas vãs.

– Mas, se eu encontrar a...

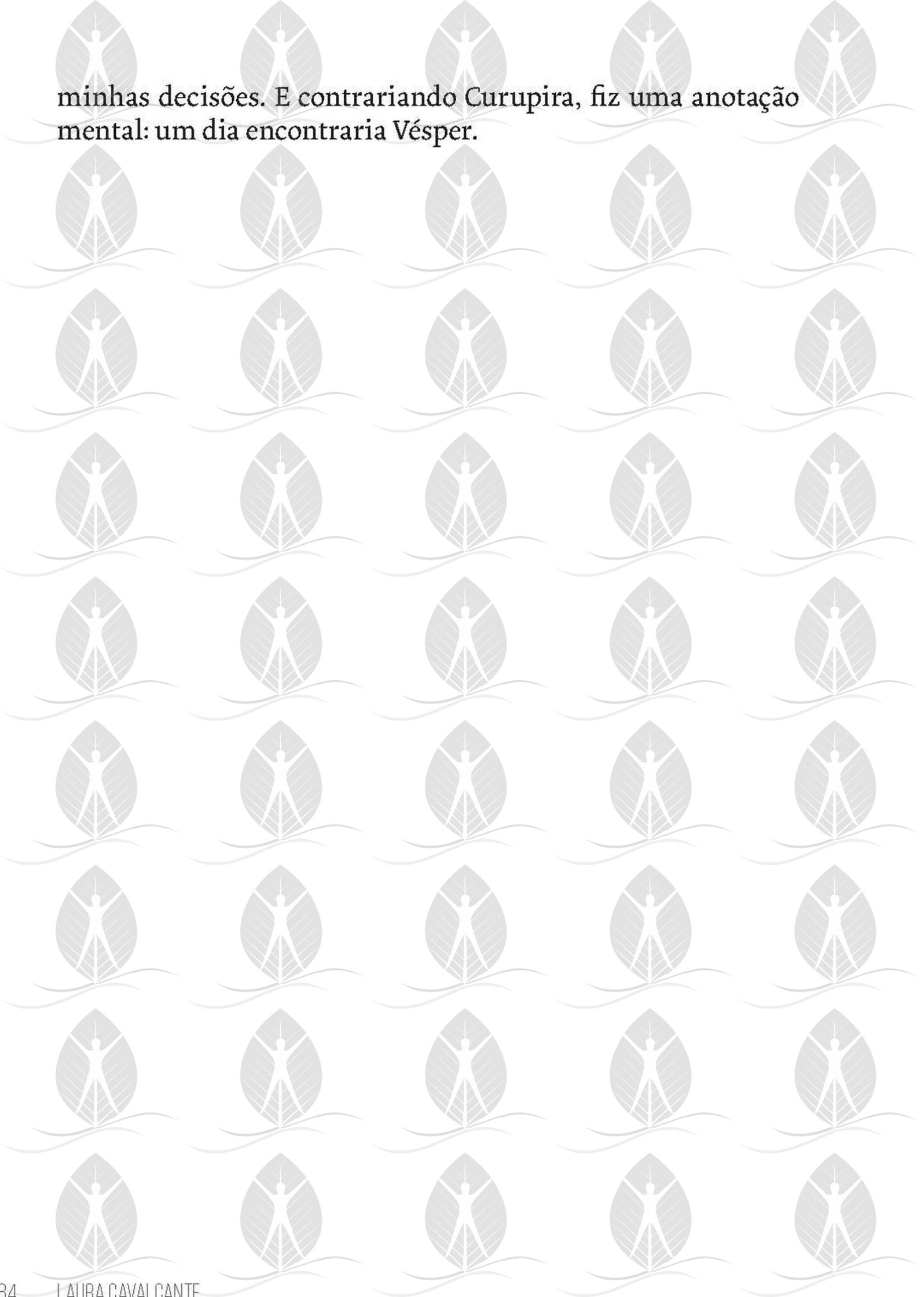
– Eu já procurei. Muitas vezes, durante muitos anos... E em todas eu retornei sem o prometido. E ela foi perdendo mais ainda a consciência, a vida...

Definitivamente, não soube o que dizer. Apenas girei os calcanhares e fui para a saída da caverna.

– Até mais, *puella*.

Ouvi Curupira dizer, mas já estava distante para que respondesse. A partir daquele momento, durante toda a viagem, tracei paralelos entre a minha vida e a dela, repensando em

minhas decisões. E contrariando Curupira, fiz uma anotação mental: um dia encontraria Vésper.



DEZ

*Basta-me um pequeno gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve...*

Cecília Meireles

Após este estranho encontro, eu andei distraída pela mata, perdida em meus pensamentos e conclusões. Tão distraída que só me dei conta disso ao esbarrar em uma coluna de grossos pelos próximos a uma árvore. Olhei para o alto e cambaleei caindo sentada do susto que tomei. Meu coração foi acelerado a mil por segundo ao constatar que eu havia esbarrado em uma criatura de três metros de comprimento.

O monstro estava erguido sobre as patas traseiras e era marrom-acinzentado, exceto ao redor dos olhos e da barriga onde uma grande mancha preta com um risco branco na horizontal sugava o olhar de quem o visse.

Parecia um urso. Também parecia outra criatura, mais familiar: sua cara abobalhada tinha manchas ao redor dos olhos e no pescoço, o que lembrava uma preguiça.

Espera aí! As preguiças gigantes não estão extintas?! Bem, pelo visto, não, pois a criatura até então imóvel, por estar assustada também, começou a se mexer.

Eu havia interrompido o almoço vegetariano do Mapinguari, já que sua boca ficou aberta com a comida lá dentro, enquanto ele olhava para mim, com uma cara muito idiota. Só

não ri dele porque tinha três metros, mais de 500 quilos e garras com mais de vinte centímetros.

Travesso tremia como nunca e escondia-se embaixo dos meus cabelos. Levantei-me, prevendo que a qualquer momento o bicho faria um movimento brusco e cautelosamente comecei a me afastar.

De repente, ele tirou suas garras do tronco da árvore e desabou no chão. O tremor e o barulho que isso causou confirmaram minha suspeita do seu megapeso.

Aquela sua cara parecia fitar não a mim, mas algo atrás de mim.

– Ah, não! Não! Deixe Travesso em paz!

E ele começou a avançar. E eu a recuar. Ficamos nesta brincadeira durante um minuto, até que a preguiça gigante pareceu cansar-se disso e pôs-se a correr.

Eu era rápida, mas ele também era. Eu tinha um arco, flechas, uma mochila nas costas e um macaco. Ele tinha... Ele mesmo.

O animal “supostamente extinto” estava determinado a jantar meu macaco-de-cheiro, mas eu não podia permitir isso e nem pôr em risco minha própria vida (se é que ele queria comer só o macaco). Mas preguiças gigantes não são herbívoras?!

Continuei a correr pela mata, desviando-me dos troncos de árvore caídos, dos buracos, ultrapassando todos os obstáculos à frente, para fugir do bicho. Meu diafragma começou a doer e o fôlego faltava, minhas pernas já cansadas haviam batido em um tronco e estavam arranhadas, fazendo com que ardessem quando o ar deslocado batia nelas.

Travesso se pendurava em mim e gritava no meu ouvido avisando-me para ir mais rápido. O suor nos meus pés fazia-os escorregar da sandália que Lara me dera. A preguiça se aproximava, eu sentia sua respiração em minhas pernas e seus ruídos bem atrás de mim.

Tentei mover plantas que atrapalhassem a trajetória da criatura, mas a não ser que eu colocasse no caminho dele uma sequoia, as tentativas seriam inúteis.

O arco! pensei. Peguei o arco e uma flecha nas minhas costas e tentei montá-lo enquanto corria. Não pense que era fácil. Quando consegui, tive que correr olhando para trás, tentando mirar o monstro e ao mesmo tempo caminhar na floresta.

Então algo puxou minha perna e senti rasgar minha pele. Caí no chão, de bruços, mas rapidamente me virei com as costas para o chão para encarar a criatura. Mas onde estava Travesso?

Havia caído e tentava fugir da preguiça. O animal levantou-se novamente nas patas traseiras e sua mancha negra na barriga surgiu, e como muitas pessoas acreditavam, esta mancha confundiu-se com uma boca maquiavélica que traga tudo e estava prestes a engolir o Travesso.

Como gostaria de ter fechado os olhos neste momento, pois soube o que teria acontecido em seguida. Mas não os fechei.

Talvez porque ainda tivesse uma leve esperança de salvá-lo ou talvez estivesse apressando uma vingança, o fato é que ergui meu arco ali mesmo, semideitada, e mirei-o na boca aberta da besta.

– Não!!!

Ouvi este grito masculino vindo de algum lugar por perto e antes de largar o que estava fazendo notei um rapaz atrás da preguiça, erguendo os braços, tentando impedir... Que eu atirasse?

Seu grito veio tarde demais, meus dedos afrouxaram e a flecha com uma folha verde na ponta dardejou no ar e parou na língua do Mapinguari.

Ele soltou um ruído sofrido, aterrissou no chão, com uma das patas esmagando Travesso e cambaleou para trás. Mas não morreria.

Apenas tentou tirar a flecha da boca ensanguentada com as patas e não conseguindo, fugiu para outro lugar, sofregamente.

Ainda deitada no solo da mata, com as copas das árvores acima de mim, Travesso jazia no chão, imóvel. Arrastei-me até ele, com a perna ensanguentada e uma mochila nas costas, deixando meu arco de lado.

Travesso era um macaco tão pequeno, cabia na minha mão. Seus olhos estavam abertos e imóveis olhando para o alto. Sua pata e seu rabo estavam esmagados. Todo seu corpo estava numa posição estranha e improvável. Nesta posição ninguém sobreviveria. Travesso morreria.

– O que você fez?! – gritou o rapaz, aproximando-se de mim. – Você... Você quase o matou! Eu passo anos atrás dele e quando eu o encontro, você o espanta! Arruinou meu trabalho de anos de pesquisa! Ele está ferido seriamente! Como ele irá se alimentar e...?

Suas palavras entravam por um ouvido e saíam por outro. Nem o notei ou me virei para revidar. Tudo o que pude fazer foi ficar olhando para o Travesso, não acreditando no que acabava de acontecer ao seu corpinho peludo.

– O que é um espécime comum comparado a uma criatura que todos pensavam estar instinto? Você quase matou aquele *Megatherium* por causa deste macaquinho!

Levantei minha face e o encarei ferozmente. Ainda estava descontrolada com a excepcionalidade da conjuntura.

– Macaquinho?! Como ousa dizer qual criatura é mais importante que as outras?

Tentei me levantar, mas a dor na perna direita era forte e emiti um ruído de dor.

– Ele quase nos matava! Sorte tua que eu não estou conseguindo levantar! Senão faria engolir tudo o que disse! Como ousas falar que ele era só um *macaquinho*? Travesso era minha única companhia aqui...

Lágrimas começaram a sair. Não consegui me controlar e comecei a soluçar alto. Que vergonha!

Não era apenas a morte do Travesso... Era tudo o que até então havia me ocorrido, cujo estopim fora o ataque da preguiça gigante. As doses extremas de adrenalina devem estar fazendo isso comigo.

A sombra do rapaz me cobria e vendo que ele me observava, cobri a face com as mãos. Senti que ele se agachou na minha frente e olhava para Travesso.

Descobrindo o rosto e limpando as faces, tentei encará-lo e disse:

– Desculpe-me por ter feito este escândalo. É que tanta coisa aconteceu... Desculpe-me por ter ferido a...

– Não. Não se desculpe. Eu que fui rude com você. Não sabia que o... Travesso... Era tão importante para você.

Tentei agradecer com um sorriso, mas ele não combinou com minha cara vermelha e inchada. O rapaz desviou o olhar e baixou a cabeça, sustentando-a com a mão na testa, preocupado.

Minha raiva dele passou e percebi que ele estava tão desamparado quanto eu.

– Tu estudas aquela criatura?

O rapaz levantou a cabeça, mas sem me olhar, suspirou amargamente e retrucou:

– Eu sou tipo um... Pesquisador e... Eu o procurava porque... Longa história. – ele respondeu meio chateado e impaciente. – E você? O que faz aqui? *O que você é?*

Devolvi-lhe na mesma moeda.

– Também é uma longa história.

O rapaz sorriu. Um belo sorriso, afinal.

– Heitor. É meu nome.

– Anita.

– Anita...

Silêncio. Ele notou minha perna ensanguentada.

– Me deixe ver sua perna.

Estendi-lhe com muita dificuldade e ele a analisou seriamente, como se fosse um médico.

– És um médico, também?

– Não... Mas acho que tenho certa experiência em ferimentos feitos por animais. – disse-me mostrando sua mão direita, onde uma cicatriz a atravessava. – Espere aqui. Minha mochila caiu em algum lugar...

Heitor embrenhou-se na floresta.

Era hora de deixá-lo, enquanto estava longe. Parte da minha consciência me aconselhava isso. Fugir. Evitar humanos. O que ele pensara de mim? Eu usava aquela roupa de casca de árvore, tinha flechas com folhas *sempre* verdes crescendo na ponta, sandálias de escamas de peixe... E eu estava horrível depois de tudo que acontecera...

Mas eu tinha que enterrar Travesso. Não podia deixá-lo ali. E a ideia de carregar seu corpo por muito tempo, para enterrá-lo em outro lugar, não era agradável. Parecia que se eu tentasse erguê-lo, ele desmanchar-se-ia.

Tarde demais, Heitor retornou. Tão rápido assim? Ele fora correndo? Trazia nas costas uma mochila abarrotada de coisas e penduricalhos. Retirou de dentro pequenas vasilhas e escolhendo uma delas, pegou uma suabe, e adquiriu da minha perna uma amostra do meu sangue guardando em um lugar especial para isso.

– Por que estás tirando uma amostra do meu sangue?

– Acontece que aqui pode não ter só o seu sangue. Talvez contenha alguma informação sobre o animal que a feriu.

Rasgando um pedaço de pano de uma blusa limpa, ele a molhou com um pouco da água que tinha para beber e antes que encostasse na minha perna, sua mão parou no ar.

– O que foi? – ele olhava alguma coisa na minha pele, como se houvesse algo errado.

Quando também me aproximei para observar, meu sangue já tinha endurecido em algumas partes e estava mais claro do que deveria ser. Na verdade, estava adquirindo um tom amarelado.

Era seiva. Meu sangue ao secar se transformava em seiva. *Agora sim* ele chegaria à conclusão de que havia algo de diferente em mim.

Ah, tudo bem, não se preocupe. É seiva. Eu sou uma dríade!

– Não vais limpar logo? Está doendo! – fiz um pequeno teatrinho.

Heitor continuou muito confuso, mas limpou o ferimento. Disse-me que em um hospital eu levaria alguns pontos talvez. Mas ali onde estávamos ele não poderia fazer isso e nem precisava muito. A preguiça saíra mais machucada que eu.

Amarrou – muito apertado, por sinal – um tecido, alegando que deveria ser assim para impedir o vazamento do sangue. Após o curativo estar feito, pude me levantar e olhando o terreno, escolhi um espaço entre duas raízes e comecei a cavá-lo com minhas próprias mãos.

– Posso ajudá-la?

Heitor sentou-se ao meu lado e entendendo o que eu queria fazer, segurando um rijo graveto ajudou-me a cavar um pequeno buraco onde coloquei Travesso.

Amarrei alguns galhos com cipós, fazendo uma sepultura para Travesso e finquei na terra.

– Você é muito hábil com as mãos.

– Eu? Não... Não está como deveria ser, mas...

Fiz uma oração, caso houvesse Céu para os animais e comecei a juntar minhas coisas. Enquanto colocava tudo nas costas, pensava em como me despediria daquele rapaz.

ONZE

*Será que é prudente
avisar a água
que desce a montanha
e junta-se a outras,
vertentes da mata,
que há grande perigo
no jeito inocente
de andar sempre em frente?*

Alcides Werck

Preciso continuar a viagem. Foi o que disse a ele. Mas era mais para mim do que para Heitor. Eu precisava me convencer a prosseguir.

– Para onde você vai?

Também gostaria de saber a resposta.

– Ah... Para... Direção norte, acho. Não sei onde exatamente, só sei que é próximo ao Monte Roraima.

– Você também não sabe para onde ir? Também estou sem rumo...

Heitor me olhava de maneira estranha, como se eu fosse um de seus animais a serem catalogados e estudados.

– Posso ir com você? ele perguntou.

Fiquei sem palavras. Ele não poderia me seguir o tempo todo, descobrindo que sou dríade, que existem dríades na floresta! Aquele seu olhar me assustava, eu nem o conhecia!

Mas, ao mesmo tempo... Eu desejava muito uma companhia. Não queria continuar a viagem sozinha. Fiquei surpresa comigo ao ouvir dos meus lábios:

– Pode...

Disse a mim mesma que ele me acompanharia só até certo ponto, sem comprometer os meus mistérios. Depois eu me afastaria dele.

Ele sorriu e iniciamos a caminhada.

No início ficamos calados, um pouco acanhados com a presença um do outro ouvindo apenas o arrastar de nossos pés no solo coberto de folhas e gravetos e o canto da mata. Às vezes, andávamos lado a lado, outras vezes eu o ultrapassava, ou ficava para trás.

Sentia que Heitor me observava, analisava meus passos, minha postura, parecia notar que havia algo diferente em mim. Incomodada com aquilo, resolvi quebrar o silêncio e fiz-lhe a primeira pergunta que me veio à mente:

– Onde arranjou esta cicatriz?

– O quê?

– A cicatriz da sua mão...

– Ah, sim! Foi... Foi uma cobra, aos doze anos de idade. Meu pai e eu estávamos na floresta e vi uma entre as folhagens. Como toda criança, fui descuidada e fiquei curioso para saber como ela era. Quando meu pai se virou, me viu lutando com uma cobra de um metro enrolada no braço! Eu não derramei uma lágrima, não chorei, não gritei... No final, meu pai e outros homens que estavam com ele conseguiram tirá-la. Por sorte ela não era venenosa, pelo menos não o suficiente. Mas ele só contou a verdade para mamãe uns seis anos depois. Antes havia dito que fora uma madeira, em que eu havia tropeçado.

“Tá, Hércules”. pensei, mas não ousei dizer. Enquanto Heitor falava, senti uma sinceridade natural e fluida em sua voz, ao mesmo tempo certo orgulho de si, de sua bravura.

Quando falava fazia gestos com as mãos, tentando imitar a cena, inclinava a cabeça, sorria com o canto da boca, fazia uma série de gestos que atraía o olhar do ouvinte e tornava a conversa agradável. Percebi que eu o olhava com muita atenção e que por algum motivo olhando para ele, senti saudades de Bruno.

Talvez porque sentisse saudades de uma conversa jovem, uma companhia humana. Em seguida, descobri a primeira característica de Heitor: ele gostava de falar.

A história das cicatrizes não parou por aí, disse-me que tinha mais umas oito cicatrizes pelo corpo e começou a contar a história de cada uma delas, com todos os detalhes. Chegava até a interpretar a cena, imitando os animais que o haviam atacado. Foi divertido, eu ri bastante, e durou tempo suficiente para uma longa caminhada. Tanto que eu já estava me cansando de toda aquela conversa.

– Esta aqui... – mostrando uma na perna. – Eu estava no meio do Cerrado, foi uma loba-guará... Esta aqui eu estava no alto Solimões quando... Certa vez viajando de barco, quase amputei minha perna na hélice... Na região do Purus eu encontrei a maior tartaruga que já vi...

De repente, Heitor parou instantaneamente de falar e andar, fazendo sinal para que eu também parasse. Conversamos num sussurro.

– O que foi?

– Não faça barulho.

– Por quê?

– Tem jacus aqui. Sentiram nossa presença. Eles são muito territorialistas...

Esforcei o ouvido para identificar os sons e, de fato, havia duas aves, em locais diferentes, comunicando entre si nossa invasão barulhenta. Mas eu não conhecia os jacus, perguntei a Heitor como eles eram.

– Parecem abutres, são negros e de cabeça vermelha. São bem grandes, vivem nos galhos das árvores e... Abaixa!

Só vi um vulto negro vindo em minha direção. Instintivamente me abaixei e Heitor me cobriu com seus braços protegendo minha cabeça e costas. O pássaro nos atacara descendo em rasante e pousara em outro galho no alto, preparando-se para nos atacar de novo. Heitor ainda me protegia. Ele murmurou em meu ouvido:

– Vai nos atacar de novo. Temos que ir embora.

Erguendo-me outra vez, eu encarei o pássaro, seus olhos negros e cruéis também fixos nos meus. Por que os animais me encaram? Então, o pássaro começou a se alternar nas patas e a abrir suas asas negras e imponentes, cuja envergadura impressionava. E levantou voo.

Abaixamo-nos e nada aconteceu. Esperamos algum tempo, curvados, protegidos, porém já nem se ouvia o som da ave. Ela fora embora, voltando ao ninho.

Ficamos parados antes de seguir em frente, e Heitor não dissera uma palavra desde então, parecia estar decifrando um dilema.

– Algum problema?

– Ele agiu de maneira estranha... Por que não nos atacou de novo? Por que foi embora assim tão rapidamente?

– Não sei.

Todavia, na minha mente eu sabia o que acontecera. Ao encarar aqueles negros olhos, desejei que fossem embora. E pelo visto o pássaro compreendeu.

– Acho melhor descansarmos, pararmos por aqui e continuarmos amanhã.

Concordei sem dar uma palavra, o suor escorria pelo meu rosto. Achamos uma pequena clareira, às margens de um igarapé e descansei no chão, bebendo água de um tipo de cantil que as dríades fizeram para mim. Um capitão-da-mata assobiava ocasionalmente.

Heitor, pelo que pude notar, observava discretamente o estranho objeto, mas não comentou nada a respeito.

– E você? Qual sua história? Não falou quase nada.

– Se tivesses me deixado eu teria falado.

Heitor sorriu e esperou que eu dissesse mais alguma coisa. Como não disse, tratou de começar a montar sua barraca.

– Já visitaste os Tepuis? – perguntei, na esperança de que ele, talvez, me informasse sobre o caminho.

– Não. – respondia sem se desconcentrar na barraca. – Na verdade, uma vez, eu e alguns amigos organizamos uma viagem até lá, mas um dos integrantes do grupo perdeu o pai, então... Só nos restou cancelarmos a viagem.

Lembrei-me de que também devia montar minha barraca, improvisada com galhos e folhas. Na verdade, eu só a fazia em dias de chuva e como eu não achasse que hoje fosse chover, decidi, naquela manhã, não fazer. Mas para parecer normal aos olhos de Heitor, eu a faria. Todavia quando eu já me afastava em busca do material, Heitor continuou a falar e eu parei para escutá-lo, às vezes ele parecia uma enciclopédia aberta.

– Tepuis é o nome indígena para o conjunto de montanhas ao norte da América do Sul, entre os Estados do Amazonas e de Roraima, e os países Venezuela e as Guianas... São montanhas muito antigas, cujos cumes são planos, o que as deixa com um formato parecido com uma mesa. Algumas chegam há mais de dois mil metros. O que chamou minha atenção como biólogo é o fato de a região possuir flora e fauna endêmicas. Distantes da planície úmida e quente do resto da Amazônia, as espécies se tornaram mais exóticas ainda...

Heitor falava tudo isso enquanto arrumava sua barraca, que, aliás, já estava quase pronta. Era engraçado quando ele falava assim.

– Há pedras verdes? – o interrompi. Heitor parou o que estava fazendo e virou-se para mim.

– Como assim? Pedras preciosas verdes? Não sei.

– Não, uma pedra... Esqueça. Continue.

Ele terminara de montar a barraca e sentou-se em um tronco caído, tomando um pouco de água. A luz estava diminuindo. O suor no rosto e pescoço de Heitor realçava suas formas.

– Uma lenda diz que naquela região não havia nenhuma elevação, era tudo uma grande planície fértil habitada por nativos. Mas, no meio do lugar, havia uma bela e gigantesca árvore, que dava maravilhosos frutos... Era uma árvore considerada sagrada, pois era a preferida dos deuses. Então, não contentes com o que já tinham, os homens cortaram a árvore... Para obter os frutos. Os deuses ficaram tão furiosos, tão zangados que a terra se partiu e as elevações surgiram. Os humanos morreram ou foram embora da região imprópria para habitação. Para explicar as muitas quedas-d'água, eles dizem que os montes choram pela morte da árvore até hoje... Interessante, né?

Não respondi a sua pergunta. Fiquei absorta em meus pensamentos. Uma bela árvore... Ter sido cortada... Fez surgir os montes? Com certeza grande parte era só lenda, mas o fato de envolver a morte de uma árvore com certeza tinha alguma coisa a ver conosco, dríades. Uma árvore foi a razão... O centro... O coração dos montes... A bússola! E se o pedaço de vegetal que estivesse lá dentro fosse da tal árvore sagrada? Não. Pode ser de qualquer outra planta...

– Anita? – Heitor novamente me observava. Eu tinha o olhar vago e distante.

– Oi?

– Você trouxe sua barraca? Quer que eu ajude a montá-la?

– Heitor indicava a minha mochila no chão.

– Barraca?

– Sim. Onde você vai dormir...

– É mesmo... Eu me esqueci. Tenho que fazê-la.

DOZE

*Dizem todos, Leonor,
que nasce o amor das estrelas...*

Lope de Vega

– Não precisavas ter me ajudado.

– Que tipo de cara você acha que eu sou? Por acaso eu ia ficar olhando você fazer todo esse esforço, sem fazer nada?

Eu disse a Heitor que havia perdido a minha havia duas semanas e que por isso eu tinha que improvisar um local com o que tinha na mata.

– Mas eu não o ajudei a montar a sua. Por que deverias me ajudar?

– Cavalheirismo, talvez. Solidariedade...

– Não precisei de ajuda para fazê-la das outras vezes...

– Mas agora que você está comigo as coisas vão ser diferentes.

O modo como ele se referiu a nós dois, o tom de voz que usou, fez parecer que havia uma expectativa ali e o fitei, tentando identificar alguma coisa. Ao mesmo, eu não gostara nenhum pouco daquilo. Era como se ele dissesse que daqui para frente, as coisas seriam do jeito *dele*.

Veja bem, eu vivo em meio a dríades, apenas *mulheres*, somos uma sociedade matriarcal e eu era a rainha delas, tinha todos os direitos, confortos, todos me escutavam e eu era importante para elas. Por que agora eu deveria fazer o que um ra-

paz que eu nem conheço me diz para fazer?! Entretanto, deixei passar e para mudar de assunto, fiz-lhe outra pergunta:

– Quantos anos tu tens?

– Ah! Isso eu não conto! – brincou ele. Mas em seguida, continuou:

– Vinte e dois.

– E já és formado?

– Entrei na faculdade cedo. Sempre fui muito apressado, sabe? Eu desde cedo já sabia o que eu queria ser. Estudei muito, nem precisei concluir o Ensino Médio... Passei num vestibular em outra cidade e fui embora... Morei sozinho nesta cidade até conhecer um grupo de amigos. Eu sempre fui muito independente...

Novamente havia um orgulho, uma autoconfiança demasiada em sua voz, que começava a me irritar.

– Minha mãe queria que eu fizesse Direito, como ela... Mas, não tinha nada a ver comigo. Ela ficou muito chateada quando soube que eu estudei muito para seguir a carreira do meu pai...

Heitor parou de falar sobre sua vida. Como se falar do seu pai lhe fosse dolorido. Em seguida, bombardeou-me com perguntas.

– Quantos anos *você* tem e o que está fazendo no meio do mato *há milhas e milhas de qualquer terra habitada*?

Ele gostava de Exupéry, pelo visto.

– Tenho dezoito, faço dezenove em julho... E estou em busca de uma coisa.

Sentávamos dentro da barraca que havíamos acabado de montar, protegendo-nos da suave chuva que caía, olhando para o igarapé salpicado pelas gotas, descansando do esforço que fizemos.

– Que coisa?

– Não posso contar.

– Hum... Que menina misteriosa! Façamos o seguinte, Anita: você não me faz perguntas sobre o quê, por que ou como vim parar aqui e eu não as faço para você. Combinado?

– Bem, vê-se que isso é útil para nós dois... Fechado.

Estendi-lhe minha mão e ele a apertou. Sua mão tinha uma pele áspera. Heitor fixou seus negros olhos em meu rosto. Tanto que fiquei incomodada com aquilo.

– *Quê* foi?

– Você usa lente?

Ah, não! Meus olhos! Eles mudam de cor dependendo do meu humor ou como está a saúde da minha árvore. Heitor percebeu isso. Por que eu não tinha ficado invisível para ele não me ver naquele momento?! Inteligente e observador do jeito que era, era bem capaz de descobrir.

– Por quê? Tem algo de errado?

– Eles estão verdes... Na primeira vez que os vi eram... Mais amarelos.

– Impressão sua. Era o sol apenas...

Heitor se calou, mas continuou desconfiado. Algum tempo depois ele mudou de assunto:

– Você é sempre assim *tão ecológica*? Sua mochila, sua sandália... É tudo feito de materiais naturais. Onde você comprou isso? Você não é indígena, com certeza. De onde vem esse arco?! Você é muito estranha.

– O sujo falando do mal lavado! Quem é que estava perseguindo uma preguiça gigante?

Heitor e eu rimos. Continuei:

– Disseste que não faríamos perguntas deste tipo um ao outro.

Em seguida pensei que havia soado muito grosseiro, como quem quer cortar subitamente uma conversa. E então ele, depois de algum tempo calado, subitamente soltou:

– Você vai dormir na minha barraca. Eu durmo do lado de fora... Enquanto isso, eu vou recolher madeira seca para fazer o fogo.

– O quê? Não... Não precisa, Heitor. A barraca é sua...

Mas ele já tinha se afastado propositalmente para que não ouvisse minhas negações, deixando-me sozinha. É claro que ele queria demonstrar seu “cavalheirismo”, mas não me senti à vontade com sua proposta. Eu mal o conhecia.

Além disso, já estava acostumada a não dormir em barracas ou ter ajuda de instrumentos humanos.

– Olá. – disse uma voz feminina.

Meu coração pulou antes de reconhecer que a voz vinha da água, mais especificamente de uma mulher na água, com negros cabelos.

– Iara! Tu me assustaste de novo... Não estou sozinha... Esconda-se. – sussurrei para ela, olhando ao redor, mas Heitor não parecia estar por perto.

– Eu sei disso. Eu o vi. Quem é ele? É tão bonito! Onde o encontrou?

– Shhiii! Nem imagina... – continuei sussurrando. – Fui perseguida por uma preguiça gigante que matou o Travesso e...

– Travesso morreu? Sinto muito, Anita.

Iara tentava sussurrar, mas naturalmente não conseguia. Quando o fazia parecia aquelas senhoras que conversam em tom de fofoca.

– E... Ele estava atrás da preguiça...

– Ah! É um caçador?

– Não, não... Ele só estava estudando, fazendo uma pesquisa. Na verdade, ele protestou quando atirei uma flecha na criatura, tentando defender Travesso! Antes que eu pudesse me tornar invisível, em meio a toda aquela confusão ele me viu. Não pude fazer nada... Agora estamos caminhando juntos, sem rumo... Ele está me fazendo companhia. Acho que é para compensar a perda de Travesso...

Iara me fitava, decidindo alguma coisa. Concluí que ela iria informar isso a Sama.

– Com certeza tu vais contar isto a Sama, não é?

– Como sabes? – perguntou Iara, surpresa.

– Sabendo... Não me pergunte como, nem eu sei.

– Prometi a ela que cuidaria de ti. Sentia que tu te aproximavas do igarapé e dei uma passadinha aqui. Não vais ficar com raiva de mim, vai?

– Não, é só que...

Ouvimos o barulho de passos e antes que fingíssemos que nada estava acontecendo, Heitor apareceu, segurando galhos nos braços. Ele me olhou e olhou ao redor e olhou para onde Iara estava. Ficamos imóveis.

– Você estava falando sozinha?

Ele não vira Iara, apesar de ela estar bem à sua frente. Ela havia se tornando invisível.

– Eu estava cantando.

– Sério? Nem parecia.

– Desculpe, se não canto bem.

Iara beliscou meu joelho, avisando em gestos que já ia embora. Tentei discretamente acenar-lhe um “não”. Mas Heitor percebeu.

– Por que você fez “não”?

– Eu? Era um mosquito que estava me aperreando. Já tem madeira o suficiente?

– Acho que não...

– Deixa que eu pego o resto.

Afastei-me floresta adentro, mas após estar fora de sua vista, desviei do caminho e retornei para a margem, mais distante de onde ele estava e onde não pudesse nos ver.

Um tronco caído atravessava o igarapé. Sentei-me nele e chamei Iara, baixinho. Vi sua sombra rosada na água negra, vindo em minha direção. Seu busto nu emergiu e continuamos a conversar.

– Iara, tu conheces a dríade Merídiés?

– Conheço. Por isso a mandei para lá. Ela disse onde está Jáspis?

– Não exatamente. Ela não estava falando coisa com coisa... Mas o que disse confirma a pista de Sama... Ela disse para eu não procurá-lo, que ela se arrependeu e que nada era o que parecia ser... Que eu me perderia de mim mesma...

Ficamos em silêncio tentando chegar a uma conclusão. Iara o interrompeu:

– É realmente muito estranho... Mas vem cá... Soube que fizeste a maior confusão lá perto da prisão, libertando os animais...

– Prisão?

– Sim! Aquela tal de hidrelétrica é uma prisão. Ai! Tive tanta raiva quando construíram aquilo! Mas, bate aqui! – estendendo as mãos para que eu as batesse. – Estás ficando uma das minhas. Gostei de ver. Adoro!

Iara era legal. Eu gostava de conversar com ela. Apesar de ser um pouco exagerada.

– Tenho que ir, Iara. Até mais. Heitor vai notar.

– Ah, sim. Vá... – havia um tom de insinuação em sua voz.

– Até logo.

E mergulhou como um pirarucu, sumindo em seguida.

Despejei a madeira que coletei no mesmo monte de Heitor. Já saía um pouco de fumaça do fogo que ele preparava e a luminosidade diminuía.

– Você demorou.

– Estava passeando na floresta.

– Só tenha cuidado com o lobo, Chapeuzinho Vermelho.

Começava a perceber que não seria fácil passar o dia todo com Heitor. Havia coisas nele que me incomodavam... Talvez nem fosse ele, mas o meu cansaço que me deixava irritada com qualquer coisa.

– Você é sempre tão irônico e brincalhão?

– Não. Só quando tenho com quem brincar. Ao contrário de você, que se diverte sozinha.

– Ora, por favor, será que agora eu não posso cantar?

– Pode. Mas você sabe que eu sei que não está falando a verdade. Está escondendo algo de mim.

– Sim! Estou escondendo algo de ti. Algo que não é da sua conta! E não vou dormir na sua barraca!

– Mas é perigoso aqui fora.

– Por favor! Eu me virei sozinha este tempo todo só com um “macaquinho”, por que acha que agora eu precisaria de sua ajuda? Posso viver muito bem sozinha, sem precisar da ajuda de ninguém!

– Você é sempre tão orgulhosa?

– Não sou orgulhosa. Olha quem fala!

– Não... Nem um pouco.

– Não me conheces.

– Não, não conheço. Por isso, estou cauteloso ao dormir com uma doida que fala sozinha!

– O quê! Seu... – avancei para Heitor, com *muita* raiva dele. Mas antes que realizasse o que imaginei em minha mente – bater nele, pois eu já tinha passado tanto tempo com as dríades que acho que estava aprendendo a reagir como elas. – me detive e suspirei profundamente, fechei os olhos e tentei me conter.

Se eu ficasse mais alterada mudanças aconteceriam em mim, denunciando minha natureza dríade – como plantas crescendo por todos os lados. Será que ele fizera isso de propósito?

– Você quer me irritar de propósito?

– Não. Só queria ser gentil com você... Mas se você não aceita as minhas gentilezas, tudo bem!

Heitor se virou e recomeçou a trabalhar no fogo, com uma carinha tão triste e ofendida que me desarmou.

– Desculpe... É que aconteceram tantas coisas hoje que... Minha cabeça parece que vai explodir.

Sentei-me no pouco de areia que tinha na margem, mas em seguida lembrei algo muito importante:

– O que vamos comer?

Heitor não me respondeu. Nem levantou a cabeça. Ainda estava magoado comigo. Levantei-me e fui para outro lugar na margem, longe dele.

Quando voltei, o fogo estava alto e estava bem mais escuro. Heitor sentava de pernas cruzadas em frente ao fogo, alimentando-o de vez em quando. O local era inclinado, descia suavemente em direção ao igarapé que refletia o laranja da fogueira. Havia uma barraca verde e cinza e a outra improvisada com galhos fincados no chão, sustentando a armação e coberto de folhas de uma palmeira.

Estava muito precária. Eu, com meus dotes de dríades, fazia uma muito mais bonita, fazendo crescer flores e plantas perfumadas. Mas estava grata por Heitor ter me ajudado. Minha mochila e a dele estavam no chão, com muitos objetos espalhados ao redor. É estranho, mas com aquela atitude de Heitor, eu agora me sentia protegida com sua presença. Havia alguém para se importar comigo e, então, desejei que o Bruno estivesse aqui.

– Trouxe uns peixes que consegui pegar... Não sei se é suficiente, ou se são comestíveis.

Ele pegou os peixes – um de vinte centímetros e outros três pequenos como sardinhas – e desejei que ele não perguntasse *como* eu os tinha pegado, mas ele disse apenas:

– Dá *pro* gasto. Você faz o jantar hoje.

– Só por que sou mulher?

– Já vai começar? Claro que não! Você não sabe fazer tudo? Então, com certeza você deve fazer isso melhor do que eu.

Minha face esquentou e a ira voltou. Por que ele me deixava tão alterada? Não, devia ser o dia em si.

Distraída com a raiva peguei o peixe de sua mão e quando ia enfiando-o num fino galho que servia como um espeto, ele falou:

– Você não vai limpá-lo?

De cara fechada e sem dizer nada, peguei uma faca dele que estava entre suas coisas e fui para a beira. Mergulhei o peixe na água e com a faca tirei suas escamas. Depois abri sua barriga. Sangue saiu e fechei os olhos ao tirar as coisas moles que tinham lá dentro: seus órgãos. Não sabia o que fazia, apenas fechei os olhos e minha mão me guiava. Tentei abri-los, mas ao ver a cena uma ânsia me balançou e fiz uma careta.

Eu lido com plantas. O reino vegetal é o menos nojento dentre todos os reinos. Heitor me observava com um sorriso na cara.

– Você nunca limpou um peixe antes?

– Outras pessoas faziam isso por mim.

– E ainda diz que não precisa de ninguém...

– Eu consigo. Se não sei, aprendo.

Continuei tentando enxergar o que fazia, não só porque a visão me causava ânsia, mas porque a escuridão já nos envolvia e luz de fogueira não tem a mesma eficácia que a luz solar.

Heitor levantou-se de onde estava e sentou ao meu lado. Ficou olhando o que eu estava fazendo e depois, delicadamente, tirou o peixe das minhas mãos, sem dizer nada.

– A faca, por favor.

Passei a faca ensanguentada e ele continuou o trabalho, lentamente como se me ensinasse passo por passo. Quando terminou, deu-me o peixe – limpo e lavado como peixe de supermercado, a água havia levado todo o sangue – e pegou os outros três.

– Agora pode. – me dando o galho fino que eu primeiramente pegara.

Comemos o peixe lambendo os dedos. Peixe fresco é sempre delicioso, mesmo não tendo sal e outros temperos, especialmente quando se está morto de fome.

Já de barriga cheia, nos sentamos perto da fogueira e ficamos olhando o céu maravilhosamente estrelado. Havíamos parado de brigar.

– Você sabia que quando olhamos para as estrelas estamos olhando para o passado?

Eu sabia disso e sabia a razão. Mas estava tão cansada para falar de astronomia que disse:

– Não. Por quê?

– Porque estas estrelas estão a uma distância tão grande de nós, que a luz mesmo tendo uma velocidade excepcional, demora milhares de anos para chegar aqui. A imagem que estamos vendo, saiu de lá há muito tempo. As estrelas são o passado visto no presente...

– Quando eu era pequena, eu passava as noites olhando para elas, imaginando o que teria nelas e como elas seriam. Elas eram tão inatingíveis, que me fascinavam. Faziam-me pensar que havia coisas na nossa vida que nem percebermos... Dava-me uma sensação de que havia algo mais no universo além daquilo que vemos... Inspirava-me um desejo transcendental...

– Que fala bonita! Não sabia que você era assim tão inteligente.

Ele estava brincando, é claro. Joguei um graveto no seu peito, sorrindo. Embarcando nesta minha reflexão, Heitor adquiriu um ar dramático, abriu os braços e evitando sorrir, começou a falar:

– *Há mais coisas entre a terra e o céu, Horácio, do que sonha tua vã filosofia...*

– Tu gostas de Shakespeare?

– Antes de decidir ser do jeito que eu sou, já quis ser ator, dramaturgo... Gosto de Hamlet. Para mim é a melhor peça trágica de Shakespeare.

Olhei para ele desconfiada. Eu fiquei surpresa. É difícil hoje em dia encontrar alguém que leia Hamlet... Sinceramente, Heitor não tem cara de quem gosta de Shakespeare. Ou talvez sim, só agora percebo porque ele é dramático quanto fala.

– Vamos brincar de alguma coisa? perguntou ele, mudando drasticamente de assunto.

– O quê?

– Aquele jogo... Verdade ou Mentira. Acho que é esse o nome.

– Juramos que não faríamos perguntas sobre a identidade do outro.

– Esqueçamos o juramento.

– Por quê?

– Estou começando a confiar em você.

O silêncio humano constrangedor nos envolveu e minha face deve ter ficado rubra. Heitor também ficou acanhado ao ver minha reação.

– Ainda bem que você não me acha mais uma louca.

– Mas ainda a acho estranha.

– Eu sou diferente, Heitor. Quer dizer, tem uma coisa em mim... Que é segredo.

A primeira pergunta de Heitor foi:

– Você já chorou em público?

– Já. Muitas vezes. Eu sou muito chorona.

– Não parece.

– Sério?

– Sua vez.

– Já comeste bombom de chá-verde?

Heitor caiu na gargalhada e eu também.

– Que diacho de pergunta é essa?

– O que tem de errado com minha pergunta? – ambos ainda ríamos.

– Faça uma pergunta de verdade, uma sobre uma coisa errada que eu tenha feito, ou... Não sei, mas não os sabores de bombom que eu já provei.

– Tem certeza que eu posso fazer?

– Faça.

Fiquei algum tempo pensando no que indagar. Quando a pergunta me veio à mente, hesitei em fazê-la. De súbito, soltei:

– Já amaste alguém?

A pergunta pairou no ar, longa e profunda, sem resposta. Heitor abaixou a cabeça e pareceu envergonhado, fazendo-me arrependê-lo de ter feito a pergunta. Erguendo a cabeça, respondeu muito confiante, sem hesitar.

– Claro que sim. Amo minha mãe... Meu pai.

– Entendeste minha pergunta. – intervim. Ele suspirou e respondeu, sem olhar nos meus olhos.

– Eu tinha uma amiga com a qual eu estudava desde a sétima série. Éramos primos de segundo grau, também éramos melhores amigos, fazíamos tudo juntos. Todos os trabalhos em dupla. Visitávamos a casa um do outro, ficávamos horas conversando sobre videogames e brincando de caça ao tesouro. Mesmo já na oitava ou nona série ainda tínhamos uma imaginação... Uma criatividade de dar inveja. Ainda brincávamos de piratas, guerreiros,... E não tínhamos vergonha disso porque tínhamos um ao outro. Vivíamos em um mundo só nosso. Então comecei a perceber que a amava, mais do que eu queria amar... Somente aos quinze anos eu juntei coragem suficiente para dizer a ela o que sentia e abrir o meu coração... E sabe o que ela disse? “Ah, então finalmente teve coragem? Pensei que eu ia morrer sem você admitir isso!”

Heitor sorriu, mas tinha os olhos molhados pelas lágrimas. Continuou:

– Ela foi minha primeira namorada. Na semana seguinte... Descobrimos que ela tinha leucemia... O curto tempo que passamos juntos depois disso foram os melhores da minha

vida. Eu a amei tanto que aos dezesseis anos planejamos nos casar apesar das... Dificuldades que teríamos.

Heitor suspirou fundo, conteve as lágrimas e juntou todas as forças para dizer:

– Ela morreu no mesmo ano. Não chegamos a nos casar.

Desejei nunca ter feito aquela pergunta. Senti-me embaraçada por não saber o que fazer depois disso. Por que eu fizera justamente aquela pergunta? Heitor tem uma sinceridade inerente em sua voz, mas as histórias que ele conta... Nunca imaginamos que tenha realmente acontecido com ele. Esta última, então... Era tão Nicholas Sparks! Mas, não duvidei dele e de fato, fiquei arrependida.

– Sinto muito. – disse-lhe, enfim. – Por ela... E por ter feito a pergunta.

Heitor não disse nada. Enxugou a face com as mãos.

– Minha vez.

Sinceramente tive medo do que ele disse. Soou meio vingativo. E se ele desse o troco fazendo o mesmo tipo de pergunta que eu lhe fizera?

Heitor endireitou-se e como se nada tivesse acontecido, começou a sorrir ao me indagar.

– Sei que não tenho nada a ver com sua vida, que não devia lhe pedir isso, mas... Minha intuição de cientista não falha e me diz que tem algo de diferente em você, um... Devo estar louco, mas... Quando vi você...

Congelei. Será que ele sabia? Por isso, ele propôs brincarmos desse jogo. Observando-me, senti que ele sabia em que eu estava pensando e o confirmou em seguida.

– Não. Ainda não sei o que é, nem se vou descobrir. Mas quero lhe perguntar uma coisa.

Eu estava congelada, olhava-o assustada. Aceitar esta brincadeira não havia sido uma boa ideia.

– Será que algum dia, quando nos conhecermos mais, você... Vai me dizer quem você é?

Uma pergunta novamente paira no ar, deixando-nos imobilizados. Desviei o rosto e pensei a respeito. Quando tinha a resposta, encarei-o e disse, simples e vagamente:

– Talvez.

Surgiu uma esperança, dúvidas, expectativas no ambiente e Heitor pareceu satisfeito com a resposta. Talvez ele só quisesse confirmar que havia um segredo que eu lhe escondia, mas tinha a intenção de ele próprio descobri-lo. Deixei-o com suas dúvidas e afastei-me. Virando-se para ele, falei:

– Durmo na sua barraca hoje.

Heitor sorriu discretamente, contudo ainda estava distante e pensativo. Sua reação foi quase imperceptível, como se tivesse esquecido o assunto “barraca”.

– Eu repensei em minhas atitudes e concluí que fui muito indelicada. Eu estava cansada... Estou. Enfim, vou dormir, com licença.

Entrei na barraca levando minha manta e a estendi no chão.

Não tive sonhos naquela noite. E fiquei reavaliando minhas primeiras impressões de Heitor.

TREZE

*Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo Espaço da Pureza.*

Cruz e Sousa

Na manhã seguinte, ao sair da barraca deparei-me com um Heitor tomado banho. Pelo visto, ele acordara cedo. Já havia arrumado suas coisas, desfeito a barraca em que dormira (me perguntei se não sentira frio, pois a temperatura diminuirá ontem à noite), e não tocara nas minhas coisas. Lavei o rosto com uma água muito fria, o que me acordou. Desejei tomar banho, mas a presença de Heitor desfez essa ideia.

– Já comeste alguma coisa?

– Não. – respondeu ele, rabiscando alguma coisa num caderno.

– Heitor... Como está sua busca? Você vai continuá-la.

– Não sei.

– Por que se for... Acho melhor você ir por outro caminho. Heitor, que até então não tirara os olhos do que estava fazendo, olhou para mim:

– Quer que eu vá embora?

– Não... Só que... Sim, estou.

– Posso saber o que fiz de errado para que não gostasse da minha presença?

– Nada, mas... Devo seguir um caminho e você outro...

– E como sabe que o meu caminho não é o mesmo que o seu?

Ele tinha aquele sorriso irritante na cara.

– Tenho certeza de que não é.

– Poxa, tudo bem, então. Até mais, Anita. – disse, ajuntando suas coisas. – Foi um prazer conhecê-la.

Heitor já saía de cena levando suas coisas. E eu suspirei aliviada por ele ter ido.

Eu não fiquei aliviada. Eu não queria seguir a viagem sozinha, eu tinha a sensação de que precisava dele *para me mostrar o caminho e só isso*.

Não acredito que estou fazendo isso, devo estar louca... Mas ele diz conhecer o caminho...

– Heitor! chamei.

Ele voltou com uma cara de quem está fazendo algo que não quer.

– Que é?

– Tem certeza de que sabe o caminho para os Tepuis?

– Acho que sim.

– Você *acha*?

– Tudo bem, eu sei...

– Pode me mostrar como chegar lá?

– Posso sim, já que insiste tanto...

Geralmente sou uma pessoa calma e passiva que gosta de resolver as situações com o diálogo, mas há certas coisas – ou melhor, certas pessoas – que me tiram do sério. Descobri que Heitor é uma delas.

Tive que respirar profundamente e fazer um esforço *espiritual* muito grande para não chutá-lo.

– Eu vou atrás de algumas frutas para nós. – eu disse.

– Tome cuidado.

– Não se preocupe comigo.

Caminhando entre as folhas úmidas, a luz aos poucos se tornava mais branda, iluminava encantadoramente cada folha e tudo ao meu redor. Iluminava-me.

Era uma bela manhã e aquele ambiente me fez sentir uma paz profunda e espontaneamente fiquei feliz. Feliz com o simples fato de ter ao meu redor a beleza das plantas, a paz da luz e o ar puro. Era um ambiente purificador.

Novamente, fui invadida por um sentimento de que havia algo mais naquilo que eu via, eu sentia uma razão, uma ordem... Havia um sublime sentido em tudo aquilo.

Aspirei o ar matinal e abri os braços, sentindo o ar se deslocando entre eles, o orvalho que caía e meus músculos se estendendo. Por um instante senti a liberdade.

E ela escapou de mim como um peixe escorregadio. Era apenas um devaneio, uma amostra grátis e pequena. Mas o encanto da natureza não mudou, apenas meu modo de ver o mundo, como se eu houvesse colocado um óculos.

Ontem à noite, depois que me recolhi, pensei em largá-lo. Pensei em ir embora sorrateiramente e seguir meu caminho sem Heitor.

A ideia tinha a vontade necessária.

Mas agora sozinha, apenas eu e a mata, repensava nos meus planos e depois de certo tempo, relutante em relação ao que sentia, desisti de lutar. Aos poucos deixei a nova ideia tomar minha mente, inevitavelmente. Não conseguiria fazer isso com Heitor, não sem lhe dar alguma satisfação, principalmente após ter desabafado aquelas coisas. Era muito injusto para com ele. Além disso, odiava ter de admitir isso, mas queria conhecê-lo mais.

De repente, senti um pressentimento e, olhando ao redor, tive a sensação de ser observada. Uma dríade saiu detrás de uma árvore, olhando para os lados e verificando que estávamos sozinhas. Fiquei muito feliz ao vê-la, depois de ver inúmeras árvores sem uma dríade, ao longo do trajeto. Ela fez uma

graciosa referência e sumiu subitamente, depois retornou com uma melancia nas mãos, entregando-me. Agradei-lhe muitas vezes em latim, muito feliz com sua presença, antes de me despedir.

– Onde você achou esta melancia? – perguntou Heitor e, por mais estranho que fosse encontrar uma melancia na mata virgem, ele pegou sua faca e começou a cortá-la.

Em pouco tempo a devoramos. Estávamos com muita fome. E recolhendo nossas coisas, partimos. Pensei novamente em seguir meu caminho, sozinha.

Entretanto, todas às vezes desisti disso.

Atingimos um açude abandonado no final de uma tarde. Não era muito grande e havia árvores às margens do lado em que estávamos que nasceram inclinadas em direção à água, como se olhassem seus reflexos nela. Era um pôr do sol e as nuvens róseas contrastavam com a silhueta negra das árvores da outra margem. O lago tinha um formato oval irregular. Sob a luz solar horizontal e derradeira, à primeira vista a água parecia ser negra, pincelada de reflexos alaranjados.

Hipocrisia da luz. Ao chegar mais perto, agachando-se na beira, percebemos que a água era colorida. Sim, colorida, pois possuía uma espécie de planta aquática, cobrindo seu fundo, que crescia verticalmente em direção à superfície, como se dentro do açude houvesse uma minifloresta inundada e quando elas emergiam da água, estando mais desenvolvidas, produziam minifolhas ninfáceas rosas, que davam pequenas flores amarelas.

Portanto, a água podia ser verde ou rosa com pingos amarelos.

Sob certo ângulo debaixo de uma árvore, observei a água verde que refletia a árvore que a olhava, e imaginei uma pintura impressionista. Juro que não era exagero meu, mas era como se estivéssemos dentro de um quadro de Monet!

– Quer der uma volta, Anita?

Só então eu notara uma canoa metálica amarrada numa das árvores, cheia de água amarela e suja.

– Acho que está furada.

Heitor parecia não ter me ouvido. Desceu a inclinação e entrou lá. Havia ali um grande remo de madeira e um balde de plástico, que ele pegou e começou a encher de água, jogando para fora da canoa.

– Veja se há outro balde por aí.

Procurei nas proximidades e nada encontrei. Depois de uns trinta minutos, sentada na árvore observando a labuta quase inútil de Heitor, ele disse:

– Pronto. Pode entrar.

A canoa fora esvaziada, não totalmente, mas servia.

É preciso notar que não tenho um bom equilíbrio. Ao entrar eu escorreguei várias vezes e quase virei a canoa. Heitor só riu. Ele sentou-se à frente segurando o remo e eu sentei atrás, como uma dama delicada e sem forças, apenas olhando a paisagem. Havia muitas aranhas aquáticas na canoa, o banco estava molhado e lagartas boiavam na água ao nosso redor, caídas das árvores.

A caminhada lenta sobre a água era relaxante. Não estava quente, tudo tinha um tom róseo e eterno. Inclinando-me eu via o fundo do lago, como se fosse um aquário.

Peixes nadavam logo abaixo da superfície. Bastava esticar a mão para pegá-los. Contornamos o lago e fizemos várias voltas. Na outra margem havia uma alga diferente, era amarela e lembrava um tecido ósseo. Por onde passávamos abríamos uma trilha na imensidão rósea.

O sol estava a dois dedos da linha do horizonte. O canto da mata preenchia o silêncio. Nenhum de nós falou durante muito tempo. Estupefatos, estávamos diante de tão grande beleza.

Uma ideia caiu sobre mim: eu nunca mais voltaria a este lugar, muito menos com Heitor e, mesmo que voltasse, não seria o mesmo. De repente, como num momento epifânico, eu

fiquei amedrontada com a perspectiva da efemeridade da minha vida. Eu compreendi que todos os momentos da vida são únicos e agradei com todas as forças por esta bela paisagem amazônica, que nem amazônica parecia.

Era tão surreal e encantadora, que fechei os olhos e meus famintos sentidos tentavam captar cada detalhe com a avidez de um eterno esfomeado.

E chorei de alegria, paz e satisfação. Enxuguei o rosto e pus a mão na água. Minha lágrima juntou-se àquela água.

– Anita, vamos ver quem pega um desses peixes primeiro?
Anita?

Heitor só agora se virara para mim e via meus olhos vermelhos. Parou de remar e ficamos à deriva.

– O que foi, Anita?

– Nada. – respondi-lhe enxugando o rosto. – Nada. É que é tudo tão bonito...

– Mulheres! Já vai escurecer, é melhor voltarmos.

– Não. Não, por favor, continue.

Sou egoísta, eu nem ao menos me importei em pensar se ele estava cansado de remar, ou não. Mas eu precisava daquilo. Queria alimentar-me mais desta beleza natural tão contraditoriamente eterna e efêmera.

QUATORZE

*Nesta noite sem medida
eu todo banhado em sombras
fugi de casa, fugi
para o branco desta praia,
como se a aurora que busco
neste rio se afogou.*

Alcides Werk

O dilema da barraca de novo.

– Vai chover hoje. Você fica com a minha, eu fico aqui fora.

– Não!

– Sim!

– Como se realmente se importasse comigo! Vive brigando, e agora quer cuidar de mim? Não. E tu? Não posso te deixar aqui fora...

– Claro que pode, acha que sou feito de açúcar?

Queria lhe dizer que eu era mais imune a animais e doenças tropicais que ele. Mas não disse. Ele pediria explicações.

– Urgh!

Entreí na barraca sintética.

Acordei com sons de trovão e uivos de tempestade. Eles sempre me assustavam. Não voltei ao sono. A barraca balançava muito, eu sentia a fúria dos céus nas copas acima, a temperatura caíra bastante. Água gotejava de buraquinhos no tecido sintético.

Se estou assim, Heitor deve estar totalmente ensopado. Coitado. Com frio, com sua barraca destruída pelos ventos, molhado até os ossos.

Instinto feminino ridículo! Heitor não merecia, mas eu já saíra da barraca, fechando-a novamente para não molhar o que estava dentro, segurando a manta feita pelas dríades.

A armação tosca dele ficava em frente a minha. Várias folhas de palmeira já tinham caído, o chão aos meus pés estava encharcado e Heitor, imóvel, enroscava-se, protegendo-se inutilmente da chuva.

Teimoso. Aqui estava eu toda molhada, aproximando-se dele sorrateiramente, estendendo a manta sobre seu corpo. Era pequena para ele. Priorizei a parte de cima, enrolando-a em seu pescoço... Subitamente, Heitor agarrou meu pulso. Estava escuro. Demorou para me reconhecer, acho.

– Sou eu. Você parecia estar com... Frio.

Ele parecia surpreso. E eu constrangida. Ainda agarrava meu pulso fortemente, chegando a doer. Percebendo isso, cedeu.

Voltei rapidamente para a barraca, sem dizer mais nada, nem convidando-o a entrar. Sonhei com pedras verdes e um canto tristonho de alguma moça com voz linda.

– Obrigado, Anita. Por ontem...

– Tá.

Interrompi, não querendo que ele mencionasse o fato. Nem ao menos olhava para ele ao responder. Silêncio.

– Por ter me deixado na chuva, só com um cobertor, numa poça de água. Se não fosse tão estúpida, saberia que era melhor não ter saído. Ficou molhada à toa.

Ele tinha aquele sorriso cínico, de novo.

– Seu idiota.

Ele continuou sorrindo.

Caminhamos muitos dias juntos, atravessando igarapés e contornando os rios, quando era possível. Atravessávamos

áreas planas ou vales e pequenos montes; matas virgens ou quintais de casas de madeira com galinhas ciscando ao redor e lençóis secando ao sol.

Heitor dizia saber onde ficava os Tepuis, ele tinha uns instrumentos que o ajudavam a localizá-lo. Eu, só para garantir, verificava a bússola que Sama me dera quando me encontrava sozinha. Estávamos no caminho certo.

Heitor e eu brigávamos muito, discordávamos em muitas coisas. Ao mesmo tempo, éramos tão parecidos em certos aspectos! Talvez fosse, por isso, que nos repeliávamos...

Pelas contas de Heitor já se passara quase um mês. Já conversávamos sobre nossos gostos artístico-culturais, algumas informações sobre nossa vida em Manaus, sobre nossa família, nossa maneira de pensar. O que não sabíamos – o que era uma incógnita para ambos – era a razão de estarmos ali e o que tinha acontecido para que isso acontecesse.

Havia alguma coisa entre Heitor e seu pai, pelo jeito eles não tinham uma boa relação, raramente Heitor falava dele, mas eu sabia que seu pai tinha algo a ver com fato de Heitor estar no meio da mata.

Heitor não sabia o que eu procurava. Não sabia que eu era uma dríade, mas por algum motivo me ajudava na viagem. Perguntava-me sobre suas preguiças gigantes e suas pesquisas que aparentemente foram abandonadas.

Disse-lhe que o nome do meu pai era Danilo e era um advogado também – e botânico. Contei-lhe que minha mãe se chamava Myrcia e que já tinha falecido. Mas não lhe falei que morrera porque sua árvore fora incendiada por um raio.

Eu já tinha uma noção da personalidade dele. Ele era simpático, bem-humorado, irônico e gentil, a não ser quando feriam o orgulho dele. E vez ou outra ficava introspectivo, afastava-se de mim e falava pouco.

Nesses momentos, não largava aquele caderno e uma caneta. Ele os guardava quando eu me aproximava.

Certo dia, sob a sombra de uma maçaranduba, Heitor me disse:

– Foi meu pai quem morreu.

– Como? – não entendendo do que ele estava falando.

– Eu lhe disse que um pai de um amigo meu havia morrido... Por isso, cancelamos a viagem aos Tepuis. Na verdade, foi o meu. Ele pegou uma doença muito forte andando na mata e faleceu na véspera da viagem...

– Foi há quanto tempo?

– Três anos.

– Sinto muito.

Silêncio.

– Você tem irmãos?

– Não. Sou filho único.

– Como eu... Então, só tens a sua mãe agora?

– É. Ela mora em Brasília, agora. Casou-se com um cara faz dois anos.

– Sentes falta dela?

– Um pouco. Mas sei que ela está mais feliz... Tem uma companhia de fato... Meu pai não era muito presente, sabe? Ele era inglês.

– Inglês?

– É... De uma cidade no sul da Inglaterra, mas sempre senti fascínio pela América, pela fauna tropical e exótica. Ele era meio doido, admito. – Heitor riu ao falar isso. – E eu... Sou um nômade. Não tenho lugar fixo. Vou aonde quero, e mamãe já se acostumou com isso. Estamos bem assim, acho.

– Então, você não se apega a lugares, pessoas...?

– Sim. Isso acontece sim, mas é como se eu tivesse uma filosofia de vida... As pessoas que eu amei foram tiradas de mim ou permaneceram distantes... Eu acabei me conformando com isso. Eu me apego, me decepção e na hora de dizer adeus eu sofro... Mas não por muito tempo, porque eu sei que a vida vai me trazer muito mais pela frente, e eu vou chorar novamen-

te, e eu vou começar novamente... É como se minha vida fosse uma praia cheia de ondas...

Notei que esta revelação de Heitor surtiu efeito em mim. Eu me entristeci com o fato de Heitor se esquecer das coisas e das pessoas. Eu sou a próxima onda na vida de Heitor? Só isso?

– Então, quando dissermos “adeus”, tu vais... Simplesmente... Seguir adiante. Esquecer que eu existi... Serei apenas... Uma onda que se retira da praia?

Minha voz falhava um pouco e havia uma indignação e raiva controlada nela. Heitor ergueu os olhos e fixando-os nos meus, parecia querer dizer alguma coisa, ou... Como se tivesse descoberto algo que ainda não reconhecera. Havia tristeza em seus olhos e ânsia por algo.

– Talvez não. – sua voz soou profunda e filosófica. – As ondas sempre deixam alguma coisa na praia. As ondas *fazem* a praia. E as ondas mais fortes... Deixam marcas profundas.

Suas palavras aquietaram meu espírito. Todavia, eu ainda estava insatisfeita. Queria negar este sentimento para mim mesma, mas não resisti soltar estas conclusões:

– Mesmo as mais profundas marcas feitas na areia se esvaem com uma simples brisa com o tempo. Para se construir alguma coisa... Ou *deixar marcas*... É preciso uma base sólida na vida.

– Nada é sólido, Anita. Tudo isso é ilusão, é vácuo. Tudo some um dia...

Depois disso, Heitor não falou mais nada, nem eu. Ele ficou pensativo e afastando-se, pegou seu caderno e sua caneta e começou a rabiscar algo. Ora parecia escrever, ora parecia desenhar.

Como eu queria saber o que havia naquele caderno!

QUINZE

*- As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de empecilho...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!*

*- Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma!*

Augusto dos Anjos

Vesti aquela roupa que usava no dia do acidente que me fez descobrir que sou uma dríade. Heitor fazia perguntas o tempo todo sobre aquele tecido de casca de árvore que eu usava. Era irritante. Não aguentava mais.

- Nossa! Enfim, uma garota normal.

- Cale a boca... resmunguei.

Fazia tanto tempo que não a vestia que já não me sentia à vontade. Ele disse:

- Prefiro aquela roupa anterior, mas...

- Não pedi sua opinião.

- Você acordou bem-humorada hoje, né?

Não respondi.

- Não sabia que você tinha uma tatuagem.

Virei-me para saber do que ele estava falando. E compreendi que falava de uma mancha que eu tinha nas costas, na omo-

plata direita, um pouco mais escura que minha pele, de uns cinco centímetros, cujo formato lembrava uma árvore.

– É um sinal de nascença, se não percebeste.

– Não parece... – Heitor se aproximou para examinar meu ombro mais de perto, tocando-o. Nossos olhos se cruzaram. – Tem formato de uma árvore!

– É. Fazer o quê se nasceu assim?

Aquele sinal é uma das características de uma dríade. Felizmente, Heitor não sabia disso. Segui em frente, me abaixando para passar por debaixo de um tronco caído.

Tentando tirar da mente os olhos de Heitor.

Tentamos nos agasalhar o máximo possível. Era um fim de tarde e estava muito frio. A sensação era de dezessete graus. Havia acabado de chover.

Atravessávamos uma fazenda com uma grande extensão desmatada onde uns bodes se encontravam. Eram suaves colinas e já escurecia. Tivemos que nos esconder detrás de um conjunto de arbustos quando um homem veio chamar todos os animais que ali pastavam, para guardá-los no... Não sei o nome do local que abriga estes animais à noite. Depois me lembro.

O importante é que pela manhã a temperatura estava agradável, até mesmo quente. Então o céu começou a se fechar e a temperatura caiu drasticamente, principalmente depois da chuva.

– Isto acontece, Anita, porque... – É lá ia Heitor explicando o fenômeno, como se eu não soubesse o que é friagem.

– Eu sei, Heitor. Eu sei...

Decidimos dormir naquela mesma fazenda. Heitor fez uma fogueira – afastado para que os possíveis donos do local não soubessem que estávamos ali – e buscou água. Eu trouxe ervas e fizemos um chá quente.

Durante todo este tempo, não me apareceram mais animais e possíveis “criaturas lendárias”. Era como se Heitor os

afasta-se. Eu os sentia. Sabia que havia dríades por onde passei e animais feridos, mas nenhum deles se aproximou de mim.

Eu sentia o hiato da ausência deles. Mas a presença de Heitor preenchia as vinte quatro horas dos meus dias.

As luzes da casa da fazenda estavam desligadas. De repente foram acessas. Lanternas apontaram na janela em nossa direção.

– Quem está aí?! – um homem gritou ao longe.

– Opa. Hora de irmos. – Disse Heitor.

– Talvez ele nos deixe ficar.

Um som de tiro. Gritei. Ele estava com uma arma.

– Saiam da minha propriedade! – Sua voz estava mais próxima. Latidos de cães surgiram.

– Rápido, Anita. Rápido!

Eu juntava minhas coisas o mais rápido possível. Mas Heitor já estava na frente. Ele voltou e me puxou pelo braço. Corríamos dos cães.

– Aqui, Heitor!

Nas silhuetas confusas da noite, reconheci um ingazeiro e comecei a subir nele. Heitor também subiu, mais lentamente que eu, bem a tempo dos cães ficarem lá embaixo latindo.

A lanterna forte do homem cegou-nos e morri de medo, ao saber que ele poderia muito bem acertar o tiro. A sombra de Heitor me cobriu de algum modo, eu agarrei sua camisa a minha frente. Mas o homem não atiraria. Os cães ainda latiam.

– Quando amanhecer quero vocês bem longe daqui, ouviu?!

Ele foi embora, mas os cães ficaram. Pararam de latir, e deitaram feito esfinges no chão. Estava escuro. A mão de Heitor surgiu, segurando meu rosto.

– Você está bem? – indagou ele, ofegante.

– Estou. – mas sua mão percebeu que eu tremia.

– Foi divertido, não foi? Adrenalina pura!

– Divertido? Podíamos ter morrido! E de quem é a culpa? De quem foi a brilhante ideia de fazer uma fogueira a quinze metros da casa de um homem que tem três cães enormes?

– E quem sugeriu subir num ingazeiro cheio de cupim?
– Aff!

Silêncio. Eu estava em pé em uma forquilha entre dois galhos baixos. Não sei exatamente *como* Heitor se pendurava, mas ele estava do meu lado direito.

– Como vamos sair daqui de manhã com os cachorros?

– Eu me jogo como alimento para eles, enquanto você foge.

Eu ri da piada, mas Heitor permaneceu sério. Será que ele não estava brincando? Escuro, insetos na minha pele, os pés e as mãos doíam do esforço, queimação nos músculos das pernas. E frio. A friagem preenchia o ar daquela noite.

– Boa noite, Anita.

– Boa noite, Heitor.

Realmente, o sono chegava apesar dos incômodos. Senti que algo me puxava, me prendia à árvore, meus braços relaxaram. A árvore me segurava enquanto eu adormecia.

Novamente eu era minha árvore no sono, e tive visões noturnas da minha floresta, bem longe daqui.

– Anita? Anita?

Acordei em pânico, imaginando que Heitor via a árvore incorporando meu corpo ao tronco dela. Perdi o equilíbrio e escorreguei...

– Cuidado!

Heitor conseguiu me segurar. Que cena estúpida. Eu ainda estava com cara de sono, com o olhar se acostumando à crescente luminosidade. Era a primeira vez que eu o abraçava. Afastei-me, esfregando os olhos e cambaleando com os músculos rijos.

– Os cães...

– Já tinham ido quando acordei. Vamos? Antes que aquele homem chegue.

Era uma bela fazenda, mas não a mesma. Já tínhamos andado bastante – eu praguejando constantemente por ter deixado vários utensílios na correria de ontem. Só tive tempo de pegar o arco e as flechas e a mochila, deixando as cuias. A bússola quase caiu do meu bolso.

O relevo aos poucos mostrava algumas elevações ao longe – mas ainda bem distantes para uma caminhada a pé.

Ao nosso redor, suaves e desarborizadas elevações abrigavam uma casa grande e rosada, escondida em um vale, como o coração-sede daquela propriedade.

Nós observávamos a construção a distância. Passamos longe desta vez. Encontrávamo-nos nas fronteiras do terreno, próximo à cerca que o delimitava, onde uma grande árvore fornecia sombra para os cavalos e bovinos soltos no pasto. Naquele momento, porém, só nós desfrutávamos da sombra.

Eu estava preocupada com Heitor. Ele estava empoleirado em um dos galhos mais baixos, com a atenção longínqua. Ele não falara quase nada hoje e isso é digno de nota, se tratando de Heitor. Meu medo era que ele tivesse me visto incorporada ao tronco daquela árvore. Se viu, não mencionou nada.

– Tudo bem, Heitor? – indaguei-lhe, olhando para cima.

O vento balançava levemente as folhas e os nossos cabelos. A pele dele estava um pouco queimada pelo sol, assim como a minha. Ele demorou a responder e quando o fez, foi num resmungo tão baixo que nem entendi.

Aproximei-me do caule e comecei a subir. Só então Heitor notou-me direito.

– Cuidado, Anita. É alto...

– Eu consigo. *Pro* seu governo, escalo melhor que você.

Heitor me ajudou na última etapa – mas eu não precisava – e sentei-me ao seu lado, olhando a paisagem com alguns cavalinhos lá embaixo e ao longe.

– Adoro quando você diz isso.

– O quê? – perguntei.

– Que você *vai conseguir* alguma coisa.

– Por quê?

– Você é tão... Determinada, Anita. Eu queria ser assim.

– Você é. – soltei. E ele me olhou com uma expressão de surpresa. – Afinal, tu conseguiste encontrar aquela criatura, né? Deve ter sido bem difícil.

Ele ficou em silêncio observando o horizonte e eu o observei. Era inevitável para mim não olhá-lo.

– Estás preocupado com alguma coisa...

– Isto foi uma pergunta?

– Não. Estou afirmando. Basta saber o que te preocupa.

– Não importa.

– Se for por que você quer continuar sua busca... Você pode ir, Heitor. Já me ajudou o bastante, não quero ficar prendendo você.

– Você nunca *me prendeu*, Anita. Fui eu que quis ser preso.

Fiquei em silêncio tentando entender o que ele quis dizer com isso.

– O que é, então?

– Medo. Medo de não conseguir o que eu quero... O que faz nestes momentos? ele indagou sinceramente.

– Eu analiso toda a circunstância, com suas causas e consequências, e meço as ferramentas e as chances que eu tenho... Mas, acima de tudo, eu acredito. Eu preciso acreditar que eu sou capaz, e assim eu passo a *saber* que eu sou capaz. É preciso sustentar uma esperança, por menor que ela seja, e não deixar que ela se esvaia com o tempo. É este grãozinho que me dera força para prosseguir...

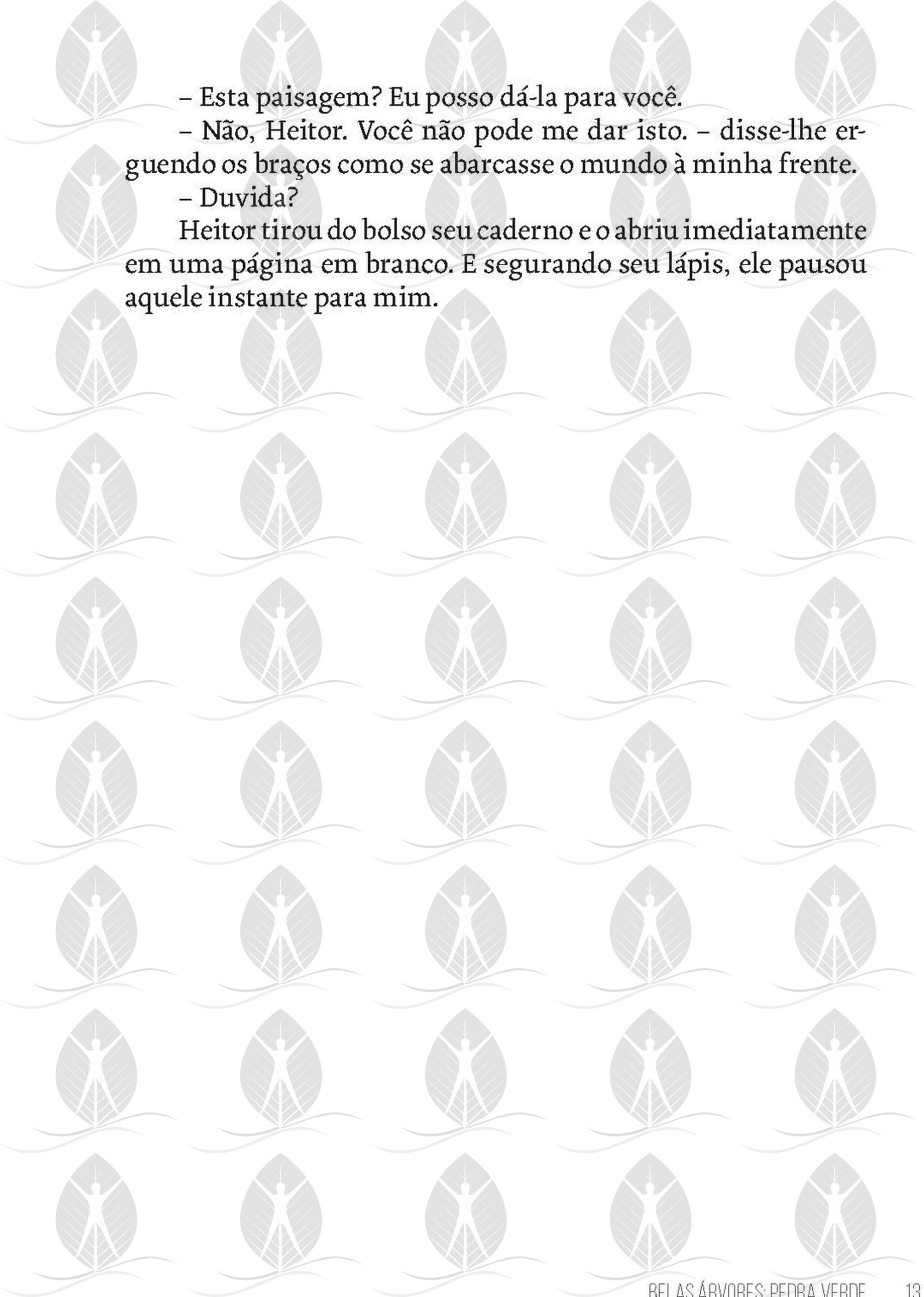
– Nossa. Falou muito bem.

– Melhor que você. – disse-lhe sorrindo e empurrando seus ombros com meus ombros. Depois me afastei.

– Gosto desta paisagem. É muito bonita.

– Você a quer?

– Como?



– Esta paisagem? Eu posso dá-la para você.

– Não, Heitor. Você não pode me dar isto. – disse-lhe erguendo os braços como se abarcasse o mundo à minha frente.

– Duvida?

Heitor tirou do bolso seu caderno e o abriu imediatamente em uma página em branco. E segurando seu lápis, ele pausou aquele instante para mim.

DEZESSEIS

*Viagem lenta – Ela não tinha pressa,
E eu já pusera de lado
O meu trabalho e todo meu lazer,
Pra seu exclusivo agrado.*

Emily Dickinson

– Esta estrada nos levava à cidade venezuelana de Santa Helena de Uairen. Ainda me lembro das informações que pesquisamos para a programação da viagem. Tem hotéis em Boa Vista que fazem um pacote turístico para escalar o Monte Roraima. Mas a única entrada que dá acesso ao cume do monte através de caminhadas é pelo lado da Venezuela. De Santa Helena vamos até uma reserva indígena que fica aos pés do monte e de lá seguimos com um guia.

Após sair daquela fazenda com cavalos, entramos numa estrada cinza onde passavam automóveis de tempos em tempos e em grandes velocidades.

– Mas, Anita, onde exatamente você quer ir? Digo, os Tepuis são um conjunto de elevações, têm centenas delas. Você sabe qual delas é?

Pensei na bússola que me levaria – supostamente – até Jás-pis. A bússola cuja existência Heitor desconhecia.

– Na hora vou saber para onde ir. – respondi-lhe sorrindo.

Um carro vermelho passou por nós, enquanto caminhávamos na lateral fora da estrada propriamente dita. Uma menina de cabelos negros e de óculos tirava de dentro do carro

uma foto da estrada. Tive a impressão de conhecê-la, talvez dos corredores do colégio em que estudava.

– É melhor você decidir logo. Estamos na fronteira Brasil-Venezuela. Não tens visto, tens?

– Não.

– Foi o que pensei. Temos que nos desviar do principal local de entrada onde é vigiado por soldados e policiais. Como iremos passar por eles? Faz muito tempo que não venho até aqui... Lembro-me de ter duas grandes bandeiras dos dois países juntas... Será que tem cercas como a fronteira dos Estados Unidos? – riu Heitor.

Um caminhão passou por nós e a terra tremeu.

– E tu tens o visto?

– Acho que ainda está na validade.

Uma picape vermelha com três homens sentados na parte de atrás passou por nós e gritou, bagunçando conosco. Heitor também gritou acenando para eles e eu ri. Devia ser duas horas da tarde e não estava tão quente porque grandes nuvens cobriam o céu.

Recuperando a seriedade, fiz-lhe uma pergunta que estava martelando a minha cabeça.

– Por que está fazendo isso, Heitor?

– O quê?

– Me ajudando.

Ele ficou em silêncio, muito sério e constrangido, suas expressões o fizeram parecer mais velho.

– Você prometeu que talvez me contasse quem é.

– Tu já sabes quem eu sou. Eu sou o que vês. Sou esta pessoa que está conversando contigo, que lhe faz companhia.

– Não é suficiente.

– Ahn?

– Esqueça. É só que... Eu não sei para onde ir.

– E as suas pesquisas sobre as preguiças gigantes?

– Tomei coragem e convenci-me de que não é isto que eu quero... Isso não era meu sonho. Era o sonho do meu pai. E ele morreu por causa disso! Ele foi um dos primeiros que começou esse trabalho, sabe? Ele passava mais tempo na selva do que com sua família. Quando eu queria ficar com ele tinha que dizer-lhe que me interessava por suas criaturas medíocres para que pudesse viajar com ele e assim passar mais tempo com meu pai.

Não disse nada, sabia que Heitor iria continuar.

– Criei-me no mundinho dele... O único que conheci. Minha mãe também me pressionava para ser como ela. Acho que raramente fui eu mesmo, entende?

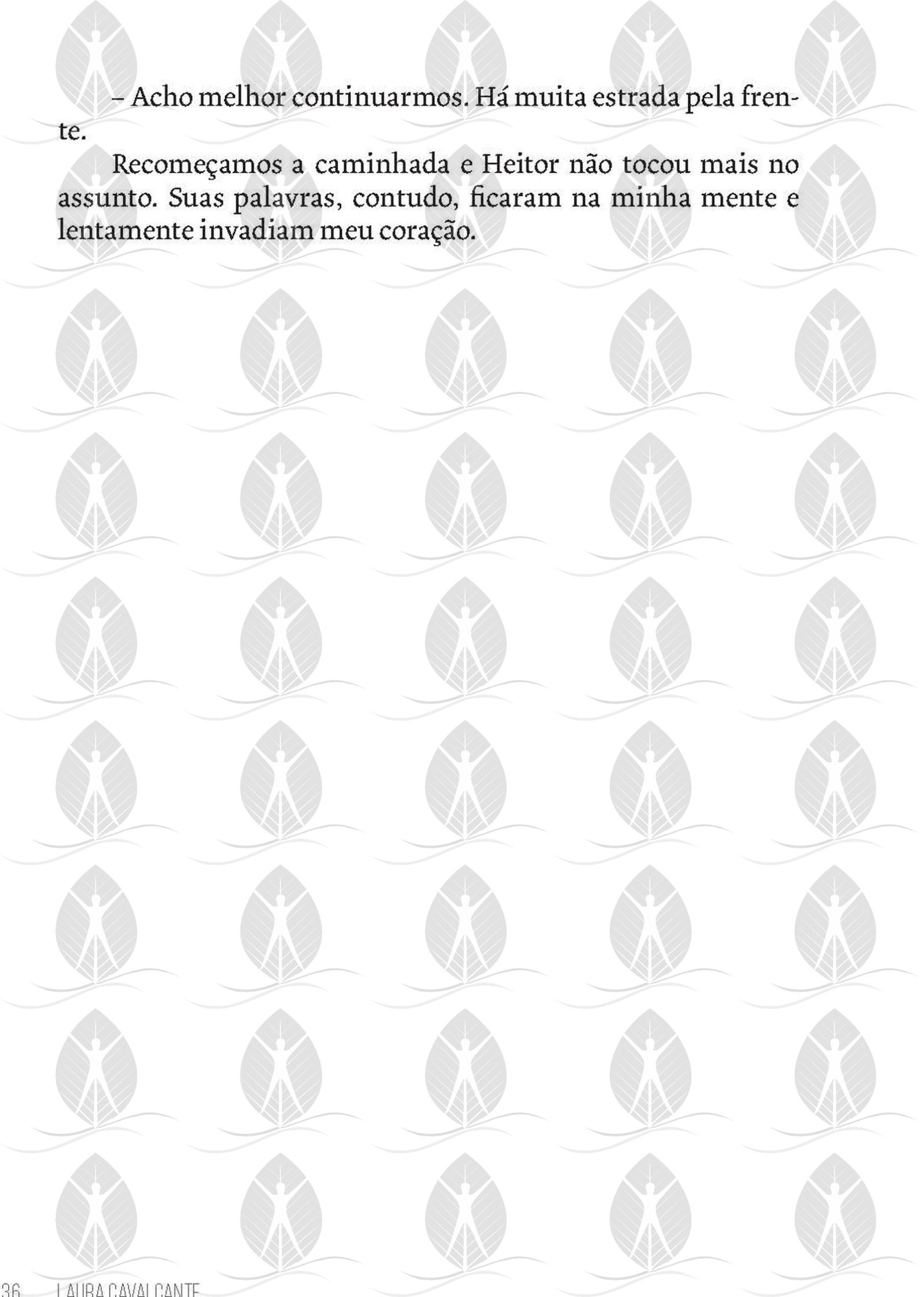
Outro carro passou e meus cabelos tocaram meu rosto por causa do vento. Olhei para o horizonte: uma enorme ladeira que teríamos que subir. Dos dois lados, a mata verde cobria como um tapete as pequenas elevações.

– Por isso, gosto de viajar. De andar sozinho por este mundo... Eu fico... Eu posso ouvir meus próprios pensamentos...

Chegamos a um local onde se pega os ônibus que transitam pela zona rural, à beira da rodovia. Era uma armação de madeira com telhado de um zinco muito sujo e queimado. Sentamos no banco de madeira sujo do barro da estrada e bebemos água dos cantis. Onde eu sentara havia um formigueiro sob meus pés. Como elas me picavam, não prestei atenção ao que Heitor dizia. Então percebi que ele falava de mim.

– E com você também é fácil. Eu consigo ser o que realmente sou quando você está por perto. Saí tão naturalmente e eu não me sentia assim desde que perdi Talita.

Soube que ele se referia à sua amada que morrerá. Parei de incomodar-me com as formigas e olhei-o. Ele me fitava profundamente. Senti um desconforto, um frio na barriga. Desviei minha atenção novamente para as formigas, mas seu olhar sempre me deixava balançada.



– Acho melhor continuarmos. Há muita estrada pela frente.

Recomeçamos a caminhada e Heitor não tocou mais no assunto. Suas palavras, contudo, ficaram na minha mente e lentamente invadiam meu coração.

DEZESSETE

*Uma mulher me ama. Se eu me fosse
Talvez ela sentisse o desalento
Da árvore jovem que não ouve o vento
Inconstante e fiel, tardio e doce...*

Vinicius de Moraes

– Querem carona? – perguntou o motorista gordo e suado da picape velha amassada que havia parado do nosso lado, enquanto caminhávamos. Assim que o viu, Heitor segurou minha mão por algum motivo. Entreolhamo-nos e antes que eu compreendesse o que Heitor falou com o olhar, ele perguntou:

- Para onde o senhor está indo?
- Venezuela, El Callao.
- Passa por Santa Helena?
- Passa.
- Então, aceitamos.

Olhei para Heitor, um pouco assustada, e perguntei silenciosamente com os lábios “O quê?”. Não estava acostumada a pegar carona com estranhos. Aquele senhor não tinha uma cara de pessoa confiável e notei no interior do carro várias latas de cerveja vazias.

– Se os namorados não se importam, vamos ter que apertar. O carro é pequeno.

Era daqueles que não tinham assentos na parte de trás, apenas um único na frente.

– Ah, não somos... Namorados. Protestei imediatamente, constrangida.

– Ah, não? perguntou o motorista com uma curiosidade na voz.

Suspirei e adiantei-me para dentro do carro, pressentindo a chuva que iria cair a qualquer momento. Mas Heitor me segurou delicadamente.

– Eu primeiro.

Achei um pouco indelicado de sua parte não deixar uma dama entrar primeiro, mas quando o vi sentando ao lado daquele homem que tinha um bafo horrível e escorregava nas palavras, compreendi que ele me poupava de tal aproximação.

Sentei-me, em seguida, ao lado de Heitor e de alguma maneira, nós três coubemos naquela caixinha que se movia. Começou a chover e o ar-condicionado estava ligado, por causa das janelas levantadas.

– Então... Vocês estão indo para Santa Helena?

– Humm. – assentiu Heitor. – E o senhor?

– Vou fazer umas comprinhas pelas bandas de lá. Tem uns produtos que são mais baratos.

Fiquei me indagando que produtos baratos seriam estes.

– Qual o nome da menina? – perguntou ele, olhando para mim.

– Anita. – respondi, timidamente.

– Você não é daqui, é? Alta e loira desse jeito parece estrangeira.

Heitor e ele começaram a falar sobre carros e futebol. Percebi que Heitor não era tão conhecedor do assunto quanto Lobato, o motorista – na verdade, eu sabia mais do que ele, mas permaneci calada, observando a chuva pela janela. As lembranças do acidente voltaram à minha mente.

A chuva caía com um barulho constante e tranquilizador. O movimento suave do carro sobre a pista me fez sentir uma moleza, uma sonolência da qual eu tentava resistir.

– Está com frio, Anita? – era a voz de Heitor.

– Tô. E com sono também.

– Durma. Descanse um pouco.

– E tu? – perguntei, sabendo que Heitor também deveria estar exausto.

– Não se preocupe comigo.

Sorri ao ouvi-lo falar a frase que eu sempre lhe dizia. Tirei o meu casaco feito pelas dríades da bolsa, me esquecendo do motorista, e o pus sobre mim. No início encostei-me nos ombros de Heitor, mas a posição ficou desconfortável para o meu pescoço. Então, deitei sobre a mochila nas pernas dele e adormeci, sentindo os braços de Heitor me protegendo e sua mão acariciando meu cabelo.

Sonhei com minha árvore e percorrendo uma montanha estranha, com um labirinto e uma caverna feita de pedras cristalinas esverdeadas. Pedras verdes não saíam da minha mente.

– acorde, Anita. Chegamos.

A voz de Heitor estava longe e, ao abrir os olhos, percebi que ele não estava mesmo lá. O motorista tinha saído e Heitor estava na porta do carro, tentando me acordar. Levantei-me, com os músculos duros e com a sensação de estarem enferrujados, apertei os olhos e me espreguicei antes de sair do carro. Era umas cinco ou seis horas da tarde pela luminosidade do sol, e o carro estava estacionado numa rua movimentada, em frente a um restaurante e alguns mercadinhos. Por todos os lados, ouvi as pessoas falando espanhol, ou pelo menos, um *portunhol*.

– Santa Helena? – perguntei. Minha voz estava meio rouca.

– Sim.

– O que vamos fazer agora?

– Por hora, vamos jantar.

O motorista chegou e já tinha uma lata de cerveja nas mãos. Ele chegou esbravejando e tentando falar em um espanhol tão desajeitado, que as pessoas na rua riam dele.

– Olha! *Mira quien* acordou. *La bela adormiecida!* Buenas tardes, muchacha.

– *Buenas...* – respondi-lhe. – Como passamos pela barreira?

– *Yo teno unos contactos, chica.* – respondeu seu Lobato, num espanhol todo errado, indo para um bar.

Heitor riu dele e disse:

– Modéstia à parte, não teria conseguido sem minha ajuda. Até que foi fácil. O meu visto ainda estava na validade e suspeito que o do seu Lobato seja falsificado, mas isso não vem ao caso.

– E eu?

– Inventamos uma história de que você foi assaltada no caminho e levaram todos os seus documentos. Por isso, você estava dormindo, em estado de choque. Você é uma turista americana. Eu sou seu guia. Mas contei a Lobato que você é menor de idade e fugiu de casa para viver comigo em outro país.

– O quê?! – não acreditando na mentira que ele havia contado. – Heitor! Não acredito... E se vierem atrás de nós?

– Que diferença faz? Você já mente sobre sua identidade mesmo.

– Eu não minto! Eu só não conto, é diferente.

– Ah, sim. Grande diferença!

– Eu preciso fazer isso. Não posso sair por aí dizendo quem eu sou! – Quando procurarem meu nome, verão que eu tenho certidão de óbito e tudo...

– A agente ultrassecreta da Interpool. – disse ele, falando alto para as pessoas ouvirem. Estávamos começando uma nova briga. Fazia tanto tempo que não acontecia uma.

– Fale baixo! – num sussurro forte. – Eu não deveria ter entrado naquele carro. Esse cara poderia ter causado um acidente só com o bafo dele!

– Mas não aconteceu. Estamos bem, não matamos ninguém. E chegamos aonde você queria.

– Eu não devia acompanhar você nessas loucuras.

- Eu fiz isso por você. Para que encontrasse o que procura.
- Não chamei você. Nem pedi sua ajuda!
- Ah, não? Tudo bem, então. Se precisar de mim, não estou aqui.

Heitor adentrou com sua mochila no restaurante-bar lotado e sumiu entre as pessoas. Bufei de raiva e coloquei minha mochila nas costas fechando a porta do carro de seu Lobato.

Encontrei Heitor numa mesa num canto, com uma mulher lhe servindo uma bebida e fazendo-lhe agrados demais para quem quer apenas anotar um pedido. Ele estava de costas para a entrada e não me viu chegando.

- Com licença. - falei para a garçonete, afastando-a para eu passar e sentar em frente a Heitor, esquecendo-me de que me encontrava em território hispânico.

- *Algo más, Heitor?*

- *No, gracias.*

Ela se retirou sem nem ao menos olhar para mim. Acho que fui rude com ela, mas a culpa era de Heitor. Odiava ter que admitir isso, mas fiquei com ciúmes.

- Não deveria ter falado com ela deste jeito. Estávamos ficando amigos.

- Amigos! - retruquei com desdém. Deixando minha mochila na cadeira ao lado e cruzando as pernas e os braços. - Não sabia que bebia.

Reparei em um copo em suas mãos.

- Você não sabe nada sobre mim.

- Você também não sabe nada sobre mim. Se isso te conforta.

- Sei sim.

- Não sabe, não.

- Vamos parar de brigar! Estou com dor de cabeça.

- Talvez isso o esteja deixando com dor de cabeça.

Peguei o copo de suas mãos, lembrando que quando meu pai bebia sentia dor de cabeça. Senti o aroma daquela bebida...

– Isso não é cerveja... É refrigerante!

– É você que me deixa com dor de cabeça, Anita.

– Obrigada, pelo elogio. – e pisei seu pé.

Heitor, ao invés de continuar a briga, fixou seus olhos nos meus e pegando o porta-guardanapo de metal deu-o a mim.

– Seus olhos, Anita. Veja.

Pelo reflexo distorcido e pela iluminação amarela da lâmpada, eu vi meus olhos: alaranjados.

– Ah, não! Olhe o que fizeste! Onde é o banheiro?

Dirigi-me para lá e tranquei a porta do cômodo minúsculo, sujo e fétido. Na parede, em cima da torneira, havia um espelho manchado. Fazia tanto tempo que não me encarava num espelho. Eu estava HORRÍVEL!

Meu cabelo não estava tão claro e brilhoso como ele era, estava assanhado e sem vida. Minha pele, apesar dos longos dias de caminhada no sol, estava meio pálida, amarelada e suja pela poeira da estrada. Minhas unhas estavam sujas de terra, meus lábios estavam ressecados e meus olhos... Tinham a íris de uma cor verde-alaranjada por causa da alteração do meu humor.

Minha roupa... Ah, como eu queria voltar a usar aquele revestimento de madeira novamente. Ele se renovava todos os dias e eu já me acostumara a andar descalça. Longe da minha árvore, eu perdia um pouco da minha vida, da minha cor... A roupa era a mesma que eu usara no dia do acidente: aquela regata branca e short jeans que durante esta viagem havia sido lavado num igarapé inúmeras vezes.

Lavei meus braços, minhas pernas, meu rosto. Refresquei-me como pude antes de retornar à mesa. Meus olhos estavam voltando ao normal, mas ainda tinham uma tonalidade estranha. Caminhei de cabeça baixa por entre as mesas – eu chamava a atenção delas por causa ser muito alta – até deslizar na cadeira da mesa onde estava Heitor.

Permaneci de cabeça baixa encarando o copo vazio dele.

– Voltaram ao normal? Quer dizer, a cor de antes?

Levantei a cabeça e Heitor os viu verde-amarelados agora.

– Não diga nada.

– Não estou dizendo.

– Fazia tanto tempo que eu não me via num espelho. Não tinha noção de quanto horrorosa eu estou.

Heitor riu alto.

– Do que está rindo?

– Você horrorosa, Anita? Você é linda.

Meu rosto deve ter ficado tão rubro quanto a bandeira do Flamengo. Ainda bem que, neste momento, a garçonete chegou trazendo a comida.

– Pedi canja. Não sei se você gosta.

– Eu gosto, obrigada.

Ela distribuiu as duas tigelas de canja.

– O que você quer beber, Anita?

– Água, Heitor.

A mulher se afastou para pegar água com uma expressão estranha.

– Você tem dinheiro para pagar isso?

– Eu tinha uns reais na mochila. Seu Lobato me ajudou a trocar a quantia pelo dinheiro daqui. Mas, claro: não podemos esbanjar, não é muita coisa.

Continuamos a comer em silêncio. Havia uma televisão ligada e a assistimos. Era dia de domingo.

Era muito estranho eu estar de volta à vida urbana: sentada num restaurante, na Venezuela, comendo canja, assistindo televisão e tendo Heitor como companhia. Principalmente, quando eu lembrava como eu havia o conhecido.

– Desculpe-me pelo que falei. Eu falei aquilo sem pensar... Não queria magoar você.

– Tudo bem. Por isso, pedi duas canjas: sabia que você voltaria.

Bebi a água gelada que desceu pela minha garganta contrastando com o calor do caldo.

– Quero lhe contar, Heitor, o que queres saber, mas eu tenho... Eu tenho medo de você ficar assustado e... Não gostar da verdade.

– Você é uma alienígena?

– Não!

– Então não tem o que temer. A única coisa de que eu fugiria era se você fosse um E.T. disfarçado de mulher. – brincou ele.

– Não, não sou. Então, você promete? Que... Não me abandonará se souber a verdade?

– Eu nunca faria isso, Anita. Nunca abandonarei você.

Silêncio. Heitor falou isso com tanta convicção. Meu coração deu um salto e não soube o que lhe dizer. Culpa. Por que estou fazendo isso? E Bruno? Esqueça-o. Esqueça-o...

Ele mudou de assunto.

– Seu Lobato falou de uma pousada boa aqui perto, onde o preço é acessível para o que temos. Quando terminar, vamos nos hospedar lá. Ter um sono digno numa cama, tomar banho... E conversarmos sobre assuntos pendentes.

– Já terminei.

– Então, vamos.

– Que assuntos pendentes?

– Você vai me contar... Aquilo.

DEZOITO

*A natureza bela e sempre virgem,
Com suas galas gentis na fresca aurora,
Com suas mágoas na tarde escura e fria...
E essa melancolia e morbidez
Que nos eflúvios do luar ressumbra,
Não é apenas uma lira muda
Onde as mãos do poeta acordam hinos
E a alma do sonhador lembranças vibra.*

Álvares de Azevedo

O ruído de nossos passos numa rua asfaltada ecoava em nossos ouvidos, Havia poucas pessoas na rua. A noite era mais estrelada do que em Manaus. Logo encontramos o lugar.

Era modesto, não tinha nenhum luxo, mas se tivesse uma cama e um chuveiro quente já servia. Na recepção, enquanto Heitor falava com uma mulher – ele era melhor com o espanhol do que eu – observei uns murais na parede com fotos turísticas, mapas, roteiros de viagem e endereços de hotéis. Um anúncio sobre expedições aos Tepuis e algumas informações sobre eles me atraíram.

Ao lado destes havia a foto de um monte curioso: parecia um castelo na ponta de uma encosta. Era uma formação rochosa diferente que lembrava o tronco de uma árvore cortada da qual só resta o toco fincado na terra. Era como um cilindro em pé, em um dos lados da elevação. Cerro Autana, era o nome.

A montanha tem 1.220 metros de altura, e fica próximo ao rio Orinoco, ao sul de Puerto Ayacucho, próximo a Colômbia.

Meu espanhol, como já disse, não era muito bom. Ironicamente, minha mãe era espanhola. Consegui entender que era a montanha sagrada dos índios Piaroa que acreditavam ser o tronco de uma árvore cortada...

Talvez a árvore da lenda do surgimento dos Tepuis.

Dentro dele, há um labirinto de cavernas que possibilitam, em determinada época do ano, a luz do sol bater de um lado e sair do outro...

Senti necessidade de consultar minha bússola, mas Heitor já terminara de conversar e se aproximava de mim.

– Vamos?

Subimos uma escada e paramos num corredor com inúmeros quartos. Fiquem pensando como ele conseguiu nos hospedar sem eu ter documentos, mas não importa.

– Peguei um quarto para você. É uma suíte, mas não é grande coisa. Deve estar cansada da minha companhia este tempo todo. Hoje poderá ficar sozinha.

– E o seu?

– É aquele ali no final do corredor.

Heitor abriu a porta do meu quarto e me entregou a chave.

– Tranque a porta. Qualquer coisa, eu estarei lá.

– Obrigada.

Então, subitamente o abracei. O sentimento de gratidão e afeto por ele foi tão grande que não me bastou dizer-lhe apenas “obrigada”. Foi um abraço rápido e desajeitado, mas quando o soltei Heitor estava meio confuso e lento.

E aí eu fechei a porta na cara dele.

Encarei o quarto, a cama, a televisão com antena, o frigobar, o banheiro e ri.

Eu iria tomar banho num chuveiro, deitar numa cama, assistir televisão... Depois de tudo que eu passei. Deixei minha

mochila numa cadeira e peguei a bússola. Ela apontava para a esquerda, como sempre fizera.

Imaginei, desejei e tive certeza de que em breve retomáramos o caminho e eu encontraria Jáspis. Guardando-a na bolsa, deitei-me na cama e senti a maciez dos lençóis na minha pele. E percebi que havia me desacostumado a dormir em uma cama. A instabilidade do colchão me fez sentir desconfortável e resolvi tomar banho.

Lavei meu cabelo com a ferocidade de quem quer limpá-lo como nunca fiz antes, usando os produtos que tinha no quarto. Lavei meu rosto, esfreguei minha pele. A água era morna. Era como se eu estivesse revivendo minha outra vida. Não tinha outra roupa a não ser aquela que vestia. E a não ser é claro a verdadeira roupa das dríades.

Perguntei-me se Heitor ainda apareceria para falar comigo, mas descartei a ideia pensando que ele ficaria cansado demais e dormiria. Lavei minha blusa e o short jeans e me revesti com a casca de árvore, com a qual eu costumava cobrir meu corpo.

Não era uma coisa que fosse comprada, ou feita. Meu corpo a produzia, pois a madeira da minha árvore estava de certo modo impregnada em mim. No início foi difícil aprender o truque, mas as dríades me ensinaram e eu peguei o jeito.

Era como piscar os olhos: havia uma parte voluntária e uma involuntária ao mesmo tempo. A parte voluntária se manifestava quando eu decidia se queria ou não utilizá-lo. A parte involuntária era por conta do meu corpo, que deixava o tecido vegetal vivo, em contato com minha pele. Talvez ele se mantivesse por meio da minha força vital.

Ao produzi-lo – era como um vestido de um só ombro ou um tomara-que-caia, dependendo de como eu quisesse, de uma casca cinza-esverdeada, grudado na minha pele – percebia que estava uma madeira pouco esverdeada, em relação ao que costumava ficar. Era uma madeira seca, com pouca vida.

Era a distância da minha árvore que fazia isso. Era dela que vinha parte da minha força.

Eu já deitava na cama, tentando dormir, sem conseguir relaxar os músculos e a mente, quando ouvi uma voz.

– Anita? Você está dormindo?

Eu havia prendido a respiração. Após reconhecer os passos de Heitor, respirei novamente.

– Não.

– Posso entrar?

Suspirei, meio chateada com a intromissão dele, mas levantei-me e abri a porta, escondendo-me atrás dela porque eu estava com a roupa de dríade e não queria que ninguém do hotel me visse assim. Ele também tinha tomado banho e trocado de roupa. Segurava várias sacolas plásticas e uns potes de plástico ao entrar e observar meu quarto.

– Sabe o que eu descobri? Que me acostumei ao chão irregular e molhado da floresta.

Eu não disse nada. Apenas cruzei os braços olhando para ele, depois de fechar a porta. O que ele queria? Deixou o material que trazia em cima da minha cômoda e começou a tirar algumas coisas das sacolas.

– Eu fui lá fora dar um passeio e vi umas lojas abertas, comprei umas roupas e adivinha o que eu achei? Um microscópio! Daqueles de criança, mas aumenta umas 400 vezes. Eu trouxe minhas amostras que colhi na viagem, você quer ver?

Eu ri. Às vezes Heitor é meio doido e sem noção. Ele já espalhava os cacarecos dele em cima da minha cama. Devia ser quase meia-noite, andamos muito hoje. Eu estava cansada. Não fora ele que afirmou que eu precisava de um quarto só meu?

Mas ele ainda estava enérgico, abrindo aqueles potes com insetos mortos, líquens, vegetais, fungos... Na minha cama! E eu estava cansada demais para expulsá-lo. Na verdade, não me incomodava mais com sua constante presença.

Sentamos na cama e ele começou a preparar umas amostras no microscópio de plástico, enquanto eu escondia meu sorriso atrás do travesseiro.

Eu olhava através das lentes, ouvindo as explicações animadas dele sobre as características biológicas de tudo aquilo. Entrava por um ouvido e saía por outro.

– Acho que descobri uma nova espécie de fungo! Olha!

Uma hora depois, eu já encostava minha cabeça no travesseiro, deitando meu corpo, apenas observando Heitor continuar suas análises.

– Imagine quantos milhares de espécies precisam ser descobertas. Quantos seres nesta vastidão amazônica podem ser a cura de doenças, ou mesmo o segredo da vitalidade humana? É preciso investir em pesquisas, montar grupos de pesquisadores científicos de todas as áreas, do Brasil e de fora, para explorar todas as possibilidades de riquezas que a Amazônia guarda...

Nessa hora, levantei-me, de repente e disse num tom estranho e autoritário:

– Não permito que isso aconteça.

Heitor parou o que estava fazendo e olhou para mim, franzindo as sobrancelhas, estranhando minha atitude. Eu também estranhei a súbita intervenção minha na discussão.

– E desde quando você permite ou não alguma coisa? És o presidente ou algum ministro?

– Eu não quero que isso aconteça, Heitor. Você deve fazer o possível para que isso não aconteça.

– Anita... Você tem noção do que você está falando? Eu sei que você é toda ecológica e quer proteger a floresta, mas a ciência também deve progredir, com toda a cautela, eu sei, para solucionar os problemas da humanidade! Você prefere a vida de uma árvore ou de uma criança?

Se Heitor soubesse quem eu sou nunca teria feito essa pergunta.

– Você não entende...

– Não, você é que está sendo radical demais!

– Todas às vezes que o homem tocou em alguma coisa da natureza ele alterou e destruiu!

– Mas a ciência evoluiu! Hoje sabemos calcular os impactos ecológicos...

– Vocês humanos não sabem de nada! – em seguida, corrigi-me. – Nós não sabemos de nada.

– Exatamente! Por isso, precisamos descobrir os mistérios da natureza. Só assim poderemos protegê-la.

– Heitor... – aproximei-me dele. – É presunção do homem descobrir os mistérios da natureza. Antes de surgimos ela já existia, independente de nós, livre de nós, selvagem como deve ser. E mais! Nós somos parte dela. Se quisermos conhecer seus mistérios temos que conhecer primeiro a nós mesmos, precisamos nos controlar antes de controlar todo o resto! Sabe qual a origem dos problemas da humanidade? Em algum momento da história os humanos perderam sua ligação sutil e plena com a natureza, com o cosmos que nos cerca! Por que somos tão diferentes dos outros animais? Por que pensamos? Mas será que é vantagem pensar e escolher? Na vida natural não há bem e mal, você sabe disso. Mesmo as situações de predação, parasitismo e todos os fungos e bactérias que causam doenças... Eles fazem isso porque a vida é assim, há um equilíbrio. Vida e morte, decomposição, reciclagem da matéria orgânica, simples assim. Mas nós não. Nós inventamos o mal.

“Somos os únicos animais que podem mudar propositalmente e, ao que parece, sempre para pior, o ambiente em que vivemos. Quando foi que começamos a destruir tudo? Quando desobedecemos a Deus? Por que deixamos de ouvir a voz de Deus ao longo da nossa evolução? Quando está prestes a acontecer um desastre natural, os animais sentem. Por que nós não sentimos? Porque não conseguimos mais parar e ouvir o canto dos pássaros, alegrarmo-nos com a chuva, viver apenas com o

necessário e só, sem prédios magníficos de metal, como se fossem jaulas separando o mundo humano do resto da natureza, como se fossem coisas diferentes e inimigas?

Porque os humanos, não respeitando a morte, buscam a eternidade nesta vida, quando na verdade com esta preocupação estão se esquecendo de viver sua existência de forma plena e em paz?!".

Parei um instante para respirar. Eu já tinha lágrimas nos olhos e estava sentada sobre os tornozelos, discutindo indignada com Heitor, que me escutava atentamente. Continuei.

– Não estou dizendo para ficarmos apáticos, esperando a morte chegar, mergulhados em sofrimento. Mas devemos saber a hora de parar e aceitar a vida como ela é, com as dificuldades que ela tem, sem tentar melhorar as coisas, modificando seu DNA, quando, na verdade, não sabemos nem conviver em harmonia com nossa família. Imagina com as outras espécies! Acredito que o sofrimento faz parte de nossa vida, amadurecendo-a como a um fruto. E acredito que certos mistérios não devem ser expostos, nem modificados, porque não somos nem dignos dele. A primeira evolução que os humanos precisam não é com a ciência. É aqui dentro... – minha mão espalmada repousou no peito de Heitor. – Encontrando a paz e a harmonia que só encontramos sabendo amar todas as criaturas que herdamos como pequenos reflexos de Deus... E a Amazônia é uma das obras-primas Dele.

Enfim, parei de falar. Emocionada, ainda sobressaltada com tudo o que saíra da minha boca. Do meu coração. Aqueles pensamentos flutuavam havia muito na minha mente, tentando pousar e enfim, naquele momento, eu os despejei aos pés de Heitor.

Como se eu representasse a Natureza que implora e ele o Homem que presume saber tudo. Minha mão jazia ainda em seu peito, sentindo os batimentos cardíacos dele.

Heitor pegou minha mão, tirando-a de sua roupa, e segurou-a entre as suas, admirou-a.

– O jeito como você fala da natureza... É tão poético... De uma devoção religiosa...

– Deus não é a natureza, mas ela faz parte Dele, assim como nós.

– Eu não penso como você pensa. Esses desequilíbrios na natureza poderiam acontecer mesmo que os humanos não existissem. Ela está sempre em constante mudança e catástrofe. Acredito que podemos controlá-la para nosso bem-estar com avanços científicos, sim. Eu gosto quando você fala assim, mexe comigo... Mas não consigo mudar minha maneira de pensar.

– É porque você conhece os cantos de muitos pássaros, mas já não compreende a verdadeira vida por trás deles. É como olhar um belo quadro, sem sentir ou entender o que ele quis dizer.

– E qual é essa verdadeira vida atrás do canto dos pássaros? Heitor perguntou meio irônico, soltando suavemente minha mão.

– A mesma que adormece em você. Em mim. Como um dragão que guarda um tesouro.

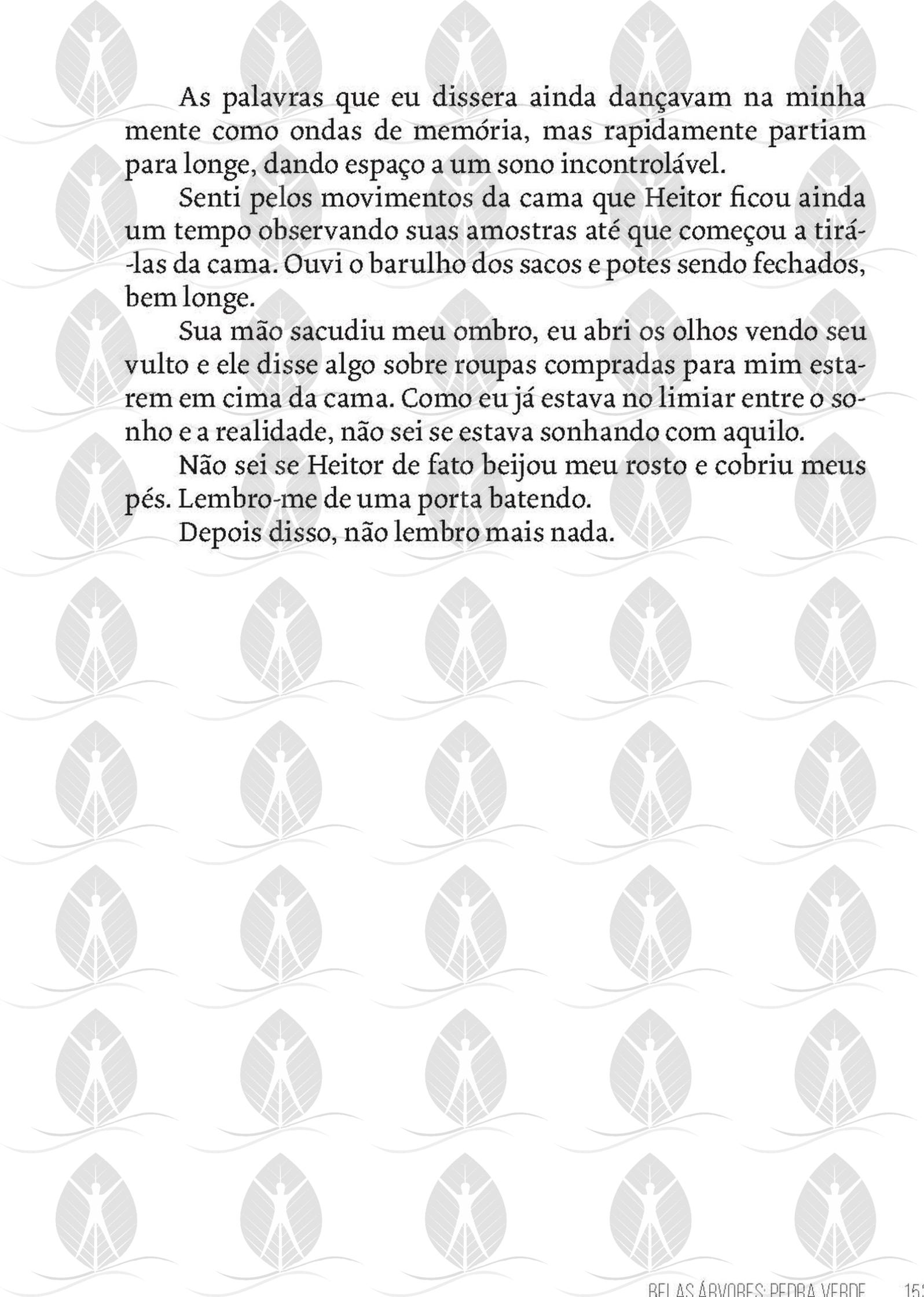
– Que tesouro?

– Não sei...

Disse isso e sorri. De fato eu não sabia, só sabia até aí. Às vezes eu tenho esses surtos de belas palavras espontâneas que nem eu sei o que significam exatamente.

Levantei-me da cama e puxando o fino lençol do lado direito onde as coisas de Heitor não ocupavam, deitei cobrindo-me e virando para o lado, sem encará-lo.

– Boa noite, Heitor. Já estou com muito sono. Pode ficar aí, com a luz ligada, se quiser. Não vai me incomodar...



As palavras que eu dissera ainda dançavam na minha mente como ondas de memória, mas rapidamente partiam para longe, dando espaço a um sono incontrollável.

Senti pelos movimentos da cama que Heitor ficou ainda um tempo observando suas amostras até que começou a tirá-las da cama. Ouvi o barulho dos sacos e potes sendo fechados, bem longe.

Sua mão sacudiu meu ombro, eu abri os olhos vendo seu vulto e ele disse algo sobre roupas compradas para mim estarem em cima da cama. Como eu já estava no limiar entre o sono e a realidade, não sei se estava sonhando com aquilo.

Não sei se Heitor de fato beijou meu rosto e cobriu meus pés. Lembro-me de uma porta batendo.

Depois disso, não lembro mais nada.

DEZENOVE

*– Os dias são curtos. Ou nossa esperança chega,
ou todas as esperanças se acabam.
Portanto, envio-te o que fiz para ti.
Passe bem, Pedra Élfica!*

J. R. R. Tolkien

Quando Heitor abriu a porta do seu quarto, pela manhã, me viu esperando por ele, olhando para a janela que estava na parede do final do corredor.

Eu via a cidade e sentia o vento massagear meu rosto.

– Você está aí há muito tempo?

– Não. – então, ele reparou na minha roupa.

– Você está...

– Não diga nada. Muito obrigada... Pelas roupas, mas este é o maior número?

– É.

– Ficou pequeno.

– Você deve ter um metro e noventa, Anita! Qualquer roupa em você será pequena.

– Você é muito observador!

Heitor riu por eu tê-lo caçoado.

– Você acordou de bom humor hoje, né?

Descemos para a recepção e viramos numa sala à direita, onde havia algumas mesas e comida.

Heitor havia comprado duas camisetas, um short e o vestido que eu usava. Era verde, de alças e deveria ficar nos joe-

lhos, mas em mim ficara um palmo acima. Eu usava a sandália que Iara me dera e tinha os cabelos penteados e presos numa trança.

Desde que eu acordara não me sentia bem. Talvez a canja não tivesse me feito bem e a tontura talvez fosse por causa da fome. Fomos à grande mesa onde estava a comida e nos servimos. Peguei pouca coisa, apenas frutas. Heitor encheu o prato e comentou:

– A comida está inclusa, então, aproveite.

A mesa em que sentamos era daquelas metálicas dobráveis: com uma toalha branca em cima, manchada de café.

– Ontem perguntei de algumas pessoas sobre o lugar aonde você quer ir. Eles me deram algumas dicas de lugares, trilhas e contatos. – comentou Heitor.

– Pelo menos dormiste ontem? – perguntei. Minha visão escurecia e me sentia sonolenta.

– No chão. Tentei dormir na cama, mas não consegui. Parei de comer e tentei respirar. O ar me faltava.

– Anita? Anita?

Senti perder o controle sobre o corpo, bater em alguma coisa e senti os braços de Heitor me segurando.

De algum modo parei na minha floresta.

Eram novamente aqueles sonhos estranhos, e naquele momento soube não serem apenas sonhos. Eram visões. Eu estava naquele lugar. Eu sabia que estava na cama do hotel e que também estava na floresta. Como se meu corpo estivesse na cama e minha mente pudesse vagar para longe.

À minha frente eu via o Bruno. E Indaiá. Os dois conversavam juntos, bem próximos, sentados na bifurcação do igarapé que agora estava mais seco do que na primeira vez que o vi, acompanhada por Lucas. Ele praticamente não existia mais. A luz era matinal.

– És tão simpático e engraçado, Bruno. Não sei por que Anita não vê isso. Eu não teria coragem de largá-lo aqui, sozi-

nho, desamparado... Não fique triste, Bruno! O que posso dizer para fazê-lo rir?

Bruno tinha o olhar distante e desconcentrado, mas olhou Indaiá e tocou sua face com a mão.

– Você tem sido uma boa amiga, Indaiá. Obrigado, mas... Acho que só a presença de Anita me alegraria.

Indaiá bufou e se levantou bruscamente. Levando a mão à cabeça exclamava, indignada:

– Ah, Bruno! Quando vai perceber que ela não gosta de ti?! Ela não te ama, Bruno! Se amasse não teria partido! Sama tem notícias dela através da Iara e ela contou que Anita está acompanhada de um rapaz chamado Heitor e que este mesmo rapaz está apaixonado por ela... A qualquer hora ela vai trocá-lo, eu tenho certeza, ela não à ama mais como... Como eu o amo.

Bruno ergueu a cabeça e fixou seus olhos castanhos em Indaiá. Tinha uma expressão preocupada e confusa.

– Não... Por favor... Indaiá, eu já lhe disse que não sinto por você o que sinto...

Indaiá aproximou-se *tanto* de Bruno, tocando seu rosto...

– Não, não diga isso. Olhe para mim. Olhe para mim. Você não se lembra disto?

E beijou Bruno demoradamente. Uma onda quente de ira subiu por todo o meu corpo e tive vontade de gritar. Quis que aquela imagem se acabasse, mas ao mesmo tempo, queria saber o que aconteceria em seguida.

Então Bruno começou a tentar desvencilhar-se de Indaiá e quando esta o soltou, ele disse descontrolado:

– Nunca mais faça isso. Eu já lhe disse! Será que você não compreende? Eu posso não amar Anita do jeito que eu pensava, mas não posso ficar com você! Fique longe de mim... Por favor!

Bruno começou a andar e Indaiá tentou segurá-lo:

– Por favor, Bruno... Eu o amo! Deixe-me cuidar de você. Dê-me um tempo para que você me conheça! Eu te amo, eu te amo!

Bruno a segurou pelos ombros e fitou sua face durante muito tempo, como se tentasse encontrar algo nela. Por fim, cautelosamente, calculando cada palavra, disse:

– Mas eu não te amo. – largando-a e saindo de cena.

Indaiá permaneceu imóvel, impassível e quando enfim mudou de posição, ficando de frente para mim, vi seu rosto obscuro, envolto de variados sentimentos como tristeza, ira, soberba...

De algum modo seus olhos encaravam os meus, embora aquilo fosse apenas uma visão e eu não estivesse lá. Pela primeira vez, senti um grande medo de uma pessoa.

Resumindo, seu rosto atingiu um tom de maldade tão grande que seus olhos escureceram completamente.

– Eu te odeio, Anita!

Saindo de cabeça erguida, sobrancelhas franzidas, e muito pensativa eu soube que Indaiá estava prestes a fazer algo muito ruim.

Tomei fôlego. Tudo escureceu e novamente eu estava na cama. Mas o quarto estava claro, por causa da luz que entrava pela janela. Heitor segurava um pano próximo ao meu rosto e sentava ao meu lado, havia também uma senhora que reconheci ser uma funcionária do hotel.

– Bruno...

– Bruno? Quem é Bruno? Você está bem? Sente tontura? Deve estar desidratada...

Recusei a água que Heitor me ofereceu e tentei me sentar. Mas comecei a chorar e cobri o rosto.

– Se você quiser me contar...

E no fundo eu queria, mas não sabia por onde começar. Olhei para a mulher e Heitor disse a ela que eu ficaria bem, então ela saiu do quarto levando um frasco e o pano que Heitor colocara no meu nariz. Ficamos sós. Parei de chorar e limpei o rosto. Já sentia confiança em Heitor e desabafei:

– Ando tendo sonhos, que creio serem visões. Elas são tão reais, como se me mostrassem o que está realmente acontecendo em um lugar longe daqui. É como se eu me transportasse para lá. Estivesse naquele lugar... E o que vejo são coisas que não gostaria de ver, mas por algum motivo minha mente me leva para lá.

– Você sempre teve essas visões?

– Não, são recentes... Mas esquece. Quero esquecer o que vi, embora saiba que não conseguirei... Um dia, Heitor, eu lhe contarei tudo... Contudo, não agora. Este não é o momento.

Ficamos em silêncio enquanto eu recuperava o ânimo. Bebi água. Minhas mãos tremiam. Queria contar a Heitor, queria muito. Livrar-me-ia de um fardo, uma confusão na minha cabeça.

A tontura continuou e minha respiração estava ofegante. Não sabia se era a raiva, o sentimento de surpresa e descobrimento, ou a própria *viagem* que eu fizera.

Então Bruno estava lá, na floresta à minha espera? E Indaiá estava se aproveitando disso! Senti uma grande frustração e desejei com todo o meu ser voltar para casa, que era agora a minha floresta. Entretanto, não conseguiria desistir da missão, isso era impossível, sem contar no tanto que eu teria que caminhar novamente. E havia Heitor.

Observando o quarto e tudo o que havia nele, percebia que me sentia deslocada ali. Então uma ideia pousou sobre mim, assustadora e indesejável. Mas era a verdade: meu lugar não era aqui, no meio humano. Uma vez experimentado, vi que não conseguiria simplesmente largar a vida e a minha missão como dríade.

Eu nunca mais seria normal, nada voltaria a ser como antes e por mais que eu quisesse ficar no universo humano, eu não me encaixava mais nele. Isso incluía Heitor. E Bruno.

Com pesar tentei imaginar o que aconteceria depois que eu encontrasse Jáspis, o que seria de Heitor depois que eu re-

tornasse para minha árvore. Pensava em Heitor, em Bruno, em meu pai e minha mãe... Nunca daria certo. Eu não poderia ficar com eles durante muito tempo.

Provavelmente, assim como minha mãe, eu estava fadada a viver sozinha na floresta, sem um companheiro, por décadas e anos, por mais que nos amemos.

E isso foi como uma faca no meu coração não só porque isso servia para Bruno e eu, mas também para Heitor. Por querer tê-lo perto de mim, e nunca mais me afastar dele, tive uma grande descoberta: meus sentimentos por ele estavam mudando.

Tentei impedir que acontecesse. Agora teríamos que sofrer as consequências.

Como continuei a chorar baixinho, ele me abraçou. Senti-me tão segura e em paz, em seu colo, que nunca mais quis soltá-lo.

Ele tirou aquele seu caderno do bolso da calça e arrancou uma página.

– Pegue. Eu fiz para você.

Era um desenho feito a lápis, em preto e branco, com a grafite esfumada para dar a noção de perspectiva e textura. Era eu segurando um macaco-de-cheiro nos braços... Eu e o Travesso. Meus cabelos balançavam ao vento e eu sorria. Havia árvores no plano de fundo. Pensei eu dizer-lhe quanto ele desenhava bem, quanto o desenho estava bonito e rico em detalhes, mas disse apenas:

– Obrigada.

E fiquei olhando para a imagem durante vários minutos. Abracei-o fortemente, tomada por um medo inexplicável...

O que Indaiá faria para se vingar do que acontecera?

VINTE

*The night you danced like you knew our lives
Would never be the same...*

Taylor Swift

– Não acho uma boa ideia. É melhor ficarmos até você melhorar definitivamente.

– Não, Heitor. Eu já lhe disse que estou bem!

Estávamos na recepção, no dia seguinte ao meu desmaio, e Heitor fechava a conta. A esta altura, seu Lobato já tinha partido e nós também seguiríamos o nosso caminho.

Saindo para a rua, do lado de fora da pousada, víamos ao redor da cidade os montes ao longe. Havia muito vento neste dia. Eu verificava minha bússola – na noite anterior eu a mostrara ao Heitor. Ele ficou confuso, examinando-a metodicamente, mas não disse nada. Ele aceitava as coisas mais depressa do que imaginei.

Com o rosto virado para o norte, eu verificava minha bússola e Heitor verificava a dele, além de um mapa.

– Nesta direção, Heitor. O que tem nesta direção no mapa? Heitor percorreu o mapa e sua bússola com os olhos negros e inteligentes. Reparei em sua expressão séria que eu adorava, o modo como suas mãos traçavam retas e caminhos no papel.

– Monte Roraima... E tem outros, mas... Acho que é o lugar que você procura.

Olhei no mapa e nas duas bússolas. Era o caminho certo, contudo... Havia uma intuição em mim que dizia não ser esse o caminho. Desde que eu vira a foto e lera sobre o Cerro Autana, não tirava este nome da mente.

– Heitor, tem algum Cerro Autana no mapa?

Heitor verificou. Estávamos na rua e um carro passou buzinando para nós. Chegamos mais perto da calçada, mas Heitor não perdeu a concentração.

– Tem. – respondeu ele, enfim. – Mas, é outro caminho e seu acesso não deve ser fácil.

Pensei um pouco a respeito. As bússolas diziam uma coisa, mas eu sentia outra. Lá havia um labirinto. Eu vivia sonhando com labirintos...

– Então, Monte Roraima? – Heitor perguntou com uma expectativa na voz, como se estivesse ansioso para fazer a viagem.

– Monte Roraima. – respondi. Mas sou indeciso e sem vida.

Era fevereiro, tempo chuvoso, mas era a época em que as pessoas tiram férias aqui. Percorremos o mesmo caminho que os turistas faziam, como se também fôssemos um deles. Da cidade saíam alguns jipes e estradas que deveriam chegar próximo ao monte, onde havia uma aldeia indígena, antes de começar a escalada.

Heitor dissera que não sobrara muito dinheiro para pagar o transporte, mas não me incomodava em caminhar. Na verdade, ele dera metade do dinheiro que sobrara para uma senhora que nos apareceu dizendo que não tinha o que comer e tinha quatro filhos. Foi, pelos meus cálculos, o correspondente a mais de setenta reais.

– Eles precisam mais do que nós. – disse-me ele, depois.

Levaríamos pelo menos dois dias para chegar à aldeia. No fim do primeiro dia, acampamos na planície próxima aos pés da montanha, saindo da estrada onde os carros passavam.

À noite, via-se a silhueta do monte no céu estrelado, erguendo-se da terra como uma mesa. Vi Sírius, na Constelação de Órion, como a mais brilhante das estrelas. Havia outra mais brilhante que ele, mas não era estrela. Era um planeta, Júpiter ou Saturno. Havia monstruosas nuvens vindas do leste. Choveria bastante.

Havíamos caminhado bastante em um ritmo determinado, rápido e constante, o dia todo. Pela noite, montamos uma fogueira como de costume e descansávamos.

Naquela manhã, eu havia acordado decidida a contar tudo para Heitor. Mas a coragem faltava e eu enrolava na conversa. Falávamos sobre estrelas, um dos nossos assuntos preferidos.

Uma hora depois começou a chover instantaneamente. A fogueira se apagou, nossas coisas molharam e ficamos encharcados até os ossos. As nuvens avançavam para nós e demorariam a passar totalmente em direção ao oeste. O vento era forte, eu sentia frio. Raios rasgavam os céus e sentíamos o som dos trovões atravessarem nossa carne e tremerem o chão. Estávamos em pé.

– Heitor, é perigoso ficarmos aqui! – elevava minha voz, competindo com a chuva. – É melhor irmos para debaixo das árvores.

– O quê?! Não estou ouvindo!

– Quero ir para debaixo das árvores!

– Continuo não ouvindo! – Heitor ria, e levantava os braços, aparando a chuva e olhando para o céu, com os raios iluminando seu rosto. Eu estava com muito medo.

– Louco! Pare com isso!

Olhava ao redor e via a planície desnuda, estávamos exatamente entre a terra e o céu: éramos num raio de cinquenta metros as coisas mais altas dali.

Lembrei-me das aulas de ciências. Heitor parecia um para-raios com os braços erguidos. E eu que tinha um metro e noventa?

Heitor continuava com a cabeça virada para trás, parado, sentindo a chuva no rosto.

– Estou com medo, Heitor!

Finalmente, ele virou a cabeça e se moveu. Sorriu para mim, tentando me tranquilizar. Juntamos nossas coisas e corremos para o bosque de árvores mais próximo, que margeava uma corrente d'água, que descia da montanha e atravessava a planície.

Não entramos muito na floresta, na verdade, ficamos abrigados sob a copa das primeiras árvores. Ainda nos molhámos, mas pelo menos estávamos perto de outras coisas que se elevavam do chão, mais altas que nós.

Meu cabelo molhado grudava na minha face. Ao longe víamos os raios encostando-se ao chão. Heitor sorria incessantemente como um louco, e explicou-me, lembrando as gírias de surfistas:

– É muita energia!

– Tenho medo de raios. Sabia que um deles matou minha mãe?! Até hoje sonho com isso.

Heitor parou de sorrir.

– Desculpe-me. Não sabia.

A chuva demorou a diminuir e meus anseios aumentavam. Heitor percebia isso. Ele começou a assobiar uma canção, que eu já ouvira de algum lugar e então começou a cantar:

– *I'm singing in the rain... I'm just singing in the rain... What glorious felling, I'm happy again...*

Ele tinha uma voz bonita e cantava bem. Tanto que me surpreendi. Olhei para ele, como se visse um rinoceronte transformando-se em passarinho.

– *The sun is in my heart and i'm ready for love... Let the stormy clouds chase...*

Ele cantava olhando para mim, fazia expressões, balançava os braços no ar e imitava quase que perfeitamente Gene Kelly.

E então... Heitor começou... A sapatear?! Ele pegara um galho no chão e o balançava como se fosse uma sombrinha e sapateava como um bailarino. Esqueci a chuva, os raios, o medo, e comecei a rir incessantemente.

Ver Heitor em meio a uma tempestade amazônica das bravas sapatear, dançar Charleston e fazer “mãozinhas de jazz”... Era uma imagem surreal!

Ele tentava me tranquilizar, acho. E conseguiu. Minha barriga doía de tanto dar risada.

– Onde você aprendeu isso? – o interrompi. Ele parou de dançar e o observei cansado e molhado diante de mim.

– Fiz um musical no meu colégio uma vez, onde interpretei *Don Lockwood* de *Cantando na Chuva*. Eu interpretava bem, era bonito, tinha uma boa voz... Só tive que aprender a sapatear.

Sorri de sua resposta. Eu, como sempre, não sabia se ele estava falando a verdade ou não, mas que Heitor *se achava*... Isso era verdade. Eu odiava e amava isso.

– Sapatear eu não sei fazer muito bem... Mas sabia que eu gosto de dança de salão?

– Você? – ri com a ideia.

Pensei em um Charles Darwin dançando valsa... Heitor, o cientista, o inteligente, o que sabia o nome científico das espécies amazônicas e vivia mais tempo de sua vida dentro da mata, procurando um animal extinto, do que na cidade, um rapaz até mesmo um pouco rude... Não. Dança de salão não tinha nada a ver com ele.

– Sim, e muito bem, por sinal. Mamãe além de advogada adora dança de salão, mas como meu pai não era muito presente, ela me obrigava a ir com ela nas aulas. E eu aprendi.

– Duvido! – e me arrependi de falar isso, pois quando vi Heitor se aproximando e estendendo a mão, eu já sabia o que ele faria.

– Então, vamos tirar essas dúvidas.

– Não, Heitor. Por favor, eu não sei dançar.

– Eu lhe ensino.

– Não!

– Por favor... Quero dançar com você.

Ah! Por que ele tinha o dom de ser tão... Tão convincente?!

As nuvens grandes pareciam estar longe, assim como os raios. A chuva diminuía consideravelmente, era agora um chuvisco forte. Minha mão pegou a dele e nos afastamos um pouco das árvores, indo para a planície, mas não muito. As gramíneas molhadas pareciam algodão espremido quando pisávamos.

– Então, preste atenção. Eu vou guiar você. O homem sempre dá o primeiro passo. A mulher acompanha...

– Isso é um pouco machista, não?

– Não necessariamente. O homem só propõe a caminhada, a mulher decide aceitar, ou não.

Ele envolveu minha cintura com um braço e a outra mão segurou a minha elevada no ar. Minha outra mão estava em seu ombro. Nossas roupas grudavam no corpo e as gotas caíam sobre nossa pele. Tocamo-nos suavemente, como se ainda tivesse uma aproximação.

– Você prefere valsa, tango, merengue? Tem o foxtrote, também...

– Você é tão presunçoso, Heitor.

Ele sorriu.

– Você também é às vezes, Anita... Por isso, nos damos muito bem. Somos um tipo de Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy. Vou começar com uma valsa.

Eu nunca dançara valsa antes, nem no meu aniversário de quinze anos. Não entendo muito de dança, mas devo admitir que Heitor sabia dançar. Logicamente eu fui desastrada, pisava em seu pé, não conseguia acompanhá-lo e olha que íamos numa velocidade superlenta. Aos poucos eu melhorei, ele me

dava as dicas e por mais difícil que fosse para mim, ele fazia a coisa se tornar fácil.

Esqueci de Jáspis, das dríades, da floresta, de tudo. Não sei quanto tempo ficamos dançando. Ele era suave: deslizava os pés no chão sem fazer ruído. Aumentamos a velocidade e eu já rodava, me afastava e voltava para seus braços. Girávamos e girávamos. Sorriamos.

Um Heitor surpreendente e inexplorado surgia na minha frente. Era uma cena tão clichê! Compreendi que Heitor queria fazer igual aos filmes, queria criar um clima romântico aproveitando a chuva, citando Jane Austen, ou algo assim. Mais uma oportunidade para ele mostrar seus talentos, já que ele era cheio deles e adorava mostrá-los.

Não vou cair na dele. Eu prendia um riso, porque me imaginava como uma observadora exterior da situação. *Que menina idiota aquela!*

Mas acima da desconfiança, eu estava feliz. Havia uma felicidade nova e pura em mim que eu não sentia há tempos. É claro que essa felicidade tinha a ver com o Heitor, ele me fazia sentir assim, à vontade, mas a dança também ajudava.

Lembrei-me de uma amiga bailarina que certo dia me falara sobre o que a dança significava para ela. Eu a escutei, mas não compreendi a verdadeira profundidade daquilo. Agora eu sentia.

Era uma arte libertadora. Um modo de falar ao mundo usando apenas o corpo. Quando se dança, o mundo em volta se cala e você presta mais atenção a apenas *aquele momento*. O cansaço físico alivia nossas preocupações, pois não apenas o corpo se move. A alma também dança.

– Está aprendendo rápido. – Ele constatou.

Sua expressão era séria e altamente concentrada em meu rosto, ao contrário de mim que olhava para os meus pés, como se meu olhar os ajudasse a entender os passos.

– Olhe para mim, Anita. Você não deve olhar para os pés, sua mente ainda está na cabeça e não neles.

Na verdade, a minha falta de prática na dança era uma desculpa para olhar para os pés e não para ele. Eu temia olhá-lo. O afastamento... A impessoalidade era o melhor para nós dois. Poupar-nos-ia de futuros sofrimentos. Mas, era tarde demais.

Não eu, porque havia uma parte de mim relutante, apenas minha face se ergueu e meus olhos ficaram presos nos dele.

Aquele olhar profundo, por vezes presunçoso, até arrogante e rebelde, mas gentil e zeloso. Ele gostava de mim, era evidente pelo modo como me olhava. Tinha o olhar apaixonado.

Tarde demais, tarde demais.

As pequenas gotas caíam em mim, fazendo pesar um pouco meus cílios. Seu rosto molhado estava mais branco, como quem sente um frio molhado. Seu cabelo cor de mica brilhava e seus olhos... Eram a condensação de mil palavras a serem ditas. Meu coração, apesar de agitado, estava... Calmo ou... Não sei como explicar.

– Sabia que seus olhos estão azuis? – perguntou Heitor. Desviei o rosto sutilmente, como se tentasse ver meus olhos refletidos em algum lugar, ou fugisse das análises de Heitor.

Havia dor em meu peito, chegando a ser uma centelha de desespero.

– Tudo bem, Anita?

Eu não estava bem. Não lhe respondi. Apenas aproximei-me dele e encostei a cabeça no seu ombro. Ficamos abraçados, com os pés ainda se movendo, como se tivessem vida própria. Meu rosto encostado em seu ombro começou a molhar sua blusa com minhas lágrimas. O que não fez diferença, por isso, Heitor não percebeu.

E continuamos assim, do jeito que estávamos, por mais uma eternidade de anos, até que Heitor começou a falar novamente.

– Estou sentido seu coração, Anita. – Sua voz era calma, alegre, satisfeita. O que fez aumentar meu fluxo de lágrimas e me contive mais ainda. – Está sentindo o meu? Ele bate por você.

Aquele foi o estopim. Comecei a soluçar e, assustado, pois ainda não tinha percebido que eu estava chorando, Heitor se desvencilhou e me olhou preocupado.

– Anita? Por que está...

Eu não suportaria encará-lo. A dor era tamanha. Eu soluçava e não tinha fôlego, doía fisicamente e doía minha alma. Afastei-me dele, caminhei para longe, segurando meu ventre e com a outra mão na boca, como se impedisse que eu vomitasse algo. Eu queria vomitar aquela dor e ela não saía.

Sentei-me no chão, molhando meus joelhos nus na vegetação molhada e desabei ali. Heitor ficou inerte, sem saber o que acontecia.

Tentei recompor-me, sugando golfadas de ar, nas quais eu tinha a vã esperança de que entrando e saindo dos meus pulmões, também pudessem levar minha angústia com elas.

Heitor se aproximava e me olhava. Ele entendeu meu olhar que suplicava sua presença, e se sentou ao meu lado. Demorei, mas enfim as palavras saíram.

– Preciso lhe contar uma história.

Ele não respondeu. Apenas esperou que eu continuasse. Parada à frente de onde ele estava sentado, fitei seus olhos negros. Olhos inocentes prestes a descobrir a verdade sobre mim. Havia parado de chover.

Agora eu precisava contar a verdade, não podia voltar. Só inventei uma mentira porque às vezes *não se pode contar a verdade*. Suguei mais ar, como quem suga energia.

– Certa vez... Uma garota de dezesseis anos sofreu um acidente na estrada... Ela era nadadora e ia para uma competição em Boa Vista... Seu ônibus capotou e ela se perdeu na mata. Até que ela encontrou as dríades: criaturas femininas cujas vidas dependem de suas árvores... E ela mesma descobriu ser... Ser...

– Você é a garota da história? – perguntou subitamente. Suspirei, relaxei os músculos, e respondi sem olhá-lo:

– Sou.

Heitor adquiriu um olhar distante, reflexivo, depois balançou a cabeça sorridente e deu uma gargalhada.

– Eu soube desde que você começou a contar a história. Quem mais sabe disso?

– Bem... As dríades! É claro. Minha mãe era uma dríade, ela era a rainha do clã. Meu pai, que vive em Manaus, vem me visitar de vez em quando... E dois amigos que também se perderam comigo naquele dia: Lucas e... Bruno.

A palavra “Bruno” saiu pesada, e lembrei-me de que durante meus delírios de desmaio eu já pronunciara aquele nome na frente de Heitor. Senti que houve uma mudança nele. Heitor ficou em silêncio, calculando dizer algo que não queria dizer:

– Bruno... É seu namorado?

Fiquei pensando no que dizer e lembrei-me das palavras de Bruno, dizendo a Indaiá que não me amava mais do jeito que pensara ter amado.

– Não. É um... Amigo.

– Você o ama?

– Amo.

– E ele te ama?

– Creio que sim. Somos amigos desde a infância. Ele é dos únicos que sabem meu segredo e nós...

Parei de falar sentindo um nó na garganta. Ia confessar que já havíamos sido mais do que apenas amigos. Continuei:

– Na verdade, já fomos mais que amigos.

Heitor parecia incomodado com a conversa, pois sua mandíbula apertava os dentes de cima, fazendo os músculos do seu pescoço se elevar. Heitor parecia necessitar dar um soco em alguém. Ficamos em um desconfortável silêncio: ouvia-se apenas o reboar dos trovões ao longe e os ruídos dos animais. Estava mais claro porque a lua já saíra das nuvens.

– O que você está fazendo aqui, Anita? – Sua voz denunciava uma ira.

– Como assim?

– Por que não está na *sua floresta*, perto da sua árvore, perto do seu Bruno...

– Porque a floresta está em perigo. As árvores estão sumindo e quando nossa árvore morre... A sua dríade também morre. Continuei a contar minha vida.

– Eu era uma menina normal, estudava em um colégio, estava no Ensino Médio, morava em Manaus. Desde cedo gostei muito de nadar e fiz disso mais do que um passatempo, se tornou minha profissão. Quando eu viajava para Boa Vista, com o Bruno e o amigo dele, o Lucas... Estava chovendo muito e o motorista derrapou na pista e caímos de um barranco...

Contei toda a história de como tudo começou. Sobre o desaparecimento de Bruno, de como Lucas e eu decidimos ir atrás dele, como nos separamos e em seguida encontrei as dríades... Como Myrcia, que mais tarde descobri ser minha mãe, morrerá. Contei em resumo, tudo o que acontecera nos últimos meses, as ameaças que sofremos e o que decidi fazer para salvar as últimas esperanças.

– Por que está aqui, então?

– Preciso encontrar a pedra Jáspis. Só ela pode salvar a floresta. Foi o que Sama me disse.

– E onde está a tal pedra?

– Não sei. É isso que vou descobrir.

Soou muito decidido, apesar de a verdade ser que eu não tinha esperanças, querer voltar para casa, não ter ideia do que fazer da minha vida, e perder a firmeza que tinha nos meus antigos sentimentos.

Heitor continuou em silêncio, distante, até um pouco zangado, sentado bem ao meu lado.

– Até quando você vai mentir, Anita?

Fiquei atordoada, incrédula, com medo.

– Mas, eu estou falando a verdade!

– Sim, é claro! – Heitor tinha uma expressão sarcástica e insatisfeita. – Você se superou inventando essa história de dríade...

– Eu não inventei! É a verdade, Heitor! Não era isso que você queria? Eu sou uma dríade, eu tenho uma árvore e minha vida está ligada a ela!

Eu levantava a voz, exaltada. Tinha os olhos arregalados e estava tremendo, estava prestes a chorar. Heitor não estava acreditando em mim. Eu soube que ele não acreditaria. Heitor é cético.

– Ou você não quer mesmo me contar a verdade... Ou isto está tudo na sua cabeça. – Heitor falou, olhando-me daquele jeito de cientista analisando um inseto.

– Estás vendo? Estás vendo?! Eu sabia que você não acreditaria em mim, eu sabia por isso não lhe contei!... Eu estou falando a verdade, Heitor, acredite... Veja meus olhos e minha altura, eu não sou humana... Eu sou uma ninfa. Minha mãe era uma ninfa, mas meu pai era humano... Minha árvore é uma samaúma... O que esperavas que eu dissesse sobre mim?!

– Não, não...

Heitor tinha o olhar fixo no chão, incrédulo e confuso. Levava as mãos à cabeça, como sempre fazia quando estava pensando, e ora olhava para mim, ora desviava o olhar para seus pensamentos.

– Pare de olhar assim para mim, Heitor! Eu não sou um de seus animais!

– Sabe o que é mais engraçado? Eu assisti no jornal sobre o seu acidente... Lembro de um tal de Bruno dando uma entrevista sobre a perda de sua melhor amiga e eu, comendo pizza e vendo a tevê, pensei: “Coitada da menina. Tão nova e perdeu a vida”. E agora estou aqui!

Heitor riu, continuava com aquela cara de quem está se controlando para não iniciar uma briga. Esta briga, porém,

parecia ser contra ele mesmo. O frio me incomodava bastante. Minha pele molhada e em contato com o vento, fazia-me tremer de frio. Meus lábios deviam estar roxos.

Heitor estava impaciente, não aceitava o que eu dissera sobre mim, perguntei:

– Heitor, o que foi? Diga-me o que está pensando! Você acredita em mim?

Ele desviou seus olhos daquela distância mental inalcançável e fixou-os nos meus. Seu rosto parecia mais belo quando tinha aquele ar misterioso e inteligente. Mas Heitor estava desnortado.

– Eu não acredito em você, Anita.

Estas palavras feriram-me como o corte de papel.

– Por favor, Heitor... Por favor! Depois de tudo o que passamos... Eu... Eu não quero perdê-lo, Heitor.

As lágrimas que saíam eram tão tristes quanto eu. Ele havia se aproximado do meu rosto e se fixava de tal modo em mim, como se tentasse ver minha alma, me entender. Eu sentia o efeito de cada palavra dele sobre mim.

– *Dríades* não existem.

Mais um golpe de uma adaga mortal. Eu sentia uma mistura de profunda tristeza e raiva.

– Eu existo... Eu existo, Heitor! Não devíamos ter nos conhecido. Eu sabia que seria um erro eu me aproximar de você. São todos iguais! Como fui burra... Eu confiei em você!

Levantei-me. Heitor também se levantou e segurou meu braço.

– Espere, Anita. Por favor, eu...

– Me solte.

– Me dê um tempo...

– Me largue, Heitor!

Puxei bruscamente o braço e comecei a andar novamente em direção às árvores onde estavam minhas coisas. Eu tinha vontade de feri-lo, esmagá-lo com a fúria das minhas plantas!

Vendo-as obedecerem a mim, ele teria que acreditar que eu era diferente. Mas ele não era digno dessa demonstração.

O fato de Heitor não acreditar na minha palavra, me magoou profundamente. Eu pensara sim, em mostrar-lhe como eu era, o que eu podia fazer como dríade, mas... Ele precisaria ver como São Tomé para acreditar em mim?

Não. Eu não existia para ele.

– Anita!

– Me deixe, Heitor, eu não existo para você.

Ele corria atrás de mim. E eu continuava a caminhar em ritmo rápido.

– Eu não quis dizer isso. Anita, me dê um tempo para absorver as coisas que disseste.

– Tempo! Todos vocês pedem tempo! Não percebem que o tempo não para nós! Quando queremos voltar é tarde demais... Vá embora, Heitor. Vá atrás das suas preguiças! Elas são melhor companhia que eu. Tu não existes mais para mim.

– Não, Anita. Eu não vou. Lembra... Que eu disse que nunca deixaria você?

– Problema seu! Eu não quero mais saber de você.

– Por favor, Anita. Eu preciso de você... Eu gosto tanto de você. Eu me apaixonei... Desculpe-me.

Meu coração amoleceu um pouco e eu quis virar-me para vê-lo falar isso, mas permaneci de cabeça baixa, seguindo para a mata. Mas eu diminuíra o ritmo. Heitor estava ao meu lado.

– O que sente por mim? – ele perguntou.

– Como?

– Diga. E eu também o direi.

– Pelo quê?

– Por que você faz isso comigo?! Por que finge que não vê? Diga-me logo, o que tens a me dizer que eu me afasto de você e então, poderás voltar para *aquele* seu amado Bruno... Diga logo que não gosta de mim, que eu tomo vergonha na cara e sumo da sua vida!

Heitor tinha os olhos vermelhos, sua voz se exaltava e eu sabia do que ele estava falando. Ele tinha razão. Eu fingia que não sabia que ele sentia algo por mim.

Eram muitas as causas. Às vezes eu tinha medo de não ser verdadeiro o que ele sentia por mim. Eu tinha medo de admitir que também sentisse algo por ele. Receava admitir que eu não gostasse mais de Bruno como antes... Eu temia amar novamente.

Além disso, quando eu não tinha essas dúvidas, e considerava o amor de Heitor por mim verdadeiro e chegava a admitir para mim mesma que estava apaixonada por ele, aquela angústia me subia à garganta.

Eu chegava à conclusão de que nosso relacionamento não iria muito longe, por causa de nossas diferenças. Na verdade, agora eu percebia que qualquer relacionamento que eu iniciasse não daria certo.

Eu era muito diferente, tinha vida e responsabilidades diferentes demais e não importasse o tamanho do amor... Ele vacilaria pela distância e pelas diferenças com o tempo.

Se ele acabaria de qualquer jeito, era melhor acabar agora, no começo, quando as lembranças conjuntas eram poucas e os sentimentos talvez pudessem ser dominados.

Parei de andar e olhei para ele.

– Não posso dizer isso... Porque... Eu não sei... Exatamente... O que sinto por ti.

Os olhos dele ficaram curiosos e esperançosos. Heitor se aproximou de mim. Como eu era mais alta, ele tentou ficar no mesmo nível da minha face, puxando delicadamente meu pescoço. Seus olhos começaram a se aproximar dos meus, a face de Heitor tocava a minha... Reagi, embora relutante, afastando seu rosto com as mãos.

– Desculpe. – disse ele. – Não queria...

– Tudo bem.

Eu tinha que resistir. Tinha que começar a me afastar de Heitor. Ele suspirou, tentou esconder as lágrimas, mas elas saíram à medida que ele falava. Então soube que ele guardava aquelas palavras há muito tempo:

– Durante muito tempo e desde muito cedo, dediquei minha vida à causa do meu pai. Queria provar a todas as pessoas, aos cientistas, que ele não morreu em vão, que ele estava certo sobre as preguiças gigantes, que ele não era um biólogo louco e fracassado... E eu fingi... Que gostava do meu trabalho, que gostava do que fazia. E que também era meu sonho provar a existência do Mapinguari... Eu fingi durante tanto tempo que passou a ser verdade para mim... Mas, no fundo, Anita... No fundo eu era infeliz, não tinha amigos, ninguém me satisfazia... Principalmente depois de perder Talita. O mundo não me satisfazia, eu buscava algo... Algo que acalmasse essa minha inquietude, esta minha insatisfação... Eu já vivi tantas coisas, viajei para tantos lugares, conheci muitas pessoas, mas...

“Quando conheci você, Anita! Era como se... Eu soube que era você! Você tinha algo de especial, chamava minha atenção, me... Você era para mim um mistério tão grande quanto as preguiças gigantes... – ele sorriu. – Por isso, eu segui você. Eu tinha que acompanhar você para descobrir seu mistério. Aonde quer que você fosse... E ao longo da viagem... Inevitavelmente... Eu passei a te amar e a dar tudo de mim para ajudá-la na sua missão, para protegê-la... Mesmo não tendo ideia do que era.

Mas você parecia nem notar isso. Estava tão absorvida na sua busca, nas suas visões com o Bruno que parecia nem notar tudo o que eu fazia para você.

Contudo, continuei. Continuei, porque ainda tinha esperanças de que... Ah, o jeito que nos olhávamos, como você falava comigo... Como você me odiava, não me odiando...

Eu quero acreditar em você, Anita... É que tudo isso é muito confuso, eu nunca imaginei que houvesse isso... A existência de vocês é só lenda, é um mito... É contra a ciência!”

Heitor exaltou-se como se houvesse descoberto a resposta a uma grande pergunta. Em seguida ficamos nos olhando e novamente parecia que Heitor me analisava metodicamente. Mas não havia apenas isso em seu olhar. Havia paixão, necessidade e conforto em seus olhos ao olhar os meus. Por fim, ele relaxou os músculos e seus negros olhos ficaram calmos, como a superfície de um lago.

– Eu acredito em você, Anita. Acredito em você porque te amo.

Estas palavras sacudiram meu âmago. Se já não estivesse apaixonada por Heitor, eu teria me apaixonado por ele naquele momento, ao falar aquelas doces palavras para mim. Ele continuou:

– Por favor. Esclareça-me de uma vez por todas... Se você me disser... Eu largo tudo! Vivo com você aqui na floresta... Eu deixo de lado as minhas coisas, eu largo tudo! Diga-me! – pegando minhas mãos. – Diga que me ama. E eu lhe darei a minha vida.

Definitivamente fiquei sem palavras, sem pensamentos, sem reação.

Fiquei fitando seus olhos negros em sua pele branca e seu belo nariz. E tentei pensar, esclarecer. Era a proposta mais tentadora que já tive. Eu lhe diria “sim”, sem hesitar, inicialmente, diria que o amo... Eu o amava? Será que eu realmente o amava mais do que amava o Bruno? Era paixão, atração momentânea, será que era forte o suficiente para largarmos tudo e vivermos juntos?

Eu ainda amava Bruno. Mas também amava Heitor. Eu conhecia tudo da vida de Bruno, sabia tudo sobre ele, eu conseguia enxergar minha vida com ele porque eu o conhecia, dava para supor como seria.

Já Heitor, conheci faz pouco tempo, não sabia quem eram seus pais, sua cidade, seu sobrenome. Tudo o que sabia sobre

ele era o que eu experimentei na caminhada. Do seu passado somente o que ocasionalmente ele contava.

Tentei imaginar minha vida com Heitor na floresta, ele largando tudo e se adaptando à minha vida de dríade e nem consegui imaginar. Porque eu não o conhecia, e não podia supor meu futuro com o parco conhecimento que tínhamos um do outro. Era como se eu lhe estende-se a mão e seguissemos juntos, mas o caminho fosse escuro e desconhecido, eu não enxergasse aonde ia.

Este desconhecido me dava medo. Mas me atraía. A segurança de uma vida conhecida, dentro dos meus planejamentos e sem riscos, era a meu ver o mais sensato e desejado.

Mas a aventura de uma vida desconhecida, que fugia dos meus domínios, e cheia de riscos, era temida, mas ao mesmo tempo almejada pelo meu insatisfeito e aventureiro coração!

Eu me entendia perfeitamente com o Bruno. Era só trocarmos um olhar para saber o que dizíamos. Raramente brigávamos. Éramos muito amigos. Até amigos demais!

Com Heitor eu brigava o tempo todo. Discordava dele em quase tudo. Era preciso perguntar para o outro o que o outro estava pensando, pois ambos éramos tão misteriosos e orgulhosos! Todavia, era essa discordância que me aproximava dele. Eram seus mistérios de pensamento e vida que convergiam meus olhos para ele.

Essa distinção e esses polos opostos sustentavam nossa relação. Mas se isso acabasse um dia? Com Bruno, eu ainda poderia ser sua amiga, pois nossa amizade era muito anterior a isso. Com Heitor... Eu não sabia.

– Anita? – perguntou ele, ainda esperando uma resposta. E eu ainda a procurava.

Eu não sabia. Eu o amava, eu precisava dele, eu o queria. Mas ele não poderia viver comigo. Por mais que quisesse eu sabia mais do que ele que aquela sua ideia era sonhadora e improvável que desse certo. Não podíamos consumir a vida dele

assim. Heitor passar a vida toda comigo morando na floresta cercado de dríades, sem contato humano, sem... Sem sua vida?

Eu aceito seu pedido, eu aceito seu pedido. Não, ele não podia fazer isso... No fundo, eu sabia que ele não aguentaria muito tempo lá... Às vezes, nem eu aguento.

Bruno surgiu na minha mente. Ele me considerava sua amiga. Ele havia se enganado pelo que sentia por mim. Por mais que eu o amasse, quando eu retornasse... Bruno não estaria mais comigo. Eu sentia isso e vi nas minhas visões.

Só me restaria Heitor. Mas eu não podia aceitar Heitor só porque Bruno me largaria, isso é covardia. Todavia, eu... Podia afirmar que amava Heitor.

– Anita... Você me ama?

– Não sei... – Fingi. Fingir era uma solução.

– Mas como não sabe?!

– Você não conseguiria, Heitor. Somos muito diferentes, não podemos viver juntos. Eu não posso estragar sua vida... Você, na floresta comigo... É tentador, eu quero... Mas não podemos. Você é humano, eu sou uma dríade. – as lágrimas saíam ainda.

– Esqueça isso. Nós conseguiremos. Minha vida se estragaria mais se eu não ficasse com você. Case comigo...

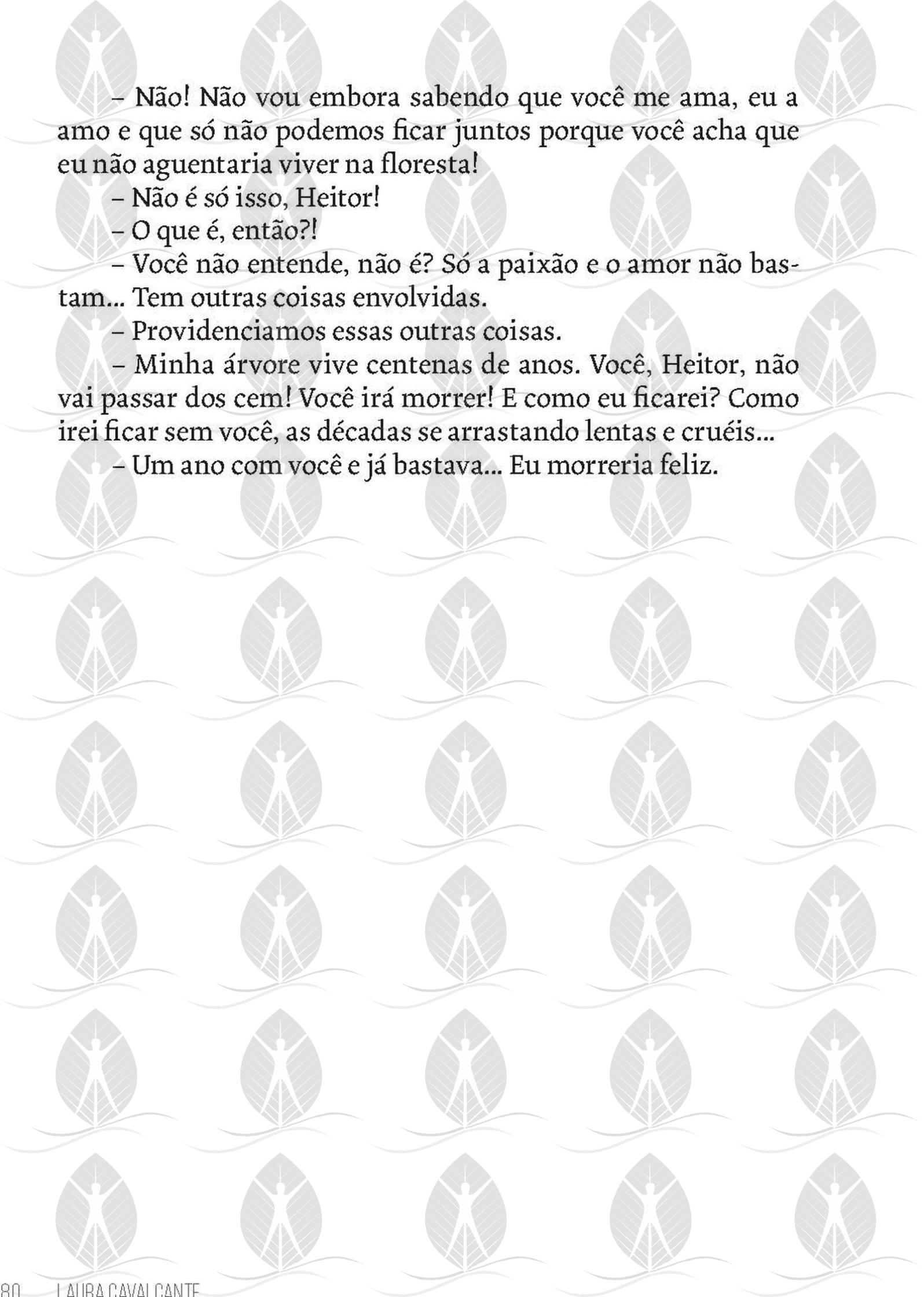
Por um momento, pensei que ele estivesse certo. Esqueci as dificuldades.

Aquelas palavras pareciam mágicas. Imaginei-me com Heitor e minha árvore, juntos durante anos... E... Pensei numa coisa que ainda não havia pensado, mas que me destruiu por dentro: Heitor morreria antes de mim. Eu teria centenas de anos pela frente sem ele.

– Vá para casa, Heitor. Continue com suas pesquisas... Por favor, me deixe antes que seus problemas aumentem.

– Você não é um problema na minha vida. Se você sair dela, isso sim vai ser um problema.

– Não posso ficar com você. Vá! Por favor, vá!



- Não! Não vou embora sabendo que você me ama, eu a amo e que só não podemos ficar juntos porque você acha que eu não aguentaria viver na floresta!

- Não é só isso, Heitor!

- O que é, então?!

- Você não entende, não é? Só a paixão e o amor não bastam... Tem outras coisas envolvidas.

- Providenciamos essas outras coisas.

- Minha árvore vive centenas de anos. Você, Heitor, não vai passar dos cem! Você irá morrer! E como eu ficarei? Como irei ficar sem você, as décadas se arrastando lentas e cruéis...

- Um ano com você e já bastava... Eu morreria feliz.

VINTE E UM

Disse e ajoelhou-se, numa rogativa:

“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”

E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco

O moço triste se abraçou com o tronco

E nunca mais se levantou da terra!

Augusto dos Anjos

Heitor não desistiria. Já me cansava disso. O tempo se prolongava, eu sabia como resolver isso. Mas falar isso a ele seria cruel para ambos. O tempo prolongado e a situação não decidida nos massacravam. De repente, gritei:

– Ai!

– O que foi? – perguntou ele.

Com as mãos segurando minha perna esquerda, recuperava meus sentidos de uma forte dor que eu havia sentido no calcanhar. Uma forte pontada.

– Nada... Deve ser câimbra da viagem...

Novamente a dor me atingiu, agora mais forte que nunca, coincidentemente no tendão de aquiles, e espremi os olhos, franzindo a testa.

– Anita?

Tudo se passou tão rápido em minha mente, que a conclusão a que cheguei nem formou palavras ou voz em minha mente. Apenas uma ideia nítida e certa de que estava acontec-

do há quilômetros de distância dali: alguém estava cortando minha sapopema, minha árvore estava em perigo.

Eu sabia disso por instinto.

Caí de lado no chão, agora com pontadas mais frequentes. A dor era tanta que mal conseguia respirar e meus olhos lacrimejavam de dor.

Sentia minha perna ser amputada lentamente sem nenhum anestésico. Heitor também caiu ao meu lado, puxando-me para seu colo, falando meu nome, fazendo perguntas. Eu, todavia, sem consciência pela dor e desespero tamanhos, tentava desvencilhar-me de suas mãos, para ir rastejando em direção à árvore, que naquele momento eu esqueci que estava fora de alcance.

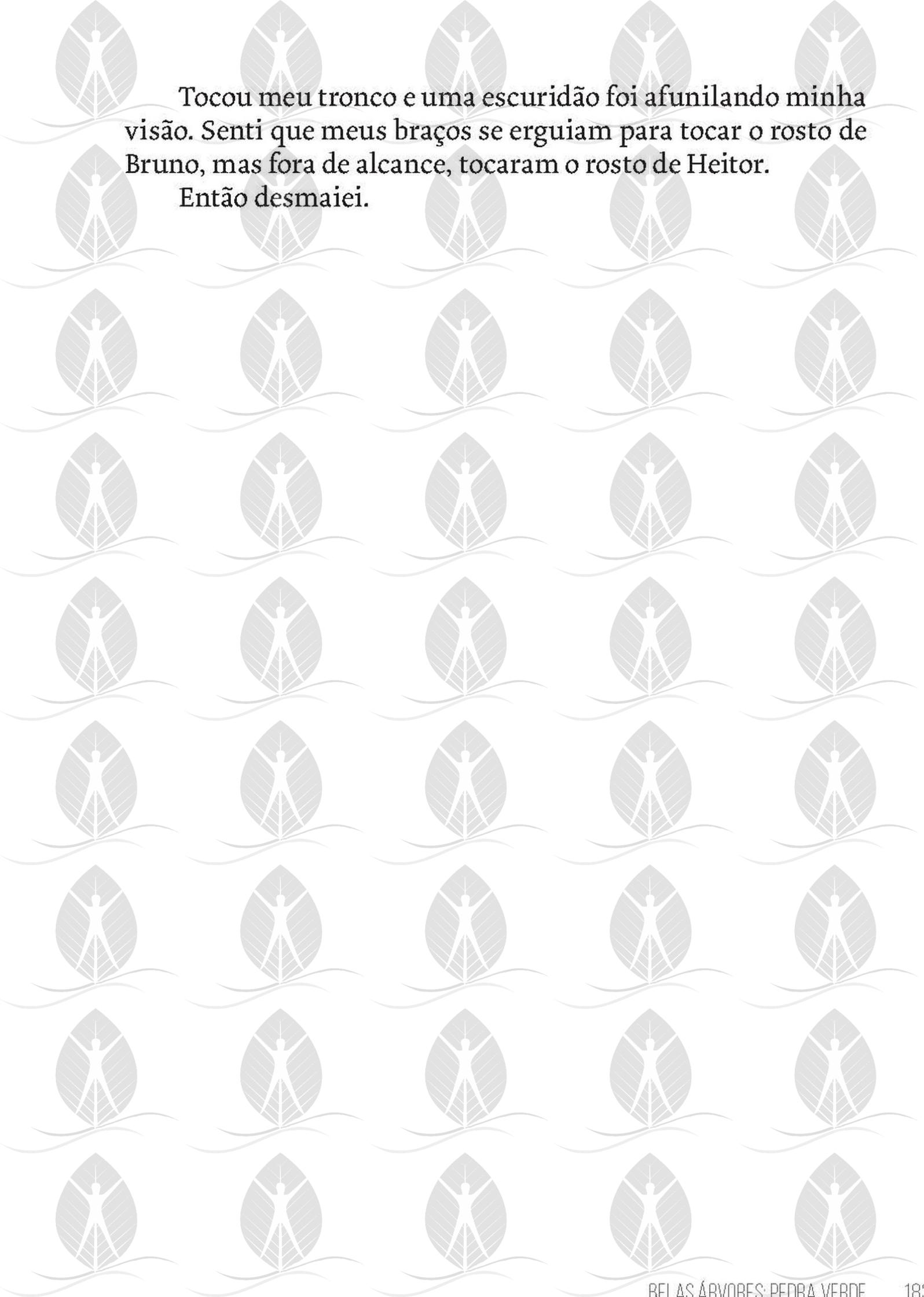
Pois eu a via. Estava bem na minha frente.

De repente a imagem mudou e *eu era a árvore*. Pela minha visão aérea, como se eu estivesse em cima da árvore, vi minhas raízes, onde uma jovem empunhando um facão atingia minha madeira todas as vezes que eu sentia a dor.

Reconheci essa pessoa de cabelos negro-esverdeados: era Indaiá. As imagens alteravam-se: ora eu estava nos braços de Heitor, ora via a árvore na minha frente e ora *eu era a árvore*. Não eram apenas visões. Eu estava em vários lugares ao mesmo tempo. E eu sabia disso assim como sei que existo.

Quando em instantes posteriores as pontadas pararam, mas o eco de suas dores persistia, minha consciência aos poucos retornou, e parei de debater-me no colo de Heitor. A alternância das imagens parou e o cansaço de demasiado esforço fez com que eu parasse de me mover, e pude ouvir meu coração assustado, minha respiração ofegante e a respiração de Heitor perto do meu rosto.

E a dor começou a passar gradualmente, até que meus músculos relaxassem. Então voltei a ser árvore e vi Bruno segurando firmemente o pulso de Indaiá e jogando-a no chão. Ele se virou e vi seu rosto molhado pelas lágrimas e pela fúria.



Tocou meu tronco e uma escuridão foi afunilando minha
visão. Senti que meus braços se erguiam para tocar o rosto de
Bruno, mas fora de alcance, tocaram o rosto de Heitor.
Então desmaiei.

VINTE E DOIS

Vou te dizer o que nunca te disse antes, talvez seja isso o que está faltando: ter dito. Se eu não disse, não foi por avareza de dizer, nem por minha mudez de barata que tem mais olhos que boca. Se eu não disse é por que não sabia que sabia... Mas agora sei. Vou te dizer que eu te amo.

Clarice Lispector

Acordei, sentindo a luz e o calor forte do sol atingindo meus olhos, mesmo estando estes fechados. A pálpebra que cobria meus olhos estava rosada. Abri os olhos e em seguida os fechei. Era muita luz para eles. Ergui-me apoiada nos cotovelos, com os olhos semiabertos, já procurando Heitor. Ele foi meu primeiro pensamento do dia. E ele estava lá.

Acho que não dormira a noite toda cuidando de mim. Eu estava no mesmo lugar que caíra e nossas coisas já haviam sido trazidas do bosque por ele.

– Você está bem? – perguntou preocupado.

– Estou melhor...

– Você se lembra do que aconteceu ontem?

– Sim. – infelizmente, eu lembrava.

– O que aconteceu, Anita? Você começou a se contorcer, e teve aquelas visões. E desmaiou...

Sentei-me, notando o cerúleo azul de um céu com poucas nuvens em um dia claro. A vegetação baixa estava verdejante, contrastando comigo. A natureza parecia indiferente aos nos-

sos sentimentos. Continuava sendo ela mesma, como se nada houvesse ocorrido.

– Aconteceu o que de pior pode acontecer a uma dríade: minha árvore, lá no Amazonas, foi atacada.

– Foi cortada?

– Não. Bruno a salvou. – Após dizer isso, analisei-o para ver como ele reagia. Mas aparentou estar mais aliviado do que zangado com o Bruno.

– Que bom. – disse, enfim. – Pensei que fosse perdê-la.

A palavra “perdê-la” nos lembrou do assunto que discutíamos ontem, antes que eu sofresse o “atentado”.

– Você já se decidiu?

– Sobre o quê? perguntei, esperando que ele fosse mais direto ao ponto, sem eu precisar pensar em como chegar lá.

– Você sabe. – Tive que pensar no assunto de qualquer maneira.

– O mesmo que eu disse ontem. Separarmos nos será o melhor para nós dois.

Tentava ser fria. Não indiferente, mas ao ponto de ter calma e certeza nas palavras para que ele acreditasse nisso. Heitor desviou o rosto, para esconder as lágrimas, inutilmente.

– É o que você acha?

– Sim. É o que eu acho. – respondi, me controlando ao máximo.

Era horrível vê-lo assim daquele jeito. Eu estava partindo o coração de Heitor. Cogitei, então, que talvez eu estivesse errada. Que poderíamos sim viver juntos, que eu deveria ficar com ele não me importando com o resto.

– Você vai ficar mais feliz se eu for embora? Eu só quero sua felicidade.

Não. Eu não ficaria feliz. Eu ficaria em ruínas. Mas, pensava eu, o melhor para ele era ficar sem mim. E eu só queria o melhor para ele, eu o amava. Portanto, disse:

– Vou.

De brinde com o pacote “vou”, veio uma lágrima que caiu no chão. Como desviava meus olhos de Heitor, com medo de que estes fossem delatores de meus reais sentimentos, eu vi a trajetória da gota, e ela era tão triste que me pareceu cair em câmera lenta. Quando caiu no chão, o seu fim nos pareceu também o fim de nossa conversa.

– Então, adeus. Disse Heitor, com sofreguidão.

Tentei também falar um “adeus”, mas nenhum som saiu de minha boca. Apenas olhava distraidamente para o chão. Notei que onde a lágrima caíra, as plantas murcharam.

Heitor se levantou e pôs suas coisas na mochila. Terminando de fazê-lo, começou a se afastar e pelo canto do olho, o vi olhar para trás. Então, parou.

– Tens certeza? – perguntou sua voz rouca, que era mais um lamento profundo e gutural do que uma voz.

Levantei a cabeça e olhando seus olhos, não resisti. Levantei-me e corri para ele. Parando defronte dele, subitamente, como que somente naquele momento tivesse entendido o que havia feito, hesitei antes de enlaçar o seu pescoço com meus braços.

Heitor largou a mochila no chão e também me abraçou. Respirando e lagrimando no pescoço de Heitor, não suportei guardar aquilo dentro de mim. Ele precisava saber.

– Heitor, eu te amo. – disse-lhe ao ouvido.

Hesitei por um momento, quis dizer-lhe que não tinha certeza da minha decisão e quis começar tudo de novo. Mas não o fiz. Senti que Heitor também hesitava; que estava prestes a implorar-me novamente. E ele também não o fez.

– Eu tenho certeza. – falei, respondendo à primeira pergunta que ele havia feito.

Uma vez decidido e falado, não voltaríamos atrás.

Ele era como eu.

VINTE E TRÊS

*Quem fosse acompanhando juntamente
Por esses verdes campos a avezinha
Que, depois de perder um bem que tinha,
Não sabe mais que cousa é ser contente!*

Luís de Camões

Eu me odiava. Precisava seguir. Precisava seguir. Mas não me suportava.

Sentada no mesmo local há horas, abraçando os joelhos, eu tinha esperança de que Heitor voltasse. E as horas se arrastavam lentas, como se rissem de mim, sem nenhum sinal dele.

Preciso continuar. Preciso continuar. A ausência de Heitor era tão insuportável quanto o silêncio absoluto.

Eu não... Eu não tinha ideia que eu ficaria assim. Despedaçada, a ponto de não conseguir levantar. Eu não sabia quanto eu já dependia dele.

Eu não mais chorava. Não tinha mais água que passasse pelas minhas vias lacrimais. Esgotaram-se todas. Meus olhos eram desérticos: vermelhos, secos, solitários, perdidos. Estou aqui, falando sozinha, queixando sozinha, no meio do nada, da escolha que eu tomei.

Meu coração... Era uma carne, repartida em mil pedaços espremidos contra a parede do meu corpo. E ousa ainda acrescentar gotas de limão nessa descrição.

A solidão chegou a tanto que não aguentei. Precisava de alguém para conversar. A pessoa que eu mais queria era Heitor. Contentei-me com Iara.

Tocando na pérola negra, pendurada no meu pescoço, que Iara me dera, pensei nela, e desejei que em breve ela aparecesse. Sob a luz do pôr do sol daquele dia, Iara apareceu ao meu lado com aquele vestido de escamas de peixe e pela sua expressão de preocupada percebi que ela já sabia.

– Ah, Anita, querida!

Iara sentou ao meu lado e me acolheu em seus braços com cheiro de peixe. Mas não me importei. Nada mais importava no mundo. Eu estava arrasada, destruída por dentro, incompleta. As lágrimas voltaram, inundando o deserto dos meus olhos.

– Ele foi embora, Iara. Eu pedi que ele fosse embora, mesmo essa sendo a última coisa que eu desejava no mundo.

– Eu sei que aconteceu, querida. Eu sei, não precisa falar, mas se quiser...

– Achei que estivesse fazendo o certo. Quero dizer, você sabe... Nós, ninfas, nos apaixonarmos por humanos...? Raramente funciona.

– Eu sei o quanto o amor é difícil. Eu já passei por tanta coisa, prefiro nem lhe contar minha história. O único homem que amei de verdade... Ele me largou. Depois de eu ter salvado sua vida das águas famintas e ter dado a minha em troca... Por que acha que eu sou contra os homens? São todos uns baiacus inchados que... Shhhiii, tudo bem, irmã, tudo bem. Esse pode não ser o fim... Quem sabe ele não desiste e volta?

– Não, ele não vai voltar, nunca mais vai voltar... Eu nunca mais vou vê-lo...

Era indescritível o que eu sentia. A dor, o sentimento de culpa, a raiva que eu sentia de mim mesma! Fui eu a culpada de tudo, eu o afastei de mim.

Mas de nada adiantaria reclamar e sentir raiva de mim. Eu devia aproveitar esses sentimentos e usá-los para me dar força para seguir adiante. Eu precisava seguir. Precisava encontrar a tal pedra, que era a causa de tudo isso!

Entretanto, não conseguia conceber a ideia de continuar sozinha, sem a presença de Heitor. Fora ele que me ajudara esse tempo todo, e eu não percebi. Não teria chegado até aqui sem ele.

Então, uma luz entrou na minha mente... Como o sol que saiu detrás das nuvens depois da tempestade. Por que não havia pensado nisso antes? Como fui idiota!

Não me importava mais com o futuro incerto que eu teria com ele. De que adianta sofrer por antecipação? Que ideia eu pus em minha cabeça?! E daí, se nos separássemos depois?!

É melhor, como disse Heitor, vivermos um ano juntos do que sofrer para sempre nos perguntando o que teria acontecido se tivéssemos feito isso.

Seria uma dúvida que me torturaria pela eternidade. Era melhor saber, experimentar viver com ele. Se não desse certo, pelo menos eu teria certeza. Eu odeio dúvidas.

Por que não pensei nisso antes? Eu havia feito uma tempestade em copo d'água. Será que era tarde demais para ir atrás dele?

Enxuguei o rosto com as mãos e tendo uma força que tirei de não sei de onde, falei:

– Não adianta ficar aqui chorando o dia todo. Eu vou encontrar Jáspis e salvar a floresta. Depois disso, depois de cumprir tudo o que tenho que cumprir, eu vou atrás de Heitor. Vou reconquistá-lo e nunca mais vou perdê-lo.

Até eu fiquei assustada com o que disse. Aquelas palavras, apesar de hipócritas, me deram a força necessária para pensar novamente em Jáspis e em Heitor.

E uma coisa estranha aconteceu. Novamente tudo escureceu. Novamente aquela visão estranha que eu tinha. Dessa vez

não era a minha floresta. Era uma montanha. A que eu vira na foto: Cerro Autana.

Como se eu estivesse num helicóptero, fui me aproximando aereamente da montanha e minha visão pousou na base dela. Encarei o grande paredão íngreme acima da minha cabeça.

Vi uma caverna, uma abertura escura na base por onde entrei. Quer dizer, só minha consciência, porque eu não tinha corpo ali. Percorri muitos caminhos, curvas, descidas, era um labirinto dentro da montanha e as paredes eram avermelhadas.

Finalmente, cheguei num amplo espaço cujas paredes, o chão e tudo ao redor eram cheio de... Enormes pedras verdes, meio cilíndricas, como colunas de um templo grego, caídas naquele espaço... Era como se eu visse a estrutura de uma pedra num microscópio, ampliada milhares de vezes.

Elas brilhavam, pois refletiam infinitamente entre si a luz solar que entrava por uma fresta na parede. Só depois de tomar nota do ambiente espetacular é que percebi alguém ali.

Havia uma moça lá dentro. Eu soube que era uma dríade pela sua altura, pelo que vestia e por outros detalhes físicos. Soube, principalmente, através do seu olhar...

Eram de um verde-escuro, profundo, tão vivo e brilhante quanto das pedras ao redor. Verde como os meus. Isso era o mais assustador: ela se parecia muito comigo... Assustadoramente, parecida com minha mãe e comigo...

Ou era eu?

Apesar do olhar vivo, como se fosse a razão de onde emanava a beleza do lugar, nunca vi expressão tão triste.

Era sorumbática, trágica, deprimente. Tanto que quem olhasse, instantaneamente, sentia os olhos inundados por lágrimas. Sua tristeza era tão palpável que chegava a ser contraída por quem a visse.

Ela cantava, com uma voz bela e comovente, por ser visceral, como se as próprias entranhas da natureza estivessem lamentando. Nenhuma soprano alcançaria tal voz e desempe-

inho. Apesar de tudo isso, havia uma centelha discreta de esperança, imperceptível... Ela esperava alguém, algum resgate, talvez... Talvez por isso cantasse.

Tudo escureceu e eu estava novamente ao lado de Iara.

Confusa e ao mesmo tempo feliz como quem tem sucesso num projeto desejado, comecei a andar de um lado para outro, várias vezes, refletindo sobre minhas conclusões.

– Anita? Tudo bem?

Virei-me para ela e apesar de tudo o que havia acontecido, eu sorri, aliviada:

– Eu sei onde Jáspis está. E acho que sei como chegar lá rapidinho.

– Como assim?

– Iara... Eu tenho tido sonhos, que não são sonhos. Por isso, eu soube que tu contavas tudo o que me acontecia para Sama! Porque eu vejo as coisas que acontecem a quilômetros de distância. Não só vejo, eu transporto minha mente para lá. Agora, quando concentrei minha mente em Jáspis tentando... Tirar Heitor um pouco da minha cabeça, eu vi o local onde Jáspis está. Estou no caminho errado.

“O tepui certo não é o Monte Roraima. Tenho que ir para o Cerro Autana. Na caverna de pedras verdes... É lá que a pedra está. Eu tenho certeza... Mas ainda está muito longe de chegar lá! Então pensei: algumas ninfas têm um dom, não? As dríades, as náíades... Seja o dom de prever, ou qualquer outro...

Sama disse que eu ainda descobriria o meu. Este é meu dom, Iara! Poder estar em vários lugares, ir aonde quiser, ver o que quiser... Eu posso ver a totalidade! Se minha mente consegue... Por que não todo meu corpo? É isso, é isso. Éuge!

Eu estava em um estado de alegria tão grande, que por um momento me esqueci de Heitor. Mas aí lembrei que o havia esquecido e tudo o que aconteceu me veio à mente novamente.

Agora, o desafio seria dominar-me. Dominar minha capacidade nata e fazer-me ir até onde eu queria. Minha mente

deveria levar meu corpo para buscar Jáspis. Se é que isso era possível.

– Iara?

– Hum?

– Você não vive próxima à água? Se eu estiver longe da água... Você não poderá aparecer para mim, certo?

– Talvez sim, Anita. Na Amazônia sempre tem água por perto.

VINTE E QUATRO

*Ha uma força vencida nesse mundo!
Todo o organismo florestal profundo
É dor viva, trancada num disfarce...*

*Vivem só, nele, os elementos brancos,
As ambições que se fizeram troncos,
Por que nunca puderam realizar-se!*

Augusto dos Anjos

Tentava preencher minha mente com a imagem da montanha; da caverna iluminada pelas pedras que refletiam a luz do sol e da dríade que parecia ser minha sócia.

Iara havia partido e eu estava sozinha embaixo da noite estrelada, no mesmo lugar onde Heitor havia me deixado. Forçava minha mente a ter aquelas visões há horas. Fiz aparecer algumas frutas e as comi, mas ainda estava com fome. Na minha mochila havia um pacote de biscoito de chocolate que Heitor comprara, todavia, lembrava muito ele. Preferi não comê-lo.

O cansaço abateu-se sobre mim. E deitei na manta de samáima. Eu usava a casca de árvore e estava descalça. Voltei a ser quem eu era. Antes de dormir, senti que estava prestes a ter outra visão. Mas não foi a que eu queria.

Sob a grande Castanheira, Sama conversava com Indaiá, na penumbra da noite. Sussurravam entre si.

- Não devias ter feito isso, Indaiá. Tu quase acabaste com o plano ao atacar a árvore de Anita! Ainda bem que Danilo e as outras dríades não sabem... E ainda bem que o Bruno apareceu para impedir! Convenci-o a não contar nada por enquanto, disse a ele que eu mesma contaria a Danilo.

- Ah, mas eu a odeio! Queria ter o prazer de eu mesma acabar com ela e não você.

- Acalme-se, ela já descobriu o caminho certo. Iara não desconfia de nada e continua mantendo-me informada... O único empecilho que não foi calculado é o rapaz. Ele poderia estragar tudo, ainda bem que ele partiu.

- Deixe-a ficar com o rapaz. Assim o Bruno fica livre para mim.

- Ah, Indaiá! Eu devia ter escolhido outra dríade para me ajudar no plano. Você só pensa nesse Bruno. E ele nem é tão... Bonito. Aprenda com as mais velhas: os homens são volúveis, não sabem amar como nós. Eu já me decepcionei tantas vezes até não aguentar mais... A última vez que isso aconteceu, ele me traiu e eu dei um fim nele.

- Como assim?

- Eu o matei. - disse Sama naturalmente, dando de ombros.

Indaiá pareceu surpresa e assustada tanto quanto eu. Eu as via conversando e mesmo sendo uma consciência incorpórea, eu prendia a respiração.

- Em breve Anita encontrará a caverna e irá descobrir a verdade... Encontrará Carmísia. Eu sinceramente não esperava que ela fosse conseguir sobreviver, ainda mais descobrir a outra! Mas ela terá o seu fim. Já pensei em tudo. - continuou Sama. - Bruno ficará livre e tu poderás ficar com ele. E eu... Eu retomarei o que deveria ser meu. Sama levou a mão à cabeça, indicando algo que se coloca nela. Obviamente, entendi que não era um chapéu... E, sim... Minha posição de rainha?

Não. Aquela não devia ser uma das visões, devia ser um sonho inventado pelo meu inconsciente. Não era a Sama que eu conhecia. Sama planejando me matar?! Isso era... Surreal, impossível.

Ela parou e com a pouca luz lunar que tinha, vi sua expressão analisando o ambiente, como um animal farejando a caça.

- Sama?

- Shhhii. Ela está aqui de novo.

- Quem?

- Anita...

- Como... Não é possível, Sama!

- É possível, sim. Eu a sinto aqui. Ela está apavorada. Ouviu nossa conversa e descobriu a verdade... Pena que cedo demais!

Subitamente vi as mãos de Sama vindo em minha direção e era tarde demais para qualquer reflexo. Não era mais um sonho.

Ela agarrou meu pescoço com aquela superforça de dríade. E me levantou do solo, separando meus pés do chão. Tentava desvencilhar-me, puxava as mãos de Sama para longe de mim, o fôlego faltava.

A penumbra da floresta guardava como um segredo o que acontecia entre nós.

Perto, Indaiá nos observava impassível com um sorriso discreto. Era meu fim. Minha visão falhava, eu me contorcía. Pensei nas plantas. Plantas cresceram e envolveram as pernas de Sama e ela já perdia a força. Levantei meu joelho e a golpeei como quem golpeia um homem. Não tinha o mesmo efeito, é claro.

Ela amoleceu o aperto por um instante, mas o suficiente para eu me soltar. Fiz um tajá crescer e prendê-la contra uma árvore. Era a vez de Indaiá. Ela se aproximou de mim e fiz roseiras a enroscarem. Ela gritou de dor por causa dos espinhos.

Sama já estava se soltando da árvore; eu queria sair dali. Queria voltar para a Venezuela. Pensei em Heitor. Sama me empurrou e eu voei pelos ares. Minha cabeça bateu no chão, fiquei sem sentidos.

- Sama, me ajude! - Era voz de Indaiá. Sama não lhe deu ouvidos, pois se aproximava de mim novamente. Levantei com



a ajuda das mãos e antes de ela desferir-me um golpe, segurei
seus punhos e tudo o que mais queria era sair dali.

No início da conversa não acreditava no que estava acontecendo, mas agora, não havia dúvidas: Sama queria me matar.

VINTE E CINCO

*Loucos, às doudas, roncando, em látegos, ufano,
O vento o seu furor colérico passeia...
Enruga e torce o manto a prateada areia
Da praia, zune no ar, encarapela o oceano.
A seus uivos, o mar chora o seu pranto insano,
Grita, ulula, revolto, e o largo dorso arqueia...*

Francisca Júlia

Tenho que sair daqui. Preciso ter força e empurrá-la para trás. Tenho que sair daqui. Indaiá tirava as roseiras e logo ajudaria Sama a dar um fim em mim.

Pense, Anita, pense! Um pássaro piou. Imagine um lugar, imagine um lugar longe daqui!

A imagem da minha casa, em Manaus, me veio à mente. Lembrei-me do portão, da sala com mesa de centro e sofá creme. Desejei muito estar lá.

Então, ouvi o latido de Fofó, meu cachorro, e eu estava na sala da casa, à noite. E Sama estava comigo.

De repente ela afrouxou, perdeu a força. Aproveitei o momento para dar um soco na sua cara. Seus braços penderam ao lado do seu corpo antes de ela levar as mãos ao peito e arquejar profundamente. Ela ficou pálida, cambaleou e caiu no sofá.

E dei-me conta do que estava acontecendo. Não fora o soco. Sama estava longe de sua árvore, e ela sendo completamente dríade, sofria muito com isso. Perdia sua força.

– Anita? – Uma voz familiar e incrédula certificou-se de que era eu.

– Pai?

Eu estava assustada, ofegante, curiosa sobre o que meu pai vira e o que entendera da briga. Ele estava de pé na escada, olhando para nós. Fofó latia do lado de fora da porta em meio à chuva que eu não notara.

Sama usou suas últimas forças para falar.

– Danilo... Danilo, me ajude. Anita está fora de si! Ela enlouqueceu na viagem. Estava me batendo, alegando que eu a queria matar!

– O quê?! – exclamei furiosa. – Não, não é isso! Não acredite nela, pai. Não acredite nela!

Papai ainda estava parado, sem mexer um músculo, processando as informações.

– Ah, minha árvore. Minha árvore! Danilo! Anita, me leve de volta, por favor! Você não está bem... Está fora de si.

Ao mesmo tempo em que Sama fazia aquela cena, eu sabia que ela sofria de verdade. Ela arquejava no sofá da sala, em frente à televisão.

Havia uma dríade de centenas de anos no sofá de uma casa em plena Manaus.

Papai desceu os últimos degraus e me encarou como nunca olhou para mim na vida. Havia confusão e incredulidade no seu olhar. Eu também estava confusa. Sama confundiu nossos pensamentos. Será que era mentira? Será que eu havia realmente imaginado tudo aquilo?

Mas como fui parar lá na Castanheira se era apenas um sonho? Ela... Ela me esganou! Ela apertava meu pescoço, e Indaiá estava com ela. Eu ouvi a conversa delas! Será que eu tinha imaginado tudo aquilo?

Sama ainda estava no sofá, frágil e indefesa, contando o que tinha acontecido e implorando para eu voltar.

– Eu estava conversando com Indaiá, sobre certo incidente que aconteceu, quando senti a presença de Anita. Como já senti muitas vezes desde que ela saiu em busca de Jáspis... De repente ela apareceu do nada e começou a apertar meu pescoço e eu lutava e...

Sama chorava ao contar isso. E eu olhava para ela tão incrédula quanto meu pai.

– Indaiá tentou me ajudar, mas Anita a prendeu com roseiras... E ela me jogou no chão e lutava comigo... E eu tentava me defender... Sem saber o porquê de ela me atacar e como conseguiu voltar assim... Do nada.

Minha cabeça girava. O que havia acontecido de verdade nessa noite? Sama contava de forma tão verídica e tinha voltado a ser a Sama que eu conheci.

Comecei a duvidar de mim. Eu poderia ter sonhado aquilo, Sama nunca faria aquilo comigo. Papai sentou-se ao lado de Sama e lhe ajudava a respirar, ouvindo a história, também tentando entender o que acontecia.

Não fora um sonho. Não fora. Eu não podia estar errada! Ela tentou me matar! Sama fazia com que nem eu acreditasse em mim.

– Vá buscar água, Anita.

– Mas, pai...

– Vá! – ele gritou comigo.

Corri para o que fora minha cozinha. Fazia muito tempo que tinha estado ali pela última vez, mas as coisas estavam nos mesmos lugares. Procurei um copo no armário com as mãos trêmulas e lágrimas nos olhos.

A minha cabeça era um campo de uma batalha entre realidades, ilusões, verdade e mentira. Enchi o copo e a água do bebedouro caiu no chão... Caía água do copo e dos meus olhos.

– Anita! – meu pai gritou, me chamando.

Cheguei à sala e vi Sama desmaiada.

– Leve-a de volta. – disse meu pai, nervoso.

– Eu... Eu não sei o que fiz. Não sei fazer de novo.

– Ela vai morrer, Anita! Leve-a de volta.

Larguei o copo no chão e a água derramou pelo tapete. Ajoelhei-me em frente a ela e peguei em sua mão e na mão de meu pai.

Tentei me concentrar. Meu coração parecia explodir de tão rápido, na minha cabeça nada mais cabia. Pense no castanheiro, pense no castanheiro. Eu sentia minhas lágrimas descendo pelo rosto e molhando meu peito. Minha mão tremia incessantemente como se tivesse Síndrome de Parkinson.

Imaginei o castanheiro. Imaginei a floresta e quando abri os olhos, estávamos lá. Trouxera Sama e meu pai de volta.

Sama estava caída no chão e meu pai, ao lado dela, esperava ela reunir forças novamente. Estávamos ao pé do grande castanheiro.

Eu senti, eu sabia que elas estavam lá. Todas elas. Mesmo com a cabeça baixa eu sentia. Então levantei a face e me coloquei de pé. Todas as dríades do clã estavam lá, olhando para nós. Confusas, com os olhares perplexos e alguns até irados. Indaiá estava entre elas, falando e chorando ao recontar o que acontecera.

Elas me encaravam. Eu estava perdida. Queria fugir dali, queria Heitor. Queria alguém que entendesse o que aconteceria, alguém que acreditasse em mim.

Os olhares delas feriam como adaga, na escuridão da noite. Sama se movia aos poucos. Já se sentava com a ajuda de meu pai. As dríades ficaram alegres e esperançosas. Aproximaram-se de Sama e lhe ajudavam. Era acolhida por todos.

Meu pai se afastou e me fitou.

– O que aconteceu, Anita? – Era a voz grave do meu pai. Todas olharam para mim.

Eu não sabia o que era pior: a partida de Heitor ou isso.

– Eu... Eu... Não sei. Eu tive um sonho, uma visão... E...

– Não nos preocupemos mais com isso.

Era a voz de Sama, que havia se levantado. E continuou, com a voz gentil, e suave, como sempre falava:

– Anita, já sofreu o bastante esta noite. Está cansada... Eu estou! Deve ser a viagem que fez se arriscando para nos salvar. Deixemos as explicações para amanhã. Nada de grave aconteceu. Podem voltar para suas árvores. Anita tem que descansar.

Com essas palavras, as dríades se dispersaram. Ficou apenas Sama, meu pai, Indaiá e eu.

Entreolhamo-nos num silêncio perturbador e eu não sabia o que fazer. Não sabia dizer, se fora um sonho, se fora verdade, se eu tentara matar Sama ou fora ela que me agredira. Não sabia mais de nada; esqueci-me até das palavras. Sama, não.

Maternalmente, ela me indagou, preocupada:

– Você está bem, Anita?

Fiquei muda. Tudo o que via a minha frente era a cara da hipocrisia pairando sobre nós. Mas também havia a verdade oculta. As expressões de Indaiá ao meu lado e de Sama à minha frente eram totalmente diferentes das que eu tinha visto instantes antes.

– Ficamos tão preocupadas com você! As únicas informações que tínhamos eram através de Iara. Mas... Pelo visto você descobriu seu dom, e está aprendendo a controlá-lo. Muito bom! Você salvou minha vida, Anita! Muito obrigada.

Não falei nada, apenas analisava as expressões de cada um. Indaiá permanecia calada e olhava todo tempo para Sama, como se esperasse que ela falasse alguma coisa; não me encarava. Ela tinha aquele seu característico sorriso interno e malicioso que usava todas as vezes que se encontrava em minha presença.

Meu pai também observava Sama e eu. Percebi que ele estava confuso com a reação de Sama, mas aí notei... Notei que ele acreditava em Sama e não em mim. Ele não ousava me olhar e quando o fazia era aquele olhar de repreensão de quando a fi-

lha faz algo errado e... Vergonha. Meu pai estava com vergonha de mim.

Não suportei.

– Cale a boca... Pare de fingir! Foi você, Sama! Eu ouvi sua conversa com Indaiá. Vocês tinham um plano... De dar um fim em mim... – Foi então que veio a luz. – Por isso vocês me mandaram nessa missão! Indaiá quer ficar com o Bruno e Sama quer ser rainha, por isso querem me ver longe daqui! Sama me atacou, pai! Ela é quem apertou meu pescoço e tentou me matar! Indaiá faria o mesmo... Por isso, lhe pus roseiras! Elas planejavam meu fim com a viagem, pai...

Todos me olhavam assustados, inclusive meu pai, como se eu fosse...

Como se eu estivesse louca.

Isso era um pesadelo, só podia ser. Não era real, não era real!

– Pai, acredite em mim, por favor! – implorei chorando. – Pai, eu estou falando a verdade... Pai, por favor!

Ele desviou o olhar para esconder as lágrimas. Ele não estava acreditando em mim. Ninguém acreditaria em mim. Ele olhava para mim como quem tem pena do louco.

Comecei a me afastar deles. Eu não era louca. Não tinha imaginado aquilo. Eu não fiquei louca!

– Anita, acalme-se. Vamos rever os fatos...

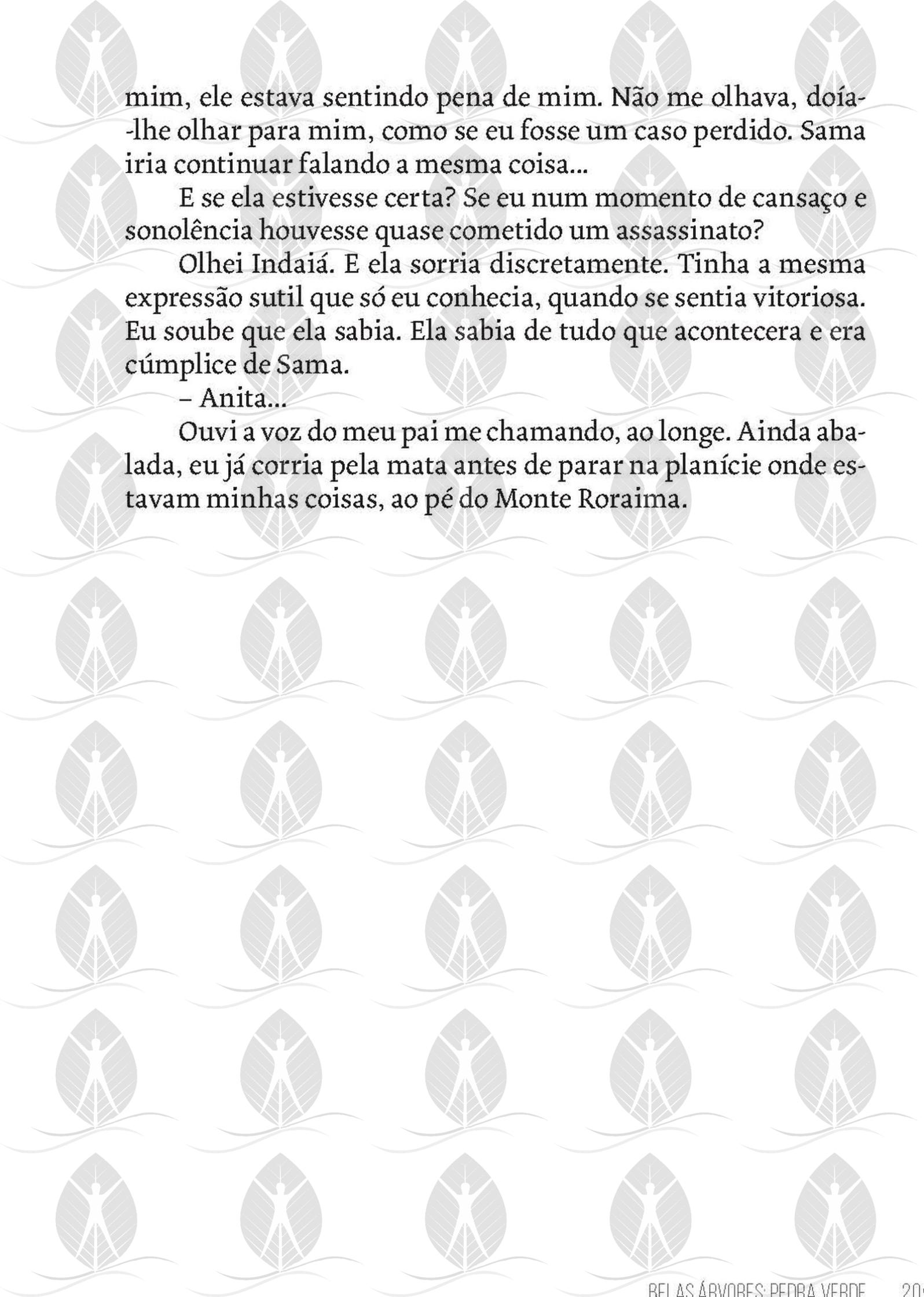
– Não. Não...

– Por que eu iria querer ser rainha? Por que eu iria matá-la? Logo eu, que sempre estive ao seu lado? O que você fez antes de ter tido o sonho ou a visão?

Congelei. Eu havia deitado e dormido, estava cansada e com fome...

– Não pode ser... Não é.

Continuei com a teimosia. A teimosia que me sustentava, que me dava sentido e força para suportar tudo. Que me mantinha sã. Continuei me afastando. Meu pai não acreditaria em



mim, ele estava sentindo pena de mim. Não me olhava, doía-lhe olhar para mim, como se eu fosse um caso perdido. Sama iria continuar falando a mesma coisa...

E se ela estivesse certa? Se eu num momento de cansaço e sonolência houvesse quase cometido um assassinato?

Olhei Indaiá. E ela sorria discretamente. Tinha a mesma expressão sutil que só eu conhecia, quando se sentia vitoriosa. Eu soube que ela sabia. Ela sabia de tudo que acontecera e era cúmplice de Sama.

- Anita...

Ouvi a voz do meu pai me chamando, ao longe. Ainda abalada, eu já corria pela mata antes de parar na planície onde estavam minhas coisas, ao pé do Monte Roraima.

VINTE E SEIS

*A quale strazio la mia vita adduce
Amor, che oscuro il chiaro sol mi rende,
E nel mio petto al suo apparire accende
Maggior disio della mia vaga luce!*

Vittoria Colonna

Joguei-me no chão. Sentia uma sensação que nunca sentira antes. A primeira reação que eu tive para tentar amenizá-la foi chorar. Parecia que eu ia explodir, todos estavam contra mim. Eu estava contra mim. Temia ser verdade tudo o que Sama dissera.

Era horrível não saber a verdade, não saber qual era a realidade. No fundo eu sentia estar certa do que vira, mas e se estivesse errada? Se eu *quisesse* estar certa?

Urrei, soquei o solo, e respirei com dificuldade. Que raiva! Que raiva! Para onde eu iria? Não podia voltar para a floresta... Não podia voltar para minha árvore! Não podia voltar para Manaus, pois nem meu pai acreditava em mim.

Bruno? Não. Não podia aparecer na sua casa. Eu estou morta. Nem Lucas. Nem Heitor. Iara também devia ser cúmplice de Sama. Eu não tinha ninguém.

Sentei-me e abracei os joelhos. Tentei controlar-me. Pensar em algo, achar uma solução. De nada adiantaria ficar chorando.

A tristeza passou e eu senti raiva. Levantei-me e andei de um lado a outro, apertando as mãos, olhando ao redor, temendo a verdade.

Eu não estava louca. Eu?! Atacar Sama e quase matá-la sem motivo aparente? Eu não consigo matar um inseto! Elas estavam mentindo. Indaiá e Sama estavam escondendo aquilo. Indaiá sabia, por isso ela sorria! Mas também podia ser invenção da minha cabeça, eu poderia ter interpretado as expressões deles de forma equivocada.

Ou talvez Sama estivesse manipulando minha mente e de todo mundo. É o dom dela, trabalhar com emoções e pensamentos.

Indaiá tentou me matar. Heitor viu isso, não foi coisa minha. Ela atacou minha árvore, e meu pai nem sabia disso! Sama escondera dele. Será que as outras dríades sabiam? Onde estava Bruno, que não contava o que acontecera?

Minha cabeça iria explodir. Queria arrancá-la do meu pescoço, vomitar minhas lembranças, cuspir o que havia vivido. A verdade... Eu precisava descobri-la. Precisava de uma prova.

Um nome surgiu na minha mente: Carmísia.

O nome que Sama dissera em meio à conversa. Quem era aquela dríade na caverna? E a resposta veio: era Carmísia. Sama disse que eu já estava perto de descobrir a verdade, de conhecer Carmísia e ter meu fim.

Senti que a verdade a que ela se referia não eram apenas suas verdadeiras intenções, sua identidade. Era algo mais. Algo a ver com a dríade aprisionada.

Juntei minhas coisas que perto estavam. E novamente, quando pensei que não conseguiria mais levantar, eu prossegui.

Já sabia para onde ir.

VINTE E SETE

*Neste meu coração sempre estarás,
Enquanto a alma estiver com ele unida;
Meu espírito também possuirás,
Depois que a alma do corpo for partida.
Por mais e mais que faças, não farás
Que não te ame nesta e na outra vida.
Impossível será que eternamente
Estês de mi ausente, estando ausente.*

Luís de Camões

Às margens do pequeno rio, que cortava a planície, nas proximidades da montanha, o mesmo lugar onde Heitor dançara comigo na noite anterior e tempestuosa, eu parei.

Ali havia um bosque. Estava amanhecendo e caminhando em meio à planície desnuda com as montanhas ao redor, olhei para o céu rosado e lindo, com feixes de algodão suaves e coloridos. O sol magnífico retornava à Amazônia, depois daquela noite.

Quando alcancei as sombras das árvores, que eram palmeiras, a luz cinza-matinal e o frio envolveram-me. Na noite anterior eu não notara de que espécies eram: um bosque inteiramente de buritis. Altos e antigos buritizeiros.

Desejei não encontrar nenhuma dríade de buriti ali.

Eu sabia para onde ir. E eu sabia que usando minha mente, como fiz nas recentes vezes, poderia me transportar para lá mais rápido, sem precisar andar os quilômetros.

Entretanto, percebi que na planície nua, sem árvores, era difícil se concentrar. Eu precisava de floresta, de árvores... Minha árvore estava longe e eu temia por ela. As dríades estavam muito hostis comigo e poderiam tentar cortá-la outra vez.

Às minhas costas havia um estranho farfalhar de folhas, mas toda vez que me virava para olhar não via nada suspeito.

Sentei na margem do rio e toquei a água gelida. Meu corpo tremeu de frio. A movimentação atrás de mim continuava e a sensação de ser observada era forte. Disfarçadamente, tirei meu arco da mochila e preparei uma flecha. Depois, pousei-o nas coxas, ficando de cócoras, fingindo admirar a água.

Meu ouvido detectava sons, meus pés sentiam o solo se mexer e pelo canto do olho via a vegetação se balançar. Ao final, convenci-me de que devia ser apenas um animal qualquer.

Mas aquilo atrapalhava minha concentração. Eu conseguia “transportar-me” para lá de vez em quando, para o pé da outra montanha, Cerro Autana, mas não durava mais do que cinco segundos. E eu voltava para debaixo dos buritis.

– Ora, vamos, Anita! Vamos! Cerro Autana, Cerro Autana...

Minha mente foi. E eu fui. Eu vi a montanha... Ia chegando cada vez mais perto, como se estivesse voando, queria pousar próximo à entrada da caverna escura...

Então, senti um peso. Alguma coisa segurava minha cintura e me puxava para baixo... Tudo ficou escuro ao meu redor, eu nada via, apenas sentia mãos me segurando... Era a mesma sensação que sentíamos em um elevador ao descer... Eu despencava no vazio. Continuei tentando visualizar Cerro Autana e...

Pum!

Caí em algo macio, mas com alguns ossos... Meu pé sentia água corrente em pedras frias e eu olhava para um pedaço de céu atrás das copas de árvores. Um céu diferente do que eu vira pela última vez que fechei os olhos.

Subitamente levantei, e tendo o arco ainda em minha mão, me virei para trás, na posição perfeita para disparar a flecha.

O corpo sobre o qual eu caíra ainda estava no chão e gemia de dores. Caímos em cima de um ralo igarapé de água cristalina, com fundo de pedras. Era um rapaz de olhos e cabelos negros, pele clara, alto e forte. Meu coração disparou e esqueci-me do assunto “Sama e Indaiá”.

A vontade era de sorrir tanto quanto possível e pular no seu pescoço e abraçá-lo eternamente.

– Heitor? – sussurrei seu nome de forma emocionada.

Heitor se levantou, molhado, e ergueu as mãos como um bandido flagrado pela polícia. Ele estava assustado, é claro. Havia uma flecha apontada para sua testa e aposto que ele se lembrava muito bem do que eu fizera com a preguiça.

Baixamos os braços ao mesmo tempo, como se tivéssemos uma única mente e meu arco caiu no chão.

Ele sorriu e novamente meu coração se exaltou. Precipitei-me para ele, desejando mais do que tudo no mundo senti-lo outra vez, e parei bruscamente no meio do caminho, apenas olhando-o.

– Se você preferir, eu vou embora. – disse ele.

– Não. – disse-lhe imediatamente, fazendo-o perceber a urgência e o desespero em minha voz. Ficamos em silêncio. Quando abri a boca, Heitor também abriu. E paramos.

– Fale primeiro. – disse ele.

O silêncio parecia nos estrangular. Finalmente tomei coragem:

– Eu repensei na situação, Heitor... E eu... Eu quero...

Eu não sabia como e o que falar a ele.

– Eu não me importo mais com as dificuldades que vamos passar. Eu fui uma idiota, eu não percebi que não importa tudo aquilo. Eu fiz uma tempestade em copo d’água! É que eu estava assustada, entende? Eu fiquei com medo... E eu menti. Eu menti para você. Eu não acho que o amo, eu o amo! E eu não vou fi-

car feliz longe de você. Por isso, eu quero lhe dizer que eu aceito aquela primeira proposta. Eu quero viver com você durante o tempo que for possível. Eu... Você... Desculpa-me?

O silêncio continuou. Eu ainda não tomara nota do ambiente que nos cercava. Eu só via Heitor.

Heitor desviava seus olhos de mim e depois os retornava para mim. Não tinha ideia do que se passava na mente dele. Por que ele era tão misterioso? Mas, eu gostava disso. Eu amava isso.

– Lembra que eu disse que eu nunca abandonaria você. Que eu não conseguiria ficar longe de ti? Nem se eu quisesse, eu conseguiria! Eu fiquei escondido naquele bosque o tempo todo... Eu vi você chorando... Por isso, me agarrei em você quando percebi que você pretendia ir para o Cerro Autana. Fiquei com medo de não vê-la mais. Seria uma longa caminhada para mim, então peguei carona... Não tirei os olhos de você, Anita.

Senti cócegas no coração ao ouvir isso.

– Então, você... Aceita?

Heitor me olhou de cima a baixo, e sorrindo, coçou o queixo, dizendo:

– É o jeito.

Sorri espontânea e inevitavelmente. Heitor se aproximou. Pegou meu rosto entre as mãos e lentamente beijou-me várias vezes na face.

– Não sabes quanto eu gosto de você, Anita. Eu te amo muito, muito.

Heitor se abaixou e ficou de joelhos.

– Não, não acredito que vais fazer isso...

– Ah, vou sim.

VINTE E OITO

*Nuvens passam e se dissipam.
São estas as faces do amor, pálidas, irrecuperáveis?
Foi pra isso que atormentei meu coração?*

Sylvia Plath

Apenas após Heitor ter pedido minha mão em “casamento” e eu ter aceitado, é que eu olhei ao redor, analisando o ambiente.

À minha frente havia um imenso, imenso paredão. Dele saía essa água pura que descia e contornava rochas, penetrando na floresta densa atrás de nós. As árvores cresciam ainda pelas rochas do monte, mas a partir de certo ponto, ele era tão íngreme que só bromélias exóticas fixavam-se nele. E eu via um pouco mais para a esquerda, no alto, grandes buracos na rocha. As entradas para o sistema de cavernas.

Não percebi que eu estava boquiaberta, até Heitor acordar-me da minha admiração.

– Deixe-me adivinhar: você quer entrar naquelas cavernas? Como vamos chegar lá em cima? Não temos nenhum equipamento e mesmo que tivesse... Parece ser tão difícil.

Mas eu disse a ele que talvez conseguíssemos de um jeito mais fácil. Pedi a ele que segurasse a minha mão e ele entendeu que “viajaríamos” de novo.

Fechei os olhos e durante trinta minutos, esforcei-me ao máximo, mas não conseguia! Fiquei com rosto vermelho de raiva e impaciência. Heitor pediu que eu mantivesse a calma,

que ele pensaria num jeito de subir, mas eu insisti por mais trinta minutos. Até que cansada mentalmente, joguei uma grande pedra do tamanho de uma cabeça no igarapé, fazendo espirar água.

– Droga! Droga! Por que não consigo?!

Havia um tipo de bloqueio sobre a montanha. Decidimos permanecer ali naquelas rochas até o dia seguinte quando tentaríamos de escalar.

Quando Heitor terminou de acender uma fogueira e já estava escuro, contei tudo a ele.

Não só o que havia acontecido ontem à noite, mas tive de acrescentar outras informações para que ele compreendesse a história. Tive de lhe dizer que eu era uma *regina*. Contei a história da minha mãe, quem era Sama, Indaiá... Para citar Indaiá tive que citar o Bruno. Confessei-lhe novamente que durante certo tempo havíamos sido mais que apenas amigos.

Ele ficou incomodado com o assunto – naturalmente – mas aceitou o fato sem dizer muita coisa. Percebi uma mudança em mim, o modo como falei de Bruno me espantou. Antes eu falava tão emocionada, com os olhos tão brilhantes, que minhas palavras tornavam o Bruno mais presente, mais próximo, até palpável, mesmo sendo apenas palavras.

Hoje falei dele, não com menos emoção, mas com uma emoção diferente... Meio resignada, pacífica, mais fraternal e menos ardente.

Pareceu que o Bruno estava num passado distante, numa distância imensurável de mim. Mas ele ainda estava no meu coração e na minha vida. E Heitor percebeu isso.

Mais do que isso, ele soube que nunca deixaria de estar.

Não sei o que se passou na cabeça dele naquele momento, mas continuei a contar os fatos. Depois que terminei de contar-lhe tudo o que eu julgava importante para sabermos o que fazer em seguida (realizar o plano que tinha), a fome já batia à porta do estômago.

Foi a primeira vez que lhe mostrei meus dotes de dríade, fazendo crescerem inúmeras espécies de plantas e suas frutas. Heitor falava o nome científico delas, se as conhecia.

Frutas não matam a fome. Eu sabia disso, tanto que desejei comer um X-tudo, com tudo mesmo. As dríades, as verdadeiras, não comem carne de animais, especialmente vermelha. As verdadeiras dríades, nascidas pelo modo natural, comem apenas frutas, raízes, verduras... Eu não. Como havia sido humana grande parte da minha vida, eu já havia comido muita picanha em Manaus.

Após viver algum tempo com as dríades, deixei de comer carne, como elas. Mas não nego que sinto saudade.

Até parece que, falando de comidas no colo de Heitor, esqueci-me do que eu deveria fazer. Não esqueci. Aquilo martelava minha mente o tempo todo e apesar de estar feliz com Heitor ao meu lado, eu estava distante nos pensamentos, preocupada e ansiosa.

– Quero muito que você me acompanhe, Heitor, mas... Estou com um pressentimento de que... Vai ser perigoso.

– Anita, todo este tempo tem sido perigoso. Toda a floresta é perigosa, caso você não tenha percebido... E mesmo que seja eu não me importo. Eu não vou largar você.

Tentei agradecer-lhe com um sorriso, mas o meu sorriso estava murcho.

– Dessa vez é diferente. – desabafei. – É como se a floresta estivesse contra mim e, conseqüentemente, contra você. Preocupo-me com você, Heitor. Você não tem nada a ver com isso... – e concluí. – Me culparia pelo resto da vida se algo acontecesse a ti... E se Sama estiver falando a verdade?

– Claro que não, Anita! Tire isso da cabeça! Tenho certeza de que você não fez aquilo.

– Eu sei, mas... Meu pai! Ele não acreditou em mim. Ninguém acreditou em mim!

Ele me disse ao ouvido:

– Eu acredito em você.

Era o que eu precisava ouvir. Todavia, não foi o bastante.
Sentia-me rejeitada por meu pai.

VINTE E NOVE

*A hora da partida soa quando
As árvores parecem inspiradas
Como se tudo nelas germinasse.*

*Soa quando no fundo dos espelhos
Me é estranha e longínqua a minha face
E de mim se desprende a minha vida.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

– Estás pronto? – perguntei a Heitor.
– Estou.

Lembrei-me da dríade presa na caverna, de quanto era parecida comigo... Lembrei-me do olhar de meu pai... Carmísia talvez pudesse provar que eu não estava mentindo. Heitor iria comigo... Tudo bem. Eu conseguiria. Eu sentia que devia ir até aquele lugar.

– Estás pronto? – perguntei novamente a Heitor.
Ele me olhou, verificando meu rosto.

– E você? Está pronta, Anita?

– Não sei. Estou... Com medo. E um pressentimento... Uma sensação estranha...

– Estou aqui. – Heitor pegou minha mão e eu senti sua pele áspera.

Heitor estava comigo. Eu conseguiria.

Olhávamos para o paredão de mais de oitocentos metros do Cerro Autana. O monte erguia-se à nossa frente, imponente

e misterioso, cercado por uma energia indescritível. Não era uma *montanha alta*, é claro, mas seu formato singular e todas as lendas que a envolviam faziam com que dela emanasse uma atmosfera...

Abissal. É contraditório, é claro, dizer que uma montanha tem uma atmosfera abissal. Mas se parecia com um abismo no sentido de apesar de impor-nos medo, também atrai nossos olhos.

Além disso, havia aquele zumbido, a ressonância que uma dríade sente quando está perto de sua árvore.

A entrada que eu vi em minhas visões ficava no alto, mais ou menos na metade do paredão de rochas róseas. Por algum motivo, por mais que eu tentasse, eu não consegui me transportar até o alto. Era como se houvesse um escudo, uma proteção envolta da *cerro*. Chegamos à conclusão de que teríamos que escalá-lo.

Apesar de ser alta, eu não gostava de alturas. Nunca havia escalado na vida e eu estava morrendo de medo. Heitor já tivera algumas experiências do tipo. Disse que me ajudaria.

Escalar o Cerro Autana foi a parte mais difícil, perigosa e exaustiva de toda a viagem.

TRINTA

Desligada

*O vento morde meus cabelos sem medo:
Tenho todas as idades.*

Olga Savary

As rochas rosadas e amareladas eram de arenito. Havia muitos buracos e sulcos onde podíamos colocar nossos pés e mãos, mas os melhores ficavam muito afastados entre si, de modo que zigzagueávamos, o que retardou a subida.

Havia muitas plantas diferentes com flores que eu nunca vi... Heitor e eu ficávamos fascinados, mas não podíamos parar para observar as espécies de bromélias, pteridófitas e os coloridos líquens.

Tínhamos que subir e pular lacunas de pedras e recortes desta, feitos pelo vento a 50 metros de altitude, depois 100 e duzentos e trezentos...

Encontramos uma reentrância a uns quatrocentos metros do chão, grande o suficiente para caber nós dois. Só eu trazia minha mochila, Heitor largara a dele lá em baixo. Permanecemos naquele buraco durante a noite, envoltos em minha manta de algodão, porque sabíamos que não chegaríamos àquela entrada maior antes do cair da noite.

O amanhecer foi espetacular. A floresta lá embaixo foi coberta inteiramente por um mar de nuvens que se movia, como ondas nebulosas sobre o terreno verde irregular. Mas essa mes-

ma neblina e frio haviam enrijecido nossos músculos e demos-ramos a retomar o ritmo da escalada.

Apoiando meus pés numa rocha larga o suficiente, olhei a planície abaixo de nós, com um sol de dez horas queimando meu rosto e fechei os olhos sentindo o vento bater em meus cabelos...

Em algum lugar longe dali, uma brisa também bagunçava as folhas da minha árvore.

Era quase uma planície, pois havia ao longe alguns outros montes e suaves colinas, que ultrapassavam o horizonte.

Os tímidos ventos que me ameaçavam, faziam-se quase visíveis naquele lugar, pois através do formato da terra se descobria onde ele havia soprado. Lembrei-me das aulas de geografia... Qual o nome? Escudos Maciços ou Cristalinos? No norte do Amazonas há blocos de rochas *muito antigas*, mais que o Himalaia ou os Andes, ou a própria formação do continente, que resistem aos milênios...

O verde predominante era cortado (como sempre e em quase toda a Amazônia) por pequenos rios que espelhavam o céu.

Eu estava num topo, mas havia um topo ainda maior para alcançar.

Estranhamente, como me acontece algumas vezes, uma reflexão *filosófica* surgiu na minha mente, do nada. Naquele momento inesperado, uma ideia que nada tinha a ver com a busca, simplesmente surgiu, como se o vento a tivesse soprado: eu era quintilhões de pessoas que existiram antes de mim. Tanto as características biológicas quanto seus conhecimentos e costumes adquiridos através do tempo... Uma parcela delas estava em mim e...

Era como se eu não fosse uma coisa pura, pois tudo o que penso, falo, tudo o que vivo é fruto dessas pessoas e tempos... Há algo em mim que seja apenas meu e de mais ninguém?

Ou... Esqueça, Anita. Continue, continue. Deixe isso para lá. Às vezes surge cada coisa na minha cabeça!

– Estamos quase chegando. – animou-me Heitor.

Eu já largara minha mochila em algum lugar e momento da subida que não lembro, estávamos apenas com a roupa do corpo.

– Heitor! – gritei.

Ele quase escorregara dessa larga pedra em que estávamos. Meu coração saltou pela boca e agarrei-o com uma das mãos, esquecendo minha própria segurança.

– Estou bem, Anita. Acalme-se, estou bem.

Não precisaríamos subir até o topo, mas teríamos que dar um jeito de chegar até aquela caverna que eu vira nos sonhos. Estávamos no mesmo nível de altura que ela, só que cinquenta metros à sua direita.

Tivemos que subir acima dela e depois descer por um caminho estreito e em diagonal que desembocava em sua entrada, agarrando-nos à parede.

Quando meus pés pisaram firmes dentro da entrada, eu e Heitor nos abraçamos, rindo e chorando por termos conseguido tal façanha.

Ah, e não era uma entrada pequena como havíamos observando de longe. Devia ter uns dez metros de altura.

A entrada graúna emanava correntes de ar e um aroma inefável. As rochas eram de tom marrom-avermelhado, e vez ou outra branco. Dei o primeiro passo, sentindo-me um personagem de Júlio Verne.

Eu entraria no centro do mistério que movera minha busca e me distanciara da minha floresta. Era essa entrada a garganta de onde vinha aquela voz suave e inaudível que me arrancara dos meus terrenos domesticados para as trilhas densas do desconhecido. Eu chegara lá, agora só precisava descer até seu coração.

– Anita, olhe.

Por que não o notara antes? Bem na entrada da caverna havia um bloco retangular de pedra branca e em cima da pedra... Uma caveira humana. Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram.

Heitor percebeu quanto eu fiquei abalada e começou a me tranquilizar.

– Era comum nas tribos indígenas fazerem sacrifícios humanos aos deuses em lugares altos...

Aquilo não melhorou nenhum pouco a situação. Passei pelo crânio evitando-o e penetrei na caverna.

Era colossal. Simplesmente. O interior era muito maior que a entrada, formando uma abóbada interior, como das capelas italianas renascentistas. O ambiente era rosado e o mais estranho era que o teto possuía círculos concêntricos em sua extensão, como uma espiral. Aos nossos pés enormes blocos de pedra jaziam espalhados. Seria difícil caminhar sobre eles.

Nas paredes havia outras aberturas, outros túneis que nos levariam montanha adentro como os vasos sanguíneos de um corpo.

– Uau! – exclamou Heitor.

Ele saiu do meu lado e começou a descer as pedras em direção ao centro escuro da galeria.

– Heitor, espere.

Tive que correr atrás dele. Ele parecia absolutamente maravilhado com tudo aquilo... Era como se procurasse algo.

– Tem uma abertura que dará do outro lado da montanha, dizem que a luz passa por ela...

Após segui-lo, escorregando e gritando cada vez que via um invertebrado diferente nas rochas (acredite, havia alguns muito estranhos, como piolhos-de-cobra grandes e transparentes com milhares de pernas), chegamos à outra entrada, menor que a primeira, mas que realmente atravessara o *Cerro*.

– Vamos, Heitor. Tenho que procurar... – disse, girando os calcanhares. E parei de respirar.

Havia uma ave de três metros bem na minha frente. Uma ave assustadora. Ela mexia sua cabeça e seu longo pescoço, como um cachorro confuso.

– Heitor... – chamei.

Heitor se virara e também assustou-se com a criatura. Ela estava a alguns centímetros de nós. Era multicolorida, com penas azul-elétrico, laranja, marrom, cor ferrugem, pintas brancas. Possuía um penacho em sua cabeça azul brilhante que levantava e abaixava de acordo com sua respiração. Seu pescoço era longo e esguio, a cabeça pequena e seu bico curvo.

A ave parecia interessar-se especialmente em Heitor, tanto que sua respiração se alterou, seu penacho subiu, e suas asas começaram a se mover.

O animal tinha patas longas e finas, de cor vermelha. Cada asa devia ter um metro de comprimento. Seu penacho se arrepiou num penteado moicano e seus olhos... Seus assustadores olhos eram intensamente vermelhos e fixos, como os olhos de uma estátua, com grandes rubis. Então, abriu seu bico fino e curvo.

O som mais estridente que eu já ouvira saiu daquela garganta como o som que sai de um alto-falante. E foi amplificado pelo formato acústico da caverna.

Desabamos no chão, tapando os ouvidos.

Então o monstro começou a atacar Heitor com seu bico.

– Pare! Pare! – gritava eu.

A ave continuava e quando tentei me aproximar de Heitor, ela impediu, como se *Heitor* fosse um perigo para mim. E o coitado, estava deitado, em posição fetal, protegendo-se como podia. Então me joguei no chão, entre a criatura e Heitor...

– Pare... – havia água nos meus olhos. E o pássaro viu isso. Afastou-se de nós, enquanto eu cuidava de Heitor.

Quando ousou se aproximar, antes que eu pudesse impedi-la, algo brilhante caiu de um dos bolsos de Heitor, desviando sua atenção.

A bússola brilhava com uma luz esverdeada e a ave, pegando o objeto com o bico, apontava com a cabeça para algum buraco nas rochas. Depois olhou para nós e para o lugar novamente.

Eu soube que ela indicava o caminho para o que eu queria, mas por que atacara Heitor? E por que me obedecia?

Novamente aquela intuição instintiva me guiava. Levantei-me.

Não! Não vá! O rapaz segurava meu braço, todo ferido pelas bicadas.

– Tudo bem. Acredite em mim, ela não vai fazer nada.

Fui até ela, pegando a bússola antes. Passei por ela, fixando minha atenção em seus olhos. Era inevitável.

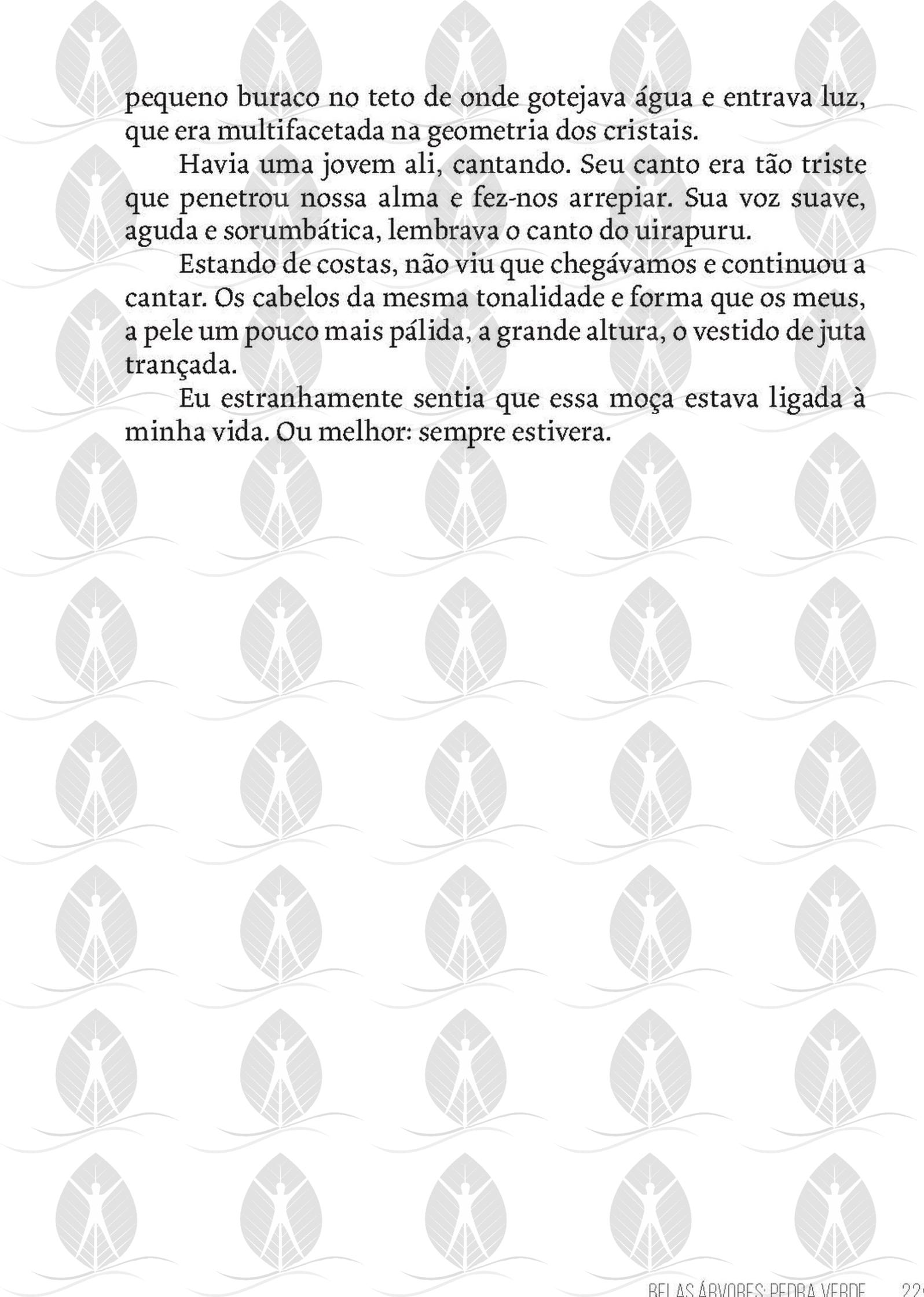
Seu olhar vitral era vivamente morto.

Heitor seguiu-me. Ela indicava uma pequena entrada na parede. Tão pequena comparada à dimensão do resto da caverna que qualquer pessoa o ignoraria. Apenas um passava ali de cada vez. Era um túnel estreito e quanto mais avançávamos nele, mais a bússola brilhava e as paredes se alargavam.

Descemos e subimos e andamos e desviamos... Era um labirinto. Apesar das variadas curvas e das inúmeras entradas, eu parecia saber para onde ir. As paredes eram ora cobertas por cristais esbranquiçados, ora por rochas normais de cor marrom-claro.

Então, à medida que descíamos, a quantidade desses cristais aumentou por todos os lados e iam mudando de tonalidade, se tornavam esverdeados... Até que todos esses caminhos culminaram numa ampla galeria com uns sete metros de altura. Era o lugar dos meus sonhos.

Era todo coberto de cristais verdes por todos os lados. Incrustados nas paredes, jogados no chão, sustentando o teto como colunas... Essas pedras verdes, ora opacas, ora transparentes, enchiam o ambiente com sua preciosidade. Havia um



pequeno buraco no teto de onde gotejava água e entrava luz, que era multifacetada na geometria dos cristais.

Havia uma jovem ali, cantando. Seu canto era tão triste que penetrou nossa alma e fez-nos arrepiar. Sua voz suave, aguda e sorumbática, lembrava o canto do uirapuru.

Estando de costas, não viu que chegávamos e continuou a cantar. Os cabelos da mesma tonalidade e forma que os meus, a pele um pouco mais pálida, a grande altura, o vestido de juta trançada.

Eu estranhamente sentia que essa moça estava ligada à minha vida. Ou melhor: sempre estivera.

TRINTA E UM

*O Brasil é uma República Federativa
cheia de árvores e gente
dizendo adeus.*

Oswald de Andrade

Quando a dríade sentiu nossa presença, parou de cantar. Rapidamente virou-se para mim e ficou de pé. Estava tão assustada que seu peito começou a subir e descer e afastou-se lentamente, dando passos para trás, indo esconder-se atrás de uma coluna gigante de pedra verde.

– Não se preocupe, não vou machucar você. Sou Anita, sou uma dríade também.

A dríade pareceu não entender o que eu disse e continuou a olhar-me detrás da coluna, como uma criança com medo de um palhaço.

– Você entende o que eu falo?

Ela continuou sem dizer palavras ou alterar sua expressão. Então comecei a falar com ela em latim.

– *Tu és Carmísia?*

Então ela acenou afirmando com a cabeça. Meu latim ainda não era fluente, nossa conversa ficaria limitada. Ela olhava para mim e para o Heitor que estava um pouco atrás e depois olhava de novo para mim.

– Não se preocupe com ele. Ele está comigo. É um bom rapaz. Eu sou Anita, sou uma dríade também. E sorri ao dizer

isso. Carmísia deve ter confiado mais em mim e deu um passo à frente.

– Estás aqui há muito tempo? – Carmísia acenou, afirmando com urgência. Em seguida arriscou um leve sorriso.

– Eu vim tirá-la daqui, Carmísia. Você quer vir comigo?

O sorriso de Carmísia foi tão puro, sincero e grato que foi uma das melhores coisas que já me aconteceu nessa viagem. Após ter visto essa pobre criatura cantar desesperadamente seus tristes cantos, o seu sorriso era como a primeira chuva depois de uma seca no sertão nordestino.

Era como se nele estivesse toda a esperança e as possibilidades felizes do mundo. Aquilo me fez um bem enorme, senti uma sensação profunda e leve de dever cumprido, ao oferecer-me para ajudá-la.

Carmísia caminhou até mim e parou na minha frente. Fez uma reverência tipicamente dríade para o Heitor e depois, subitamente, me abraçou.

– Obrigada... Muito obrigada, Anita. – falou ela em latim, chorando.

Sua voz ao meu ouvido era mágica. Devia ser o dom dela... A sua voz. Era como se... Era como o assobio do vento sobre a areia do deserto... Era a mais bela voz que já ouvi.

Desvencilhando-se de mim, olhou-me nos olhos e nossos verdes olhos, quase idênticos se chocaram.

Então, Carmísia tornou-se a personificação da criatura mais feliz da Terra. Começou a saltitar por entre as rochas verdes, como se procurasse algo.

– Espere um momento. – ouvi sua voz em algum lugar detrás das colunas verdes da caverna.

Enfim, não sei de onde, ela veio até eu e Heitor que estávamos sentados em uma dessas grandes pedras, e entregou-me um disco metálico, tão polido e bem feito que refletia as coisas.

– Veja você.

Peguei o disco das mãos de Carmísia e fiz o que ela me pediu. Coloquei o disco em frente à minha face e me vi refletida nele, como num espelho.

– Tu se pareces comigo. Somos muito parecidas.

Carmísia veio por trás e estava ao meu lado para que também aparecesse no disco. Heitor observava tudo com um leve sorriso. É claro que não entendia muito bem nosso latim, mas aos poucos ele estava acreditando cada vez mais em dríades.

– É mesmo. Qual sua árvore? – esta pergunta me veio à mente.

Carmísia sentou-se à minha esquerda, já que a minha direita havia Heitor.

– Não sei. Respondeu.

Carmísia fez uma expressão estranha, que não era uma coisa nem outra. Pela resposta, ela deveria ter ficado triste, mas estava feliz demais com minha presença para deixar-se abalar.

– Estou aqui desde pequena. Desde quando minha árvore era uma mudinha. Eu não me lembro direito. Fui tirada de minha mãe, da minha família de dríades... Ela me trouxe para cá.

– Ela quem?

Carmísia não respondeu. Olhou ao redor, como se temesse que algo surgisse de algum lugar há qualquer momento. Não era uma expressão de tristeza, como quem se lembra de um triste fato passado. Era medo. Um medo atual que ainda a perseguia.

– A ave? – sugeri.

– Não, aquela é Maripa, é minha amiga.

– Ela não parece ser muito amigável, ela atacou Heitor.

– Ela costumava comer humanos, mas gosta das dríades. É outra... – ousou dizer. – Ela ainda me visita de vez em quando. Me diz aqui que é minha mãe, mas eu sei que não. Ela me separou da minha árvore. O que me mantém viva é esta montanha que tem alma de árvore. Tenho muito medo dela. Ela me machuca...

Carmísia mostrou o braço direito, onde havia uma suave e quase imperceptível cicatriz.

– Se esta montanha é que a mantém viva, mesmo longe de sua árvore... Como poderia tirá-la daqui?

– Eu sei que minha árvore está viva. Em algum lugar. Ela não me machuca na pele e sim pela minha árvore. Eu sinto aqui. Por isso, sei que ela ainda está viva! Se eu sair daqui, vou encontrar minha árvore e minha mãe. Vou ver minha família de novo. Será que mudaram muito?

Havia tanta ingenuidade em Carmísia que a fazia parecer tão pura e boba, que era impossível não gostar dela.

– Acho que não, Carmísia. Em breve, você vai ver sua mãe de novo.

Ela pensou, olhando tão distante, sonhadora e feliz, que me fez desistir de perguntar se ela conhecia Sama. Em outro momento eu lhe perguntaria.

– Pelo visto, você já conheceu Anita, não é, Carmísia?

Tanto Carmísia quanto eu congelamos ao ouvir aquela voz. Era Sama. Na entrada da galeria ela olhava para nós, com um sorriso na cara, cínico e cruel.

Nenhuma de nós se moveu. Heitor percebeu nosso medo e desespero e ficou mais alerta. Ao lado de Sama, Indaiá sorria maliciosamente como sempre. Então, compreendi: era Sama a mulher que prendera Carmísia nessa caverna e a separara de sua árvore e sua mãe. Levantei-me. O medo passara e a ira invadiu-me. Eu queria dizer tantas coisas a Sama, tínhamos tantas coisas a acertar.

– O que você faz aqui? – perguntei amargamente a Sama, em português.

– Ora, vim visitar Carmísia e você, é claro! Estávamos aqui por perto e soube que vocês estavam aqui. Vim dar um “oi”.

– Louca! Era por isso que eu deveria ir atrás de pedras verdes? Isso é Jáspis?

Eu queria jogá-la contra a parede. Ela enganou minha mãe todo este tempo. Enganou-me e fez crueldades com Carmísia.

– Ah! – riu sama. – Querida, Jáspis não existe! Eu inventei essa viagem para vê-la longe do clã e se possível, eliminá-la. Mas, pelo visto, subestimei você... Você conseguiu mesmo chegar até aqui. – E mudou de assunto de novo. – Vocês já se apresentaram, de maneira devida? Deixe-me fazer as introduções. Carmísia, esta é Anita, filha de Myrcia. E Anita, esta é Carmísia. Ela é sua irmã.

O que ela disse? Foi isso mesmo o que eu ouvi?

Num primeiro momento fiquei imóvel, ainda tentando decifrar a afirmação de Sama, como se traduzisse um hieróglifo. Depois de entendê-la, meu coração começou a bater mais rápido. Não sabia se estava feliz com a notícia, estava apenas... Surpresa.

Como Carmísia não compreendia o português, Sama traduziu a frase para ela, de modo que ela recebeu a notícia depois de mim.

Carmísia também ficou surpresa, mas de um modo mais “feliz instantaneamente”. Seu rosto – agora estava explicado porque se parecia tanto com o meu – adquiriu um sorriso satisfeito.

Mas aquela notícia me deixou com mais raiva ainda de Sama, como se o meu parentesco com Carmísia acentuas-se meus sentidos de vingança. Ela havia maltratado a minha irmã também?

Além disso, essa história ainda estava muito confusa, eu não compreendia. Meu pai nunca me dissera que...

– Seu pai não conhece Carmísia. Ela não é filha do seu pai. Carmísia nasceu de uma semente, que caiu no solo e que nas boas condições, germinou... A pequena muda que surgiu veio acompanhada algumas semanas depois de uma pequena ninfa, tão pequena quanto um bebê humano... Isso foi há muito tempo atrás, antes de Myrcia conhecer Danilo.

– Então... Ela é uma dríade de verdade?

– Sim. Não é como você. É sua irmã mais velha e deveria ser a rainha, se eu não a tivesse raptado.

– Por quê...? Por que está fazendo tudo isso?

– Você sabe quem era a rainha, antes de sua mãe aparecer de além-mar?

Um silêncio e um mistério se prolongaram durante algum tempo. Heitor acompanhava a tudo bem atento, tentando também compreender o que movia as nossas ações.

– Era minha mãe.

O silêncio continuou. Sama vomitou aquilo como algo em sua garganta, que a estava impedindo de respirar. Uma mágoa, uma ânsia, uma razão.

– Quando minha mãe já estava morrendo eu era a responsável pelo clã. Sabe, se não houver samaúma, basta ser a árvore mais alta. Mas quando Maria apareceu... A samaúma venceu a castanheira. Sua mãe tomou meu lugar. Fiz sua mãe confiar em mim desde o começo. Eu queria tê-la por perto porque ela tinha uma grande capacidade premonitória. É por causa da profecia dela que estou fazendo tudo isso... Era meu plano eliminá-la assim que eu soubesse a última parte da profecia, que ela nunca conseguia ver, ou me contar... Enquanto isso, o resto da história você já deve estar deduzindo. As primeiras que brotaram da samaúma de sua mãe foram duas sementes...

– Merídiés e Vésper. – concluí.

– Sim, essas. Foi nessa época que eu inventei Jáspis. Eram tão jovens as duas, todas pensaram que Merídiés estava louca, até mesmo sua mãe. Foi um golpe para ela perder duas filhas. Depois mandei embora sua irmã para este lugar, sua mãe nem chegou a conhecê-la, fui mais rápida e piedosa desta vez. Já você... Você ficou com seu pai e eu realmente achava que não seria um problema. Estou surpresa com sua capacidade. Em suma, Anita, só estou retomando o que sempre foi meu.

Sama me assustava. Eu tinha raiva dela, mas, sobretudo, tinha medo. Era uma figura inconstante, misteriosa, nunca sabemos quem ela é ou o que vai fazer. Eu ainda estava boquiaberta assimilando todas essas informações, tentando adivinhar do que se tratava essa profecia tão importante que me perseguia em todos os lugares...

– Então, você simplesmente quer ser rainha... Por que simplesmente não me falou isso? Por que deixou que eu me assumisse como dríade quando poderia ter me mandado de volta para Manaus, no início? Acha que eu queria ser rainha? Que eu estava feliz sendo dríade?

– Sim. Você quer ser rainha e você é feliz sendo dríade. Nunca percebeu isso?

De fato, não. Sama me conhecia muito bem. E ela falava a verdade. Querendo ou não, eu era feliz como dríade. E desejava ser rainha, pois gostava de comandar, eu gostava do poder. No início isso não tinha ficado muito claro, mas agora aos poucos eu percebia isso, Heitor também me ajudou a percebê-lo. Só faltava admiti-lo para mim mesma.

– Além do mais, qual seria a emoção se eu não pudesse destruí-la pouco a pouco? Então... Somos eu e você... As candidatas. Queres renunciar ou... Vais brigar até o fim para continuar no comando?

Renunciar parecia-me algo impossível e indesejável. Sama estava me dando a chance de escolher por si só, mas eu sabia que ela gostava de desafio e que preferia que eu dissesse que disputaríamos, a simplesmente conseguir no diálogo.

Agora, eu a estava conhecendo.

– Você planejou isso desde o começo? Desde que eu apareci naquele dia do acidente?

– Não. – Sama começou a andar pela caverna, caminhando ao nosso redor, analisando o ambiente, enquanto fazia-se distraída ao falar. – Eu fui montando o plano aos poucos. E não, não planejei a morte de sua mãe... Foi a ajuda do destino quan-

do aquele raio acertou a árvore no dia em que apareceste. Mas sua mãe sabia que ia acontecer. Ela me dizia tudo que previa. Mas tive que fazer algumas modificações no plano à medida que outras pessoas entravam na história...

Sama olhou para o Heitor. Os olhos dela pareciam interrogar a alma dele e os dele a encaravam firme e corajosamente. Desviando os olhos, ela continuou:

– Primeiro foi o Bruno... Eu soube que ele seria um problema desde a primeira vez que o vi. Mas quando percebi que Indaiá estava de olho nele, uni o útil ao agradável e a convidei para participar do meu plano... Ela também a odeia. Contudo, Bruno era apegado demais a você, um grude como dizem... Seria difícil separá-lo. E Indaiá, coitada, não conseguia persuadi-lo! Se fosse nos meus tempos, eu já teria conseguido... Enfim, eu não queria, mas tive que intervir.

– Como assim?

– Eu conversei com ele e... Bem, eu confundi um pouco a sua mente.

Minha mente girou. Calculei as consequências de tudo aquilo e pirei.

– Você o quê?!

Sama riu. Por um momento esqueci-me de que Heitor estava do meu lado.

– Foi você! Você o fez se afastar de mim! E eu... Eu parti pensando que ele não me amava mais, quando, na verdade, foi você que...

Eu tinha lágrimas nos olhos. Sama havia confundido a cabeça de Bruno para que ele pensasse que não me ama mais. E eu havia fugido disso e encontrado o Heitor e me apaixonei por ele... Pela primeira vez pensei em como seria me encontrar com o Bruno, tendo Heitor ao meu lado...

– Separaste-me de Bruno, separaste meus pais também, com certeza... Tirou Carmísia, Merídies e Vésper de minha mãe e eu também... Você é um monstro!

Carmísia estava encostada em um canto, com lágrimas nos olhos. Não sabia se ela estava entendendo nossa discussão, mas percebi que a presença de Sama mexia com ela profundamente.

– Por que não vamos lá para fora? Aqui está abafado, eu gosto de vento.

Sama foi para a entrada do túnel e sumiu, deixando-me sozinha com minhas indignações. Indaiá a acompanhou. E eu compreendi que ela queria que também fôssemos.

Fiquei algum tempo em pé olhando para algum lugar no chão, e então fui até Carmísia.

– Estás bem? – perguntei.

Ela se endireitou e respondeu que sim. Apesar de Carmísia ser mais velha que eu, ela era tão frágil e pequena, que era instintivo que eu cuidasse dela.

Carmísia segurou meu braço com força e olhou nos meus olhos.

– Não vá. – disse ela. – Fique longe dela.

Olhei para o Heitor e fui até ele.

– Não sei o que fazer. Sei que Sama está tramando alguma coisa contra nós... Que poderemos fazer para detê-la?

– Não sei, Anita. Não sei.

Um grito ecoou pelas paredes da montanha, tão alto, como se tremesse a rocha. Vinha de cima, mas parecia preencher todos os lugares. Era o grito de Indaiá.

– Socorro! Me largue, Sama!

O grito dela invadia o labirinto rochoso e penetrava nos nossos ouvidos.

– Que será que...?

– Aaahhhh!

– Não vá, ela pode estar fingindo. – avisou-me Carmísia.

E bem podia ser verdade. Contudo, não era característico meu deixar uma pessoa pedindo socorro. Havia desespero na-

quela voz e risco de morte. E Sama era imprevisível... E se ela estivesse mesmo fazendo algum mal a Indaiá?

Eu odiava Indaiá, mas deixá-la correr algum perigo, estando ela pedindo ajuda e eu negar-lhe isso... Era inconcebível.

Comecei a caminhar em direção à entrada da caverna, depois percorri os túneis com algumas estalactites e estalagmites pelo caminho.

- Anita, Anita, espere!

Era Heitor tentando me alcançar. Carmísia também corria atrás de mim. Não sabia exatamente onde estava indo, eu apenas seguia a voz e sabia que deveria subir. De algum modo eu sabia que elas estavam no topo da montanha.

Eu seguia um instinto que não saberia explicar. Parte de mim não queria ir para lá, pois eu tinha aquela certeza lá no fundo de que Sama estava planejando algo contra mim. Mesmo assim, minhas pernas se moviam em direção a ela, em direção ao perigo, pois havia... Verdade.

Havia verdade na voz de Indaiá. Era um grito verdadeiro, um desespero sincero, que claramente não denotava um fingimento. Eu temia por Indaiá, pois de certo modo conheci do que Sama era capaz.

Eu estava querendo proteger Indaiá? Logo eu, que briguei tanto e sentia tanta antipatia por ela?

Um inimigo comum une até os mais afastados.

Agora, eu estava em um túnel inclinado e estreito. Eu tentava ir em frente agachada, em tentava subir. Existiam fungos estranhos na parede. Meu joelho se arrastava na pedra dura e áspera, bem como minhas mãos.

O suor resfriava meu rosto e mechas de cabelo caíam sobre a minha frente. Os gritos continuavam. Agora ela gritava por mim. Heitor e Carmísia já não diziam que eu não deveria ir. Talvez, porque houvessem percebido a gravidade da situação também.

Demorou até sairmos por uma entrada a céu aberto. Ventava muito e no mais alto ponto do Cerro Autana nos encontrávamos. A rocha úmida pela neblina possuía uma vasta plantação de bromélias e pequenos arbustos exóticos e floridos.

Quando eu, Heitor e Carmísia saímos, vimos ao nosso redor um terreno circular. Além dessa borda, havia apenas ar, pois o solo jazia a centenas de metros abaixo.

– Me solte! Socorro, Anita!

À nossa frente, à beira da borda desse lugar, Sama segurava Indaiá, ameaçando jogá-la lá embaixo. As nuvens distantes e o vento forte nos davam o conhecimento de que estávamos a mais de mil metros de altura, e faziam-me sentir leves tonturas e andar cautelosamente, pisando firme no solo, como se aquele vento pudesse me derrubar dali.

– Ah! Enfim, você chegou. Demorou! Por que não usou seu dom para chegar até aqui?

Não respondi. Aproximava-me cautelosamente das duas. O medo era enorme, só de imaginar o solo lá... Lá longe...

– Sabia que Indaiá tem o mesmo dom que o seu? – continuou Sama.

Fiquei surpresa. Pela primeira vez notei que não sabia o dom de Indaiá. Mas fazia sentido... Então tínhamos uma coisa em comum? Inacreditável. Por isso, elas chegaram tão depressa aqui.

– Solte-a, Sama. Solte-a, por favor.

– Sempre calma e confiante, até autoritária... Sempre gostei disso em você, Anita.

– Solte-a, por favor, Sama ou...

– Ou?

– Eu vou... Ora, é a mim que você quer! Solte-a!

– Venha pegá-la.

Não me movi. O mais corajoso a fazer – e o que os filmes fariam – seria ir até lá e lutar com ela, até soltá-la das mãos de Sama. Mas não me movi. Eu fiquei covardemente parada onde

estava, refletindo se salvar Indaiá e pôr minha vida em risco valeria mesmo a pena.

E eu me odiei por isso. Que tipo de pessoa eu sou?!

Eu devia ir. Não queria, mas sabia que devia. E isso já era o bastante para inventar a mentira de que eu queria fazer isso, para que assim eu movesse minhas pernas.

Eu sabia que Sama iria me agarrar depois que soltasse Indaiá. Bem como sabia que se não fosse até lá, Sama teria, sim, a coragem de empurrar Indaiá.

Meu corpo estacou. Eu não queria ir. Todo o meu corpo queria salvar minha vida, egoistamente. Era a parte que eu desprezava em mim.

A parte mais incorpórea e sublime de mim sussurrava que arriscar-me seria o mais nobre. E o mais nobre era o mais bonito, limparia minha consciência, me deixaria livre. Eu me sentiria uma boa pessoa, até importante.

Por que eu deveria salvar Indaiá? Ela também já desejara meu fim! Mas o meu orgulho era a minha perdição, de certo modo. Eu preferia morrer a ser covarde, a se passar por frouxa, mesquinha... Até assassina. Minha mente nunca me deixaria em paz.

Eu seria eternamente assassina de Indaiá e de mim mesma, se eu fizesse isso, eu suicidaria minha parte incorpórea e sublime.

Mas para mim, é preferível sacrificar o físico do que a dignidade.

Tudo isso se passou em uns 30 segundos.

Dei o primeiro passo. Depois o outro. Tudo começa com passos, pequenos passos. Minha mão erguia-se à frente, para que eu me protegesse de qualquer ataque. Que deveria eu fazer?

As plantas aos pés delas começaram a crescer de forma demasiada, e elas começaram a envolver a perna de Sama. Mas com apenas uma mão – a outra segurava Indaiá – ela as afastou com força e os vegetais retrocederam.

Tentei mais uma vez, só que agora com mais vegetais e estando me aproximando cada vez mais, cautelosamente. Eu estava com os braços erguidos à frente do meu corpo, como defesa. Os pés avançavam passo por passo e às vezes retrocediam, se Sama fizesse algum brusco movimento.

Mesmo assim, ela tinha mais poder sobre as plantas do que eu. Já há algum tempo eu percebi que as dríades verdadeiras são mais fortes e têm mais poderes sobre os vegetais do que meio-dríades, como eu.

– Solte-a, Sama. Podemos conversar... Sobre isso... Chegar a um acordo...

– Não gosto de falatório, prefiro ações.

– Sim... Eu também, mas podemos...

– Eu não quero um acordo! – gritou Sama.

– Que queres, então?!

Da mão de Sama surgiu um ouriço de castanheiro, algo parecido com um coco, que continha as castanhas. Vi de relance que Sama lançou o objeto, mas só percebi que era para mim, quando senti uma aguda dor na perna, que me fez cair.

O ouriço se partiu no chão depois de me acertar.

– Anita! – era a voz de Heitor, lá longe... Bem longe. Mas tentei suportar a dor, prendendo um grito.

– Venha pegá-la. Venha pegá-la! – disse Sama.

Tentei me levantar, e não consegui. Tentei novamente e doía muito. Qualquer pequeno movimento fazia-me sentir o osso partido ranger. Avancei com sofreguidão.

Então um vulto passou por mim, indo em direção às duas dríades à beira do abismo.

Foi Heitor.

Ele estava lutando com Sama, tentando tirar Indaiá também. Eles estavam tão na beira... Meu coração gritava, eu arquejava, fazendo o impossível para manter-me em pé.

Heitor era humano. Uma dríade era muito mais forte que um homem, mesmo um homem como Heitor. Indaiá tam-

bém ajudava Heitor com sua força de dríade... Instintivamente manquei para eles e tentei puxar Heitor pela camisa para longe dali... Em vão. Um dos três batera em mim e eu caí.

Não sabia o que fazer, temia por Heitor. Queria me aproximar, queria lutar! Mas não conseguia manter-me em pé por muito tempo. A agonia de querer salvar a vida de alguém a quem ama, mas não poder, era uma sensação terrível, como quem rejeita seu ser... Como quem quer arrancar a alma para que longe do decrépito corpo, possa lutar.

Minha cabeça girava com a dor, a vista falhava. Eu queria fazer algo, mas fiquei apática, plantada no solo, observando cada movimento deles... Plantada...

Reuni minhas últimas forças para fazer surgirem plantas que amarrassem a mão de Sama e elas reapareceram. Eram espécies de cipós fortes e flexíveis.

Por um momento, Indaiá conseguira se livrar de Sama.

– Vá! Saia daqui. – falou Heitor.

Indaiá ficou onde estava, enquanto Sama segurava Heitor. Ela também sabia que Heitor não tinha a mínima chance com Sama.

Mesmo assim, fez o que ele lhe disse para fazer. Só então pude abrir a boca:

– Por favor, Sama, largue-o! Por favor! Eu vou matá-la, seu monstro!

Eu estava desesperada. Sama agarrava Heitor que não conseguia desvencilhar-se dela e o segurava à beira da borda do topo da montanha.

– Que pena que vocês estão apaixonados... Mas veja pelo lado bom: a história, apesar de trágica, vai ficar mais interessante se Heitor cair daqui, estando você apaixonada por ele.

O objeto que Sama jogara em mim, quebrara minha perna. Doía muito e eu não tinha como movê-la. Carmísia estava afastada, e olhava a cena mais desesperada do que eu.

– Eu o largo se você voltar para a cidade e nunca mais aparecer na floresta.

“Eu faço isso”. Foi só um pensamento, não uma fala. A ideia estancou na língua como um elétron que não é conduzido pelo ar.

Por que eu não o dissera?

Porque eu não queria deixar de ser eu. Não queria deixar de ser dríade, de ser rainha... Não queria abandonar minha árvore. Abandonar essa parte minha seria amputar uma perna. Seria arrancar meu coração e viver como um zumbi.

E o mesmo aconteceria se eu perdesse Heitor. Seria arrancar de mim outra parte do meu coração. Em ambos os lados eu perdia a mim mesma. Agora eu entendia o que Merídiés me dissera.

– Não, Anita... Não faça isso. Você não pode...

Eu sobreviveria, fisicamente. Se aceitasse renunciar, seria apenas a minha vida em jogo. Se fosse Heitor a vítima, seria uma vida não minha, o que aumentava a culpa e a responsabilidade sobre os fatos.

– Eu faço isso... Eu renuncio.

As palavras são tão fortes. É incrível como uma só pode significar uma gama variada de coisas. Aquelas depositadas no topo da montanha, aos pés de Sama, em meio à quase-morte de Heitor, significavam muito e profundamente para mim.

Nunca me esquecerei da expressão que Sama fez ao ouvir tais palavras.

Na verdade, não sei o que ela pensou no momento.

Primeiramente, pareceu-me que não acreditara. Ficara surpresa, como quem indaga: “Eu consegui?” Depois, pareceu estar arrependida de tudo que tinha feito, e se comoveu com as palavras que lhe dei.

Todavia, enfim percebi que ela não se contentara só com minhas palavras. Sama esperava algo mais dessa situação. Duvidou que eu realmente fizesse isso. E continuou, para o pro-

longamento da minha angústia, a segurar firmemente Heitor em suas unhas e mãos de dríade-de-castanheira.

– Então, é isso?

Soou como uma interrogação para ela mesma e uma indignação contra mim. Sama riu. Soltou uma gargalhada como nunca a vi fazer antes. E algo se chocou contra ela.

Fiquei aturdida. Era Carmísia. Ela, a dríade pequena e frágil, minha irmã que eu acabara de conhecer, empurrou Sama com tanta força que esta cambaleou e por pouco não caiu lá embaixo, pois se agachara no solo, segurando-se mais firmemente e tendo uma superfície maior de contato.

Heitor – que se soltara – veio até mim:

– Não devias ter feito isso.

– Que querias que eu fizesse? Que deixasse jogá-lo daqui de cima?

– Sua... Dríade inútil. Vais ver o que vou fazer contigo! – Sama se levantara e queria revidar.

Antes que o fizesse, porém, Indaiá reapareceu e a empurrou novamente. Segundos depois, Indaiá e Carmísia lutavam com Sama, novamente à beira do abismo. Duas empurrando uma, que se agarrava a essas duas.

Estava difícil entender quem estava empurrando quem. Elas mudavam muito de posição, ora se afastavam, ora retornavam para a borda.

Meu coração parou de bater quando duas delas caíram.

TRINTA E DOIS

Assim, Sam plantou mudas em todos os lugares onde árvores, especialmente belas ou amadas haviam sido destruídas, e colocou um grão da preciosa terra no chão, junto a raiz de cada uma delas.

J. R. R. Tolkien

Eu e Heitor observamos, paralisados, Indaiá. Esta se afastava da borda da montanha não ousando olhar para baixo, para onde as duas dríades caíram.

– Não... – soltei.

Antes uma morte sempre há a negação. Minha mente ficou vazia, com uma lousa, antes de eu confirmar a mim o que acabara de acontecer.

“De novo não”, pensei. Foi tudo o que fui capaz de concluir. Novamente eu acabara de conhecer um familiar meu, e este se foi. Como minha mãe, minha irmã também morrera logo depois de me conhecer.

Será que havia algo de errado comigo?

Carmísia e Sama caíram da borda da montanha. Será que caíram mesmo? Eu ainda tinha esperança de que estivessem agarradas a alguma proeminência ou fissura na rocha. Comecei a engatinhar, querendo chegar até lá...

Entretanto, Heitor me impediu.

Ele me poupou de tal visão e pelo seu olhar eu soube que já não havia esperanças.

Olhei Indaiá. Ela continuou se afastando, afastando, em choque, olhando para o chão...

– Indaiá... – chamei-a.

Indaiá virou-se e começou a correr. Eu a chamei. Gritei seu nome, mas ela fugiu. Foi para bem longe, saiu da montanha apenas com seu pensamento.

– Para onde será que ela vai? Será que ela vai voltar para a sua floresta?

– Não. – respondi. Algo me dizia que Indaiá não ficaria bem.

Havia esquecido de que minha perna latejava. Ela se encontrava fria e um pouco roxa.

– Por que quando estou contigo, tens sempre que machucar a perna? – brincou Heitor. Mas não tive ânimo de sorrir. Novamente eu não sabia o que fazer, nem para onde ir. Perdi uma irmã. Sama morreu.

Não queria sentir isso, mas eu estava aliviada com a morte de Sama. Ao mesmo tempo, repassei na minha mente tudo o que Sama fizera. Como nos conhecemos... Era ainda inacreditável para mim que Sama fosse essa dríade terrível.

Será que... Ah, minha mente começaria a pensar, e a duvidar... Eu não queria pensar. Queria apenas livrar-me do que havia acontecido. Queria esquecer, pois é o “esquecer” que faz o ser humano viver e continuar vivendo.

Ficamos muito tempo sentados ali, no alto da montanha, juntando os cacos.

– Acho que sua busca foi em vão, Anita.

Não respondi nada a Heitor. Não queria mais pensar em responder nada, tal o cansado psicológico. A única resposta a que cheguei foi:

– Acho que devo voltar para casa. – falei, sem saber ao certo o que falava.

Heitor entendeu que minha casa a que eu me referira era a minha floresta.

– Sim, acho que sim.

Peguei a mão de Heitor e observei seu rosto. Ele olhou-me nos olhos, também. Nossos olhares diziam muita coisa. Só então tive vontade de chorar, um nó na garganta surgiu, meus olhos arderam... Mas não chorei. Engoli o choro e suprotei tudo em silêncio.

Percebi que estava com muita fome.

Pensei em um lugar, e felizmente – pois não conseguiria descer essa montanha com uma perna quebrada – consegui ir para lá.

Na primeira vez que eu tentara subir eu não conseguira fazer isso, mas por que agora eu pude? Parecia-me que algo em minha mente havia se “destravado”.

– É sua árvore? – perguntou Heitor, um pouco assustado.

– Não. Eu só precisava vir para cá.

Estávamos em frente ao tronco seco e carbonizado da grande samaúma, a árvore da minha mãe. Seu tronco, agora estéril, erguia-se alto e imponente: como ruínas gregas, era a lembrança-casca de uma grande e exuberante vida.

– Esta era a árvore da minha mãe. Lembra que eu disse que ela morreu com um raio?... Pois é. Também morreu no mesmo dia em que a conheci.

Um silêncio amazônico pairou sobre nós. Era o mistério do destino. Se tudo na minha vida era por acaso, eu não sabia. Mas as coincidências e a tragédia das coisas, me faziam acreditar que havia algo planejado para mim... Pois seria mais triste e assustador se todos esses infelizes acontecimentos tivessem ocorridos somente por acaso... Era melhor acreditar que havia uma razão, um propósito final nessas mortes.

Pois o acaso bom é sorte... E o acaso ruim é tragédia.

Sentada – pois não conseguia manter-me em pé – no solo de terra preta e seca, eu refleti sobre o que eu sentia. Estava eu triste? Não sabia dizer.

Era uma mistura de sentimentos *confusamente e em constante luta*. Isso é de algum verso de John Milton, acho. Tenho uma péssima mania de lembrar-me de versos em momentos improváveis e inoportunos.

Aos poucos, o verde de novas plantas invadia o carvão. O verde da esperança, porque verde é vida, é clorofila. É absorver a energia do sol, transformando-a em vida.

Observei a mata. Após passar uns dois meses fora, concluí que, pelo menos nessa área, as coisas não mudaram muito.

A umidade continua em toda parte. Sobe do chão, desce das copas, perambula entre os troncos apodrecidos. Emanava de mim.

Água brotou dos meus olhos como de um poço no deserto. Tentei ser forte, conter o choro... Mas eu precisava de água. Precisava purificar-me das coisas ocorridas... Não que fossem coisas sujas, mas é que o impacto da chegada delas foi devastador.

Heitor iria me abraçar e eu o afastei.

– Por favor... Só preciso de um instante.

Ele respeitou meu desejo. Fiquei três minutos chorando, sentada na terra, em frente à árvore de centenas de anos da minha mãe. Depois enxuguei o rosto.

Nesse instante uma dríade apareceu nos arredores. Era Cica, dríade de uma palmeira. Sua expressão assustada me fez temer a recepção das demais dríades. Como contar a elas que Sama morreu?

Mas, em seguida, Cica ficou serena e sorriu, avançando para mim.

– Anita! Enfim, retornastes.

– Cica, eu devo dizer-lhe uma coisa... Sama...

– Nos já sabemos o que aconteceu.

– Sabem?

– Sim, Indaiá nos contou.

– Ela está aqui?

– Não, não sei onde ela está agora.

Indaiá chegara aqui antes de mim, graças ao mesmo dom que eu tinha. Logo, contara às demais dríades a verdade sobre Sama e o que ela fizera comigo e toda minha família. Em seguida, partiu. E ninguém sabe dizer para onde. Disseram que ela aparentava estar muito transtornada, arrependida, dispersa... Partiu dizendo:

– Não posso continuar aqui, depois de tudo o que fiz para Anita.

Pelo jeito, ela estava mesmo arrependida. Eu não queria que ela partisse, afinal, ela se arrependeu, não? Eu a perdoaria e poderíamos viver juntas, sob a mesma floresta.

Mas Indaiá deixou sua árvore e foi vagar pelo mundo... Como Merídiés.

Sentada em frente à minha árvore, devia ser umas quatro horas da tarde, Heitor a contemplava também. De repente, soltei o que eu estivera desejando nos últimos minutos.

– Preciso ver meu pai. – era só disso que eu precisava.

Heitor nada disse apenas concordou com a cabeça sem olhar para mim. Mas não era só do meu pai que eu precisava.

– Vou visitar Bruno também.

Silêncio. Um capitão-da-mata assobiou.

– Confio em você.

Continuamos em silêncio sem encarar o outro. Levantei mancando, com a perna amarrada com cipós e madeira, o curativo que as dríades fizeram. Com muita dificuldade, dobrei o corpo para abraçar Heitor e beijar-lhe, já que estava sentado.

– Volto logo... Queres conhecê-lo? Posso trazê-lo aqui...

Era evidente que eu falava de Bruno. Heitor ergueu os olhos, surpreso, e respondeu confuso:

– ...Quero... – souu uma pergunta a si mesmo. Virei e olhei o céu azul.

E pensei em minha antiga casa.

TRINTA E TRÊS

E do momento imóvel fez-se o drama.

*Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.*

Vinicius de Moraes

Parei na mesma sala onde Sama estivera. A sala do meu pai. Era estranho... Ela não parecia mais minha, como se esse passado fosse de centenas de anos atrás.

Eu sempre imaginara que a vida passava mais lenta para uma árvore, especialmente para uma centenária. Contudo, minha vida corria... Eu corria muito.

Havia ainda muito a correr?

Eu não sabia que dia da semana era. Deviam ser umas cinco horas da tarde. Uma luz dourada, meio alaranjada, iluminava os móveis da casa, as paredes, a poeira dançante no ar.

Papai não estava em casa. Logo chegaria.

Meu cachorro começou a latir sentindo a presença de alguém na casa e uma onda de calor nostálgico percorreu meu corpo. Meus olhos choraram. Fui até a cozinha.

Tudo estava no mesmo lugar, meu pai não gosta de mudanças. Ele preza a rotina. Ele sempre fora assim?

Por sorte, ou descuido, ele deixara a porta dos fundos aberta e saí para o quintal. A grama esmeralda estava mal aparada. As paredes estavam cheias de lodo, afinal era inverno.

Meu cachorro mantinha-se preso por uma corrente no pescoço, do lado de fora de sua casinha. Meus pés umedeceram-se na grama ao cruzá-la. Havia acabado de chover. Com minha perna ainda mancando fui abraçá-lo e ele lambeu meu rosto, braços, mãos... E eu sorria loucamente por revê-lo.

Era um vira-lata de pelo amarelado que encontramos na rua quando filhote. Estava conosco havia dez anos...

– Anita?

Era a voz do meu pai. Assustada, me virei para a porta, quase perdendo o equilíbrio.

– Pai, já chegou?

Mas ele estava com roupas largas de ficar em casa.

– Eu não fui trabalhar hoje... Na verdade, a semana inteira.

– O senhor está doente?

– Não, estou bem... Só estava preocupado com algumas coisas.

Ele estava com uma aparência não muito boa. E ele se referia a mim. Eu era o problema.

– Pai, eu vim te contar o que...

– Eu já sei o que aconteceu. Indaiá também passou por aqui hoje... Como tu estás?

– Pai!

Em resposta, manquei até ele e lhe abracei. E era bem mais alta. Recomecei a chorar e não sabia se era de tristeza ou de felicidade. Era como reencontrar um velho amigo.

Toda minha vida retornava aos meus olhos ao mesmo tempo em que permanecia tão distante e inalcançável quanto um universo paralelo. Como se eu contemplasse um arco-íris.

Ficamos muito tempo abraçados, senti que meu pai também chorava. Ele começou a pedir meu perdão e eu o perdoei.

– Preciso que o senhor conheça uma pessoa.

– Acho que Indaiá falou dele, mas esqueci o nome.

– É Heitor.

Gostaria de ficar mais tempo conversando, mas precisava visitar outra pessoa ainda hoje. Despedi-me de meu pai e perguntei se ele não queria retornar comigo para a floresta, queria que ele conhecesse Heitor.

– E Bruno? – saiu de sua boca.

– Vou encontrar-me com ele agora... Para explicar... Depois retorno para buscá-lo...

A transição entre dia e noite estava se completando. Bruno já estaria em casa, pois estudava no turno Vespertino. Sua casa ficava numa daquelas ruas estreitas do Conjunto Eldorado, próximo à praça de vendedores de churrasquinho, ambulantes e informais.

As ruas ao redor da praça eram nomeadas com letras do alfabeto. Eu não poderia aparecer na rua dele, em frente à sua casa, batendo na porta da frente. Uma garota de 1,90m com roupas de casca de árvore, mancando com a perna amarrada com cipós... Talvez chamasse a atenção. Além disso, para todos os efeitos... Eu não mais existia neste mundo. Seus pais estariam trabalhando, apenas Bruno estaria em casa esse horário, talvez com Lucas, seu melhor amigo, que também sabia do meu segredo.

Eu conhecia toda sua rotina.

Apareci no estreito corredor com dois quartos, um deles era o quarto dele. Ali havia uma mesa com tampo de vidro, onde jaziam alguns troféus. Uma pequena parte, pois havia outros no colégio onde sempre estudara. Estava escuro, úmido... O teto era baixo.

De uma porta entreaberta saía uma conversa baixa, quase sussurrante, entre três pessoas. Dois homens e uma mulher.

As vozes masculinas eram de Bruno e Lucas, a terceira eu desconhecia. Bruno conversava muito com a moça e Lucas interrompia o dueto frequentemente.

Decidi entrar no quarto de modo invisível. A porta estava aberta o suficiente para que eu escorregasse para dentro, sem movê-la.

Bruno sempre fora desorganizado, mas não tanto, eu era mais. Bruno e a moça sentavam na cama. Lucas estava meio deitado, meio sentado, com um pequeno notebook nas pernas.

– Já vou. Mamãe deve estar chegando... Então, eu fico com o trabalho escrito, tá?

– Tudo bem. Você é melhor com textos. – disse Bruno, olhando para ela.

– E você é muito bom com discursos.

Eles riram.

– E eu faço o slide, é claro. Como sempre. – exclamou Lucas.

Um carro buzinou na rua. Era a mãe da garota. Eu já a vira no colégio alguma vez. Ela juntou suas coisas numa bolsa e abraçou Lucas se despedindo, era gentil e educada. Eu sentia um pouco de ciúme. Ver Bruno tão de perto ainda acendia alguma coisa em mim, mas não com a mesma intensidade de antes. Eu o amava e sempre seria meu melhor amigo.

– Eu deixo você lá na porta... Bruno levantou-se e a acompanhou, colocando um braço sobre seus ombros. Tive que me afastar para deixá-los sair do quarto e tive vontade de segui-los, contudo permaneci onde estava e decidi tornar-me visível.

Lucas estava tão concentrado na internet que demorou 10 segundos para me notar. Ele ficara tão surpreso que eu sorri. Também senti saudade dele.

Geralmente, brigávamos muito e duelávamos pela atenção de Bruno... Fora isso, não tinha nada contra ele. Eram apenas pequenas birras.

– Anita?

– Oi, Lucas.

Sentei-me na cama com a perna já cansada.

– Como você veio até aqui?

Olhei pela janela do quarto, o céu já escuro e o poste de iluminação com sua luz amarelada. Ouvi o som do carro saindo da rua.

– É uma longa história que preciso contar... Mas não vim aqui andando, garanto.

Bruno entrou no quarto e ficou paralisado quando me viu. Instantaneamente, sorri-lhe de modo embaraçado e foi grande a vontade de abraçá-lo. Algo me impediu. Ficamos sem saber o que fazer ou dizer. Apenas fitamo-nos intensamente.

A ligação entre nós era tão forte e profunda que o ar parecia se tornar denso e difícil de respirar. O silêncio absoluto era composto por aquele zunido baixo e o som dos carros e das pessoas nas ruas próximas. Ambos éramos esculturas.

Era um jogo difícil, ambos queriam a mesma coisa, mas temiam andar a primeira casa. Num relance observei o quarto de Bruno mudado pelos gostos de não mais uma criança e, sim, de um rapaz. A cor das paredes e toda a estrutura não mudaram. Passamos muitas tardes brincando neste quarto quando crianças. Olhar o piso de azulejos marrons, o velho ar-condicionado, e, sobretudo, olhar Bruno...

Era tudo tão familiar que doía. Fazia-me querer voltar no tempo, retomar minha antiga vida... Eu me agarrava a cada detalhe com a ferocidade de quem está prestes a morrer.

– Anita... – e ele fez aquele sorriso que eu conhecia mais do que os galhos da minha árvore.

Já sentindo um nó na garganta e as lágrimas nos olhos, dei o primeiro passo já erguendo os braços que automaticamente buscavam por ele.

– Bruno... – como era bom abraçá-lo!

Meu coração pulava loucamente, eu sorria como se nenhuma desgraça jamais me houvesse atingindo. Os sentimentos emergiram à tona.

Mas, o que é isso, Anita?! Você ama Heitor! Seus sentimentos por Bruno deveriam estar extintos!

E eles não estavam. Estavam tão inacreditavelmente vivos quanto a preguiça gigante. Lembre-se de Heitor. Lembre-se de Heitor.

Senti que Bruno soltava seus braços e eu abri os olhos antes fechados e vi Lucas observando-nos, muito quieto. Afastei-me de Bruno fitando-lhe novamente nos olhos. Ele me segurou pelos ombros e em seguida puxou meu rosto em direção à sua face.

Eu desviei tão instantânea e abruptamente de seu beijo que dei um passo para trás.

Heitor. E eu acabara de magoar Bruno.

Ele me fitava perplexo e não compreendendo minha reação, nem quanto eu mudara. Olhei para o chão de azulejos manchados pelo tempo não ousando olhar-lhe. Se ele visse meus olhos, ou melhor, se eu mergulhasse novamente em seus olhos... Eu poderia me arrepender de ter conhecido Heitor. Eu não queria isso.

– É ele, não? – disse-me por fim. – O tal rapaz que você encontrou na viagem? É ele?

Eu comecei a chorar compulsivamente. Lucas se levantou e saiu lentamente do quarto, deixando-nos a sós. Limpei a garganta e falei:

– Temos que esclarecer algumas coisas...

– Sim, claro que temos.

Havia raiva em sua voz. Indignação, decepção, e me veio à mente aquele primeiro sonho que eu tivera, no qual o próprio Bruno tocava fogo na mata. Seria isso a significação do sonho? Odiei-me por isso. Não me suportava como causadora daquela situação.

– Sim, seu nome é Heitor e... – iria dizer que o amo. Isso acabaria com Bruno e eu também o amava.

– Nunca pensei que você pudesse fazer isso comigo, Anita.

Odeio quando as pessoas formam expectativas sobre como devo agir, de acordo com a “forma” que já colocaram em

mim, pois sentia a responsabilidade de corresponder às suas expectativas. Não suportava decepcionar as pessoas.

Continuei calada, pensando merecer tudo o que Bruno me despejava.

– Você vai ter uma aventura na selva com outro enquanto eu fico aqui angustiado sofrendo por ti!

Uma parte nessa frase era mentira.

– Aventura na selva? Fazes ideia do que eu sofri?

– Sofreu? Ah, então, sofreu namorando ele?

– Não fazes ideia do que aconteceu.

– Como vocês se conheceram? Tomando banho numa cachoeira, ninfazinha? Ele ajudou você a cavar a terra para encontrar a pedra, foi isso?

– Não, não... Eu me encontrei com uma preguiça gigante e ele estava lá, ele não queria que eu a matasse... Não sabíamos para onde ir, estávamos sem rumo, caminhamos juntos e...

– E...

Bruno estava fazendo a história que eu passei com Heitor parecer ridícula.

– Então você me trocou por ele?

– A carta! Tu começaste tudo, tu quiseste terminar comigo pela carta! Então, eu fugi magoada, pensando que não me amasses mais.

– Eu nunca faria isso. Eu não sei porque escrevi aquela carta, juro. De repente eu fiquei confuso, indeciso e mesmo assim eu não mencionei que terminaria contigo. Logo, depois eu fui atrás de você, eu iria dizer para você esquecer o que eu escrevi na carta, mas você não estava mais lá...

– Agora eu sei disso. Tudo isso é culpa de Sama.

– Sama? O que é qu...?

– Sim, Sama. Ela e Indaiá. Tu precisas saber do que houve...

Contei-lhe o que Sama fizera. Não contei toda a viagem, na verdade, sempre que possível, eu pulava as partes de Heitor.

Ele absorveu tudo com aguçada atenção, sem dizer palavras e me contou o que aconteceu enquanto eu estava fora e como Indaiá atacou minha árvore quando ele estava presente. E eu lhe contei que sabia, pois eu quase morrera naquela noite.

Quando terminei, olhava incrédula para seu celular repousado na cama, onde sentávamos. Já era noite escura e os sons da praça ficaram mais altos com o movimento de pessoas em restaurantes e bares. Um carro estacionou na frente da casa, ouvimos uma porta se abrir e vozes conversando na sala.

Eram os pais de Bruno que chegaram do trabalho. Ficamos espantados enquanto ouvíamos:

– Oi, Lucas. Cadê o Bruno? – era Dona Flávia, a mãe.

– Ele está lá... No quarto. Terminando o trabalho. Eu que me cansei e vim assistir televisão.

– Vou dar um “oi” pra ele.

– Espera!

Mas dona Flávia já caminhava em direção ao quarto, enquanto o pai conversava com Lucas lá embaixo.

– Mamãe...

Tornei-me invisível e fiquei num canto afastado. A porta se abriu.

– Oi, filho. Estudando muito?

– É...

– Eu... Vou esquentar o jantar e depois me deitar, estou muito cansada. Você já comeu?

– Comi alguma coisa... Sim.

– Está tudo bem?

– Está, é só que... Também estou cansado. Daqui a pouco vou parar...

– Lucas vai ficar hoje?

– Eu acho que sim... Vai, vai ficar.

Dona Flávia continuou olhando Bruno, certificando-se de que seu filho estava mesmo bem. Fazia tanto tempo que não a via. Como não conhecia minha mãe quando morava aqui em

Manaus, era ela que ajudava meu pai em certas coisas para a educação feminina.

Lembro-me, por exemplo, que ela me arrumava e penteava meus cabelos. Havia me esquecido do afeto filial que sentia por ela.

Finalmente, a porta se fechou. Sentei-me na cama, não próximo ao Bruno. Continuamos cochichando.

– Então Sama fez isso? Fez-me sentir-me confuso daquela forma... Ela tentou matar você?!

Afirmei com a cabeça, lembrando de tudo.

– Sama enganou minha mãe, sequestrou minha irmã, me fez sentir raiva de você, envolveu Indaiá... Ela quase destruiu nossas vidas.

Bruno permanecia em silêncio, imóvel, olhando para o chão, cruzando as mãos como sempre fazia.

– Podemos voltar... – disse ele, num sussurro tão baixo que não tive certeza do que ouvi.

– O quê?

– Podemos esquecer... Esquecer tudo o que aconteceu. – continuou, aproximando-se do meu rosto, tocando-o. Em outros tempos, ao toque quente de sua mão eu teria ficado. Eu teria cedido.

Os tempos mudaram. Eu afastei, deixando sua mão no ar, sem nada a tocar e me levantei. Caminhei de um lado a outro do quarto tentando esclarecer o que pensava e sentia.

– Podemos recomeçar, Anita. Podemos... Eu nunca lhe deixaria, queime aquela carta, esqueça tudo aquilo que escrevi... Podemos recomeçar!

Esquecer? Sei que em certos momentos é necessário esquecer, contudo nessa situação eu não podia. Como poderia esquecer Heitor e tudo que passei com ele?

– Não posso. Perdoe-me, Bruno, eu não posso. O que está feito, está feito. Não posso mudar a História.

– Como assim?

Respirei fundo e apertei a goela como se tentasse evitar que a frase execrável fosse dita. A frase que mataria um de nós... Ou os dois.

– Eu... Eu vou me casar com Heitor.

As palavras nunca foram tão pesadas e belicosas. Nunca um silêncio tão fúnebre pousou sobre nós. Era tão ameaçador que eu forcei a palavra. Forcei-a quando não se tinha nada a dizer ou o que houvesse fosse inútil e carrasco.

– É claro que não poderei casar na igreja, vestida de branco... Mas ele vai viver na floresta comigo e...

Calei-me. Pare de falar, idiota. Não há palavras no mundo que amenizem essa conjuntura. Mas há as que pioram.

– Então é isso? – disse-me ao final de um tempo. – Me desculpe por não ter abandonado tudo para viver com você, como ele fez.

– Ah, Bruno!

– Seja feliz. Agora vá.

– Bruno...

– Vá, Anita!

– Não, por favor, não me deixe!

– Vá embora, Anita!

Bruno pegou seu celular sobre a cama e atirou-o na parede à sua frente, num ato de fúria.

– Bruno? Tudo bem?

Perguntava seus pais lá embaixo, encaminhando-se para o quarto.

– Suma daqui. Sussurrou ele.

E eu sumi.

TRINTA E QUATRO

*Que o teu destino se cumpra
E possas chegar à outra margem
Onde encontrarás as miragens que te seduziam.
E então saberás que estão em ti
os tesouros que buscaste.*

Tenório Telles

Surgi no alto de uma montanha. Inconscientemente eu precisei dela. Uma névoa embasava a visão e envolvia o espírito em uma sensação de solidão e mistério. E frio.

Fazia frio e meu corpo tremeu ao seu contato gélido. Havia silhuetas negro-acinzentadas ao meu redor. Suas formas poderiam ser qualquer coisa que eu imaginasse e eram dezenas delas, ora enormes, ora minúsculas, dependendo da distância. Apenas o som do vento forte entrava em meus ouvidos.

Subitamente, gritei. Gritei o mais alto que eu pude, sem dizer palavras.

Era apenas fúria da pressão que eu sentia sobre a minha vida.

Gritei mais uma vez.

Os lamentos ecoavam por essas virgens rochas mais antigas que toda a vida da região. E do continente. Tudo o que acontecera até ali foi exibido na minha mente em forma de *flashes*, aleatoriamente.

Então tudo sumiu... Senti-me sendo arrastada para baixo, a pressão nos pés era diferente da pressão na cabeça. E vi-me

numa floresta diferente da minha, com árvores mais secas, baixas e antigas. Havia um cheiro e umidade diferente no ar, algo que lembrava maresia.

Os gritos continuavam. Mas meus lábios estavam fechados!

Não era eu. Era uma dríade aos meus pés, jogada no chão, olhando para sua árvore à nossa frente, cujas sapopemas estavam sendo cortadas por um homem segurando uma motoser-
ra.

O homem era indiferente à agonia dela. O homem não via nem ouvia nada.

Abaixei-me ao seu lado, esquecendo-me de minha perna machucada, tentando socorrê-la de algum modo. Esse modo existia? Tive a ideia de parar o homem; entretanto, da árvore cortada transversalmente só restava menos da metade ligada à vida... Sua existência estava por um fio. Mesmo que o impedisse nesse momento, a dríade já não se recuperaria.

– *Uma dríade!* – ela falou, parando de gritar. – *Proteja minha filha!*

– *Sua filha? Onde está sua filha?*

– *Dê a ela o nome de minha mãe: Tálassa* – ela agarrou minha mão.

– *Quem é você?*

– *Vésper.*

O som do motor parou. Olhei para o homem e vi a árvore começar a inclinar-se lentamente, em direção ao chão...

– *Vou cuidar de sua filha.*

...A árvore arrastando outras árvores junto dela...

Algo se destravou na minha mente como um clique: *Vésper!*

Eu havia encontrado a irmã de Merídiés. Encontrei minha irmã! O que ela queria mesmo que eu dissesse? *Diga a ela... Diga a ela que me perdoe. Eu sinto muito. Lembrei.*

– Sua irmã, Merídiés, diz sentir muito... Pelo que aconteceu. – tentei falar o mais rápido possível. A árvore caiu. – Ela pede que a perdoe...

A dríade evaporou. O homem olhou para o que fizera, avaliando o diâmetro do tronco e outras características. Dirigiu-se para outro lugar, ao término dessa análise, talvez para outra árvore. A luz agora era maior.

Na minha mão, jazia uma diminuta planta. Era tão pequena, que chegava a parecer insignificante.

Eu falhara na missão. Não consegui transmitir o recado... É como se o sentimento de dever houvesse aumentado após esse fracasso, fiquei a olhar o que segurava, sem saber se sentia ódio, raiva, tristeza...

Eram tantas coisas acontecendo que eu nem tinha tempo para entendê-las ou pensar o que deveria sentir.

Levantei-me, mancando e segurando a muda. A terra preta escorregava entre meus dedos.

Eu voltei para a casa do meu pai em Manaus. Ele me esperava pensativo, sentado numa cadeira de balanço na varanda. A viagem me causou tonturas.

– Venha, pai.

Eu tinha as mãos trêmulas e o coração a mil. Papai se assustou quando me viu.

– O que aconteceu, Nita? Como foi? Você está bem?

Não. Mas nada respondi. Nem as outras perguntas seguintes que meu pai fizera sobre Bruno. Pensar nele era doloroso e eu não tinha mais energias.

Quando chegamos à sombra de dezenas de árvores, onde várias dríades tentavam dar boas-vindas a Heitor, este se dirigiu ao meu pai, apertando-lhe a mão.

– Prazer em conhecê-lo, senhor. Me chamo...

– Eu sei como se chama. – papai interrompeu-o brusca-mente. E ficou encarando Heitor nos olhos, em um tom não muito amistoso.

Então, só naquele instante, dei-me conta *do que eu fizera*. Eu senti vergonha. Vergonha de Heitor, de mim, da situação constrangedora e dolorosa que eu criei para Bruno. Tudo o que eu fizera, ali, pareceu-me tão ridículo, tão inútil.

E eu me arrependi de sentir isso. Fui me afastando dos dois e das dríades, lentamente, com a mente e o coração em revolução, mas com os atos lentos e vagos...

– Anita? – chamou Heitor.

– Nita, onde vai? – perguntou meu pai.

Eu continuei me afastando, ainda olhando para eles. Queria um momento sozinha.

– O que é isso em sua mão? – perguntou Heitor.

Levantei as mãos para que eles e eu víssemos o que eu segurava. Eu sinceramente não sabia o que era.

Depois de pensar um pouco, tentando encontrar uma resposta mais para mim, do que para os outros, eu disse:

– É uma dríade... E eu preciso cuidar dela. – era essa a resposta.

Corri para minha árvore e plantei-a próximo às minhas raízes.

– Não se preocupe. Cuidarei de você.

Seria estranho alguém me ver naquele momento, falando com uma muda. Mas eu sabia que aquela muda seria uma árvore e aquela árvore seria uma dríade. E contra toda a conjuntura que eu vivera, envolvendo mortes e despedidas e traições, eu sorri para ela.

Sorri-lhe como quem sorri para uma criança, antes de retornar para perto de Heitor, meu pai e as dríades.

Meu coração estava um pouco mais leve.

Acho que sua busca foi em vão, Anita.

Não, Heitor. Estás equivocado. Não foi em vão, nada aconteceu em vão.

Eu não encontrara Jáspis, ela não existia.

Contudo, encontrei muitas outras maravilhas. E descobri a grande traição. Não consegui salvar toda minha família a tempo, mas agora estava acabada... A maldição das filhas perdidas de Myrcia.

E agora, acontecia algo que não saberia explicar, mas aquela diminuta e verde muda me deu esperanças para seguir em frente.

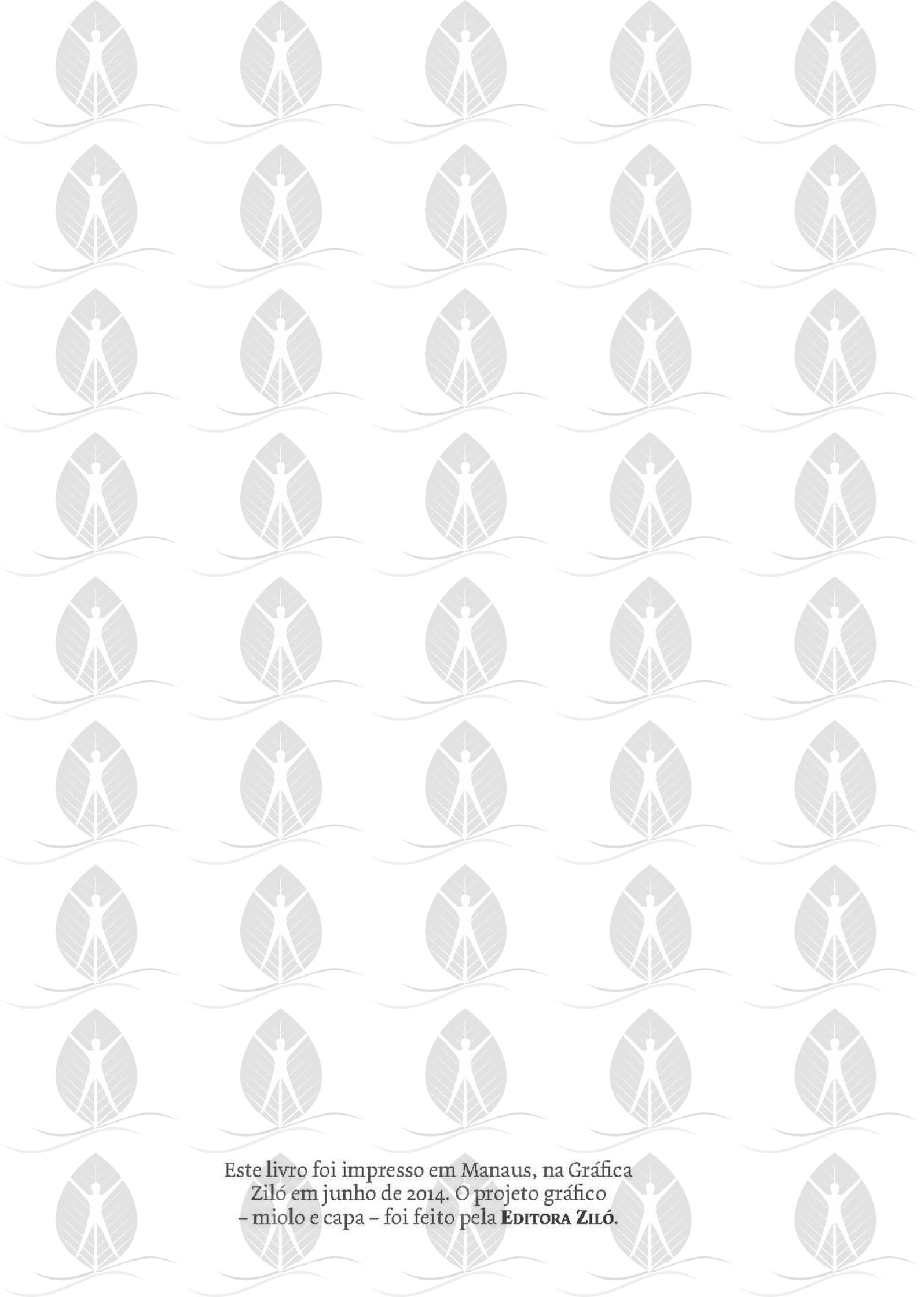
Ela era uma preciosa *pedra verde*. Ela me fazia compreender que o que eu precisava sempre estivera ao meu alcance, e a verdadeira viagem foi interior.

Às vezes, o caminho é mais importante que o lugar objetivado.

Agora, eu compreendia que a salvação da Amazônia é a esperança nos ciclos que se repetem. Nos seres que nascem todo dia. Pois salvar a Amazônia é buscar e preservar sua própria essência – já em parte perdida.

Essa essência está nas árvores, nas dríades, nos animais, nos rios, nos humanos que vivem de sua natureza... Estava em minha mãe, em Sama, em Carmísia... Está em todos nós.

Essa essência está em mim.



Este livro foi impresso em Manaus, na Gráfica
Ziló em junho de 2014. O projeto gráfico
- miolo e capa - foi feito pela **EDITORA ZILÓ**.

Ela era uma preciosa pedra verde. Ela me fazia compreender que o que eu precisava sempre estivera ao meu alcance, e a verdadeira viagem foi interior.

Às vezes, o caminho é mais importante que o lugar objetivado.

Agora, eu compreendia que a salvação da Amazônia é a esperança nos ciclos que se repetem. Nos seres que nascem todo dia. Pois salvar a Amazônia é buscar e preservar sua própria essência – já em parte perdida. Essa essência está nas árvores, nas dríades, nos animais, nos rios, nos humanos que vivem de sua natureza... Estava em minha mãe, em Sama, em Carmísia... Está em todos nós.

ISBN 856540950-3



9 788565 409506

Secretaria de
Estado de Cultura


AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
O ESTADO QUE DÁ CERTO



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA